



A Vila dos

Assassinos

Um Mistério e suspense no
Best Selling
Diana Rivers Series

FAITH MORTIMER

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A Vila dos Assassinos

Faith Mortimer

Traduzido por Thaianne Mendonça

“A Vila dos Assassinos”

Escrito por Faith Mortimer

Copyright © 2015 Faith Mortimer

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Thiane Mendonça

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Índice Analítico

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Sobre a autora:](#)

[Agradecimentos:](#)

[DRAMATIS PERSONAE](#)

[Inspetor de polícia Andreas Christopodoulou](#)

[“A Vila dos Assassinos” por Faith Mortimer | Chipre. Um domingo no final de Agosto. Data presente.](#)

[Capítulo 1. Noite da terça-feira anterior. 24 de Agosto](#)

[Capítulo 2. A mesma noite](#)

[Capítulo 3. Quarta-feira, 25](#)

[Capítulo 4. Quinta-feira, 26.](#)

[Chapter 5. Domingo 29.](#)

[Chapter 6. Domingo de manhã.](#)

[Chapter 7. Meio-dia de domingo](#)

[Capítulo 8. Manhã de domingo](#)

[Capítulo 9. Tarde de domingo](#)

[Capítulo 10. Noite de domingo](#)

[Capítulo 11. Segunda-feira, o dia seguinte](#)

[Capítulo 12. Manhã de segunda-feira](#)

[Capítulo 13. Segunda-feira](#)

[Capítulo 14. Segunda-feira](#)

[Capítulo 15. Segunda-feira, mais tarde](#)

[Capítulo 16. Segunda-feira](#)

[Capítulo 17. Segunda-feira](#)

[Capítulo 18. Segunda-feira](#)

[Capítulo 19. Ontem – Domingo](#)

[Capítulo 20. O mesmo domingo](#)

[Capítulo 21. Meio-dia de domingo](#)

[Capítulo 22. Terça-feira, 31 de Agosto](#)

[Capítulo 23. Segunda-feira](#)

[Capítulo 24. Terça-feira](#)

[Intervalo](#)

[Ato II | Capítulo 25. Inverno nos anos 1970](#)

[Capítulo 26. Um verão durante os anos 1970.](#)

[Capítulo 27. Antígona](#)

[Capítulo 28.](#)

[Capítulo 29. Leslie](#)

[Capítulo 30.](#)

[Capítulo 31. O verão se torna outono e inverno](#)

[Capítulo 32.](#)

[Capítulo 33. Inverno](#)

[Intervalo](#)

[Ato III | Capítulo 34. Dias atuais](#)

[Capítulo 35. Diana](#)

[Capítulo 36. Steve](#)

[Capítulo 37. Yanoulla](#)

[Capítulo 38. Amigos?](#)

[Capítulo 39. Todos assassinos? De volta ao domingo, 29](#)

[Capítulo 40. Um Segredo Sombrio](#)

[Capítulo 41. Vergonhas passadas](#)

[Capítulo 42. Um anel azul de escaravelho](#)

[Desce a cortina](#)

[Epílogo](#)

[Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença](#)

[Procurando outras ótimas leituras? | Seus livros, seu idioma](#)

Sobre a autora:

Faith Mortimer: nascida em Manchester, Inglaterra e educada em Cingapura, Malaya e Hampshire, Inglaterra. Qualificou-se como enfermeira registrada e mais tarde mudou de carreira para supervisionar várias empresas relacionadas a esportes e viagens.

Faith é casada e tem uma família. Quando seus filhos foram para a Universidade, ela decidiu juntar-se a eles para um diploma em Ciência. Faith obteve um Diploma de Honra em Ciência em 2005 e acredita que a dedicação e a estamina necessárias para conseguir um diploma enquanto trabalhava em tempo integral, deram-lhe confiança para terminar de escrever seu primeiro romance.

Ela até agora já escreveu e publicou 14 romances e um volume de contos. Todos estão disponíveis em eBooks e livros impressos na sua livraria online favorita.

Agrededimentos:

Mais uma vez, um grande obrigada à minha editora *Catherine* e ao meu marido *Chris* por sua ajuda inestimável e apoio paciente.

DRAMATIS PERSONAE

Alicia, Diretora do grupo de teatro da vila Agios Mamas
Bernard, aldeão expatriado e ator, casado com Jenny
Jenny, aldeã expatriada e fofqueira, casada com Bernard
Karl, expatriado e ator, de uma outra vila
Sonja, aldeã expatriada, confeiteira
Tilly, instrutora de ginástica, atriz, de uma outra vila
Antígona, aldeã greco-cipriota, queijeira, irmã de Kristiakis
Elaine, visitante da Inglaterra, irmã de Diana
Thomas, visitante da Inglaterra, filho de Leslie
Alexandros, greco-cipriota, pai de Kristiakis e Antígona
Yanoulla, greco-cipriota, amante de Kristiakis, costureira
Kristiakis, greco-cipriota, amante de Yanoulla, cenógrafo, irmão de Antígona
Diana, autora e atriz, casada com Steve
Ann, aldeã expatriada, atriz, escritora de peças de teatro, casada com Pete
Steve, aldeão expatriado e homem de negócios, casado com Diana
Tony, aldeão expatriado e escritor de peças de teatro
Pete, aldeão expatriado, aposentado, casado com Ann
Leslie, aldeão expatriado e artista, casado com Sonja

Inspetor de polícia Andreas Christopodoulou

Sargento de polícia, greco-cipriota Yiannis Loukiades
Michaelis, greco-cipriota dona da taverna

“A Vila dos Assassinos” por Faith Mortimer

Chipre. Um domingo no final de Agosto. Data presente.

O bem é o mal, o mal é o bem
Macbeth, Ato I, Cena I

Se. Uma palavra tão pequena e ainda assim... Se ele tivesse se importado em observar suas ações. Se ele tivesse se importado o pouco que fosse, talvez sua vida não teria sido tão egoísta, preocupada com o luxo, a autogratificação e a libertinagem. Abnegação era desconhecida dele.

Ele acordou confuso e desorientado, mal conseguindo respirar, sua garganta obstruída. Ele ouviu uma voz suave e persistente, próxima a sua orelha. Lutando contra os pedaços de algodão aparentemente estufados em seu cérebro, ele fez força para abrir os olhos. O homem semicerrou os olhos contra a luz cegante. Ele sabia que estava deitado. A dor agonizante em sua perna esquerda se intensificou quando ele tentou movê-la de seu ângulo impossível. Uma dor cortante como a de uma navalha nova o atingiu. Ele gritou alarmado percebendo que sua perna estava quebrada.

A voz sussurrada falou de novo. O homem olhou ao redor de si subitamente em pânico. Quem era e o que era isso tudo? E por que ele não conseguia pensar direito? Ele tentou falar para responder a voz fantasma, mas sua língua não conseguiu formar palavras. Um movimento repentino e uma sombra caiu sobre seu rosto... levantando sua cabeça, seus olhos se arregalaram ao se lembrar de ter sido empurrado de um penhasco em direção ao vinhedo abaixo dele. Mas isso não explicava nada. Com esforço, o homem machucado sentou-se para confrontar a sombra.

Uma mão firme, forte e calejada, o empurrou de volta para baixo. “Fique parado. Você não pode levantar”.

O homem reconheceu um sotaque. Uma gota de sangue rolou por entre seus lábios secos e torturados e um fio de medo arrastou-se para dentro dele.

A sombra falou com a voz áspera. “Logo você verá. Você deve pagar por tudo que fez”. A sombra sibilou em sua face. Seu hálito era quente e amargo.

Conforme a sombra de inclinou para mais perto, o homem se assustou e recuou; ele reconheceu seu agressor. Um calafrio se espalhou por suas entranhas apesar do calor do dia. Aterrorizado, ele lutou contra as cordas que prendiam seus punhos. Desesperado, ele gritou, gaguejando contra o pano áspero e sujo preso em suas bochechas. O temor preso em seu estômago se espalhou como uma massa podre de malignidade. Seus olhos imploravam por misericórdia.

A sombra riu um riso estridente de quem não acha graça. “Devo perdoá-lo? Não. Eu acho que não. Nem mesmo uma vez eu vi você ser gentil. Você trata todos como cachorros aos seus pés. Ora, você é sujeira embaixo dos meus”.

Abruptamente a sombra se recolheu e andou até uma baixa parede de pedras. Ela retornou carregando um par de luvas e uma velha bolsa de couro. O agressor vestiu as luvas antes de desatar o nó

que prendia o recipiente. O homem observava, gotas de suor deslizando em seu rosto, então ele retorceu-se aterrorizado quando percebeu o que estava sendo empurrado em sua direção. Ele virou sua cabeça para o lado, engasgando ante a visão revoltante; gritando do fundo de sua garganta. “Não! Não! Por favor! Deus, me ajude!”. Suas palavras ficavam engasgadas e perdidas.

“Isso é tudo culpa sua. Sua! Nunca pensou em como me machucou?”

Enquanto a vítima olhava com repulsa, engasgava sua ânsia de vômito. Seu estômago revirando, ele sentiu um calor se espalhar por sua virilha. Gritando em pânico ele tentou afastar-se da face calma de seu agressor, apenas para perceber que era em vão. O fim, quando veio, foi rápido, uma estocada e uma torção mordaz. Em princípio, não houve ferimento; então, sangue fluiu e cresceu como o desabrochar de uma peônia vermelha-viva espalhando suas pétalas pela pedra cor de mel. Satisfeito, o assassino se inclinou para baixo, removeu o belo anel de escaravelho azul do dedo da vítima, o colocou dentro da bolsa e se afastou sem olhar para trás.

Mas, é claro, esta é uma cena posterior – que a peça comece...

Capítulo 1. Noite da terça-feira anterior. 24 de Agosto

Aconteceram tais coisas de que falamos? Ou comemos da raiz da insanidade, que faz a razão prisioneira?

Macbeth. Ato I, Cena 3

Alicia estava de pé em frente ao espelho do corredor. Um rosto cheio de sardas, pálido e magro a encarava de volta. Ajeitando seu rebelde cabelo ruivo ela ouviu o tom profundo do velho relógio que ficava no corredor. O som ecoou através dele até a sala de estar. Alicia contou as badaladas. Sete horas! Hora de ir. Rapidamente ela recolheu o monte de roteiros para a leitura da peça, enfiou o monte embaixo do braço e abriu sua porta da frente. O doce aroma noturno de uma plumeria a alcançou e ela levou alguns segundos para se recompor antes de fechar a porta atrás de si.

Ela iria se atrasar. Era um inconveniente; ela precisava se compor. Era importante estar no *controle*. Especialmente esta noite, durante a qual ela pretendia desencadear o primeiro de seus planos cuidadosamente pensados. Ele *não* iria escapar dessa.

Alicia disse para si mesma, mantenha-se calma. A caminhada iria durar somente alguns minutos se ela atravessasse o terreno da igreja. Pisando nos degraus de pedra recortados, Alicia olhou a Igreja Ortodoxa Grega que dava nome à vila; Agios Mamas. Ela se erguia na sua frente, grande, retangular e pintada na cor pálida do arenito local. A Igreja havia sido reconstruída em 1860 após um terremoto ter abalado suas fundações originais. Agora, ela servia bem à sua finalidade. Sua congregação regular composta geralmente por senhoras vestidas de preto estava lotada em dias de Santos com famílias visitantes. Ela imaginava filas de mulheres zelosas sentadas acenando com a cabeça no fundo da igreja cercadas pelo inebriante cheiro de incensos e velas. Alicia não era uma das adoradoras. Sua fé e lealdade pertenciam a uma outra deidade completamente diferente. Algo que ela raramente mencionava para qualquer um que a conhecesse e, caso fizesse, era com completa relutância. A Aliança Mundial da Nova Mulher era reservada em seu ministério com relação as pessoas de fora. Quando questionada sobre a ordem, Alicia permanecia extremamente discreta no que dizia respeito aos seus objetivos gerais e funcionalidades. Somente uma vez ela cometeu o erro de permitir que alguém soubesse de seus segredos.

Anos atrás, quando ela era uma aluna de arte em um ano sabático, ela viajou pelo Paquistão, Índia e para cima pelo Butão e além. Em algum lugar nos montes selvagens e áridos ela vagou por uma seita diferente de tudo que ela conhecia. Sentindo-se compelida a ficar, ela foi doutrinado em suas escrituras. Esquecendo seus conhecidos em casa, na Irlanda, Alicia deu as costas para seu ensino superior conforme ela se apegava a vida restrita que a seita exigia dela. Até hoje ela se mantém comprometida. E por causa deste compromisso ela tinha que para Leslie e suas vis ameaças.

Alicia andou pelo mesmo caminho até a estrada que enrolava-se ao redor do morro e que, eventualmente, a levaria até o espaço para ensaios. Os raios de Sol entravam pelos prédios meio em ruínas, lançando longas e roxas sombras nas janelas e portas quebradas e escurecidas. Casas em ruínas misturavam-se com os trabalhos de pedra renovados, uma surpreendente mistura de pátios, caminhos, portais venezianos e jardins encharcados de flores, tudo por trás de uma miscelânea de muros.

O ar cheirava à uvas já passadas e ela podia ouvir o zumbido baixo das vespas conforme elas voavam pelas vinhas. Andorinhas e pombas voavam na suave luz do Sol de fim de tarde antes de

desaparecerem nos buracos nas árvores que eram sua moradia. Poderia ser esquisito, mas Alicia nunca pensou dessa forma. Ela amava a solidão no labirinto de casas abandonadas que permaneciam em calma sentinela ante aquelas que ainda eram habitadas. Condizia com sua natureza sigilosa. Um bando de pombos a fez parar. Eles precipitaram-se de seus ninhos elevados em uma casa de dois andares vazia. Alicia sentiu o bater de suas asas conforme eles se amontoavam a sua volta; vacilando, batendo asas, uma renovação de posições antes de descerem em direção ao vale.

No final do caminho pavimentado ela alcançou Yanoulla descendo pela encosta acidentada. Alertada pelos passos atrás de si, Yanoulla se virou para cumprimentar Alicia.

“Alicia. *Kalispera*. How are you?”

A magra e loira mulher cipriota parou ao lado de Alicia. Ela era alguns anos mais velha que a irlandesa e isso era notável. Ela era simples, feia até; seu nariz grande dominava e estragava seu rosto. Esta noite ela parecia cansada, apesar do sorriso agradável.

“E boa noite pra você, Yanoulla. Estou bem e você?”

“Também, obrigada. Está animada para hoje a noite?”

Elas fizeram a curva e puderam ver o teatro a céu aberto. O coração de Alicia deu um salto. Teatros de vilarejos ou cidades eram todos bons, mas pensar em dirigir Shakespeare em um anfiteatro sempre a enchia de um animado brilho interior. Os aldeões tiveram sorte ao receber um financiamento da União Europeia para construir seu próprio teatro e Alicia estava determinada em fazer desta sua melhor produção.

“Ah, sim. Eu sempre gosto de começar peças novas, especialmente Shakespeare. Esse ano temos potencial para um bom elenco. Espero que todos concordem com a minha escolha final”. Enquanto falava ela sabia que teria problemas. Tinha sempre um ou dois que discordariam de qualquer coisa. Eles já tinham feito sua reunião de comitê inaugural e as audições para o elenco. A maioria dos papéis já haviam sido discutidos e acordados na semana anterior. Entretanto, como diretora era dela a decisão final, e ela havia decidido fazer algumas mudanças. Bom, ela iria lidar com isso se e quando o problema aparecesse.

“Eu também estou ansiosa para esse ano. Fazer o figurino é muito divertido e eu amo o desafio”. Yanoulla era *expert* com sua agulha e, no passado, Alicia foi muito grata por ela. Além de ser costureira, Yanoulla havia apresentado Kristiakis para o grupo. Seu físico agigantado era um trunfo para a cenografia.

Chegando aos degraus do anfiteatro elas cumprimentaram os membros que já estavam reunidos, passando o tempo e conversando nos degraus de pedra, aproveitando os raios do Sol de fim de tarde.

Um cipriota alto e escuro estava sentado sozinho próximo ao topo da escada. Ele levantou-se e aproximou-se das duas mulheres. Após um breve aceno para Alicia ele puxou Yanoulla para um lado e começou a conversar rapidamente em grego. O rosto de Yanoulla permaneceu inexpressivo enquanto ouvia seu companheiro. Quando ele terminou de falar, Yanoulla respondeu na mesma língua. O grego de Alicia não estava nem próximo do perfeito, mas ela sabia o suficiente para perceber uma briguinha de namorados quando ouvia uma.

Balançando sua cabeça, Kristiakis olhou para seu relógio. Sem mais palavra, ele saiu nervoso encarando Yanoulla e subiu os degraus de volta para fora do teatro.

Virando-se para Alicia, Yanoulla parecia furiosa e triste; os lábios brancos de medo. Alicia ergueu a sobrancelha como quem faz uma pergunta, esperando por uma explicação.

“Sinto muito, Alicia, mas Kristiakis não pode ficar para a escolha do elenco de hoje a noite. Ele precisa ir a Limassol. Ele está –” ela parou, incerta de quanto deveria contar.

Alicia havia ouvido claramente o nome Marina na conversa deles e podia adivinhar que o predador do Kristiakis tinha outras e melhores coisas para fazer aquela noite. Ela procurou poupar o constrangimento de Yanoulla, já que gostava da cipriota.

“Deixa pra lá, não importa que ele não possa estar aqui hoje. Você pode contar os detalhes a ele

depois. Venha sentar-se comigo no alto da escada”. Ela lhe ofereceu um sorriso de encorajamento.

Yanoulla negou com a cabeça e virou-se; seu rosto vermelho feito fogo. Ela sentou-se, um olhar preocupado e pensativo em seu rosto. “Obrigada, Alicia, mas eu vou ficar aqui um pouco. Eu te encontro em um minuto”. Seu sotaque estava pesado de decepção.

Alicia conhecia bem a reputação de Kristiakis. Ele sempre foi mulherengo e nunca iria mudar. Provavelmente era por isso que ainda não havia casado. Ela não conseguia ver o relacionamento deles durar tanto. Ela acenou mostrando que entendia.

Kristiakis e Yanoulla eram os únicos greco-cipriotas que pertenciam ao grupo. Em princípio, Kristiakis estava relutante em se envolver com algum expatriado, especialmente os britânicos; foi Yanoulla quem o convenceu a ajudar nos bastidores. Yanoulla era, pelo menos, dez anos mais velha que Kristiakis e Alicia não conseguia entender o que ele via nela. Secretamente, Alicia se incomodava que uma mulher mais velha conseguisse atrair um homem tão bonito e sexy. Kristiakis era um homem envolvido por uma aura de mistério. Histórias sombrias de sua juventude que diziam respeito ao seu envolvimento impetuoso com a organização guerrilheira EitOKA o seguiam. As histórias contadas pelos mais velhos do local pareciam nunca se transformar em uma história compreensiva para a comunidade expatriada. Claramente, anedotas enfeitadas tornavam impossível saber o que é verdade. Qualquer que fosse a verdade, Kristiakis era conhecido como “Kristiakis é o homem-bomba”.

Deixando uma Yanoulla de cara azeda, Alicia caminhou ao encontro de um grupo de três pessoas.

Brincando em um dos degraus estava Tony; sendo otimista, ele estaria sóbrio e com sua mente focada esta noite para variar. Ele tinha dado um terrível vexame na outra noite durante a festa anual do elenco. As outras duas que estavam com ele eram Ann e sua vizinha Diana. Conforme Alicia se aproximava deles ela pode ouvir Tony resmungando um pedido de desculpas para Ann.

“Eu só posso repetir o que eu já disse, Ann. Olha! Eu sinto muito por ter estragado seus sapatos novos. Se quiser me dar o preço, eu estaria mais do feliz em comprar outros. Eu não sei o que deu em mim”.

Ann parecia tão contrariada quanto quando viu seus novos sapatos brancos sendo destruídos. Ela empurrou seu peito matronal contra ele com uma tirada. “Pela amor de Deus, Tony! Você precisa se controlar. Não, não faz sentido se desculpar agora. Não é a primeira vez que você exagera no álcool e age como um completo idiota”. Aos sessenta e poucos anos e nortista, ela era conhecida por não levar desaforo para casa e quando estava irritada seu sotaque ficava ainda mais forte. “E mais, você é um caos. Precisa dar um jeito na sua atitude”.

Ela acenou com a mão em sua direção. À parte do cheiro de bebida, tanto ingerida quanto vomitada, sua camisa social branca e calças fediam a fumaça de cigarro velho e seu cabelo castanho claro caía sobre seus olhos. Ele era um caos. “*Dishculpa, dishculpa*”, ele murmurou ao sentar desleixadamente de volta nos degraus.

Parecendo enojada, Ann ainda não tinha terminado. “ E, finalmente, Tony, não, eu não estou interessada em ler sua peça nova. A última foi puro lixo. Você não consegue escrever algo com uma história pelo menos uma vez?” Ann não esperou por uma resposta. Resmungando algo para a mulher mais nova em pé ao seu lado ela saiu para sentar-se mais afastada. Diana encolheu os ombros como quem pede desculpas para Alicia e seguiu Ann.

Alicia sabia que Tony estava escrevendo mais uma de suas peças de quinta categoria. Ninguém estava interessado em interpretar suas ofertas, apesar de ele dizer que eram – *muito Pinterescas* – e nada como o “o lixo batido” que se via por aí. Irritada, ela também conseguia imaginar como seriam terríveis. Sem dúvidas ele tentou persuadir Di e Ann a colocar sua ideia para frente para uma produção posterior. Bom, ela sabia que Ann seria difícil de convencer uma vez que ela estivesse decidida e Diana era bem lúcida. Ele não tinha chances.

Alicia olhou em volta em busca de um bom lugar para sentar. A maioria das pessoas estava sentada

em grupos pequenos. Diana e Ann acharam lugares para sentar mais ao fundo e estavam conversando com Steve, o lindo marido de Di. Eles eram relativamente recém-chegados à vila e ainda não tinham dado problemas à Alicia. Diana tinha mais ou menos uns quarenta anos. Ela era alta, com cabelos pretos ondulados à altura dos ombros e enormes olhos verdes rodeados por cílios negros. Ela é bonita e vivaz, um trunfo para o grupo de teatro.

Alicia voltou sua atenção para os outros participantes regulares. Karl ainda não tinha chegado, mas ele estava sempre atrasado. Sua memória estava ficando ruim. Ainda assim, ele aparecia quase sempre, tanto no palco quanto fora dele, atrasado ou não. Karl era, na verdade, o homem mais irritante e ficaria ainda mais irritante quando mais velho. Ela estremeceu levemente. Ele ia, é claro, considerar o papel de protagonista de Macbeth já seu por direito divino. Pessoalmente, Alicia achava que ele era um idiota pomposo, especialmente no que dizia respeito às audições.

Leslie estava sentado nos degraus. Este era mais um que adorava ser o centro das atenções. Alicia era grata por só ter que lidar com seus talentos artísticos a respeito da cenografia. Ela não iria aguentar se ele também fosse um ator. Ela achou estranho que Leslie estivesse lá. Sua expertise não seria necessária até que eles já tivessem começado os ensaios. Talvez ele tivesse outra razão, ele geralmente tinha.

Alicia não tinha tempo para ir confrontá-lo agora. Ela tinha que começar com o elenco. Mas só de vê-lo ali já a fazia se sentir nervosa. Ela tinha que encontrar o momento para perguntá-lo de seu livro e de suas intenções, hoje a noite se possível.

Tony surpreendeu Alicia quando mencionou o livro negro de memórias de Leslie na recente festa do elenco. Na verdade, Tony estava bêbado e bastante categórico sobre isso. “Leslie tem um livro cheio de segredinhos sujos. Estou te dizendo, ele tem algo escrito sobre todo mundo nele. Ele é um bastardo”, ele reclamou.

Tony estava certo. Leslie havia confidenciado a Alicia que o livro continha fragmentos obscuros e interessantes. Era alarmante. Sua vida privada pertencia a ela somente e ela faria qualquer coisa para mantê-la assim. Alicia não teve chance de falar com ele nos últimos dias. Ela sentia que ele a estava evitando.

Alicia queria ter falado com ele na festa do elenco, mas Leslie havia partido após só um gole de vinho; não por sua escolha. Leslie sempre saía cedo. Ele era um *artista* e deixava claro que todos tinha sorte em ter um pouquinho de sua atenção. Sua arte superior vinha antes das “pequenas *produções amadoras*” dos outros. Palavras dele, certamente não dela. Leslie relutantemente ajudou com o design no palco e instruções sobre a melhor forma de pintar o cenário. Com o cenário completo, ele não queria ter mais nada a ver com eles.

Novamente, Alicia agradeceu sua sorte de ele não ser ator. Karl e Leslie, dois *prima donnas* querendo atenção no palco seria um inferno para todo mundo.

Alicia respirou fundo; era hora para sua persona de diretora assumir. Ela gostava de ser responsável por aquilo que ela mais amava. Ela deu mais uma olhada para o elenco reunido, canalizando sua visão. Ela *sabia* que tinha talento para direção. Ela podia ver com clareza os movimentos para cada cena que viria e ela raramente cometia algum erro ao escolher o elenco. Ela usava os atores como seus fantoches. Agora, enquanto estava na frente de todos sua atitude e personagem mudavam; firme, direta e habilidosa para lidar com o elenco.

“Eu não quero ler o Duncan! É – bom, eu não considero que este seja o papel certo para alguém como eu”, disse Karl, seus olhos queimando ao confrontar Alicia.

“Sinto muito, Karl, eu sei o que estou fazendo”, Alicia continuou inabalável. “Você é perfeito para o papel”.

“Eu *sempre* interpretei Macbeth no passado!” Karl sentou-se um pouco afastado do resto do grupo.

Seu corpo estava rígido com a agitação; seus olhos reluziam conforme seu humor mudava.

“Sim, você o fez até agora. Entretanto”, Alicia respondeu calmamente respirando fundo e esperando que sua voz não vacilasse antes de terminar. “É um grande papel que é exigente e, talvez, mais ao ponto, requeira um homem mais novo e viril. Você sabe que prefere menos falas para lembrar esses dias. Você achou a última peça cansativa e teve certa dificuldade para aprender suas falas”.

Um silêncio inesperado caiu sobre o elenco quando suas palavras chegaram ao seu destino. Com olhares trocados e sobranceiras erguidas, um ou outro estremeceram como se pudessem sentir as chamas entre Karl e Alicia. Diplomacia nunca foi um de seus fortes.

Karl ficou de pé com um salto, sacudiu suas mãos no alto dramaticamente e então bateu o pé. Ela quase recuou quando ele cuspiu sua resposta.

“Sim, mas Duncan! Ele é um homem velho que é tirado da peça logo no início! Está sugerindo que eu não consigo me lembrar das minhas falas? Se é assim, é ultrajante! Sério, Alicia, eu não entendo seu elenco e, além disso, você não tem alguém com presença de palco e experiência para interpretar Macbeth”. Ele terminou com um floreio, estufando o peito e conseguindo cuspir com raiva ao mesmo tempo.

Os membros irregulares da companhia se mexeram em seus assentos constrangidos. Claramente eles não estavam acostumados com as tiradas de *Karl, o Ator*. Aqueles que o conheciam de longa data o olharam com divertimento e alguns até com um pouco mais de divertimento malicioso com sua fúria e alvoroço. Alicia sentiu que tinha a maioria a seu favor; e ela estava certa. Karl, apesar de ter sido um bom ator no passado, realmente achava cada vez difícil lembrar grandes pedaços de prosa. Com os longos períodos de ensaios e o stress subsequente que isso criava, ele acabava exausto.

Hoje em dia, toda vez que um novo elenco era escolhido, Karl fazia um show. Ele se jogava de um lado para o outro com dramatismo infantil sempre que era oferecido a ele um papel que considerasse indigno de seus talentos. Essa noite não foi exceção, como ele claramente demonstrou.

Karl sabia, honestamente, que se ele tivesse ganho o papel principal ele estaria morto de medo. Isso não o impediu de fazer cena. Era tedioso, mas esperado. Eventualmente, ele iria se acalmar e aceitar o papel menos exigente que Alicia queria que ele fizesse. Antes de ele ter uma chance de argumentar algo a mais, Alicia se dirigiu ao resto do elenco.

“Seguindo em frente, há somente poucas mudanças”, ela disse, limpando sua garganta seca. “Steve, eu gostaria que você fizesse Macbeth”.

Uma onda de surpresa surgiu entre eles. Steve tinha feito papéis coadjuvantes em duas produções anteriores, mas sua escolha pegou todos desprevenidos. Steve parecia chocado. Ele abriu sua boca para dizer algo e logo a fechou conforme olhava para Diana com um olhar de prazer inesperado. Diana deu a seu marido em retorno um olhar de puro orgulho.

“Muito bem”, ela disse a ele e sorriu com a expressão de abalo em seu rosto.

Os outros concordaram com Alicia. Desde que os atores pudessem lidar com eles, estavam abertos a “sangue novo” nos papéis principais.

Rapidamente, Alicia leu suas notas. “Eu sei que Tilly não está aqui, mas ela já sabe que eu a quero para Lady Macbeth. Ela irá me dar uma resposta certa dentro de um ou dois dias”. Ninguém ficou surpreso com esse anúncio; Tilly interpretava uma personagem principal formidável.

Alicia continuou distribuindo os outros personagens. Houve alguns gemidos e grunhidos inofensivos, mas a maioria estava feliz com sua escolha.

Sentada próxima a Alicia estava Diana. Alicia tinha a intenção de colocá-la como uma das três bruxas, um personagem perfeito. Ela esperava que a outra aceitasse o papel.

Pausando, Alicia notou Karl ainda lúgubre e zangado enquanto lançava um olhar sombrio e furioso em direção a Steve e então de volta a Alicia. Emburrado e com um suspiro loquaz, ele olhou seu até agora ignorado script e virou as páginas até encontrar sua primeira cena.

Houve um grito de raiva vindo de Leslie. “Isso é um tipo de piada doentia?”, ele perguntou? Com um ofego todos olharam para ele, choque registrado em seus rostos devido a seu rude surto. “Então?”, ele perguntou.

Capítulo 2. A mesma noite

Falem se puderem. Quem são vocês?

Macbeth. Ato I, Cena III

Diana notou Leslie segurando cautelosamente seu script afastado de si como se não quisesse tocá-lo.

Todos ficaram em silêncio. Ele ficou de pé e andou até onde Alicia estava sentada em uma das mesas. Ela estava escrevendo algumas notas antes de Leslie fazer sua barulhenta e rude interrupção. Leslie ficou de pé em sua frente, a encarando.

Apesar de sua idade, ele era um homem a ser reconhecido. Ele possuía uma beleza clássica com uma bela estrutura óssea, ainda que tivesse umas gordurinhas no rosto. Leslie era de altura mediana com um corpo bem acabado e musculoso e ainda tinha na cabeça cabelos bem cinzentos. Com olhos azuis gélidos e pálidos para acompanhar, ele parecia teutônico. Com um grande floreio ele jogou o script no chão na frente dela. Ele caiu aberto na página que estava olhando antes.

“Você tem um senso de humor bem peculiar, devo dizer. Essa é a última gota. Eu não sei se devo me importar, mas toda essa coisa será uma fraude. Honestamente, Alicia. Eu achei que tivesse mais discernimento, mas sua decisão é patética demais para colocar em palavras. Típico de uma mulher! Acho que você finalmente ficou louca. De qualquer forma, você vai se arrepender muito, espere e verá”.

De onde estava sentada, Diana deu uma olhadela para o script do Leslie. Um pouco perplexa ela achou que as páginas abertas estavam pintadas de preto. Piscando os olhos e focando-os propriamente, Diana percebeu que, na verdade, elas não eram pretas, mas vermelhas. Vermelho sangue. As páginas pareciam estar encharcadas com o que parecia sangue molhado brilhante. “Que diabos?”, ela disse para si mesma. “Estou vendo coisas ou isso é uma piada macabra?”

Segundos depois, o sol desapareceu atrás de uma solitária nuvem no céu. Uma brisa repentina passou pelas árvores atrás deles e um pequeno bando de morcegos precipitou-se com guinchos estridentes e conturbados contra o grupo reunido no terraço.

Distante em cima do morro, o sino da igreja soou seu badalar triste e monótono. O som ecoou entre os prédios vazios, peculiar, já que não havia missa naquela tarde e, portanto, nenhuma razão para seu som sombrio. Como se em simpático a essa incongruência, a brisa tornou-se um vento gelado for a de época que rodopiou pela trilha e suas esquinas.

Assustada, Diana ficou em pé de um salto e olhou a sua volta. Os galhos das árvores, que tinham sua silhueta marcada nas encostas do morro, balançavam ruidosos, um sussurro correndo pelas copas. Um calafrio percorreu sua espinha. Ela podia jurar que tinha ouvido algo lá em cima. Era algo como um grito estridente e depois um canto baixo. Mas olhando para dentro da escuridão, o espaço entre as árvores continuava tão vazio quanto quando todos chegaram ali. Se sentindo boba ela voltou para seu lugar.

Você está vendo coisas e ouvindo coisas, páginas cobertas de sangue e sons fantasmagóricos, ela pensou. Da próxima vez serão duendes. Pelo amor de Deus, controle-se e pare de deixar sua imaginação correr solta.

Era estranho, no entanto. Essa não era a primeira vez que ela sentia algo lá. Quase como uma presença. Ela se sentia um pouco tonta conforme uma onda de náusea arrastava-se sobre ela. As palmas

de suas mãos começaram a suar e seu coração batia forte em seu peito.

Talvez Steve estivesse certo e ela estivesse fazendo muitas coisas recentemente. Ele a estava perturbando para pegar mais leve.

“Sua saúde está começando a me preocupar. Não pode ir mais devagar e pegar leve, Diana querida?” ele havia dito mais de uma vez.

Diana suspirou. Ele realmente era um fofo. Ela estava feliz de ele se importar e não o trocava por nada. Mas como ela poderia pegar leve?

Após sua conversa outro dia com Ann, ela já tinha decidido que uma mudança de gênero seria empolgante para seu próximo romance. Até agora seu tema era ficção histórica.

Durante a festa do elenco durante a qual ela e Ann ficaram de lado conversando, Diana tinha observado e estudado os vários membros ali reunidos. “Quer saber, já é hora de eu escrever um livro novo”, ela disse gesticulando distraidamente com a mão. “Algo me compele a isso. Olhe para essa cena na nossa frente”.

Intrigada, Ann virou-se e olhou para ela sem entender seu gesto. Ela franziu o cenho e tombou a cabeça para o lado. “Desculpa? Me perdi”.

“Todas essas pessoas reunidas aqui e o cenário, tão romântico ou até tão dramático. Eu sei que já foi feito antes, mas certamente a cena toda se presta a algo. Olhe, a nossa há pessoas, todas de idade diferente, nacionalidade e classe. Sim, ainda há uma divisão de classes, apesar do que dizem. Essas pessoas estão reunidas por causa da produção da peça. Aqui, nós atuamos juntos; nós quase vivemos na mesma vila. Enquanto durar, nós não podemos nos afastar uns dos outros até o fim. Então nós nos separamos e voltamos para nossas outras vidas. Os estrangeiros, talvez nunca veremos de novo. A peça nos mantinha a todos como um”.

"Bom, além da peça, o que mais poderia nos juntar?" perguntou Ann.

"Além de uma outra peça, você quer dizer? Eu não sei, uma calamidade possivelmente ou um acontecimento bizarro ou estranho, talvez. Eu teria que pensar sobre isso", ela terminou refletindo sobre o que tinha dito.

Ann lhe ofereceu um sorriso compreensivo. "Bom, você é a que tem a mente de uma escritora".

Diana sorriu de volta. "Algo virá, eventualmente, mesmo que eu tenha que escrever algo completamente diferente".

Ann parecia interessada. "Sério? O que acha de assassinato ou mistério?"

"Si-im, pode ter algo do tipo. Um grupo já reunido, suspeitas sendo desenvolvidas. Tem personagens estranhos e extravagantes o suficiente para escolher como vítima ou agressor”.

“Ele teria que ser mal”.

“Ele?”, Diana perguntou com um sorriso.

“Bom, poderia ser ele ou ela, desde que fosse horrivelmente mal. O assassino, quero dizer”, ela estava gostando mais do tema. “Como na peça, você sabe, 'Desse carniceiro morto e sua diabólica rainha”.

Diana riu. “Claro, pensarei sobre isso. Meu agente está na minha cola para que eu escreva outro romance. Minhas férias já acabaram aparentemente”, ela sorriu arrependida para Ann. “Eu quero voltar a escrever. Mas você está certa; eu precisaria de uma pessoa má para retratar como meu assassino. Alguém que os leitores amariam odiar”.

Ann olhou para ela fixamente por um momento antes de responder. “Bom, sempre há material suficiente por aí para te dar uma boa base, e você já notou algumas pessoas daqui que são muito estranhas. Eu aposto que Leslie está certo. Todos tem um ou outro segredo obscuro escondido. Eu até posso te contar algumas histórias que eu já ouvi. Agora não, não há tempo. Faremos isso algum dia com café da manhã...”

...Diana sacudiu a cabeça. Como ela pode ter se distraído pensando naquela noite? Ela se sentia muito estranha e com a cabeça vaga. Ela precisou de muita força de vontade para voltar sua atenção para o presente e para Leslie.

Admirada, ela percebeu que ele já tinha se virado e andado para longe do grupo surpreso. Houve um silêncio atordoado enquanto todos estavam boquiabertos com sua rude saída, sem acreditar no que tinham acabado de ouvir. Constrangidos, eles olharam para o rosto desolado de Alicia. Suas sardas destacavam-se como brotoejas vermelhas em seu rosto e pescoço. Piscando os olhos e com as maçãs do rosto vermelhas, uma feia mancha vermelha subiu de seu pescoço para suas bochechas.

Diana sentiu pena de Alicia enquanto ela obviamente se esforçava para manter sua compostura.

Alicia tirou os olhos do script que Leslie havia jogado em cima dela, confusão nublava sua expressão.

Ela engoliu a seco. “Eu não entendo. Eu só queria tentar algo novo. Leslie sabia bem que eu ia tentar fazer a produção mais contemporânea. Eu não vejo o que há de errado em compor a peça nos dias atuais e o elenco nos exércitos atuais. Armas e uniformes militares iriam trazer uma boa mudança comparado ao figurino medieval”. Ela parou e então continuou abalada. “Tenho certeza de que ele verá as coisas certas quando se acalmar”.

“Ele foi muito rude e arrogante ao sair assim”, disse um membro próximo a ela balançando sua cabeça com raiva. “Eu acho que fez bem em não discutir com ele. Se tivesse sido eu, teria dado um murro nele”.

“Bom, esse não é o meu lance, Bernard. De qualquer forma, estou aliviada de ele ter dado um ataque agora e não mais tarde em um ponto crucial da peça. Pelo menos nós temos tempo suficiente para planejar tudo sem ele se necessário. É importante que todos participem desta produção. Nós queremos colocar nosso grupo de teatro da Agios Mamas ao par do resto da cena teatral do Chipre. Eu não vou me deixar abalar por uma irritação pequena como o Leslie”.

Ela parou e, então, em uma voz mais firme, mas gentil falou consigo mesma. Só Diana, que estava mais próxima a ela, ouviu o veneno em suas palavras. “Não. Dessa vez ele *não* vai ter permissão para estragar algum dos meus planos”.

Capítulo 3. Quarta-feira, 25

A Taverna do Michael era uma mistura de luz brilhante acolhedora, música de fundo de bouzouki e aromas provocantes. Comentários tinham se espalhado rápido; aqui, a “mezes”, grego para “aperitivos”, tinham a fama de serem deliciosas.

Tilly tinha combinado de se encontrar com Pete, Ann, Bernard e Jenny para um jantar adiantado. Após ouvir outros do grupo de teatro falarem animados sobre a taverna, eles queriam experimentar o menu eles mesmos.

Tilly chegou adiantada, saindo de sua casa antes de ficar escuro, a fim de aproveitar o caminho entre as colinas. O ar doce com aroma de ervas brincava com seus cabelos enquanto ela dirigia pela estrada e admirava o campo. Era sempre um alívio acolhedor deixar a quente e cheia de fumaça Limassol e sair para onde as vinhas e oliveiras escalavam a velha encosta das colinas. Antes de sair do carro, ela olhou em volta da área de estacionamento. Com alívio ela percebeu que ela não reconhecia nenhum dos carros que já estavam lá.

Uma adolescente tímida a cumprimentou e a levou para um sofá confortável na varanda de madeira. Tilly pediu um copo do vinho branco local enquanto esperava os outros. Ela o bebericou lentamente, o gosto da uva Xinisteri era forte e seco na sua língua.

Michael colocou um prato de amêndoas cultivadas na casa em sua frente. Ele flertou com ela escandalosamente com ela antes de dar-lhe um último beijo na mão e então, suspirando melodramaticamente, voltou para a cozinha. Normalmente, Tilly teria aproveitado sua atenção brincalhona e amorosa, mas não essa noite. Ela se sentia rígida e estranha, seus pensamentos em outro lugar. Ela se mexia inquieta em seu lugar, tirou o cabelo de frente do rosto, sentiu uma coceira imaginária embaixo da alça de seu sutiã.

Tilly lançou um olhar desconfortável a sua volta, tentando se acalmar. Algo que ela tinha evitado desde sua infeliz cena com Leslie. Como ela pode ter ser tão cega? Ou fraca e estúpida! Ela nunca tinha ficado tão irritada consigo mesma em sua vida.

O farol de um carro oscilou para dentro do estacionamento, os pneus fazendo barulho contra o cascalho. Tilly prescrutou o pôr-do-sol cada vez mais escuro e reconheceu a silhueta do velho maltratado Hyundai de Bernard. Ela sorriu enquanto ponderava, não pela primeira vez, como ele conseguia rodar pelas ruas íngremes de Agios Mamas, quanto mais passar em um teste do Departamento de Trânsito.

Havia uma dose de divertimento conforme os quatro recém-chegados dirigiam-se à Tilly. Colocando um sorriso em seu rosto, ela se levantou para cumprimentar seus amigos.

“Aqui estamos nós finalmente! Eu estava me perguntando se conseguiríamos sair esta noite. As garotas estavam perturbando um pouco. Como está, Tilly?”, Ann a embrulhou em um abraço matronal de peito farto revestido pelo seu costureiro aroma suave de lavanda.

“As garotas” eram duas poodles gordas; pequenas bolinhas peludas em cima de pernas de quinze centímetros. Tilly não conseguia entender como elas poderiam dar algum problema. Elas viviam por sua comida duas vezes ao dia e mal precisavam de exercícios ao ar livre. Mostre pra elas suas coleiras e elas iriam parecer intrigadas. Ela sorriu enquanto Ann explicava.

“Um gatinho entrou no quintal e não conseguia sair. As meninas ficaram loucas. Claro que nós tivemos que capturar a pobre criatura assustada para deixá-lo sair e, nossa, como ele corria. Foi hilário ver o Pete. Ele finalmente jogou uma toalha em cima dele e o embrulhou. Era o único jeito. Foi hilário. Você teria morrido de rir”.

Pete lançou um olhar zombeteiro em sua direção. “Você não ajudou em nada, só riu quando o gato pulou sobre a minha cabeça”, ele reclamou. “Ainda assim, chegamos aqui no fim. Como está, Tilly, minha querida?” Ele deu um beijo estalado em suas bochechas. “Você parece um pouco fraca. Você perdeu peso? Oh, a propósito, Tilly, meus sinceros parabéns por conseguir o papel principal feminino. Você será uma ótima Lady M”.

Tilly retribuiu o cumprimento e murmurou algo sobre 'malhar pesado na academia' em m Episkopi.

Ela ignorou seu comentário sobre a peça e virou-se para cumprimentar os outros. Ela elogiou Jen com seu corte de cabelo bem curto. O novo cabelo combinava com sua amiga baixinha e fofa.

Depois de admirar a vista maravilhosa da varanda, Tilly sugeriu que todos escolhessem seus lugares e fizessem os pedidos. Ela tinha reservado uma mesa no canto próxima a uma janela aberta, que oferecia uma deliciosa brisa de fim de tarde. Essa posição também os dava alguma privacidade.

Os velhos amigos se sentaram e olharam em volta para a nova taverna. Era um restaurante típico de montanha com pedras locais e pinheiros que davam a ele uma distinta sensação Alpina. As paredes estavam adornadas com 'antiquidades' da Ilha de Afrodite; bolsas de couro para vinhos, carregadores de pães em madeira, imagens preto e branco de seda, fotografias amareladas de homens de bigode montando cavalos pretos e bandoleiras, pinturas de igrejas, burros e ícones religiosos.

As mesas estavam postas com panos de mesa azuis com adornos e um papel amarelo por cima. Os galheteiros baratos de vidro continham suco de limão e azeite de oliva. Uma jarra de terracota a espera do vinho e todo o lugar possuía talheres impossivelmente finos e pontiagudos com cabos de plástico. Pequenos ramos de manjerição frescos e buganvília adornavam os simples potes de geleia. Suas cadeiras eram aquelas comuns de ráfia com o encosto de madeira, desconfortáveis e destruidoras de colunas. Era tão familiar e, ainda assim, tão completamente certo. Todos os cinco amaram o lugar.

Satisfeito de ver o grupo, Michael os recebeu com pequenas tigelas de azeitonas e nozes para petiscarem antes da refeição. Um homem jovial, ele já era favorito tanto de estrangeiros quanto de cipriotas desde quando tinha uma taverna na área da costa; eles estavam contentes de vê-lo de novo. Eles o parabenizaram pela boa escolha do lugar para seu novo restaurante. Michael brilhava com os elogios.

Bernard pediu jarras de um litro do vinho tinto e do branco locais. Não havia necessidade de garrafas de água, já que estavam todos acostumados a beber a água doce que vinha direto das montanhas Troodos. Ela era filtrada pelas pedras até sair cristalina.

Os pratos eram uma experiência para ser aproveitada somente se estivesse vestido algo mais largo na cintura. Salada grega com molhos, acompanhadas por pão sírio morno recheado de queijo haloumi. Em seguida, pratos com vegetais produzidos no local; um ensopado de feijão preto com abobrinha e quiabo com molho de tomate. Cipriotas amam porções de carne e os cinco ali presentes estavam já com água na boca quando seus pratos de carne chegaram.

Justo quando pensaram já estar satisfeitos, Michael surgiu com um prato complementar de frutas e um baklava rico em açúcar que fechou a refeição perfeitamente. Ele deu uma boa gargalhada com a expressão no rosto de cada um. As três mulheres grunhiram, mas Bernard não tinha limites. Ele terminou seu doce em tempo recorde e então atacou com voracidade o de Tilly quando esta declarou-se incapaz de comer mais um pedaço.

“Pode pegar, Bernard,” ela disse, sorrindo ao ver seu sorriso de felicidade.

“Não se importe se eu pegar mais. Que bom que ainda sou magro. Foi uma ótima de vir aqui. Certamente voltaremos quando estivermos nos sentindo ricos de novo”.

“Eu não acho que seja muito caro. O vinho é um pouco caro, mas a comida deliciosa compensa, não acha?”

“Hmmm, foi maravilhoso”, concordou Jenny tomando um outro gole de seu vinho branco.

Houve um silêncio amigável enquanto todos se recostavam e viam Bernard acabar com os restos no seu prato. Com o seu enorme apetite, ele era invejado por todos os seus amigos. Ele podia comer o quanto quisesse sem ganhar um grama. Isso irritava Jenny fofinha e Ann sobremaneira.

A taverna estava cheia e viva com a conversa dos outros em volta deles. Quando Bernard terminou seu baklava e pediu café para todos, Tilly aproveitou a oportunidade para conversar com eles.

Ela parecia um pouco nervosa conforme olhava em volta da mesa. “Na verdade, eu queria falar com todos vocês sobre uma coisa. Eu preciso pedir seus conselhos sobre um problema”.

Jenny e Bernard imediatamente trocaram olhares desconfortáveis com Pete e Ann antes de voltarem

sua atenção para Tilly. A apreensão deles era óbvia.

“Ah?”

“Claro, minha querida, vá em frente, você sabe que estamos dispostos a ajudar se pudermos”, Jenny disse.

Aparentando estar agitada e envergonhada, Tilly fez uma pausa enquanto encarava um por um aqueles que estavam sentados à sua mesa.

“É um pouco – difícil. Hmm. Olha, eu não vou ficar de rodeios, mas eu estou tendo um caso com Leslie”, ela disse, sua voz baixa, mas audível.

Todos pareciam atordoados por um momento. Tilly tinha conseguido a atenção completa deles. “Bom, Pete e eu já tínhamos notado que ele ficava muito com você nos últimos ensaios”, Ann confessou. “Mas, devo dizer que eu não sabia que tinha chegado tão longe”.

Tilly enrubesceu. “Foi tão notável assim? Ah, Deus! Bom, está acabado agora. Eu sei que ele é casado e que eu não devia ter me envolvido. Mas ele era tão charmoso e gentil. Eu estava passando por um período complicado e ele chegou no momento certo. Eu estava me sentindo um pouco deprimida com a morte do Keith e precisava de um consolo. Eu sei! Eu sei! Eu me sinto muito mal com isso agora, mas na hora eu gostava da sua atenção e elogios”. Tilly olhou para a mesa à sua frente envergonhada demais para encarar os olhares de seus amigos.

“Está tudo bem, Tilly, sério. Você não tem que explicar tudo para nós. Você está livre, e o fato de ele ser casado, bom, honestamente, Sonja é tão sem sal e fria. Tenho certeza que Leslie iria aproveitar a chance de se envolver com uma menina bonita como você. Você não é a primeira, querida. Ele sempre foi atrás de outras mulheres, dúzias delas. E você não será a última. Tenho certeza de que todos aqui concordam comigo”. Bernard a consolou dando tapinhas na sua mão e piscando o olho. Apesar do choque causado pela revelação de Tilly, houve murmúrios de concordância por toda a mesa. Os casos de Leslie eram bem conhecidos.

“Sim, tenho certeza de que está certo. É só que, bom, eu me sinto meio enojada comigo mesma. Foi por isso que eu terminei tudo. Eu de repente me vi pelo olhar de outra pessoa. Eu não queria roubar o marido de ninguém; foi um momento passageiro de fraqueza”.

Bernard continuou. “Eu realmente não acredito que você teria ido tão longe, teria? Além disso, como eu disse, ele sempre foi atrás de outras mulheres. É parte de sua razão de ser. E sobre se sentir enojada consigo mesma, não sinta. Ele deliberadamente vai atrás de mulheres novas e atraentes. Você teria dificuldade em mantê-lo próximo uma vez que ele tivesse se decidido”.

Tilly considerou as palavras de Bernard; ela não estava totalmente convencida. “Hmm, talvez”.

Ela olhou para Ann e Pete. “Vocês disseram que ele ficava muito próximo de mim nos ensaios, acham que mais alguém notou? Se notaram, então eu terei um problema para fazer a Lady Macbeth. Eu não iria querer nenhuma fofoca, especialmente se ele estiver envolvido no cenário. É provável que ele vá, assim que ele superar seu ataque de raiva”.

Jen interveio como fofoqueira-chefe da vila e do grupo de teatro. “Ninguém disse algo até onde eu sei. Então não se preocupe. Eu acho que pode deixar isso quieto. Claro que Bernard e eu não contaremos a ninguém”, ela olhou para Pete e Ann como se esperasse uma concordância. Ambos acenaram que sim com a cabeça.

“Obrigada”, disse Tilly. Apesar de suas palavras, ela ainda parecia apreensiva.

“Eu não acho que nos contou tudo que está te preocupando, contou? Tem mais coisa além disso, não tem?”, Pete estudou Tilly por sobre a borda de sua taça de vinho.

“Você está certo. Tem algo mais”, sua voz tinha um leve tremor. “Desde que eu terminei tudo, tem sido difícil. Ou melhor, Leslie se tornou difícil”.

“Ah! Ele está interpretando o macho que foi desprezado. Ele está sofrendo de orgulho ferido e toda aquela coisa de testosterona. Puna-o, querida. Mostre que ele não é tão bom quanto pensam que é”,

zombou Pete enquanto tomava outro gole de seu vinho tinto.

“Não, você não entende. Ele se tornou um verdadeiro estorvo. Ele é absolutamente insuportável e um – um pesadelo”.

Pete colocou sua taça vagorosamente sobre a mesa, seu vinho esquecido. Ele franziu o cenho para Tilly. “O que quer dizer, exatamente?”

Tilly fez uma pausa. Ela olhou para o pano de mesa cheio de migalhas antes de erguer seus olhos acastanhados para encontrar os de seus amigos. Ela parecia infeliz e prestes a chorar.

“Quero dizer que ele está constantemente me ligando, a toda hora. Às vezes, quando eu atendo o telefone, ninguém responde, só há silêncio. Mas eu sei que é ele. Eu já o vi sentado em seu carro na rua da minha casa, espiando e esperando que eu saia. Então, ele me segue. Às vezes ele vem até minha porta, e ele toca ou não minha campainha. Estou dizendo, é insuportável. Eu agora tranco todas as minhas janelas e portas – mesmo com esse clima. E eu puxo as cortinas enquanto ainda está claro. O jardim dos fundos não é seguro. Ele de vez em quando perambula por lá e isso me deixa com medo. É assustador. Ele é assustador! E eu estou com medo”.

Sua última fala foi um suspiro. Com certo alarme, eles observaram as lágrimas que formaram em seus olhos. Ann parecia aterrorizada e cobria a boca com a sua mão.

Jenny estava chocada e ficou em silêncio. Sua face estava pálida apesar de seu bronzado e seus olhos tinham se enchido de compaixão e preocupação por Tilly. Ela arfou. “Isso é horrível!”, e então virou-se para seu marido. “O que podemos fazer, Bernard?”

Sem esperar resposta ela olhou de volta para Tilly e continuou. “Ah, pobrezinha. É simplesmente pavoroso. Que homem estúpido e horrível!”

Bernard pareceu pensativo por um momento e pegou um das mãos de Tilly antes de responder. Sua boca estava enrugada como se estivesse com raiva, mas ele parecia calmo quando falou.

“Eu não tenho certeza de qual seria a melhor ação. Ele provavelmente está fazendo isso para te incomodar em seu ressentimento e talvez ele pare quando perceber que não vai a lugar nenhum. Há quanto tempo isso tem acontecido?”

“Acontecido? Ah, mais ou menos duas semanas. Mas agora ele está vindo com mais e mais frequência. Eu não consigo relaxar sabendo que ele está a espreita lá fora. Ele me assusta”, ela soluçou discretamente e mordeu o lábio.

“Você já pensou em contar para a polícia?”, Ann perguntou, sempre sendo aquela que tende à ação.

“Sim, mas eu não tinha certeza se era um pouco extremo, a princípio. Tem um inspetor de polícia que vive no fim da rua. Eu me pergunto se ele me ajudaria. Mas, eu não sei se quero que seja oficial. Isso iria implicaria a polícia chamá-lo para prestar esclarecimentos. Claramente ele é só um homem velho e idiota e eu tenho medo de a Sonja descobrir. O quão triste isso seria para ela? Eu não quero causar mais problemas além dos que eu já causei”.

“Ok, e que tal extra-oficial então? O quanto conhece esse inspetor?”, perguntou Pete.

“Mais ou menos. Ele é sempre educado e até amigável. Eu não tenho certeza se ele gosta muito de nós britânicos”, Tilly sorriu sem convicção.

“Isso não importa. O que é importa é que diga a ele. Ele saberá o que fazer. Nós iremos te dar apoio moral se quiser”, Pete olhou para os outros esperando concordância. Ele tinha um coração grande e mole, sempre um cavalheiro para uma dama em apuros.

“Obrigada. Você é gentil. Sim, vou falar com ele. Talvez ele possa falar com o Leslie na surdina. Dizer para ele se afastar e parar de ser um estorvo. Quer dizer, se ele não achar que *eu* estou sendo uma mulher histérica”, Tilly pareceu mais desesperada do que nunca ao pensar no que deveria fazer.

“Não fique desencorajada. Aposto que ele não vai pensar nada disso. Ele provavelmente vai concordar que algumas palavras vão assustar Leslie. Vai fazer bem para ele. Eu adoraria ver isso”. Esfregando as mãos, tinha uma nota de alegria em ver a desgraça alheia. “Você fala com a polícia e nos

conta no que deu. Agora, a primeira coisa é não se preocupar com isso. Tenho certeza de que Leslie não é uma ameaça; ele é só um bully arrogante. Ele logo vai sair correndo assustado se tiver alguém da polícia atrás dele”.

“Espero que esteja certo”, Tilly inda parecia com medo e depressiva. Suas mãos dobravam o tecido da mesa sem descanso.

“Eu acho que é melhor mais uma taça de alguma coisa, minha querida. Ajudaria se passasse a noite conosco? Tem bastante espaço”, Jen perguntou, colocando seu braço envolta dos ombros de Tilly.

Tilly se esforçou para sorrir antes de respondê-la. Sua cabeça estava claramente em outro lugar. “Não, obrigada. Ficarei bem em casa. Como Bernard disse, Leslie provavelmente não representa perigo algum. Só é um grande chato”.

Ela desviou dos olhos dos outros e olhou para fora, para a escuridão além do brilho morno da taverna. E se a polícia não a ajudasse? Se eles não acreditassem nela, então ela teria que pensar de novo. De um jeito ou de outro, Leslie precisa ser parado. Tilly já tinha aguentado o suficiente. Ela estava apavorada com a ideia, mas ela estava desesperada o suficiente para colocar um fim nisso ela mesma.

Capítulo 4. Quinta-feira, 26.

Julho era sempre impressionantemente quente e este verão a temperatura tinha aumentado ainda mais que o normal. Chegava a fazer trinta e seis graus no alto das montanhas mais frescas do Troodos. Lá embaixo na costa estava horrivelmente pegajoso e, na planície onde ficava a capital Nicosia, chegava a inacreditáveis quarenta e cinco graus. Para tornar a vida ainda mais insuportável, não havia sinal de vento. O mínimo movimento resultava em gotas de suor rolando por entre os olhos e os ombros causando ainda mais desconforto.

Diana estava deitada com braços e pernas abertos no chão da sala de estar embaixo do ventilador de teto. Ela deixou exposto seu ventre exposto ao ar abafado que corria envolta dela, dando um alívio temporário do calor. Sparky, seu gato, estava largado ao seu lado, um embrulho patético de pelo quente.

Steve entrou pelo quintal, contente de estar na sombra além dos raios cruéis de sol. Observando a cena no chão a sua frente, ele sorriu levemente enquanto Di abria um dos olhos e resmungava.

“Eu não vou dizer o óbvio”.

“Sim, quente e horrível! Que tal ir a praia em Curium para nadar?”

“Não sei se posso me dar ao trabalho de ir. É insuportável só de andar daqui até o carro”.

“Não seja preguiçoso. Além disso, você não esteve no carro desde que eu coloquei gás no ar condicionado. Agora, assim que você o liga, ele gela imediatamente. Você pode deixá-lo no mínimo e ele ainda gelaria. É bem melhor para o meio ambiente, como você sempre me lembra”.

“Dane-se o meio ambiente. É o aquecimento global que está causando isso”.

Steve achou graça. Di era, e já tem sido por muito tempo, defensora da teoria do aquecimento global, mesmo antes de pegar seu diploma em Ciência e estudar os fatos. Há muito tempo, lá pelos anos oitenta, ela estava certa de que o homem estava destruindo o planeta em vertiginosamente rápido.

“Ok. Mas eu ainda acho que nadar seria legal, mesmo que só pela mudança de cenário. Vamos, nós poderemos nos refrescar no mar em vinte minutos”.

“Você está certa. Estou sendo preguiçoso. É só que hoje está mais quente do que nunca e tenho certeza de que está me deixando enjoado”. Ela sentou-se, tirou seus cabelos negros e longos de seu rosto avermelhado e o torceu fazendo um coque no topo da cabeça. Apesar de estar um pouco despenteada, Steve não pode deixar de pensar que ela bonita e atraente. Se o tempo estivesse um pouco mais fresco, ele poderia ter tentado seduzi-la para o quarto deles.

“Acha que deveríamos ligar para Jen e Bernard? Jen ama nadar e o carro deles não está muito confiável no momento. Nessa temperatura ele fica sempre superaquecendo”.

“Isso é porque está velho e exausto e eles precisam trocá-lo. Ok. Você pega suas coisas e eu vou ligar para eles. Quer perguntar se mais alguém quer ir? Que tal Pete e Ann ou Elaine?”, ele fez uma pausa antes de discar o número.

Diana pareceu pensativa por um momento. “Não, só Bernard e Jen. Elaine disse que tinha muito o que fazer e que precisava ligar para galeria UK mais tarde. Vamos deixar só um quarteto. Além disso, nós

devemos Jen e Bernard um almoço e seria uma boa oportunidade para pagar nossa dívida. Sobre o carro deles, ele não tem dinheiro para um novo”. Ela se virou para ir para o segundo andar.

...

“Hmm. Que boa ideia a sua”. Boiando, Jenny parecia completamente relaxada. Suas orelhas estavam submersas, bloqueando o som vindo da costa. A praia estava lotada com pessoas aproveitando o feriado e locais, que tinham vindo para aliviar um pouco o calor.

Pequenas ondas ondulavam a superfície da água, fazendo-a parecer oleosa e imóvel. Quer dizer, isso até que do nada uma grande onda atingiu seu topo e ondulou-se e quebrou em cima dela. Jenny desapareceu debaixo da tonelada de água com um pequeno grito. Ela rolou em direção à margem, presa na espuma. “Bom!”, ela exclamou rindo enquanto se esforçava para ficar em pé na areia no fundo do mar.

“Oh, sinto muito”, Di gaguejou juntando-se a ela na risada. “Eu não consegui te avisar a tempo. Essa foi uma onda perigosa. Deve ter vindo de um navio no meio do mar. Não há vento pra fazer uma dessas. Você está bem?”

“Sim, claro que estou. É bom a Ann não estar aqui, ela odeia ondas de qualquer tipo. Vamos nadar mais uma vez até as boias laranjas e voltar e então ir beber alguma coisa? Você vem?”

Com longas e vagarosas braçadas, elas foram até as boias que separavam a área de banhistas da dos barcos. Após respirarem um pouco, elas decidiram voltar para a margem. Diana sentiu os primeiros sinais de uma cãibra e não queria ficar presa por isso.

Massageando sua panturrilha, Diana percebeu uma forma cinza escuro longa e fina deslizando pela água próximo a elas. Pânico tomou conta dela. Um tubarão! Ela virou-se para Jenny.

“Jenny!”, o grito rasgou sua garganta.

“O que foi?”, Jenny perguntou alcançando-a.

“Você viu? Eu acho que vi um tubarão”.

“O quê? Onde?”, os grandes olhos de Jenny ficaram escuros de pavor. Ela movia-se de um lado pro outro enquanto perscrutava as profundezas do mar.

“Fique calma e parada. Movimentos podem atraí-lo de volta. Fique perto de mim”.

“Como eu posso ficar calma se tem um tubarão por aí? Você, você viu uma nadadeira?”, Jenny guinchou apavorada.

“Não”, Di ofegou enquanto ela também olhava com medo para o fundo.

Elas continuaram próximas enquanto nadavam com firmeza para a margem, aterrorizadas e tentando manter controlado o pânico. Então, um bico cinza e reluzente colocou-se para fora d'água bem na frente delas. Seu olho estava voltado para as suas mulheres e Diana sentiu como se ele estivesse olhando diretamente para ela enquanto movia-se para frente.

Jenny soltou um grito apavorado de medo e começou a nadar erraticamente para a margem.

“Jenny, Jenny, está tudo bem! Não é um tubarão! É um golfinho. Olhe”.

O olho inteligente voltou para abaixo da superfície e deslizou para mais perto de Diana. Ela prendeu a respiração maravilhada, sem ousar se mexer. Ainda que fosse um golfinho e não um tubarão, era ainda um grande animal selvagem. Então, a coisa mais incrível aconteceu. O mamífero deslizou para o lado de Diana e delicadamente colocou sua cabeça embaixo de sua axila. Quando Diana estava prestes a gritar por socorro, o golfinho começou a nadar em direção a margem levando-a com ele. O golfinho era gentil e parava de vez em quando para recolocar sua cabeça embaixo de sua axila. Eles ultrapassaram Jenny que tinha parado de nadar para observar com admiração. Com um olhar de completa perplexidade, ela viu o golfinho carregar Diana até a parte mais rasa. Tão rápido quanto apareceu, o golfinho virou-se e nadou para o mar de novo, balançando sua cauda.

Colocando seus pés no chão de areia Diana ficou pensando, por quê eu? Ela ficou lá parada tremendo de emoção e assombro. Ela olhou em volta e ninguém na praia notou, todos pareciam absortos em suas próprias atividades. Ela sentiu-se privilegiada. Era lindo, de longe um dos momentos mais

surpreendentes que já vivenciou.

"Di, você está bem?", Jenny a perguntou com a voz ofegante quando ela finalmente a alcançou. Ela estava branca como um fantasma.

Cheia de espanto e tremendo de emoção, Diana colocou a mão sobre a boca e concordou com a cabeça com sua amiga. Ela tinha ouvida histórias estranhas antes de como golfinhos haviam resgatado marinheiros se afogando ou nadadores. Mas ela não corria o risco de se afogar. Por que ele se aproximou dela? Sim, ela tinha sentido o início de uma cãibra, mas e se o golfinho tivesse sentido algo de especial nela? Era bizarro. Ela mal podia esperar para contar a Steve.

...

Steve e Bernard tinham fugido e estavam no seu segundo copo de cidra quando Diana e Jenny se juntaram a eles no restaurante da praia. As mulheres colocaram para fora a história do golfinho conforme se jogaram nas cadeiras.

Steve parecia cético. "Bom, eu não vejo navios nem golfinhos. E eu nunca vi um antes. Você certamente tem uma imaginação vívida, meu amor", ele brincou.

"Mas é verdade". Di ficou um pouco chateada de ele ter duvidado de sua palavra.

Steve levantou a sobrancelha e lançou a Bernard um olhar de quem acha graça e então virou-se para Diana. "Eu sugiro que mantenha sua ficção para seus livros, querida".

Furiosas com os homens por terem achado sua história exagerada, Diana e Jenny decidiram deixar para lá. Entretanto, Diana prometeu que Steve iria se arrepender de ter duvidado de sua história quando chegassem em casa!

...

"Nossa, Bernard. Você mal começou a tomar o copo. Você está devagar hoje". Di reparou. Jen lançou-lhe um olhar irritado.

"Besteira, Di. Ele já tomou um. Não pense que só porque *você* não vai nos levar para casa que você pode ficar bêbado. Eu estou com pouco dinheiro na bolsa", ela disse para ele com um olhar de desconfiança.

Bernard levantou o copo para Jen em um gesto de provocação dizendo, "Não seja uma estraga prazeres, meu amor".

"Eu não sou! É só que eu preciso ir ao banco", ela parecia preocupada.

Steve olhou para Diana que fez um pequeno aceno com a cabeça. Ela sabia que ele lia seus sinais quando ele sorriu. "Não se preocupe, Jenny, o almoço é por nossa conta hoje".

"Mas você nos deu uma linda planta em agradecimento".

"Sim, mas isso não foi nada. De qualquer forma, por que eu não posso pagar algo para meus amigos de vez em quando? O preço é razoável aqui, não é como se fosse nos falir, não é? Agora, sem mais argumentos. Vamos ver o menu e pedir o almoço antes de eles ficarem muito ocupados? O lugar está enchendo rápido".

Eles pediram uma refeição simples de porco e kebabs de carneiro, salada com pão sírio quente, molhos e o velho favorito: *chips*. *Chips* decentes feitas de batata e não de farinha. Batatas descascadas e fritas com uma casca crocante e macia e deliciosa por dentro.

"Engraçado como eu nunca perco o apetite mesmo quando está quente", disse Di servindo-se de mais um pouco.

"E eu estava aqui pensando que você estava passando mal mais cedo", Steve sorriu para ela com as sobrancelhas levantadas.

"Hmm. É a terceira vez essa semana. Talvez eu tenha um verme ou algo do tipo".

"Tem sempre algo acontecendo", disse Bernard. "São os turistas; eles trazem todo tipo de coisas nojentas com eles. Eu culpo o ar condicionado dos aviões. Agradeço aos dois pelo almoço. Vocês são muito gentis e generosos. Está deliciosa e foi totalmente inesperado".

"Sim, e nossa segunda refeição fora em dois dias", concordou Jenny.

Steve fez um gesto com a mão dispensando o agradecimento com um sorriso e perguntou onde eles tinham ido comer no dia anterior.

"Bom, nós íamos contar para vocês. Nós comemos na nova taverna do Michael com Pete, Ann e Tilly. Foi excelente. A comida estava muito boa e a vista é simplesmente maravilhosa. Estava bem cheio também. Vocês deveriam ir lá algum dia".

"Sim, devem mesmo. Nós quatro dirigimos até lá e encontramos Tilly a noite. Ela estava louca para sair", Jenny concordou.

"É? E por quê?", perguntou uma curiosa Diana.

Houve uma pequena pausa enquanto Bernard e Jenny se entreolhavam. Estava claro para os outros que eles se perguntavam o que dizer. O olhar de Jenny demorou-se em Bernard, sua aparência despreocupada de antes agora parecia insegura. Eles tinham prometido a Tilly de não dizer nada para ninguém. Nessa ocasião, ela esperava por Bernard tomar uma decisão.

"Ah, ela tem passado por uns problemas pessoais no momento. Não é nada que não possa ser resolvido. Isso é kebab de graça, Jenny?", Bernard disse mudando de assunto e apontando para o prato de Jenny com seu garfo.

Steve e Diana se entreolharam rapidamente. Se queriam contar para eles, era decisão deles. A conversa deu uma pausa e todos se concentraram em sua comida.

Empurrando seu prato vazio de lado, Bernard suspirou contente e pegou seu terceiro copo de Blackthorns. Ele bebeu um gole generoso e estalou os lábios com gosto. "Jen e eu adoramos comer fora, mas nós precisamos economizar agora".

Diana e Steve sempre pensaram que como Bernard e Jenny não trabalhavam mais, dependiam de pensões. Recursos finitos, claramente, frequentemente não duram tanto quanto gostariam.

"Nunca foi tão ruim assim. Só no último ano, mais ou menos", Bernard franziu o cenho enquanto estudava a cor dourada da cidra a sua frente por um momento. Ele passou o dedo pela condensação do lado de fora. "Na verdade, eu enganado", ele levantou a cabeça e primeiro olhou para Steve e então para Diana. Um olhar de raiva escureceu seu rosto. "Me persuadiram a retirar o dinheiro de um investimento para reinvesti-lo em um suposto novo investimento secreto à prova de erros. Eu desconhecia que era um maldito esquema".

Jenny tocou a mão de Bernard. "Você não tinha como saber, querido", ela disse com uma voz suave e consoladora.

"Que terrível. Isso foi aqui em Chipre?", Diana presumiu que ele estivesse falando do empreendimento Anglo-Cipriota.

"Sim. Me garantiram um valor alto, um valor *muito* alto, de juros em troca de emprestar-lhes dinheiro. Infelizmente, não havia nada legal por trás deles. Só um monte de bastardos com boa lábia. Estou dizendo para vocês, a atuação dele merecia um Oscar! Ele está perdendo tempo com toda essa arte moderna que ele tem tanto orgulho", ele fez uma pausa e bebeu outro gole de seu copo. Diana registrava o que ele disse enquanto seu estômago deu uma cambalhota. Ela sentiu como se estivesse caindo de uma grande altura repentinamente. Ela sabia instintivamente o que ele iria dizer quando ela perguntou, "*Sua atuação? Sua arte moderna?*"

Bernard a olhou e respondeu em um tom sucinto, "Sim. Você sabe quem é, é claro, Leslie. Foi ele que me procurou. Ele me deixou super interessado e animado com esse Grande Esquema que era tão infalível! Huh! O que ele não me disse é que os atores principais eram russos!"

"Russos?"

"Sim. Dinheiro suspeito e tudo que tem direito", ele suspirou um suspiro profundo e cheio de ressentimento. "Para encurtar a história, eu paguei tudo de boa fé esperando um presto e um relatório de contas e eles desapareceram Provavelmente com alguma conexão com a máfia russa, pelo que eu sei."

Chipre está cheio de russos agora. Você sabia que Limassol como cidade tem o maior número de russos fora da Rússia?"

"Sim, eu li isso em algum lugar, mas e sobre o envolvimento de Leslie? Como ele teve culpa? Ele perdeu dinheiro também?"

Jen bufou de um jeito bem indelicado. "Ah, não. Ele foi esperto demais para isso. Seu trabalho – ele era pago para apresentar investidores ingênuos como nós, era só para que todos assinassem".

"Era mais que os enrolassem", disparou Bernard. "Ele nunca gastou um centavo de seu próprio dinheiro. Nós também não fomos os primeiros. Ah não. Ele vinha fazendo isso há algum tempo", ele parou e pensou por um momento antes de continuar. "Então, resumindo, com seus pequenos esquemas, ele praticamente nos arruinou. Graças a Deus somos donos da pequena casa na qual moramos e não temos que pagar aluguel. Além de nossas pequenas pensões e uns poucos investimentos que Jen possui, não mais nada".

Houve um pequeno silêncio antes de Jenny concordar tristemente. "Não, não há mais nada e quase nada para deixar para as crianças".

Steve e Diana se entreolharam consternados. Isso era chocante! Como alguém que vive na mesma vila poderia tratar outras pessoas desse jeito?

"Eu sinto muito", Di disse.

"Eu também. Que bastardo. Ele deveria saber".

"Bom. É isso. Terminado. Nós nunca recuperaremos o dinheiro e agora temos que viver de acordo com a nossa situação. É claro que Jen não pode comprar todas as roupas novas que ela aprecia e não podemos voltar para visitar os netos tanto quanto gostaríamos, mas -", ele sorriu para sua esposa com carinho e apertou sua mão.

"É incrível o que você pode encontrar em lojas de caridade. Algumas marcas muito boas e as vezes quase nunca usadas", ela respondeu com um sorriso animado de volta. "Nós temos um ao outro. É tudo o que importa, e nossa saúde, claro".

"Mesmo assim, não podem gostar dele depois de tudo isso", Di pressionou. "E como vocês disseram, devem ter outros que foram machucados?"

"Gostar dele? Eu detesto o homem. E agora essa coisa terrível com a Tilly!", ele parou perplexo quando percebeu seu erro. Ele tinha quase quebrado sua palavra. Ele acenou com a mão para cobrir seu constrangimento. "Bom, eu sinto muito, mas não podemos contar para vocês sobre isso, como dissemos que não faríamos. Mas direi o seguinte. Se eu fosse um homem mais violento e mais jovem e tivesse a oportunidade, eu teria acabado com ele!"

Bernard tremeu com a raiva parcamente suprimida, sua boca uma fina linha branca. Steve e Di nunca o haviam visto assim antes. Geralmente, Bernard era um perfeito cavalheiro, à moda antiga, bem comportado e em perfeito controle de si. Ele deslocou seu olhar torturado para o outro lado da mesa e encontrou os olhos de Diana.

Houve um barulho como um sopro forte no ouvido de Diana conforme ela olhava para seu rosto. Ela sentiu uma onda de náusea subindo do fundo de seu estômago. Sua face empalideceu-se enquanto ela vacilava com o choque e então o alívio veio quando ela tombou para frente em um desmaio seco.

Chapter 5. Domingo 29.

Debruçada sobre a velha pia de porcelana, Sonja bebia seu segundo copo de água quase congelada. Ela normalmente levava os cachorros para passear no frescor das primeiras horas da manhã, mas hoje, de alguma forma, ela não conseguiu se organizar. Ela não dormiu bem ao longo da quente e abafada noite e logo quando a primeira luz acizentada espalhou-se no lado oposto da colina, ela caiu em um perturbado sono. Quando Leslie a acordou pouco tempo depois, perguntando quando ela prepararia ou não o café da manhã, ele descobriu que ela estava incomodada por ter dormido além do que devia em anos.

"Você deveria ter me acordado antes", ela resmungou empurrando o lençol amassado e molhado para o lado. "Agora estou toda atrasada e os cachorros não tiveram seu passeio", ela parou na ponta da cama deles com uma postura acusatória.

Leslie a olhou com uma expressão meio maléfica que poderia ter significado qualquer coisa. Ele puxou a cobertura para cobrir de novo suas pernas e pegou o livro que estava lendo. Ele estava com clima para sexo mais cedo, mas ele sabia qual seria a resposta se ele sugerisse. Ela e seus irritantes e estúpidos cachorros. Nos últimos dias, ela tinha pouco tempo para passar com ele. Além dos animais, ela passou horas trabalhando no jardim e o resto do tempo na cozinha. Sua paixão era fazer os mais incríveis dos bolos confeitados, os quais ela vendia para uma confeitaria em Episkopi.

Sonja suspirou exasperadamente antes de sair em direção ao banheiro, batendo a porta atrás dela. Leslie deu um sorriso maldoso. Ele mesmo estava se sentindo mal-humorado nos últimos dias. Era hora de outra pessoa ficar irritada com a vida.

Olhando pela janela. Leslie que o sol já estava a meio caminho de seu ponto alto no céu. Desde já ele podia sentir a promessa de um outro dia extremamente quente. Mais dez minutos e estaria quente demais para ficar deitado na cama. O som do telefone o trouxe de volta de seu devaneio; era cedo para amigos ligarem, apesar de um dia cipriota começar nas primeiras luzes do dia. Ligeiramente intrigado, Leslie pegou o telefone e escutou.

Sonja ainda não tinha notado que seria um outro dia lindo e ensolarado. O anúncio repentino de Leslie de que a polícia estava planejando em fazer uma a eles - não ao Leslie, é bom deixar isso claro - mais tarde naquela manhã fez sua mente girar. Ela não conseguia nem começar a imaginar o que eles poderiam querer com Leslie. Ele não tinha feito nada errado até onde ela sabia, exceto estara extremamente atrasado para pagar os impostos do carro de novo. Como de costume, ele tinha colocado no lugar errado a papelada para a renovação, e sendo um completo dinossauro no computador, ele ainda não tinha dominado a arte de fazer isso pela internet, apesar de todos dizerem o quão conveniente e simples era.

Leslie disse que o policial foi inflexível. Ele queria falar com Leslie e, por volta das onze seria conveniente? Ainda por cima em um *domingo!*

Pouco depois das onze a campainha para o quintal tocou e Sonja abriu a porta para encarar dois homens vestidos de terno. Um era baixo e moreno de pele com aspecto de azeitona sem caroço. Sua mãe obviamente nunca tinha ouvido falar de tratamento para acne quando ele foi adolescente. Ele tinha por volta de quarenta anos, as entradas de seu cabelo pareciam estar aumentando e parecia mal-humorado. O homem mais novo era alto e tinha aparência mais fresca; seus olhos castanho escuro estavam alertas,

provavelmente nunca perdiam nada. Sonja o sentiu observando intensamente enquanto o homem mais velho se dirigia a ela e, apesar do sol, ela não conseguiu suprimir um arrepio.

“Kuria Flowes? Eu sou o Inspetor Andreas Christopodolou e esse é meu colega Sargento Yianis Loukiades. Eu acredito que seu marido esteja nos esperando, certo?”

Sonja apertou a mão seca que ele estendeu à sua frente. Mais tarde, ela desejou que ela não tivesse estado lá para tê-los recebido. Que ela nunca tivesse conhecido os dois policiais que tinham sido tão educados com ela. Mas acima de tudo, ela desejou nunca ter sabido a razão pela qual estiveram lá para visitar seu marido.

Como ele pode, o tolo estúpido?

Há anos ela sabia de seus casos com outras mulheres, mulheres mais bonitas. Mas ter a polícia envolvida em algo que era tão escandaloso e sórdido. A princípio ela se recusou a entender o que eles estavam dizendo. Quando eles interrogaram Leslie, ela não conseguia acreditar em seus ouvidos. Deve ser tudo um terrível engano? A mulher deve ter alguma parcela de culpa, evidentemente. Essas que usavam saias curtas e grande decotes não podiam ser nada além de putas, certamente? Sua mente girava com todo tipo de pergunta enquanto ela ouvia o que eles tinha a dizer.

Assim que o inspetor arrogante e seu sargento observador saíram de sua casa e estavam fora de alcance, Sonja virou-se para Leslie enraivecida.

“Como ousa! É ruim o suficiente que eu tenha que *aguentar* seus casos ao longo dos anos, mas agora isso. Eles acusaram você de assediá-la! Você sabe o quão sério isso é? E se os nossos amigos e vizinhos descobrirem, hein? Você pode imaginar a utilidade que podem fazer disto?”, ela sibilou para ele. “O que você estava pensando? Você é nada mais que um Lotário desgastado e um muito estúpido por sinal”.

A voz de Sonja atingiu um ponto que estava beirando o de uma histérica. Ela persistiu em gritar com ele. Seu corpo se sacudia de raiva. Seus olhos usualmente pálidos escureciam enquanto ela ficava furiosa; sua face se imbuía de vermelho sarapintado. Mesmo que Leslie já estivesse acostumado com seus geralmente curtos surtos de temperamento, ele pareceu ter sido pego desprevenido pelo ódio e veneno que se mostravam pelas linhas rígidas e seu corpo e rosto. Nunca ele a viu tão irritada. A fim de melhorar a situação, ele tentou fazer pouco caso do problema.

“Sonja, Sonja, se acalme. Te digo que é só um pequeno mal entendido. Eu não estive perto dela de forma alguma. Ok, eu admito que estava atraído por ela, uma vez, mas foi só isso, uma pequena atração por uma mulher bonita. Nós flertamos. Foi isso. Acredite em mim. Nada aconteceu. Honestamente”.

“Você realmente espera que eu acredite em toda essa, essa merda? Eu ouvi o que a polícia disse. Eles não teriam vindo aqui se ela não tivesse feito algum tipo de reclamação sobre você. Eu *sei* que ela é a última das suas putas em uma longa fila de seus 'pequenos lapsos de harmonia marital'. Como se não fosse o suficiente! Você é um maldito mentiroso! Você não conseguiu deixá-la em paz, como as outras, mais uma de suas putas. Só que desta vez você não aguentou quando ela disse que queria que a deixasse em paz. Estava tudo errado. Ah, não, você não”.

“Eu te disse que a polícia entendeu tudo errado”, ele lamuriou-se com um tom conciliatório como se ele tivesse acabado de perceber que ela dificultaria as coisas para ele. “Tudo foi colocado fora de proporção, acredite em mim”.

“Isso é metade do problema. Eu *não* acredito em você. Leslie, por que eles iriam se incomodar de vir até aqui? É mais de meia hora de Limassol. Não. Você está mentindo de novo, só que desta vez você foi longe demais. Você provavelmente assustou a putinha e talvez tenha sido bom, ela deveria ter mais cuidado. Ela deveria ter mantido suas mãos longe do marido de outra pessoa. Deus sabe que já homens solteiros o suficiente nesta ilha para ela escolher”.

“Ela não é uma puta”, Leslie disse baixinho. “Você sempre gostou da Tilly antes”.

Sonja não conseguiu se segurar. Antes que percebesse o que estava fazendo, ela havia batido forte em Leslie próximo a sua boca. “Não ouse mencionar o nome desta mulher para mim”, ela berrou, seu

sotaque escocês se tornando mais forte. “Saia. Saia antes que eu te coloque para fora. Eu tenho boas razões para isso de qualquer forma. Eu já aguentei o suficiente. Essa é a última gota”.

Leslie vacilou para trás com a força de sua mão. Uma marca vermelho vivo em sua bochecha esquerda e seu lábio inferior estava sangrando no lugar onde o anel de Sonja rasgou a pele desprotegida. Ele parecia admirado com sua violência; um brilho frio e desagradável apareceu em seus olhos. Ele se ergueu, uma expressão ameaçadora em seu rosto. “Eu duvido. Eu duvido muito disso. Você está esquecendo, *my lady*, que eu sou dona desta casa. Está em meu nome, somente. Da mesma forma, o mesmo irá acontecer quando nos mudarmos para a nova casa mês que vem. Então não se esqueça nunca disso”, ele tirou um lenço de algodão de seu bolso e secou seu lábio cortado com ele antes de continuar. “Não, minha querida. Lembre-se, *eu* dou a palavra final”, sua réplica foi acompanhada de um sorriso vingativo e malicioso.

“Você é um completo bastardo! Eu te odeio”, ela cuspiu.

“Talvez, mas enquanto eu estiver vivo, sou eu que dou as cartas. Como eu disse antes, você não tem nada sem a minha permissão. E você sabe o que dizem do ódio ser comparável ao amor”.

“Você não é nada além de um- um merda viciado em poder”, ela respondeu abalada.

“Ah, você pode falar”, ele disse, guardando de volta seu lenço. “Eu vou sair agora para uma caminhada. Vai ter tempo tempo para pensar sobre sua opinião e se acalmar. Vá e tente arrumar seu rosto. Chorar não te deixa nem um pouquinho atraente”.

Sonja não conseguia acreditar que ele conseguia ser tão horrível, tão completamente calculista e frio. Ela o observou enquanto ele cruzava convencido o chão de azulejos da sala de jantar. Ele pegou um chapéu de palha e o colocou confiantemente em sua cabeça. Sem se incomodar de olhar para ela outra vez, ele abriu a porta da frente. Os quentes raios de sol entraram na sala, partículas de poeira giravam com a corrente de ar. Aparentemente, sem uma preocupação com o mundo, ele passeou pela rua pavimentada que levava até o lugar que geralmente caminhavam ao longo da rua de baixo.

Ainda parada lá onde ele a havia deixado, Sonja tremia incontrolavelmente. Ela não sabia o porquê, mas ela descobriu que não conseguia parar. Ela tremia de raiva e choque. Suas pernas pareciam bambas e ela não conseguia se mover. Ela estava irritada consigo mesmo por ter deixado a situação ir tão longe. Furiosa com ele pelo estresse que havia causado. Acima de tudo, ela estava furiosa porque ele de fato tinha todas as cartas. Ele estava certo; ele era mesmo o dono da casa. Ela tinha pouco dinheiro que era só dela, uma pequena pensão e alguma poupança. Ele não queria que ela tivesse uma carreira. Leslie preferia que ela ficasse em casa e desse a ele todos os confortos que ele queria. Todo o tempo que estavam juntos, ela tinha sido forçada a aceitar sua dominação sobre ela. Ela não tinha notado em princípio, durante seus primeiros e felizes anos. Mais tarde ela começou a ressentir seu controle. Quando ele morrer – e ele era quase vinte anos mais velho que ela –, então seu testamento irá dizer que a casa seria dela. Ainda tinha muito pela frente até isso acontecer.

Não quando ela estivesse livre dele.

Sonja finalmente percebeu. Precisou de algo assim para que a ficha da realidade caísse. Uma lágrima escapou de seus olhos e então mais um. Maldito seja ele! Maldito daqui ao inferno. Ela seguiu os passos de Leslie até a porta que levava para fora e a segurou para fechá-la. Antes que ela pudesse fazê-lo, entretanto, uma sombra a cobriu e ela olhou para cima para ver Alicia parada lá.

~~

“É isso! Você sabe de toda história sórdida”, Sonja fungou depois de assoar o nariz em seu já encharcado lenço. Minutos antes, uma Alicia enfeitada ouvia enquanto Sonja contou os eventos daquela manhã e o que levou a ele. Alicia disse muito pouco, mas parecia avidamente e quase morbidamente absorta no sórdido conto de Sonja, palavra por palavra. Finalmente, Sonja parou de falar e sentou com uma

expressão miserável e perdida na cadeira desgastada de sua sala de estar.

“Há quanto tempo isso tem acontecido? Os casos do Leslie”, ela agora perguntou a Sonja com uma réstia de brilho em seus olhos.

Sonja não o percebeu, pois estava se esticando para atacar a caixa de lenços novamente.

“Ah, por anos e anos. Ele sempre teve uma amante ou namorada na linha, pelo que parece. Quase desde quando nos casamos. Ele nunca podia dizer não. Nem todas eram algo especial também. Ele só não consegue resistir a comer qualquer coisa em uma saia”, ela respondeu amarga. “Ele não consegue manter seu pintinho estúpido dentro das calças”.

Ela fungou de novo e olhou para o lenço molhado em sua mão.

“Então ele não era exigente?”

“Não, não especificamente. Por que?”

“Ele nunca disse não para alguém?”

“Ah, eu não sei. Por que eu deveria? Olha, isso importa de qualquer forma? É o seu caso recente que é o problema. Sendo otimista, a polícia já deu um bom susto nele. Eu odiaria tê-los na casa de novo”, ela tremeu levemente.

“Onde disse que ele tinha ido?”

Sonja deu a Alicia um olhar irritado. “Eu não sei. Para algum lugar para caminhar, ele disse. Eu espero que ele se perca e muito. Isso lhe cairia muito bem. Ele disse que *eu* tinha que me acalmar! Maldição! Ele provavelmente seguiu nosso caminho habitual. Você sabe, o mais embaixo até onde ele se bifurca para o rio. Eu duvido que ele vá até mais longe neste calor, está quente demais para fazer a subida de volta”.

“Você está bem agora?”, Alicia perguntou a Sonja enquanto olhava veladamente para seu relógio de pulso.

“Sim. Eu estou. Alicia, eu sinto muito por ter te incomodado com tudo isso. Você só veio no momento errado”.

“Não se preocupe; não é um incômodo”, Alicia sorriu para ela. “Tente tirar sua cabeça disto. Que tal um bom e relaxante chá de camomila? Eu acho que ajuda bastante”.

“Talvez. Eu tenho que fazer algo para o almoço, não que eu queira algo, mas *ele* vai querer. Talvez eu o deixei fazer o seu próprio enquanto eu levo os cachorros para passear de novo. Eu poderia ir a um lugar diferente para mudar um pouco, talvez até Platres. É mais fresco por lá”, ela estava meio falando consigo mesma.

Alicia levantou-se, olhando casualmente para seu relógio. “Bom, Sonja, eu preciso correr. Eu tenho algo para fazer que eu fico sempre adiando. Olhe, eu posso aparecer de novo mais tarde se quiser, talvez depois do almoço. Ou você gostaria de vir até minha casa?”

“Eu não sei. Eu estou bem agora, de verdade. Eu só me sinto muito estúpida. Eu talvez te ligue mais tarde”. Sentindo-se mais como si mesma, Sonja estava começando a perceber que ela tinha contado mais Alicia do que ela teria feito em circunstâncias normais. Apesar de Alicia ser um tipo de amiga, Sonja estava bem ciente de que ela e seu marido tinham sido amantes. Ela nunca havia perdoado este fato.

“Ok. Eu te vejo mais tarde então. Não fique por aí se lamentando. Saia para um passeio. Te fará bem. Ou planeje uma viagem para fazer compras em Nicosia semana que vem. Você poderia comprar algo legal para você”.

“Você sabe que eu odeio fazer comprar”, Sonja fez uma careta com o pensamento.

“Sim, você odeia. Bom, eu vou embora então”.

Alicia caminhou através da sala de jantar e Sonja a levou para fora. A intensa onda de calor do sol saía das grossas paredes de pedra que as rodeavam. Alicia virou-se e caminhou cuidadosamente morro abaixo. Sonja a viu partir. Ela fazia uma figura estranha. Alta e magra, ela quase sempre estava vestida com uma saia branca e uma estranha bermuda de jogador de golfe com cor de ferrugem que contrastava

extravagantemente com seu cabelo ruivo. Uma velha e batida bolsa de couro que ela usava para colher ervas estava pendurada em seu ombro.

Sonja se virou, aliviada de estar sozinha de novo. Enquanto ela cruzava de volta para o abrigo pouco iluminado da casa, ela rapidamente se perguntou o porquê de Alicia ter aparecido em sua casa naquela manhã. Ela estava tão completamente chateada com os eventos da manhã; ela esqueceu de perguntar a ela.

Não que ela tivesse ficado por muito tempo.

Chapter 6. Domingo de manhã.

Estrelas, escondi vossos fulgores para que a luz não veja meus negros e profundos desejos.

Macbeth. Ato I, Cena IV

Tony mordiscava sua unha do polegar prestando atenção à pele avermelhada nos cantos. Ele estava completamente irritado esta manhã. Ele não conseguia acertar o final e isso estava começando a deprimi-lo. Apesar do que disse a Ann e Diana na outra noite, essa sua última peça estava provando ser um pouco decepcionante. A ideia era boa e as partes que ele já tinha escrito para os personagens principais estavam extremamente boas. Elas eram interessantes e críveis, com só uma pitada de peculiaridades estranhas colocadas ali para pegar a audiência desprevenida. Parecia fluir no começo; Bernard tinha dito isso quando ele leu o primeiro ato. Era só agora com o fim iminente, que o final do ato estava se provando ser uma leitura chata. Tony jogou os papéis a sua frente para o fundo de sua escrivaninha com desgosto. Tony grunhiu e pegou seu quase vazio maço de cigarros.

Selecionando um, ele acendeu um com o fogo que ainda ardia em uma bituca de seu cinzeiro que transbordava. Tony sabia que ele teria que reescrever a última metade do ato final. Infelizmente, agora não era a hora certa.

Ele não tinha certeza se foi Leslie que o tinha distraído e era a causa de fracasso na escrita, ou se ele tinha superestimado seu talento literário com essa tentativa audaciosa. Era de longe muito mais ambicioso do que qualquer outra coisa que ele tinha escrito antes.

Tony tomou um rápido gole do copo de whisky barato que estava na escrivaninha a sua frente e arrotou depois de o líquido puro desceu por sua garganta. Tragando profundamente seu cigarro e sem notar as cinzas que se espalhavam pela sua camisa suja, Tony voltou sua atenção para as folhas de papel e xingou mais uma vez enquanto relia o que ele tinha escrito. Pegando um lápis preto e pesado ele desenhou uma linha abaixo de todas as mudanças que ele teria que fazer e fez anotações em pelo menos um terço do que sobrou. Merda! Mais de semanas inteiras de trabalho desperdiçado. Ele amassou as palavras ofensivas na página à sua frente até virar uma pequena bola e a jogou de mau humor na lixeira. Se ele não tomasse cuidado, isso iria se tornar um bloqueio psicológico completo para sua escrita. Uma gota de medo passou por ele. Ele sabia bem disso porque já tinha acontecido antes.

Foi só uma vez, mais ou menos há um ano. Tony flatulou com a lembrança. Tinha sido uma experiência das mais chocantes e aterrorizantes. Não só o desligamento virtual para escrever, mas a razão por trás dele. Com amargo arrependimento, ele pagou com dinheiro que ele mal podia arcar e pensou ter ouvido a última das ameaças. Mas não, mais uma vez uma nota nojenta de insinuações apareceu no tapete da porta e ele ficou tão apavorado que suou frio. Tony ingenuamente presumiu que o problema estava resolvido; mas ele deveria ter sido mais esperto quando em se tratando de chantagem. Agora, havia o perigo persistente que mais alguém logo iria descobrir o seu pequeno segredo. Por que? Quem mais poderia se beneficiar com isso?

Talvez, ele dizia a si mesmo que era sua imaginação. Estaria sendo melodramático e exagerado? Ele sentiu uma repentina dor chata em seu peito. Sem pensar, ele esfregou o local, indigestão de novo. Ele sabia que os cigarros e bebida barata não ajudavam; ele deveria realmente se alimentar melhor. Ele arrotou novamente. Mas uma coisa de cada vez, ele precisava resolver *esta* grande dor de cabeça

primeiro.

Se ele pelo menos pudesse se perder em seu trabalho, então as palavras fluiriam e o ato final iria surgir. Inquieto, Tony abriu uma gaveta de sua escrivaninha e revirou seu conteúdo a procura de papel novo. Ele sentiu uma picada em seu polegar de repente e recuando, rapidamente tirou sua mão de lá. Para sua surpresa, ele encontrou um claro corte em sua pele. Tony observou enquanto o sangue se acumulava e pingava no chão; algumas gotas caindo na sua já suja camisa. Xingando, ele pegou alguns lenços de papel de uma caixa que estava próxima e os pressionou fortemente para estancar o sangramento. 'Que diabos?', ele pensou. Cuidadosamente, com sua mão ilesa ele começou a mexer por entre os papéis até que achou o item agressor. Ele tinha se esquecido da faca de caça de vinte centímetros belamente trabalhada que ele tinha escondido no fundo da gaveta há algumas semanas. Quando Tony a removeu de lá e sentiu seu peso em sua mão, um pensamento lhe veio a mente. *Ele estava olhando para a arma perfeita para um assassino.*

Ainda se sentindo irritado e com seu estômago agitado começando a perturbá-lo, Tony empurrou sua cadeira para trás e se levantou. Ele pegou seu isqueiro e alcançou outro cigarro no seu maço aberto. Tony o acendeu e inalou profundamente, a nicotina enchendo seus pulmões e sua corrente sanguínea. Essa ação simples e familiar o ajudava a se acalmar. Ele cruzou o local sombreado no qual estava trabalhando até a sacada do lado de fora.

Estava um calor escaldante e o corrimão de madeira tinha agora um cheiro de pinheiro cozido. A tinta tinha empolado e descascado na sacada e a persiana de ripas de madeira não estava em condições melhores. Logo ele teria que renovar tudo antes de o sol destruí-los completamente.

Inalando profundamente de novo, Tony exalou enquanto observava melancolicamente o panorama a sua frente. Fique bem. Acalme-se; sua voz interior falou para ele. Tudo aquilo iria acabar logo e então tudo poderia voltar a normalidade. Ele observou um pequeno lagarto correr pela parede vizinha e desaparecer em uma fissura escura.

Existia, é claro, a solução final.

Mas como ele bem sabia, ele era no fundo um covarde e não sabia se podia ir até o fim com isso. Ah, ele tinha pensado nisso, longa e profundamente, todos os prós e os contras, e os "se". Tony estava quase por um fio. Bastardo! Leslie bastardo. Talvez ele *devesse* fazê-lo. Ele merecia, o merdinha. E do jeito que ele se sentia agora, bem, ele certamente não iria se sentir culpado. Ele quase poderia se justificar.

Mas e se ele realmente fizesse e tudo saísse pela culatra bem na sua cara, então o quê? Ele gostava de viver em Chipre. Ele se dava muito bem com alguns locais na vila. Ele gostava particularmente de uma noite preguiçosa em um dos cafés jogando gamão com um amigo ou dois. Seus amigos cipriotas eram pés no chão e gentis. Tony nunca teve que fingir ser alguém diferente enquanto estava com eles.

Enquanto ele jogava a bituca do cigarro pela sacada, ele reparou a figura familiar de Alicia virando a esquina. Ela deve ter vindo da casa de Leslie e Sonja, já que ela normalmente não se aventurava por esta parte da vila. Ela tinha sua usual velha bolsa desalinhada no ombro, provavelmente cheias das suas ervas. Ela era uma bruxa magricela, se ele já conheceu uma. Ela era uma das mulheres mais estranhas que ele já conheceu. A única normal nela era sua inesperada habilidade para dirigir peças e isso era completamente imprevisível.

Diziam por aí, e rumores eram sempre frequentes na vila, que ela era obcecada por sexo. Olhando para ela, Deus, quem pensaria nisso? Ela já era provavelmente uma cinquentona e, ele presumia, uma solteirona. Tony mesmo estava solteiro e sem uma parceira naquele momento, mas dar uma com ela? Esqueça! Tony estremeceu levemente. A última coisa que ele iria querer. Verdade, ele era mais novo que ela, mas ainda assim, Alicia era decididamente estranha. E isso incluía seus gostos estranhos. Ele ainda não estava tão desesperado assim. Além disso, ele as preferia muito mais novas.

Sempre que ele tinha dinheiro suficiente, ele ia à Praça dos Heróis em Limassol; uma praça que,

apesar do nome, era mais famosa por suas casas noturnas e bares com garotas. Era conhecido no momento como o melhor lugar para procurar garotas e Tony adorava os corpos magros, tipo palito, das “dançarinas de ballet” russas ou ucranianas e menores de idade. E esse tinha sido seu ponto fraco que o levou para sua presente situação difícil.

Tony não queria que Alicia soubesse que ele a estava observando, então deu um passo para trás e deslizou para o interior fresco e escuro do corredor. Furtivamente, ele observou enquanto ela caminhava pela rua e virou a curva para longe do seu campo de visão. Agora, por que ir por esse caminho? Tony sabia que ela se aventurava mais perto das terras mais altas para conseguir suas sementes e ervas. *Aquele* era o caminho que Sonja e Leslie geralmente seguiam para o rio. Talvez ela tivesse um encontro marcado secreto com o Leslie. Quase todo mundo sabia que eles tiveram um caso no passado. Ha! Eles eram agradáveis um com o outro. E, novamente, ele não iria se incomodar de assistir. Por um breve momento, sua mente pervertida imaginou o que fariam um com o outro.

Com seus pensamentos girando em sua cabeça, ele não pode resistir a uma risada. Não. Ele não poderia se incomodar com ela; ele tinha o suficiente em sua cabeça no momento. Alicia e sua bagagem incalculável de obsessões sexuais definitivamente não eram para ele.

Tony esperava que ele teria coragem para executar o que ele chamou de *a solução final* para o seu problema. Era drástico, mas uma conclusão final e adequada que o permitiria seguir com a sua vida. Enquanto ele fantasiava, ele sentiu o agora familiar formigamento de excitação em sua barriga enquanto ele ficava duro. Sua boca ficou seca e as palmas de sua mão ficaram meladas de suor. Sua respiração acelerou e ele tirou seu cabelo seboso e grudento de seus olhos brilhantes com uma mão trêmula.

Mais uma vez, o pensamento trouxe a reconhecível rigor em sua virilha. Com pressa, ele entrou novamente na casa colocando seu cigarro e isqueiro no bolso. Ele estava suando em demasia agora.

Tony rodeou os limites de seu quarto. Negligência estava por todo lado. Roupas jogadas, gavetas abertas, maços de cigarros vazios, lixo em todo espaço disponível. Nada disso ele notou ou deu importância. Deveria dar uma pausa e assistir a um de seus “especiais” da caixa de papelão que estava sob a cama? Se ele se aliviasse iria relaxar. Ou talvez ele devesse tentar se acalmar, dar uma caminhada – todo mundo parecia estar fazendo isso nessa manhã quente? Tony pensou mais uma vez em Leslie e Alicia. Era iria encontrá-lo?

Um vento repentino soprou vindo do vale; ele rastejou pela madeira da sacada de Tony fazendo seus papéis soltos voarem e batendo a porta de seu quarto.

Tony sabia que estava certo; Alicia era no verdadeiro sentido da palavra estranha, possuindo um jeito diferente de olhar para as coisas e de consertá-las. Pessoas convencionais viviam e levavam suas vidas dentro de uma estrutura normal. Alicia fazia o que queria e era frequentemente difícil ignorá-la.

Um ódio de Tony era a dúzia de gatos de rua que se congregavam no quintal e sacada fétidos de Alicia. Tony estava convencido de que ela era uma bruxa. Eles tiveram uma ou duas brigas durante as quais ele realmente pensou que ela estava no limiar da insanidade. A recusa de Alicia em castrar seus gatos dizendo que grandes números deles ajudavam a vila a se livrar das cobras e vermes deixava Tony louco.

Talvez, ele ponderou, tinha algo a ver com seu culto religioso que era quase inteiramente composto por mulheres para mulheres. Depois de um outro amargo conflito com ela, ele pesquisou pela internet esperando encontrar algo sobre a sua organização, mas encontrou poucas informações. Mas algo ele colheu; uma vez um membro, sempre um membro. Originalmente, Tony pensou que poderia fazê-la falar pedindo algumas dicas para escrever uma peça sobre o tema, mas ela sibilou sua negação em deixá-lo saber seus segredos.

Mas talvez a maior objeção de Tony a ela era a sexual. Embora Tony possuísse seus desejos por mulheres de um certo tipo, ele achava Alicia muito desconcertante em se tratando de assuntos relacionados a sexo. Ser perguntado diretamente, 'Você tem uma vida sexual completa?', seguido por, 'O

que você mais gosta de fazer?'. Ele achava isso revoltante e, ainda assim, em todos os outros aspectos ela era quieta como um rato, o que também era muito estranho.

Deve ser o resultado de ela ter vivido com o culto, Tony concluiu. Um culto para mulheres com um Patriarca residindo acima dela – esse tanto ele sabia. Algum guru de olhos nas garotas, sem dúvidas, que supostamente deveriam ter seus bebês. Então, elas eram mandadas implorar por dinheiro na rua. Dinheiro que ela tirado delas, e lá estavam elas. Presas como ratos em um navio que afundava e assim o círculo continuava. Tinha acontecido, de acordo com o que Tony leu. Então, onde Alicia se *encaixava* nisso tudo?

**

Enquanto Alicia pisava sobre o caminho de pedra, ela repetiu de novo e de novo em sua cabeça o que Sonja havia lhe contado aquela manhã. Recentemente, Alicia não estava gostando nem um pouco de Leslie. Havia várias do que ela chamava de “razões válidas” e, ultimamente, ele fazia aflorar nela uma raiva violenta desconhecida até agora que a deixava borbulhando com ódio profundo.

Sonja, sua esposa, era um tipo de amiga. E qualquer um poderia ser perdoado por achar que ela ofereceria a Sonja ajuda e conforto hoje. Mas a realidade não era nada assim. Ela, Alicia, *não* iria bancar a hipócrita e oferecer mais apoio do que ela já havia feito. Ela não conseguia começar a dizer a ela a tragédia que era tudo aquilo. Alicia sabia que se Leslie não estivesse por perto, ela não iria sentir nem um pouco a falta dele, e *Sonja também não*. Ela ou elas estariam melhor sem ele.

Alicia conhecia Leslie há muitos anos. Seus caminhos haviam se encontrado quando Alicia chegou em Chipre após seu rápido êxodo dos topos de neve do Himalaia. Leslie tinha rapidamente se tornado um amigo muito necessitado para a maravilhada e solitária mulher. A princípio, Alicia tinha sido relutante em contar sua vida privada, mas depois de Leslie tê-la dado vinho, jantar e sexo, ela abriu seu coração para ele como um girassol seguindo o movimento do sol. Ao longo dos anos, Leslie tinha praticado suas técnicas de sedução até alcançar a perfeição e era tarde demais quando Alicia percebeu isto.

Seu próprio interesse inicial no pintos belo e charmoso por fora tinha começado a mudar no último ano. Ela percebeu e o viu como ele realmente era. Ela agora o reconhecia como o superficial e nojento homem que ele era por baixo de toda aquela aparência suave. Não, ela não se arrependeria de nada do que planejava.

Chapter 7. Meio-dia de domingo

Não tenho outra espora para aguilhoar os flancos de meu projeto senão a ambição imensa que, saltando em sela, vai além do alvo e cai do outro lado.

Macbeth, Ato I, Cena VII

A lebre saiu do grosso e espinhento arbusto atrás do qual se escondia. Ela ficou de pé sobre as patas traseiras com cautela. Seu nariz quente e aveludado se mexia conforme ela procurava por traços de seu inimigo. Ela não conseguia sentir o cheiro de nada que a ameaçasse. O ar estava pesado e parado próximo a parte de baixo do vale do rio. A lebre parou, ainda incerta sobre os perigos escondidos. Mais cedo, ela tinha ouvido uns barulhos sinistros que a avisaram de que o perigo estava à espreita. A brise inconstante que carregava um revelador cheiro grosseiro tinha alertado o herbívoro de pernas compridas. Agora, não havia nem som nem cheiro. Ela desceu sobre as patas da frente pronta para fugir, e então, como alguma timidez e hesitação, ela deu um pulo e então outro em direção a um pedaço verde vivo de brotos de vinhas. Ela mordiscou a vegetação nova que tinha surgido da noite para o dia devido ao estímulo de um recente banho de chuva. Era doce e succulento, especialmente delicioso para uma jovem e veloz lebre. Ela relaxou um pouco mais; esticando seu pescoço comprido em direção a um pedaço particularmente gostoso.

Houve uma explosão seguida de um guincho. A lebre jazia esticada no caminho. Uma pétala: uma artéria florescia, uma garganta rasgada, olhos abertos, mas já envidraçados, um corpo ainda macio e quente.

Kristiakis abaixou sua espingarda grunhindo com satisfação. Ele estava convencido de um acerto; um final feliz para uma caçada bem sucedida. Por muito tempo ela vinha carregando uma arma, bem mais de quarenta anos. Ele aprendeu a atirar novo, antes da adolescência, acompanhando seu pai e seus tios em suas longas incursões pelas colinas desertas. Cobertos com jaquetas grossas em cima de blusas pretas e calças que pareciam saias, ou *yakra*, eles andavam quilômetros perseguindo suas presas. Pela noite, acampados no meio das cabanas de pastores, Kristiakis saboreava deitar encolhido próximo ao fogo, corpo cansado e olhos pesados com a fadiga, enquanto ouvia os feitos heroicos e contos de seus parentes. Anos atrás, sua família tinha sido membro fundadora dos grupos EOKA. Essas gangues armadas de EOKA ou para dar-lhes seus nome inteiro, a Organização Nacional de Combatentes Cipriotas, tinham um velho objetivo. Eles usavam terror para provocar os líderes britânicos a cometerem atos de opressão, que eles esperavam virar a opinião mundial contra o poder colonial, forçando-o a sair da ilha. A versão mais recente da EOKA tinha um plano para livrar a ilha de seu líder, o Arcebispo Makarios. Os líderes do grupo denunciaram Makarios por perseguir um acordo factível de independência em vez de uma união or Eonosis com a Grécia. A qualquer momento, eles poderiam ter instigado um conflito para permitir que uma junta grega “restaurasse a ordem” e aumentassem seu poder sobre a ilha.

O jovem Kristiakis tinha se envolvido desde novo em sabotagens de delegacias e outras instalações policiais, levando livros para vilas isoladas e ajudando a matar tropas britânicas.

Pela lavagem cerebral de seus parentes mais velhos, ele aprender a detestar o poder colonial e, mais tarde, sua raiva passou a incluir seus vizinhos turco-cipriotas. Durante um longo tempo depois da separação do Chipre entre territórios do Norte e do Sul, ele permaneceu amargo e transtornado, negando

fervorosamente a ajuda de parentes e amigos. Ele ainda lembrava vividamente de conflitos passados com a polícia, o Exército britânico e, mais tarde, entre as forças privadas dos exércitos greco-cipriotas. Esses assassinos tinham boa memória. Ele tinha levado muito tempo para aceitar a vida como ela era agora. Ele era um dos poucos que ainda guardavam rancor contra os colonizadores apesar do toque suave de Yanoulla com ele.

Certificando-se de que sua arma estava a salvo, Kristiakis pegou seus pertences, uma velha bolsa tipo sacola de couro arranhada e uma garrafa de água. Ele começou com seu familiar passo desleixado em direção a onde estava caída a lebre. Não era temporada de caça e ele não apostaria que o velho Mukhtar ou o prefeito da vila não iriam procurá-lo para puni-lo. Ele odiava autoridade e ele ainda não se importava muito com regras e regulamentos.

~~

Acima, em um pequeno elevado rochoso camuflado por arbustos espinhentos, Antígona observava seu irmão procurar pela lebre morta. Ela estava sentada ali há algum tempo, sozinha, exceto por seus dois burros amarrados mascando ilegalmente as vinhas de alum vizinho. Alheia ao mau comportamento de seus burros, ela inclinou-se para trás contra uma pedra amarela e lisa e misturou-se com a paisagem. Disfarçada, ela perdeu-se em seus pensamentos.

Antígona era mais nova que seu irmão e levava uma vida estranha e, de certa forma, triste. Ela vivia sozinha em uma pequena casa mal construída no extremo da vila. Kristiakis não tinha ideia se ela era feliz ou não. Uma mulher solteira já passada, ela tinha perdido a oportunidade de se casar e ter filhos. Antígona era evasiva e tímida e como ela não falasse mais que algumas palavras para qualquer um, muitas pessoas ignorantes pensavam que ela era simples. Mas talvez fosse perigoso pensar assim. Ela realmente gostava de sua própria companhia, mas nada escapava os olhos perspicazes desta criatura surreal. Antígona sabia e via tudo que acontecia em Agios Mamas. Seus pensamentos deslocavam-se de seu irmão para um outro homem que tinha um papel na sua vida. Sr. Leslie.

É claro que ela conhecia o Sr. Leslie. Ele morava na vila há pelo menos oito anos, junto com uma esposa que era quase uma megera. Ela sabia que Sonja era meio megera porque ela frequentemente os seguia sem ser notada quando eles levavam os cachorros para passear e quando ela ouvia vozes alteradas vindo das janelas abertas de sua casa. Ela conhecia o sotaque estridente de Sonja contrastando com os tons modulados do Sr. Leslie. Antígona tinha ouvido Sonja lamentar os dois filhos já crescidos de Leslie e a quantidade de pensão alimentícia que ele pagava a sua primeira esposa por mês. *Pensão alimentícia*. Que palavra estranha que não tinha significado para o modo de vida cipriota. Se o casamento de um casal fracassasse, o marido simplesmente se mudaria da casa da esposa e voltaria para a casa de seus pais.

Outros fragmentos de conversas de famílias da vila chegavam a ela enquanto ela espiava os dois e os outros, fragmentos raivosos sobre outras mulheres, vizinhos irritantes ou crianças indisciplinadas que vinham de Limassol para passar o final de semana. Não, Antígona sabia de quase tudo que acontecia na vila. Sr. Leslie. Sua expressão mudou conforme se lembrava.

O que a maioria das pessoas não sabia ou não se lembravam era de que ela já o conhecia. Durante os tempos considerados ruins, quando ele era conhecido como Capitão Leslie do Exército Britânico e ela era só uma jovem menina, mal havia feito dezesseis anos. Nessa época, Antígona tinha cabelos pretos e sedosos e era surpreendentemente bonita. Pulsos e tornozelos finos, uma cintura inacreditavelmente fina e pele perfeita e suave, o que chamava mais atenção para sua silhueta e altura.

Nessa época, ela possuía um atraente ar de ingenuidade. Interessada em tudo a sua volta e com uma mente aberta e perspicaz, Antígona estava sempre fazendo perguntas e absorvendo respostas. Todos os desconhecidos da vila abriam seus olhos para as maravilhas de um outro mundo. Aqui estava uma outra terra cujos costumes era estranhos e alheios para seu modo de vida estreito. Intrigada, ela observava e

escutava, seu domínio da língua inglesa aumentando conforme ela rapidamente aprendia sobre este novo mundo. Talvez não fosse surpresa que o mais instrutivo dos professores fosse, ele mesmo, o Sr. Leslie.

Plausivelmente, Antígona o via como uma figura de fantasia, esse oficial do Exército, alto, magro porém musculoso e belo que avançava magnificamente pela comparativamente humilde vila de seu nascimento. Ela timidamente o ouvia dando ordens aos seus subordinados em uma voz culta e de um timbre tão diferente do que ela estava acostumada; os vilões falando naturalmente alto e rouco em suas conversas do dia a dia. Antígona estava maravilhada com sua beleza; impressionada com seu uniforme bem passado, botas de couro que brilhavam por causa do polimento e intrigada pelo seu brilhante anel de ouro em forma de escaravelho trazido diretamente do Egito. Para a impressionável Antígona, ele parecia ser – quase um Deus. Era como se uma das velhas lendas gregas encontradas em mosaicos antigos tivesse ganhado vida, e seu herói tinha saído para encher seu mundo com sua presença. Para Antígona, ele era suave e gentil, tão *elegante*. Ela se recusou a ouvir o que eu seu irmão Kristiakis e seus tios diziam sobre o maldito britânico. Sobre como os britânicos se recusavam a ver as coisas do jeito greco-cipriota e como estavam ali somente porque lhes era vantajoso continuar tirando o que queriam, pilhando o país e ignorando os desejos dos donos por direito. Os britânicos não eram melhores nem diferentes dos inúmeros outros povos que conquistaram Chipre para usá-lo para seus próprios objetivos. Ela se lembrava das velhas histórias de cercamento dos homens das vilas. Como as casas e dependências foram revistadas em busca de armas, bombas e foras da lei na visão da lei colonial. Homens foram aprisionados por se negarem a entregar “terroristas” e a escola da vila tinha sido fechada como represália as conversas sediciosas. Como eles poderiam comparar o Sr. Leslie com essas pessoas? Ele não era assim.

Ela o encontrava nos lugares mais incomuns, no meio de um caminho deserto que levava a um vinhedo sem uso ou um morro de rocha no ponto mais distante de uma pequena área arborizada. Melhor de todos, Antígona amava a velha casa de pedra na parte baixa do vale do rio onde a água corria pura e doce pelas margens sedentas quando a chuva do outono chegava. Em um pequeno montinho elevado de grama, ela sentava a seus pés enquanto ele lia pequenos livros de capa dura. Suas palavras eram estranhas e Antígona não tinha muitas esperanças de entender o inglês antigo dos textos. Mas a maneira como o som de sua voz fluía até ela, a envolvendo fortemente, claramente, lindamente, hipnotizava a jovem garota que acreditava que ele estava em um pedestal ao lado de Adonis. As vezes ele trazia papel e rascunhava a menina contra uma vinha e as montanhas que se erguiam como torres atrás dela, capturando a essência de Antígona e de seu belo país.

Se Kristiakis ou seus tios grosseiros tivessem a mínima ideia de que Antígona estava se encontrando com um homem, sem um acompanhante, um estranho e um *estrangeiro*, ela teria problemas. E então, ela saía, sem ser vista, talvez vista por um ou outro bode, e ia encontrar o Sr. Leslie como que por acaso em um local discreto e isolado. A jovem Antígona estava irremediável e profundamente apaixonada...

Capítulo 8. Manhã de domingo

Nem o lugar, nem a ocasião eram então propícios.

Macbeth, Ato I, Cena VII

O conteúdo da caneca esfriava sobre a mesa, a espuma do leite lentamente dissolvendo dando lugar a uma tampa branca e pegajosa em forma de crescente. Diana sentada em sua mesa de estudos parecia perdida em seus pensamentos. Mais cedo, a sala ensolarada parecia chamá-la. Conforme ela escorregava para a cadeira confortável e familiar, ela abriu um caderno, pegou sua caneta e em alguns minutos a história já a tinha absorvido completamente. Ela escrevia rapidamente. Ela sentou-se lá por mais de três horas conforme folha após folha ficavam cobertas com sua caligrafia. Enquanto as palavras viam rápidas, Diana percebeu que quase tinha dificuldade em manter o ritmo. Para ela, escrever era como largar uma criança em um grande mundo. A criança era concebida com amor e trazida à vida com a mais angustiante dor do parto. Depois de semanas e meses cuidando até virar adolescente, ela estava finalmente moldada para a maturidade.

Não obstante e mudança de gênero, Diana sabia que esse livro seria diferente. Para começar, Diana sentia que todos os seus personagens estavam em volta dela com cor e forma. Ela poderia esticar os braços e quase tocar e senti-los. Conforme seu lápis arranhava o papel, eles marchavam quase sem fazer esforço pela página. Ela tinha o início de uma trama formulada em sua cabeça, mas ela estava basicamente trabalhando em uma multiplicidade de pequenas histórias que ela havia reunido com os moradores da vila. Partes de histórias, pedaços de fofocas e rumores, todos frouxamente costurados juntos e que ela eventualmente transformaria em fios de algodão coesos.

Alguns dias ela não conseguia escrever muito. Ela se encontrava lutando para conseguir colocar os contos nos lugares certos de seu romance não terminado. Outros dias, os dias de outro, ela conseguia ver a história se mostrando como uma estrada iluminada que chegava até o melhor final. Diana pausou sua escrita para olhar seu relógio de pulso. Com um som exasperado, ela colocou seu lápis de volta na mesa e notou seu café. Para onde tinha ido o tempo? Parecia ter somente cinco minutos que ela tinha entrado em seu escritório para escrever algumas ideias. Era quase hora de se arrumar para ir ao almoço de domingo na taverna local. Ela tomou um gole da caneca com café. Eca, estava feito gelo e ela já não queria mais café nesse tempo quente, de qualquer forma. Diana conseguia vagamente lembrar-se de Steve trazendo a caneca para ela. Ele ficaria irritado com ela, dizendo que ela ficaria muito desidratada e acabaria doente por não beber líquidos o suficiente. Não que café fosse hidratante, mas ele estava certo sobre seu consumo de líquidos. Ele também estava preocupado desde que ela tinha desmaiado espetacularmente na praia. Agora, o que tinha causado o desmaio? Ela raramente ficava doente e só conseguia explicação no sol forte demais junto com a cidra e o choque do que Bernard disse a eles sobre Leslie.

Leslie. Como o nome daquele homem continuava a aparecer na sua mente. Não era difícil avaliar a antipatia que ele causava entre seus amigos e vizinhos. Pessoalmente para Diana, Leslie não tinha dado grandes motivos para reclamar, somente uma irritação por causa dos outros. Houve dois pequenos incidentes. Diana estava sentada perto de Leslie durante uma reunião para discutir os fundos do grupo de teatro, ou melhor, a falta de fundos do grupo. A princípio, Diana pensou ter imaginado sua coxa

pressionar levemente contra a sua como se por acidente. Conforme passou o tempo, ela mexeu-se incomodada em sua cadeira. De novo, ela sentiu sua perna, só que dessa vez com um pouco mais de pressão. Com uma risadinha para si mesma, ela moveu-se em sua cadeira para o mais longe que podia e durante o intervalo trocou de lugar. Ela ficou aliviada quando ele não tentou segui-la. A segunda vez tinha sido em uma festa. Ela se lembrava que ele tinha tentado beijá-la. Ela tinha achado que era porque ele provavelmente estava um pouco bêbado. Sendo cruel, ela poderia dizer que ele era um pouco ridículo, mas certamente só um homem velho o suficiente para ser seu pai.

Um barulho inesperado do rádio a tirou assustada de seu devaneio. Um minuto ela estava sentada em relativo silêncio e no outro ela quase pulou da cadeira quando Dire Straits tocava seu hit, *Sultans of Swing*.

'Mas que diabos?', ela disse para si mesma enquanto se recompunha e diminuía o volume do rádio para algo menos agressivo para seus tímpanos. Como aquilo aconteceu? Teria sido um pico de energia? Ela mencionaria o caso para Steve, ele provavelmente teria alguma ideia.

Diana lembrou-se de algo que ela tinha pensado enquanto estava deitada completamente acordada em sua cama. Ela tinha que escrever na história! O assassinato era brutal e ela achava que conseguiria acobertá-lo com uma pista falsa. Ela virou a página de seu caderno e escreveu algumas linhas, ela sabia exatamente quem ela iria matar.

O tempo estava ficando curto agora, ela sabia que devia começar a se organizar. Primeiro, ela precisava de um copo de água. Diana arrumou seus manuscritos, já que ela era muito supersticiosa sobre deixar outras pessoas lerem seu trabalho ainda em andamento, e correu escada abaixo. Quando ela andava em direção a cozinha, ela encontrou sua irmã Elaine entrando pela porta da frente.

“Phew! Era incrivelmente quente!”, Elaine exclamou. “Quente demais para sentar do lado de fora e pintar, realmente”.

Ela tirou um grande chapéu de palha de sua cabeça e balançou seu cabelo encaracolado, curto, loiro e ainda molhado. Elaine tinha uma mancha comum de tinta em uma de suas bochechas e Diana lembrou-se por um momento de “*Os bebês d'água*” de Charles Kingsley. Tom, o limpador de chaminés, sempre tinha manchas de fuligem em seu rosto e mãos. Elaine colocou seu cavalete e caixa de pinturas no chão e limpou o suor de sua testa. “Eu não sei como você consegue. Sentar lá fora horas por dia com todo esse calor. A propósito, você tem tinta na bochecha de novo”, ela disse sorrindo para sua irmã.

Elaine olhou para seus reflexo no espelho e fez uma careta. Ela era mais baixa que sua irmã Diana, mas tinham rostos parecidos.

Ela estava ficando com Diana e Steve. Originalmente, ela vinha passar quinze dias de férias, mas empolgada pela incrível paisagem da bela ilha, ela ficou. Até agora, Elaine tinha pintado um bom número de telas e tinha quase o suficiente para outra exposição em seu eventual retorno ao Reino Unido. Recentemente, Diana perguntou a sua irmã quais eram seus planos para o longo prazo. Elaine parecia descompromissada; ela tinha feito bons amigos aqui, tanto estrangeiros quanto boas amigas cipriotas. Ela tinha acabado de receber o papel do divórcio de seu casamento de mais ou menos vinte anos e se sentia insegura sobre o que realmente queria fazer com sua liberdade recém-descoberta. Steve e Di estavam perfeitamente de acordo com relação a dar apoio à ela, mas agora, quatro meses depois, Steve tinha uma vaga suspeita de que eles estariam deixando tudo muito confortável para ela. Quatro meses das originais duas semanas que ele considerava tempo bom o suficiente.

Elaine esfregou seu rosto com um lenço umedecido. “Oh, o calor está ok. Eu acho que depois de um tempo você não nota mais. Além disso, hoje eu consegui sentar sob uma particularmente grande vinha e a sombra estava ótima. Aqui, Di, o que acha disso?”, diferente de Leslie com sua arte moderna, Elaine era conservadora com suas paisagens. Ela segurou seu grande caderno de rascunhos para Diana examiná-lo.

Houve uma pausa enquanto Diana observava a pintura que Elaine segurava à sua frente. Ela não sabia o que dizer.

“E aí? Não gostou? O que tem de errado?”, Elaine notou a reticência de Diana e virou o caderno para si para olhar a figura ela mesma.

Diana deu um passo para longe da figura; ela sentiu seu couro cabeludo formigar e seus cabelos se arrepiarem em sua nuca. Ela conseguiu sentir o sangue deixar seu rosto. Ela não queria olhar para a figura. Elaine tinha capturado a paisagem rural por completo. Uma vista panorâmica de pequenos campos de vinhas e oliveiras chegando ao leito do rio. Uma casa de pedra em ruínas estava aninhada em um bosque de frutas cítricas sombreado junto a um burro que pastava próximo. Deveria estar perfeito – exceto por um detalhe. Por que Elaine tinha pintado um pequeno corpo grotescamente estrangulado nas raízes de uma oliveira nodosa? Todos os membros pareciam estar torcido e destorcidos em agonia. E por que ela tinha pintado o corpo em vermelho vivo?

“Oh, meu Deus!”, ela se ouviu sussurrar.

“O quê? Certamente não está assim tão ruim? Eu pessoalmente achei que foi um dos meus melhores”, Elaine disse um pouco ofendida. Ela o estendeu à sua frente com os braços bem esticados. “Bom, mas se você não pensa assim”.

“Não, não é isso. Eu só me perguntei por que você pintou aquela – aquela figura nela, daquele jeito. É horrível!”, Diana finalmente arfou. Ela estava tremendo e a recente sensação de náusea havia voltado.

“Que figura? Sobre o que você *está* falando? Você está me gozando?”, Elaine perguntou irritada e olhou para sua irmã. Ela pausou observando a cor da face de Diana. Havia preocupação em sua voz quando perguntou, “Hey, você está bem? Você está meio esquisita”.

Engolindo à seco, Diana empurrou de volta a ânsia de vômito e forçou-se a olhar a imagem uma vez mais. Ela viu o céu azul impecável, os vastos campos verdes, a pequena casa nas árvores e o velho burro marrom com aparência empoeirada. *Não* havia nenhum corpo jogado sofrendo uma dor torturante ou coberto de sangue. Será que ela havia imaginado? Como na terça passada no ensaio com o script to Leslie. Quando ele o jogou irritado em cima do colo de Alicia, ela teve certeza de que parecia estar quase *escorrendo* sangue. Ela estava ficando louca? Um choque de pânico passou por ela.

“Você parece um pouco fraca. Vamos, sente-se por um momento”, Elaine guiou uma Diana aturdida pelo braço até uma cadeira. “Aqui. Está melhor? Steve está certo, você tem feito demais ultimamente. Noites demais acordada até tarde e escrevendo por horas nesse seu novo livro. Você precisa de uma pausa, além disso, você já passou dos quarenta”. Elaine terminou com o que Di suspeitou ser um tom presunçoso.

Di teve que rir ao tirar seu cabelo grudado de seus olhos; Elaine era a pessoa certa para falar de trabalho. Ela quase nunca estava sem um pincel em sua mão quando estava inspirada e adorava esfregar o fato de ser a irmã mais nova.

Sentada e olhando claramente a figura, ela percebeu que era perfeitamente normal. Era uma paisagem bonita com absolutamente nada de sinistro nela. Todo o incidente a fez se sentir ridícula. Ela lembrou-se da outra noite; o script do Leslie provavelmente foi um efeito da luz também. Se não fosse o caso, ela precisaria ver um oftalmologista.

Di riu constrangida antes de responder, “Estou bem, mas você está absolutamente certa. Tenho me sentido bastante exausta ultimamente. Nós temos saído demais, especialmente a noite. Uma boa vida social é muito bem vinda, mas não se te deixa cansada o tempo todo e com esse tempo quente também. Phew!”, ela repetiu o gesto com o cabelo e levantou-se para olhar novamente para o caderno.

“Desculpa; é uma ótima pintura. Você capturou essa parte do país muito bem”.

“Mmm. Eu achei que essa árvore não está muito certa. Eu vou voltar e fazer mais amanhã. Eu não tenho tempo agora, tenho que dar um pulo em Limassol para encontrar um amigo e eu tenho que tomar banho primeiro. Quer vir para dar uma volta?”, Elaine disse a última frase com tom relutante.

“Não, obrigada; você se lembra de que vamos a taverna da vila para o almoço de domingo; a maior parte do pessoal vai estar lá. Depois, eu realmente preciso sair e me exercitar. Eu fiquei muito tempo sentada essa semana escrevendo. Olhe esse short, está apertado demais!”, ela fez uma careta para si mesmo pelo espelho atrás da irmã. “Está certamente virando 'o meu bumbum parece muito grande' desse jeito! Eu provavelmente estou bebendo muito vinho tino. O problema é que é barato e agradável e é mortal em me fazer ganhar peso. Por que está indo para Limassol e que horas acha que deve estar de volta?”

“Ah, nada de mais”, Elaine disse aérea. “Estarei de volta bem antes do jantar. Não que você vá querer algum depois de um farto almoço de domingo na vila. Te vejo mais tarde então”, ela carregou seu material de pintura pela escada para seu quarto.

Diana deu de ombros. Quando criança, Elaine sempre foi um pouco desligada e reservada. Por que ela faria todo o caminho até Limassol em um domingo, por Deus? Talvez ela estivesse saindo com alguém. Bom, *isso* seria bom para ela.

Ela andou pelo lado de fora a procura de Steve e o encontrou lendo na varanda. Ele tinha uma grande jarra de água e um copo a sua frente. Di bebeu um pouco do seu copo, beijou o topo de sua cabeça e sentou-se na cadeira oposta a dele. “Oi, querido”.

Steve olhou para cima e sorriu um sorriso preguiçoso para ela, seus olhos azuis profundos amassados em sua pele morena de sol. Mais uma vez ela lembrou-se do quão belo ele era.

“Eu suponho que não esteja a fim de uma caminhada depois do almoço?”, ela perguntou.

“Oi você, sexy. Uma caminhada? Bom, é uma boa ideia. Eu estava lendo minhas falas e tenho que dizer que tudo é um pouco intimidador. Não, na verdade é assustador! Macbeth é um grande papel para interpretar. Muito maior que qualquer coisa que eu tenha feito antes. Olhe isso, ato um, cena sete. *'E feito fosse quanto fosse feito, seria bom fazermo-lo de pronto'*. Esse é o início de uma dúzia de longos monólogos só do barão! E se eu não aprender tudo a tempo?”

Diana riu de sua aparência preocupada. “Ah, você vai. Não se preocupe. Você é brilhante para gravar falas e, além disso, eu vou te ajudar e nós podemos passar as cenas juntos. As poucas que temos juntos, de qualquer forma”.

“Obrigada. Deus, a hora é essa mesmo? É melhor nos arrumarmos e andar logo até o Costa. Sim, sua ideia de um exercício para o coração é excelente e nos fará bem. Devemos ir até o rio para variar? É certo estar mais fresco sob as árvores e podemos desgastar o almoço. Talvez vejamos alguns pássaros interessantes também”;

Diana pareceu um pouco perturbada, o rio era onde Elaine esteve trabalhando e ela lembrou-se de sua reação à pintura. “Eu não sei. É um caminho longo e no fim é só subida. Vamos ver, podemos decidir isso depois”.

“Ok então, contanto que não desista. A propósito, Di, o que foi aquele barulho todo vindo da casa do Leslie e da Sonja mais cedo. Era uma briga feia com gente gritando e portas batendo”.

Diana olhou para Steve com uma expressão confusa e balançou a cabeça. “Eu não ouvi nada, mas também eu estava imersa no trabalho”;

Steve olhou surpresa para a negativa de Diana. “Mas, Di! Você tem que ter ouvido! Eu não conseguia me concentrar, soava como se alguém estivesse sendo assassinado”.

Capítulo 9. Tarde de domingo

É um punhal que vejo diante de mim com o cabo em minha direção? Vem, deixa-me agarrar-te. Ainda não estás em minhas mãos, mas estou sempre vendo-te.

Macbeth. Ato II, Cena I

Sem pressa, os que caminhavam chegaram ao topo da colina pelo caminho poeirento e pararam para uma pausa bem vinda. Ofegando pela exaustão, o suor brilhava e escorria por suas faces.

“Graças a Deus que não é domingo de manhã em dezembro ou os caçadores locais iriam estar em polvorosa com suas espingardas e eu não gostaria de ser seu alvo. Eles são particularmente bons em errar seus pássaros e acertar um ao outro, sabe”.

Steve secou seu rosto com a barra de sua camisa branca enquanto Diana fez uma careta ao pensar que teria que lavá-la. Estava rapidamente se transformando em um pedaço de pano com tons de cinza e coberta com manchas amarelas de suor. Homens!

Irritada, Di virou-se para observar a vista que daqui era impressionantemente bonita. Esquecendo sua onda de irritação de antes, ela relaxou e deixou escapar um suspiro de alívio. Quase toda a colina era coberta com vinhas que tinham se estabelecido em campos elevados feitos na ocupação romana. Antigas paredes de calcário branco que emolduravam os terrenos das famílias; enquanto abaixo, o vale mergulhava em um rio claro que corria salpicado por pedras lisas que brilhavam com manchas de granito. O lado mais distante do vale subia uma outra encosta íngreme pontilhada de pinheiros, abetos e arbustos espinhentos, enquanto os estranhos choupos forravam a parte de baixo do vale. As colinas mais distantes eram uma mistura de vegetação selvagem, mato esparso, árvores cítricas, alfarrobas e vinhas; uma topografia interminável de colinas íngremes e vales escuros que eventualmente levavam até o plano mais baixo e mais fértil antes de parar sua terra marrom-alaranjada ao alcance do grande e brilhante mar. O fim de tarde tinha trazido sua própria beleza. Uma brisa suave vinda do sudoeste sussurava pelas vinhas que logo iriam adquirir o reluzente tom do outono. Dourado pálido escurecendo até vermelho escuro com uma dose do brilho de milhares de teias de aranha tecidas nos arbustos mais baixos. Agora, as sombras do sol descendente se esticavam longas e baixas, raspando no topo dos cedros que cercavam as colinas a oeste, trazendo tons mais escuros de azul e roxo pelo vale.

Diana ofegou e Steve virou-se para ver o que chamdou sua atenção enquanto ela estava olhando os campos e além deles.

“Olhe lá! Certamente não pode ser? Parece um par de águias”.

Steve seguiu seu olhar aguçado correspondendo a sua excitação. Ela raramente estava errada em se tratando do mundo natural. É claro, havia dois pássaros enormes voando sobre o topo das colinas mais altas. Com grande eficiência eles pareciam deslizar com as correntes de ar, suas enormes asas esticadas enquanto dançavam juntos quase tocando ponta de asa com ponta de asa.

“Uau! São as primeiras que vemos desde que chegamos aqui. Que incrível. Não são maravilhosas? Oh, eu amo esse país lindo. Não se sente privilegiado de tê-las visto?”

Steve concordou em silêncio enquanto observava os pássaros. Um pequeno sorriso de prazer tocou seus lábios enquanto ele absorvia as acrobacias a muitos metros de distância acima de suas cabeças. Juntos eles assistiram ao perfeito espetáculo até que o par mudou de direção e foram embora em direção

aos penhascos mais altos das Montanhas Troodos.

Diana soltou um suspiro de completo contentamento, o arrebatamento de um sorriso trouxe uma beleza repentina para sua face. “Que maravilhoso. Que sortudos nós fomos de tê-los visto antes de irem embora. Será que irão passar o inverno aqui?”

Steve concordou que tinha sido magnífico e sugeriu que Elaine, como uma artista que celebrava a vida selvagem, acharia interessante. Ela poderia usar o plano de fundo das colinas e reproduzir na tela o que eles testemunharam.

“Que fim maravilhoso para outro dia perfeito no paraíso”, Di sorriu usando o clichê.

Diana virou-se para continuar andando e parou. “Oh, olhe! Botões! Que curioso. Três, não, quatro deles. Quem poderia ter perdido quatro botões de uma vez só? Não há sinal de roupas”. Ela olhou em volta perplexa e então deu de ombros. Não era nada, de verdade. “Vamos continuar. Estou morrendo por uma xícara de chá. Eu acabei com toda a água da minha garrafa”. Ela a sacudiu pesarosa.

Mais uma vez ela começou a andar pela trilha que iria levá-los eventualmente de volta a sua casa na vila de Agios Mamas. A vila era uma maravilhosa coleção de casas de pedra cor de creme empoleiradas precariamente e de forma confusa no topo de uma colina, de ambos os lados da cabeceira do vale que daria por fim no mar. As pistas para os burros agora pavimentadas conectavam as habitações que haviam sido abandonadas nos anos sessenta e setenta quando a geração mais jovem de ricos pais produtores de uvas decidiu se dirigir para atrações mais modernas e excitantes nas cidades.

Os donos cipriotas estavam agora redescobrendo as casas “abandonadas” e trabalhos de renovação estavam começando a reivindicar as casas desgastadas de seus muitos anos de negligência. Agora, visitantes desta vila e de outras não podiam deixar de notar os quintais sombreados e as escadas em espiral meio escondidas atrás de portões e entradas bem ornamentados. As cores dos vasos de flores e de palmeiras juntavam-se criando um incrível cenário de buganvílias em cascata, vibrantes bela-emílias azuis, jamins perfumados e gerânios com perfumes almiscarados. A maravilhosa simplicidade dos alojamentos de pedra e a paz e tranquilidade criavam um lugar que poucos não desejariam retornar. Steve e Diana tinham esbarrado nele por pura sorte, depois de procurarem por boa parte do mundo por um lugar apropriado para viver.

Em uma visita ao Chipre, ambos concordaram que o país com suas regras mais relaxadas poderia ser o lugar perfeito para viver. Eles encontraram uma grande e confortável casa com uma vista fabulosa a frente deles. Aqui, eles perceberam, Steve poderia seguir o seu trabalho para a companhia cuja maior parte pertencia a ele e Diana poderia encontrar inspiração e motivação para o que ela mais gostava de fazer: escrever.

Agora, enquanto ela meio que saltitava de volta para casa, ela sentia a inspiração correr por dentro dela. Ela sentia o início de um novo capítulo efervescendo, esperando para borbulhar em palavras...

“Di”.

Ela não o ouviu; estava envolvida no que estava pensando.

Steve chamou com mais urgência. “DIANA”.

Ela parou meio virada para trás para olhar para Steve. Ele ainda estava parado no limete da trilha. Ele não estava olhando em sua direção, mas para o lado, para baixo na direção dos vinhedos abaixo.

“O que?”

Ele finalmente virou-se para encará-la, uma expressão preocupada em seu aspecto normalmente calmo.

“O que é? Qual é o problema?”. Algo em sua voz e jeito tenso fez com que Diana refizesse seus passos para onde ele estava. Ela tocou seu braço preocupada. “Querido?”

“Olhe”, ele apontou com alguma agitação para o solo, além da beirada do penhasco.

Diana deu outro passo para ficar mais perto e imediatamente ficou séria. Ela olhou para baixo, além do penhasco para o chão plano lá embaixo. No mesmo momento, ela pressionou ainda mais seu aperto no

braço dele.

“Oh, não!”, ela arfou. “Alguém está lá embaixo, deve ter caído!”

Steve lançou para ela um olhar exasperado enquanto ela dizia o óbvio.

“O 'alguém' está claramente inconsciente ou...”, ele deixou a frase interminada e Di olhou alarmada para ele.

“Olá? Olá? Você está bem? *Einai endaxi?*”, ele fez conchas com as mãos em volta da boca conforme gritava para a pessoa lá embaixo. Não houve resposta.

“Nós deveríamos dar uma olhada mais de perto. Pode não ser nada, alguém tirando a sesta e dormindo depois do almoço ou talvez sofrendo de muito vinho local”, Di arrastou seus olhos até Steve. Ele não soava muito convincente.

Juntos eles procuraram em volta por um caminho seguro até lá embaixo. Não foi fácil. A encosta era muito íngreme e as arestas eram macias e quebradiças. Seria muito fácil escorregar e cair. Depois de alguns minutos, eles encontraram uma brecha nos arbustos espinhentos que cobriam a encosta e desceram por uma pequena trilha improvisada.

Tendo certeza de que Di estava atrás dele, Steve lentamente aproximou-se da pessoa deitada no chão com certa apreensão. Ele poderia estar extremamente bêbado no fim das contas. Pelas suas roupas e sapatos, Steve rapidamente depreendeu que seria um homem. Ele estava meio escondido pelos galhos dobrados e quebrados a sua volta. A terra solta perto dele claramente indicavam que ele havia tropeçado. Sua face estava escondida por um chapéu de palha que tinha escorregado para frente para cobri-la. Conforme Steve se aproximava do homem de novo com cautela, ele o chamou e perguntou se precisava de alguma ajuda. Quando não houve resposta, ele removeu alguns dos pedaços de terra e empurrou para trás alguns galhos quebrados. Chocado, ele exclamou.

“Bom Deus, é o Leslie!”

“Leslie?”, Diana moveu-se para mais perto de Steve e tentou olhar por sobre seu ombro. “Ele está inconsciente? Ou ele está... hm?”

“Eu não sei. Está escuro debaixo desses galhos e entulhos e difícil de ver. Fique exatamente onde está por um momento”. Houve uma pausa. “Ele certamente quebrou sua perna esquerda, julgando pelo ângulo esquisito que ela está dobrada. Só um minuto, eu terei que mover mais alguns desses galhos e pedras para o lado. Não é fácil; ele espetam demais. Ai! Eu não consigo chegar a ele facilmente”.

“Posso ajudar?”, ela disse.

“Não. Fique onde está”.

Puxando galhos e pedras para fora do caminho, Steve eventualmente conseguiu chegar perto o suficiente para abaixar-se e agachar ao lado de Leslie. Gentilmente, ele avançou em sua direção, empurrando para o lado a gola da blusa de Leslie e seu cachecol vermelho para sentir a pulsação. Quando fez contato com a pele de Leslie, Steve sacudiu sua mão para longe como se tivesse sido picado.

Ele gritou sem acreditar e todo seu corpo recuou para longe do corpo reclinado de Leslie. Endireitando-se, ele virou-se para Diana. Sua face tinha ficado completamente branca e ele parecia atordoado com o choque.

“Não olhe! Fique longe!”

“Por que? Qual é o probl...?”, sua voz morreu assim que ela olhou por trás de Steve olhando a cena a sua frente. Um tremor correu por seu corpo conforme ela percebia o que estava vendo. Ela virou seu olhar de horror para seu marido, sua boca em formato de 'o'. Bile veio até sua garganta e ela lutou para mantê-lo por lá.

“Steve!”, ela arfou, lutando para para o grito de pânico que ameaçava tomar conta dela.

“Ok, querida, só respire fundo. Não olhe de novo. Não é muito legal”.

“Mas Steve!”

“Eu sei. Calma, calma”, ele a puxou para si a envolvendo na segurança de seus braços. Ambos

estremeceram. Diana enterrou seu rosto no ombro de Steve. Steve criou coragem para olhar de novo para Leslie. O lado da cabeça de Leslie virado para o lado oposto ao deles estava coberto de sangue. Leslie obviamente tinha batido sua cabeça violentamente durante sua queda. Suas feridas eram terríveis. Mas, infelizmente, não era tudo.

Eventualmente, o estremecimento e a respiração de Diana se acalmaram.

“Pobre homem. Que terrível! Oh, Steve, é tão terrível”, ela sussurrou, sua face um borrão pálido ao seu lado. “Como ele pode ter caído e isso ter acontecido? Ou ele foi empurrado? E quem poderia ter feito...?”

“Eu não sei, mas as bordas da trilha são macias em algumas partes. Eu me pergunto por quanto tempo ele está jogado aqui. E, oh, Deus, quando e quem fez isso?”, parecendo ele mesmo horrível, ele indicou o corte profundo em volta do pescoço de Leslie. Tirando seu braço de perto de Diana, ele abaixou-se em direção a Leslie. Ele hesitou conforme o alcançava, cada vez mais perto, como se ele não quisesse realmente tocar o corpo.

“Ele não parece frio, mas hoje foi extremamente quente. Seu corpo não está duro. Acho que quer dizer que não está morto há muito tempo”.

Steve removeu o chapéu de palha maltratado e machado da face de Leslie. A cabeça de Leslie tombou para frente em direção ao seu peito. À primeira vista, Leslie pareceu estar usando um cachecol vermelho brilhante. Mas não era um cachecol. Era o sangue do Leslie congelado até virar uma gosma pegajosa em volta de seu pescoço. Já estava atraindo muitas moscas varejeiras. Steve abanou sua mão em frente ao rosto de Leslie. Ver as moscas e o seu significado era revoltante.

“Eu nunca vi alguém que foi morto antes, ainda mais alguém com feridas como essas. Quem pode ter feito isso? E que faca usaram?”, assustada, Diana olhou rapidamente em volta como se ela fosse de repente encontrar uma adaga ensanguentada meio enterrada na sujeira.

Steve parou engolindo a seco antes de respondê-la. Ele parecia estar se concentrando muito para não vomitar. “Tem uma quantidade muito grande de sangue”.

“Sim. Pobre, pobre homem. Nós precisamos fazer alguma coisa. Você sabe, alertar as autoridades e Sonja. Oh! E a Sonja?”, Di sussurrou a pergunta quando percebeu a grandeza da situação na frente deles. Deixando de lado sua aversão, ela ajoelhou no chão e tomou as mãos de Leslie nas suas.

“Deve ter sido horrível cair do penhasco e não ser capaz de se levantar”, ela murmurou em lágrimas enquanto olhava para Leslie.

Steve agachou-se novamente ao lado dela e seguiu seu olhar. “Ele quebrou a perna e não podia se mover. Mas ele foi atacado antes ou depois de cair?”, mesmo a respiração de Steve estava mais normal agora.

Eles se entreolharam aterrorizados. Não era todo dia que se encontrava uma pessoa gravemente mutilada, e alguém que se conhece.

Além disso, não era todo dia que você encontrava alguém com a cabeça quase *separada* do corpo.

Para evitar que desmaiasse ou gritasse de pânico, Diana estava se esforçando para agir sensatamente e com desapego. Ela levantou-se e virou-se para encarar Steve. “Ok. O que vamos fazer agora então? Ligar para as autoridades e chamar uma ambulância aqui embaixo antes que escureça?”

“Eu posso ligar daqui mesmo com meu celular. Vamos esperar que eu tenha sinal. Eu imagino que a polícia vai querer que fiquemos com o corpo. Não soa terrível? '*O corpo*'. Não é mais o Leslie”.

Ele fez uma cara cheia de remorso antes de virar-se para fazer suas ligações. Diana tinha superado o choque inicial depois da descoberta brutal. Ela se fez ficar com Leslie por respeito. Ela imaginava com o pobre homem deve ter ficado aterrorizado antes de morrer. Ninguém merecia morrer em circunstâncias como aquela. Com repulsiva determinação ela estudou o corpo e seu entorno enquanto Steve estava falando ao telefone. Quando ele terminou, ela virou-se para ele com uma expressão confusa em seu rosto.

“Steve? O que é isso na boca dele?”

“O que? O que quer dizer?”

Steve inclinou-se para frente para ter uma visão melhor de onde Diana estava apontando. Os olhos de Leslie estavam abertos, mas havia somente um aspecto vítreo congelado neles. Diana pode jurar que havia terror e pânico naquele olhar. Sua boca estava repuxada como em uma careta ou um grito.

Com um pequeno tremor de repulsa, ela puxou o pedaço de pano que antes havia sido branco, provavelmente calicó descorado, estava agora manchado de marrom avermelhado. “Oh, ele deve ter se mordido. Isso parece sangue. É um pedaço de lenço, o que acha?”

“Diana, você não deve tocar o corpo! Investigação forense e tudo mais”.

“O que? Oh! Você quer dizer que eu vou arruinar a cena do crime. A polícia local realmente *possui* os meios para realizar uma investigação forense? Eu duvido muito. Ok, ok, tomarei cuidado”, ela espalmou as mãos à sua frente para mostrar que não estava nem perto do corpo.

“Sim, é exatamente isso que quero dizer! Não acho que deva interferir em nada. Você sabe como a polícia local é”, ele respondeu com voz exasperada.

“Do mesmo jeito que em qualquer lugar do mundo, eu imagino. De qualquer forma, eu não estou interferindo”, ela negou com veemência. “Eu só estava checando de novo que ele não está mesmo respirando, como você disse mais cedo. O que, claramente, ele não está fazendo e eu encontrei esse pedaço de pano em sua boca. Estranho”.

“Só! Honestamente, Di, vai nos colocar em problemas. Mas, sim, eu concordo com você. É estranho”.

“Muito estranho. Olhe de novo para sua boca e em volta dele. Está machucado, não está? Não concorda?”, ela perguntou.

“Mmm. Talvez”. Steve fez uma pausa como se não estivesse certo de onde ela queria chegar. Sua expressão estava perturbada. Ele agachou-se de novo ao lado de Diana.

“Ele tem marcas nos seus pulsos também. Eles estão azulados com um pouco de vermelho, assim como o machucado em volta de sua boca”, ela sussurrou. “Oh, Steve, eu não gosto disso. É horripilante”.

Di levantou-se. Seu coração estava martelando em seu peito; ela sentiu algo estranho, como se uma mão gélida estivesse rastejando por todo seu corpo. Sua face estava desprovida de cor. Ela olhou em volta aterrorizada. Não um som a ser ouvido. Sem canto de pássaros, ou cigarras ou suspiro vindo das árvores. Tudo estava perfeitamente parado.

Steve levantou-se e passou um braço protetor em volta de seus ombros.

“Horripilante não é a palavra que eu usaria nessas circunstâncias”. Ela deixou escapar um pequeno gemido e Steve apertou seu abraço. “Está tudo bem, querida, é só um corpo morto. Ele não pode te machucar. Não pode machucar ninguém”.

Diana balançou-se e gemeu de novo.

“Sssh. Está tudo bem”, ele murmurou em seu cabelo.

“E-eu sei disso. É só que – bom, estar fora e sofrer um acidente e não ter ninguém para ajudá-lo é uma coisa. Mas um homem louco vir e fazer isso. É horrível, revoltante. E por que ele tem esses machucados? Ele deve ter sido amarrado, até mesmo torturado”, ela levantou seu rosto para encontrar o dele, uma expressão horrorizada em seus olhos.

“Não podemos ter certeza. Não é nosso trabalho. Mas ele já era bastante velho e os mais velhos se machucam com mais facilidade. Olhe, eu não acho que seja saudável tentar adivinhar o que aconteceu. Já é ruim o suficiente termos o encontrado nesse estado. É muito mais sensato deixar a polícia fazer o seu trabalho quando chegarem aqui. Eles vão saber certamente o que houve”, ele esfregou sua nuca para acalmá-la.

“Ok, ok. Mas e se o assassino ainda estiver por aí?”, ela respirou fundo antes de responder sua pergunta. “Provavelmente estou deixando minha imaginação correr solta; imagino que já esteja longe há

muito tempo. Mas e a Sonja?”

Nenhum dos dois estava gostando de pensar em falar com a mulher de Leslie o que tinham descoberto, mas será que as autoridades teriam discrição e compaixão suficientes para contar?

~~

A luz do fim da tarde estava sumindo rapidamente quando polícia chegou com seus carros quatro por quatro.

Steve não precisava ter se preocupado em notificar Sonja, já que ela os acompanhou até a cena do crime. Sonja pulou para fora do carro e correu para onde estava o corpo de Leslie.

Na luz escassa, Steve e Diana não conseguiram ler sua face. Ela olhou por um longo tempo para o corpo que uma vez fora de seu marido. Ela olhou para onde os dois estavam esperando em silêncio. A mão de Diana estava firmemente apertada na mão quente de Steve.

O rosto de Sonka parecia velho e esquelético, muito mais velho que seus cinquenta e três anos. Ela olhou firmemente para eles antes de dizer com seu leve sotaque escocês. “Que horas vocês o encontraram? Tinha mais alguém com vocês?”

Steve respondeu dizendo que tinha sido pouco depois das quatro.

Sonja assentiu com a cabeça. “Típico. Não morreria em sua própria cama, morreria? Como sempre, tinha que ser algo dramático para ele. Mesmo no fim”, sua voz soava estranha através da clareira, rarefeita e solene. “Ele perdeu seu anel”, ela sussurrou.

“O que?”

“Seu anel, não está aqui. O anel de escaravelho de ouro com lápis-lazúli. Eu comprei para ele quando nos casamos. Comprei de um ourives no Cairo. Ele não está usando. Ele sempre o usava”, sua voz soava como se estivesse incomodada, confusa. Ela virou-se com uma exclamação. Sem mais uma palavra, ela andou em direção ao policial cipriota que estava de um lado falando ao telefone. Ela trocou algumas palavras com ele, deu de ombros, sacudiu a cabeça. Pareceu ter passado somente alguns minutos antes de ela sair, movendo-se rija colina acima para dentro da escuridão que descia em direção a sua casa.

Steve e Di se entreolharam em silêncio chocados. Sonja era um pouco estranha, mas eles não estavam preparados para uma reação como essa. Nenhuma inundação de lágrimas ou qualquer outro sinal de luto. Se não fosse pelo seu rosto tenso e voz cansada, eles diriam que ela parecia não ligar de um jeito ou de outro.

Capítulo 10. Noite de domingo

*Era a coruja que estava piando, fatal vigia que deseja os mais sinistros boas-noites.
Macbeth. Ato II, Cena II*

Uma rajada de vento rodeou a colina fazendo Diana estremecer em sua blusa fina. Uma noite de luz da lua preto azulada envolvia o pequeno grupo de pessoas reunidas no vinhedo. As primeiras estrelas apareceram como pequenas manchas prateadas no vasto céu acima, enquanto morcegos esvoaçavam silenciosamente em volta de suas cabeças. Não estava realmente frio, só um vento fresco. Steve notou que ela estremeceu e achou que ela estivesse sofrendo de um ataque retardado de choque e que uma bebida poderia ajudar. A ele também, para ser sincero.

Ele a abraçou forte e murmurou em seu ouvido. “Você está bem, querida?”

Ela o ofereceu um sorriso pálido. “Estou bem, de verdade. Só estou cansada. Foi tudo que aconteceu hoje e a polícia parece estar enrolando um pouco. O que eles estão *fazendo* além de falar? Eu ficarei muito feliz quando eles finalmente disserem que podemos ir. Eu imagino que estejam demorando tanto por causa de como ele morreu”.

Ele concordou e estava prestes a dizer que iria tentar descobrir o que estava impedindo a polícia de deixá-los ir para casa quando o homem que estava no comando o antecipou.

Inspetor Andreas Christopodoulou andou até eles e juntou à Steve e Diana. Quando ele virou-se para falar com Steve estava óbvio em seu jeito confiante que ele achava que já tinha coberto tudo.

Ele não perdeu tempo para ir direto ao ponto, dizendo que depreenderam que alguém obviamente tinha atacado Leslie quando ele saiu para caminhar. O agressor tinha usado uma faca para cortar sua garganta. Leslie tinha ou caído ou sido empurrado do penhasco para o vinhedo em desuso abaixo. O policial tinha certeza de que isso resolvia tudo, até onde lhes dizia respeito; ele agradeceu os dois pela ajuda e declarou que estavam agora livres para ir. Ele iria falar com eles de novo pela manhã.

Steve e Diana ouviram em silêncio enquanto o homenzinho pomposo concluía sua explicação com um rápido esfregar de mãos como forma de despedida. Di olhou brevemente para Steve que *sabia* o que ela iria dizer em seguida.

“E o machucado em sua boca? E eu tenho certeza de que notou as suas mãos”, ela deixou escapar.

O policial lançou a ela um olhar soberbo. “Oh, tenho certeza de que não é nada. Ele provavelmente bateu em algum lugar enquanto caía. O machucado é pequeno, de novo a queda. E ele, é claro, é mais velho. Eles se machucam com mais facilidade. Ele, na verdade, tem mais arranhões que machucados. Os arbustos, você entende?”

Os olhos do inspetor brilharam de irritação com a intromissão da mulher.

“Nós temos tudo sob controle”, ele continuou. “Nós passamos tempo suficiente aqui esta noite. O resto será deixado para os médicos forense”. Ele olhou para seu relógio de pulso.

Steve sabia que o time de futebol do Chipre estava jogando um amistoso com um time europeu aquela noite. Era um jogo de aquecimento para o início da temporada. Ele cinicamente decidiu que ele

sabia exatamente onde estava o real interesse do policial.

“Sim, mas seus punhos parecem ter sido amarrados juntos. Eu sei que é seu trabalho e que você provavelmente sabe mais que eu, mas eu–”, ela fez uma pausa e olhou para Steve por apoio. “Nós estávamos preocupados com tudo isso”. Steve quase conseguia sentir a irritação do inspetor aumentar.

Os olhos do inspetor se estreitaram. Steve reconheceu antagonismo no rosto do pequeno policial. Ele estava agindo tipicamente como alguém que não conseguia suportar gente intrometida; ainda mais uma mulher. Steve sentia pena dele, de verdade. Di podia ser como o clichê do cachorro que segura no osso quando algo a está perturbando. Ele sabia que ela não iria deixar para lá tão fácil. Além disso, ele tinha sua própria suspeita de que ela planejava algo.

“Senhora Diana. Eu tenho certeza de que tem boas intenções para com os interesses da vítima, mas deixe-me assegurá-la de que nós realmente sabemos o que estamos fazendo aqui. Nós sabemos mais. Agora, se você quiser deixar suas informações com o sargento – ah, nós já as temos – no caso de precisarmos entrar em contato com você novamente hoje a noite, e eu realmente duvido disso, você está livre para ir. Vá para casa e dê a janta de seu marido”.

Ele sorriu para ela um sorriso que transmitia presunção, indulgência, chauvinismo e despesa ao mesmo tempo. Di abriu a boca para protestar. Steve adivinhou o que estava se passando em sua cabeça. Ela estava pensando sobre o pedaço de pano manchado de sangue que ela encontrou alojado na boca de Leslie. Ela não o havia mencionado ainda.

Steve teve que intervir. Morrendo de medo de Di mencionar o material e então eles estariam com muitos problemas por terem contaminado a cena do crime ou o que quer que a chamassem hoje em dia, ele pegou sua mão deu um puxão disfarçadamente.

“Querida, o inspetor está certo. Eu acho que devíamos sair e deixar a polícia terminar aqui. Provavelmente é uma boa ideia irmos para casa agora. Está ficando tarde, você está cansada e tem trabalhado demais e não tem estado muito bem nos últimos dias. Vamos”.

Di desembarçou seu braço e deu a ele um olhar de implacável determinação que fez o coração de Steve parecer ter desabado até a sola de sua bota. Oh, Deus, dê-lhe forças! O que ela fará agora?

Ele sufocou um suspiro de alívio quando duas outras figuras saíram da escuridão e se aproximaram do inspetor por trás.

“Inspetor, *sinomi parakalo* – licença, por favor”.

O policial diminuto virou-se para trás com mal disfarçando sua irritação. Ele reconheceu Dra. Helena Sergio, uma médica legista forense de Nicosia. O outro era o sargento de polícia, Yiannis Loukiades.

A mulher tinha por volta de trinta anos, bonita e, pior de tudo, uma mulher com alguma importância. O inspetor não conseguiu deixar de expressar um rude som de irritação conforme a mulher o levava para o outro lado do campo. Sargento Loukiades ofereceu a Steve e Diana um pequeno sorriso de arrependimento, como se ele soubesse o quão desagradável e arrogante o seu chefe conseguia ser. Houve uma pequena troca de palavras entre o inspetor e a médica que nem Steve nem Diana poderiam tentar seguir com seu grego débil. Eventualmente, Dra. Helena terminou seu diatribe.

O inspetor parecia agitado e frustrado quando a médica finalmente o deixou aproximar-se deles. Steve imaginou que ela estivesse agindo de cortesia já que eles acharam o corpo e ela explicou um pouco do que tinham descoberto. Diferente do policial mais velho, ela era totalmente charmosa.

Ela tinha um inglês excelente com somente um traço de sotaque. Estava claro que ela tinha vivido nas Ilhas Britânicas, talvez até estudado lá. Seu rosto amigável ficou sério enquanto conversava com eles. Dra. Helena não podia dizer muito nesse estágio. Seu trabalho era para ser feito mais tarde no mortuário quando o corpo fosse depositado lá. Depois de alguns minutos ela concluiu sua breve explicação. “Estou preocupada com os machucados na boca e nos punhos do morto. É muito cedo ainda. Mas com a outra evidência, estou convencida de que tiveram algo a ver com sua morte”. Steve e Di se entreolharam.

“Eu sabia!”, Di respirou, sua face agora estava ainda mais pálida do que antes. “E se nós tivéssemos saído para caminhar mais cedo? Nós talvez tivéssemos testemunhado algo crucial, possivelmente o próprio assassinato”.

O inspetor interveio, como se estivesse determinado em não ser superado ou afastado da conversa, apesar de mais cedo ter rejeitado suas suspeitas.

“É claro que tudo que discutimos aqui é confidencial. Nós não vamos divulgar que ele foi assassinado até que tudo seja descoberto e até que saibamos quem e o porquê. Vocês entendem?”

Steve e Di acenaram seu entendimento. Steve estava ansioso para sair dali e ir para casa. O pensamento de um banho, seu jantar e uma ou duas cervejas geladas estava começando a ser tornar o principal na sua cabeça. Ele não estava feliz com o que tinha acontecido ali, mas ele era humano. “É claro”.

Diana parecia morbidamente intrigada pelo que a jovem médica tinha acabado de dizer. Ela tinha dito em poucas palavras que Leslie tinha sido assassinado... essa parte era óbvia demais. Steve imaginou que foi a reação da médica aos machucados que interessaram Di. Mas ele percebia que havia algo que iria afetar todos que viviam ali e se perguntava se Di tinha os mesmos pensamentos.

Havia um assassino vivendo entre eles. Nada seria o mesmo. Até que ele fosse pego, todas as pessoas vivendo em Agios Mamas iriam passar o tempo olhando por sobre o ombro.

Mais distante, para baixo do vale, uma coruja caçadora gritou estridente quando pegou sua primeira vítima da noite. Diana virou seu rosto para onde o som veio e estremeceu.

Capítulo 11. Segunda-feira, o dia seguinte

A tentativa e não o golpe é o que nos perde.

Macbeth. Ato II, Cena II

“Bernard! Bernard! Onde você está?”

Jenny estava parada no pé da escada apoiando-se no corrimão de madeira. Respirando erraticamente, ela tirou a coleira do pescoço de seu cachorro. Ele imediatamente saiu para o quintal e bebeu vorazmente de sua tigela d'água.

“Aqui em cima, querida. Qual é o problema? Você parece um pouco agitada”.

A cabeça de Bernard apareceu por trás da porta do banheiro; em sua mão ele estava segurando uma cópia dos primeiros dois atos da última peça do Tony.

“Oh! Você nunca vai adivinhar o que aconteceu. É terrível! Pavoroso!”

A respiração de Jenny vinha em curtos intervalos, ela colocou uma mão trêmula em seu peito. Ela fez um chiado e então tossiu levemente.

“Só um minuto e eu estarei aí embaixo”.

Uma pequena pausa seguida do som de água corrente precedeu Bernard, que apareceu no corredor e então desceu as escadas cuidadosamente para onde Jenny o estava esperando. Ele havia machucado suas costas no dia anterior e estava sofrendo com a rigidez e, possivelmente, um músculo distendido.

“O que foi? Por Deus, acalme-se ou vai ter um dos seus ataques de asma. Sente-se aqui”.

Bernard a levou pelo braço até um dos sofás na sala de estar, seu rosto sério de preocupação. “Pronto, vamos começar pelo começo. Você quer um copo d'água primeiro?”

“Não, não, eu estou bem, de verdade. Não faça tanto alarde! Ouça! Tem a ver com o Leslie e a Sonja. Bom, com o Leslie, na verdade. Ele foi encontrado morto! Aparentemente, ele quebrou a perna quando caiu de um penhasco em um vinhedo”.

A boca de Bernard abriu com a surpresa da bomba e imediatamente sentou-se de frente para sua esposa. “O quê? Céus! Onde? Como sabe disso tudo?”

“Bom, eu estava falando com Elaine. Ela disse que Di e Steve o encontraram quando estavam caminhando ontem a tarde. Foi na trilha; você sabe, aquela que vai até o rio”.

“Bom Deus. Diabos! E ela sabe como aconteceu?”

“Só o que eles a contaram. E, quer dizer, eles o encontraram depois de ele ter caído do penhasco. Ele estava deitado de costas com uma perna quebrada. Aparentemente, eles puderam deduzir pelo ângulo estranho em que ela estava. Ooh! Que horrível!”, ela estremeceu e então continuou. “De qualquer forma, ele já estava forma na hora. Não é tudo tão terrível? Eu sinto pena dele. Quer dizer, eu sei que nós não gostávamos dele, especialmente você e com razão, mas ainda assim. E tem a pobre Sonja e no meio da mudança também. Eu nunca descobri o porquê de estarem se mudando. Me pergunto como ela lidar com tudo isso agora. Talvez ela nem se preocupe em fazer a mudança, no fim das contas”.

Bernard meio ouviu em silêncio enquanto Jenny falava com uma excitação nervosa. Ele pesou suas palavras com cautela antes de perguntar. “E a que horas mais ou menos isso aconteceu?”

“Eu não sei exatamente. Teríamos que perguntar a Di e Steve a hora exata”.

Bernard pensou com cuidado por um instante conforme voltava para a última vez que teve uma

conversa decente com Leslie; seu encontro não tinha sido agradável. Há muito tempo, eles eram bem cordiais um com o outro. Não amigos próximos de verdade; ambos tinham muito do *primo uomo* neles. Apesar de Bernard levar seu trabalho como ator muito a sério, Leslie era quem tinha aspirações maiores com relação a sua arte. Leslie já há muito tempo estava convencido de que um dono de uma galeria de arte de importância internacional iria notá-lo. Então, ele assinaria um contrato generoso e numerosas comissões começariam a chegar para ele. Frequentemente ouviam Leslie dizer que *é só porque eu estou aqui no Chipre, um lugar que mais parecia uma represa, que ainda não fui descoberto*. O mercado local era muito bom, mas ele *sabia* que estava destinado para algo melhor. Conforme ele sempre dizia para quem ouvisse, *era só questão de tempo*.

Bernard era muito mais prosaico sobre tudo. Ele adorava qualquer papel que era dado a ele e amava o palco. A diferença entre eles era que para Bernard, isso não era seu mundo inteiro. Ele adorava sua esposa, Jenny, e amava a vida de casado no Chipre. Ele entremeava sua vida de ator com um pouco de jardinagem ou busca por fósseis sempre que estava com humor para isso. Eles tinham um bom círculo de amizades, tanto de cipriotas quanto de estrangeiros. Leslie não fazia nada além de pintar e procurar por distrações femininas.

O único ponto negro em suas vidas agradáveis era uma certa falta de fundos e por isso ele culpava Leslie. Ele se deu conta de que Jenny ainda falava com ele.

“Desculpe, minha querida, mas o que você disse?”

Suspirando exasperada, Jenny rolou os olhos para ele.

Ele sabia mais ou menos o que ela estava pensando. Ele a ouviu dizer centenas de vezes antes. 'Por que homens nunca escutam? Como eles chamam hoje em dia? Audição seletiva. Engraçado como sempre ouvem bem quando perguntam se querem beber algo'.

“Eu disse, talvez nós devêssemos ir conversar com Steve e Diana? Você sabe, para descobrir mais”.

Bernard concordou. “Mmm. Boa ideia. Talvez devêssemos. E a Sonja? Eles devem saber se ela precisa de algo e seria uma boa ideia, de qualquer forma, conversar com eles primeiro antes de nos intrometermos na vida dela. Ela deve estar muito chocada e triste. Eu presumo que ela esteja em casa e saiba...?”, sua voz sumiu. Seria difícil. Sonja sempre foi uma mulher um pouco esquisita, naturalmente antissocial e era possível que ela não quisesse ou precisasse as tentativas bem intencionadas de ajuda de seus vizinhos. 'O que essa vila tem?', ele pensou. Certamente, possuía mais mulheres solteiras estranhas do que o suficiente. Alicia e Antígona, mesmo Yanoulla eram além do ordinário. Sonja poderia muito bem ser adicionada ao número; mais do que uma irmandade de bruxas de verdade, ele concluiu sem dó. A vila deveria ser renomeada '*Agios Bruxas*', ele pensou, um pouco azedo. Haveria conversas sobre “*as estranhas irmãs, mãos unidas*” ou mesmo – ele sorriu com isso - “*Quando nós três devemos nos encontrar de novo? Em trovão, raio ou chuva?*”

~~

Eles andaram a pequena distância pela vila até a casa de Steve e Di. Bernard pegou leve pelo caminho pavimentado, cuidando das suas costas por causa do dia anterior.

Ele resmungou. “Como não estou mais jovem, isso provavelmente vai levar semanas até melhorar, sabe”.

Jenny somente riu dele por ser um velho triste e exagerado e perguntou o que ele estava fazendo. Sentindo-se magoado pela sua resposta brusca, ele recusou-se a responder e continuou resmungando baixinho. Quando viraram uma esquina, eles deram de cara com uma figura alta e corpulenta. Bernard levantou a mão em cumprimento.

“Kalimera, Kristiakis. Como você está hoje?”

“Kalimera, Bernard e Jenny. Eu estou muito bem e vocês?”

Kristiakis tinha por volta dos cinquenta anos, imperativo e musculoso com cabelos escuros encaracolados e grossos quase alcançando seus ombros. Como ele trabalhava a maior parte do ano fora de um escritório, seu trabalho deixava seu rosto e corpo bastante bronzeados; sua expressão era orgulhosa e forte. Ele tinha olhos azuis escuros penetrantes que sorriu enquanto ele parecia uma torre em pé próximo à pequena Jenny. Ele era muito bonito, extremamente sexy e tinha uma aparência muito *oriental*. Bernard notou Jenny retribuindo o sorriso. Bernard adivinhou o que ela estava pensando; ele podia lê-la como um livro.

Ela perguntou a Kristiakis se ele tinha ouvido as terríveis notícias.

Kristiakis concordou com sua cabeça desgrenhada. O sorriso deixou seu rosto e seus olhos se tornaram cautelosos.

“Negócio ruim. Muito ruim”, ele hesitou como se estivesse prestes a acrescentar algo. Ele fez uma pausa e então com uma voz áspera ele pediu licença e voltou-se para a estrada. Jenny notou que ele carregava uma pequena bolsa. Ela esperou até que ele estivesse fora do alcance dos olhos e dos ouvidos antes de virar-se para Bernard e sibilou. “Te dou três chutes sobre *onde* ele passou a noite passada!”

“Oh, Jenny! Isso é maldoso. Ele é maior de vinte e um, você sabe”.

“Huh. Me pergunto se hoje é um dia santo. Você sabe que a Igreja Ortodoxa diz que casais não podem dormir juntos na véspera de um dia santo. Engraçado dizer quando não se pode fazer sexo! Entretanto, eu acredito que ouvi em algum lugar que a Igreja decretou agora que é permitido se o casal tomar um banho antes de ir para a missa”.

Bernard suspirou exasperado enquanto ela continuava.

“De qualquer forma, o que eu quero dizer é que ele e Yanoulla devem ser amantes. Ele está sempre por lá, de acordo com Ann. Eu não sei como ela faz isso. Ela é pelo menos dez anos mais velha que ele.”

“Jenny! Não seja intrometida. Eu não me importo com Kristiakis e, certamente, é problema deles e não nosso”. Ele a olhou atravessadamente. Por mais que amasse sua esposa, ela era uma terrível tagarela e fofoqueira. Nunca intencionalmente por maldade, mas os assuntos dos outros sempre a interessavam.

“Ah, eu sei. Mas eles estão saindo por tanto tempo agora e eu duvido que ele tenha planos para casar-se com ela”.

Jenny voltou a andar na estrada pavimentada, tomando cuidado com qualquer pedra solta. Seguindo seus passos, Bernard apressou-se para alcançá-la.

“Você não tem certeza disso. De qualquer forma, ela tem sido boa para ele de muitas maneiras. Lembre-se como há anos eles desconfiava de todos os britânicos. Ele levou muito tempo até dar as costas para sua selvagem juventude. Você tem que agradecer a Yanoulla por controlar sua violência e rancor”.

Jenny rolou os olhos para Bernard. “Hum. Mas ele realmente mudou? Eu também não esqueci de suas velhas histórias de terrorista da EOKA, ou guerrilheiro da paz ou o que quer o chamem hoje em dia, e dos seus ataques aos soldados britânicos. Aqui não é conhecido como '*A vila dos Assassinos*' à toa, você sabe. Ainda assim, pelo menos ele fala com a gente agora e ele oferece ajuda quando precisamos”.

“A parte dos assassinos é muito mais velha que o problema com os britânicos. Eu me pergunto como ele soube sobre o Leslie. Suponho que as histórias corram como fogo selvagem em uma vila deste tamanho. Você sabia que ele mesmo não gostava totalmente do Leslie?”

“Não. Por que?”, ela pareceu espantada por Bernard saber de algo que ela não sabia.

Bernard respirou fundo e fez uma pausa antes de continuar. “Bom, aparentemente, é porque Leslie era um ex-militar e esteve aqui durante os problemas. Eu não sei da história toda, mas houve uma história estranha sobre retaliações e Leslie estaria envolvido. Eu repito, *estaria*”, ele a olhou firmemente.

“Como você sabe disso tudo? E por que nunca me disse antes?”, ela perguntou.

“Porque, minha pombinha, me contaram em segredo e você sabe como você adora tagarelar”.

Jenny abriu sua boca de batom rosa para argumentar, um brilho de raiva em seus olhos verdes geralmente calmos. Ela encheu seu peito pronta para discutir.

Bernard riu de sua expressão. “Não me olhe desse jeito. Você sabe que eu estou certo para variar, de qualquer forma, não vamos discutir agora que chegamos. Não mencione a Diana e Steve o que eu acabei de te contar, por favor. Me foi confiado um segredo”.

“Sim, mas o que Leslie estava fazendo aqui antes e por que...?”

Bernard arqueou as sobrancelhas para que ela ficasse em silêncio enquanto ele alcançava a campainha.

Capítulo 12. Manhã de segunda-feira

Pensei ouvir uma voz gritar “Nunca mais dormirá”.

Macbeth. Ato II, Cena II

Como se os eventos do dia anterior não os tivessem chocado e perturbado o suficiente, Steve acordou após uma noite particularmente conturbada e com uma sensação profunda de presságio. Ele e Diana seria importunados a qualquer oportunidade até que a novidade morresse. Ele sabia que por debaixo da fina aparência de 'certinho' das pessoas, jazia uma necessidade quase repulsiva para saber da má sorte dos outros. Hoje seria desagradável. Sua bela Diana não estava sendo ela mesma nos últimos dias e sua saúde o preocupava. Não que ela faria algo sobre isso, já que ao longo dos anos ela desenvolveu uma forte aversão a 'ir às cegas para o médico', como ela dizia.

Quando eles finalmente chegaram em casa na noite passada, eles encontraram uma ansiosa Elaine esperando por eles com seus vizinhos mais próximos, Peter e Ann. Naturalmente, todos eles queriam discutir a coisa horrível que havia acontecido em sua normalmente dormente vila. Eles estavam ávidos pelas notícias mais recentes.

Mais cedo, antes de chegarem à casa, eles concordaram que ele e Di fariam exatamente como a polícia havia instruído. Eles não iriam divulgar nenhuma de suas suspeitas ou o que eles tinham encontrado... além daquilo que já tinha vazado para o público. A história era: Leslie tinha caído enquanto tinha saído para sua caminhada usual; ele caiu de um penhasco e quebrou sua perna. Infelizmente, parecia que ele também tinha machucado sua cabeça. Então, incapaz de se mover, ele não pode chamar ajuda e, conseqüentemente, morreu. A polícia poderia divulgar os outros aspectos do acontecido quando quisessem. Dia e Steve não iriam falar uma palavra sobre Leslie ter tido sua garganta cortada. A última coisa que eles queriam era dizer para todo mundo que havia um assassino solto pela vila.

“Mas uma queda em um vinhedo, por que ele não gritou por ajuda?”, perguntou Ann. Ela olhou para Peter para que ele apoiasse seu comentário.

Peter tinha mais ou menos a idade de sua esposa. Sua estatura baixa e gorducha sugeriam um carinho por *halloumi* e batatas chips e muito da cerveja local *Keo* e vinho. Sua barriga parecia um pote ou com 'tráfico de tigela', como Di a chamava de brincadeira na privacidade de sua casa. Seu cabelo cor de areia que estava ficando mais fino completava a imagem. Não estava em sua melhor forma, mas tanto Steve quando Di gostavam de seus vizinhos de coração.

“É tudo muito estranho e de muita má sorte, na verdade. Mas se pensar sobre isso, ele caiu, quebrou uma perna, bateu a cabeça e ele mal podia chamar ajuda, podia? Uma terrível série de acontecimentos”, Pete disse terminando o copo de vinho que ele estava bebendo enquanto esperava por Steve e Di chegarem em casa. Ele colocou seu copo vazio em cima da mesa baixa a sua frente, esperando que o enchessem. Sendo estranhamente mau, Steve deliberadamente ignorou o movimento do amigo; se ele oferecesse outro, eles nunca iriam se livrar de seus convidados indesejáveis. Tudo que ele desejava era paz e sossego e seu jantar que já havia passado muito da hora.

Em vez disso, ele respondeu o resumo de Peter. “Olhe, a polícia não nos quer especulando sobre nada disso. Eles vão visitar todo mundo na vila e perguntar suas próprias questões. Eu imagino que eles

queiram entrevistar propriamente todos que estiveram aqui na hora”.

Infelizmente, não adiantou de nada para dispersar sua curiosidade.

“Oh, e por que isso? O que podemos dizer a eles? Leslie estava sempre dando caminhadas, vocês sabem bem. Ele andava quilômetros. Às vezes, Sonja tinha que ir procurar por ele de carro, já que ele tinha se perdido ou andado demais e não conseguia voltar para casa. Homem bobo! Olhe onde isso o levou”. Ann olhou em volta para os outros conforme fazia seus comentários. Sua franqueza nortista era, como sempre, rápida.

“Ann!”

“Bom, é só rotina, tenho certeza”, disse Steve calmamente.

Os outros ficaram em silêncio e olharam para ele. Talvez foi seu tom de voz ou o jeito calmo como falou, mas ele rapidamente sentiu que algo estava errado. Ann sentou-se na ponta de sua cadeira e abriu sua boca para fazer outra pergunta. Elaine a impediu. Ela levantou-se olhando para seu relógio.

“Olha a hora! Tenho certeza de que Steve e Di estão morrendo de fome. Por que não dizemos boa noite, sem dúvidas iremos vê-los em algum momento amanhã?”

Peter e Ann pareciam arrependidos, apesar de saberem que não iriam conseguir nenhuma outra informação até amanhã, pelo menos.

“Desculpe, não pensamos nisso. Você sabe, com todo entusiasmo e tudo mais”.

Steve suspirou em alívio quietamente. Jantar e um banho frio, finalmente, a vida continuava.

~~

Di acordou com os olhos cansado quando o sol já estava deslizando para cima da colina mais próxima. Por horas ela revirou-se em um profundo e confuso sono. Em sua inconsciência, ela estava à deriva em um mar-de-sonho em um casulo de seda macio. Primeiro, ela tentou desemaranhar os fios de seda que estavam enrolados em seu corpo e pernas inquietos. Quando ela finalmente desistiu, ela sentiu-se ser puxada implacavelmente para um vácuo de um profundo preto aveludado. Deslizando vagarosamente como uma pena, ela ouviu o som abafado de um recém-nascido, inspirando e argando enquanto respirava pela primeira vez. Ela ponderou sobre isso por um tempo enquanto os sons suaves se transformavam em um lamento agudo que oscilava entre o de um bebê e o de uma menina. As lamentações aumentaram crescentemente até que, de repente, sumiu. O barulho permaneceu marcado em seus tímpanos.

Di esforçou-se para voltar à consciência e percebeu-se repleta de uma estranha e profunda depressão e lassidão. Ela virou-se de lado e encontrou Steve completamente acordado olhando-a com uma expressão perturbada.

“Bom dia”, ela disse com um bocejo e aconchegou-se mais perto de seus braços. “Você acordou cedo”.

“Bom dia para você, dorminhoca. Você dormiu mais que o normal. Eu queria poder dizer o mesmo. Eu achei impossível dormir. Coisa demais acontecendo na minha cabeça, eu imagino, depois do choque de ontem. Você parece estar precisando de mais uma hora, todavia”, ele tirou uma mecha de cabelo da face dela.

“Eu dormi, eventualmente, mas ah! Ainda me sinto quebrada”, ela deu um grande bocejo. “Eu tive um sonho muito estranho. Posso te contar?”

“Não. Os sonhos das outras pessoas são chatos. Quer um pouco de chá?”

“Sim, por favor. Mas, Steve, esse sonho foi tão real. Foi muito assustador no fim. Eu sonhei com algo tipo um bebê gemendo e então simplesmente parou. Fez me sentir muito estranha. E... triste”, ela parecia desesperada ao lembrar como seu pesadelo foi vívido.

“Foi só um sonho”, ele respondeu sorrindo gentilmente para ela. “Não pense nisso. Eu não demorarei com o chá. E você, relaxe, eu te disse. Você está se esforçando muito ultimamente e com tudo

que aconteceu ontem. O que você espera? Está claro que vai se sentir triste. Eu sei que eu me sinto assim”, ele deixou um beijo em seu ombro descoberto antes de rolar para fora da cama.

Diana o observou conforme colocava um roupão de algodão leve. Descalço, ele desceu para a cozinha.

Foi só um sonho ruim; aflitivo – “*Ouvi a coruja gritar e os grilos chorarem. Não falastes?*”, Shakespeare de novo, ela pensou. A peça continuava voltando para ela.

O sonho foi tão real; especialmente a parte do bebê. Di deitou-se no seu travesseiro, uma dor oca em sua garganta. Ela achou que já tinha superado aquilo. Por anos eles tentaram ter um bebê. Ela passou incontáveis horas visitando ginecologistas que a garantiram que não havia nada errado com ela. Na verdade, com nenhum dos dois. Mas foi tudo uma perda de tempo. Nada tinha acontecido, exceto um penoso aborto espontâneo sete anos atrás. Desde então nenhum dos dois teve cabeça ou vontade de falar disso. Era melhor enterrado. Por consenso mútuo, Steve e Di aceitaram que nunca teriam uma família. Com essa aceitação, eles redescobriram a própria alegria um no outro. Diana conhecia muitas pessoas que tinham filhos. Com sua natureza amorosa, ela os enchia seu próprio tipo de atenção e se tornava sua 'tia' favorita.

Os primeiros trabalhos de Di tinham obtido um modesto sucesso e ela sabia que teve estava contente de ver seu talento florescer ao longo dos anos. Em numerosas ocasiões, ele dizia que até onde ele se importava ele estava contente, contanto que ela estivesse feliz e bem. Ele não sentia mais um profundo desejo por um filho.

Deixando de lado pensamentos mórbidos, Diana impediu as lágrimas que a denunciariam para Steve de cair. Ela devia estar mais exausta do que percebia. Descobrir o corpo do Leslie foi extremamente desconcertante. Suspeitar e depois ter mais ou menos confirmado que 'algo desagradável tinha acontecido' era completamente chocante. Chocante, e Di então percebeu, sentando-se de supetão. Chocante, mas também extremamente interessante.

~~

Mais cedo naquela mesma manhã, a polícia telefonou para eles. Eles repetiram suas perguntas da noite anterior e então perguntaram muito mais. Essas novas perguntas tiveram uma luz diferente; elas buscavam mais fundo. Steve e Diana não conseguiram evitar se sentirem sob suspeita também. Eles não tinham mais dúvidas de que a polícia estava levando o assassinato de Leslie muito a sério.

Já tinha algum tempo desde o último assassinato na vila. Uma hierarquia parecida com uma máfia mandava em algumas vilas cipriotas há alguns anos. Agios Mamas era uma delas. Tão grande era a infame notoriedade da vila que ela passou a ser conhecida por “A vila dos assassinos”. Se alguém quisesse um 'trabalho' feito, então por algumas centenas de libras ou algo próximo, eles simplesmente saberiam.

De novo, Steve e Diana passaram o que sabiam, a hora que eles encontraram Leslie e se eles notaram alguém mais ao lado da colina durante a tarde.

“Não, não vimos ninguém. Ouvimos um ocasional tiro distante. Eu me lembro de ter dito que um caçador solitário no meio de uma tarde de verão era incomum”, Steve voluntariou-se.

Inspetor Christopodoulou avidamente perguntou a eles sobre o caçador enquanto o sargento anotava. Quem eles conheciam que caçava relugarmente por lá, em especial ilegalmente durante os meses de verão? Steve e Diana eram relativamente novos em Chipre e conheciam só um pouco dos locais com armas.

“O único outro é o Kristiakis”.

Ambos pareciam desconfortáveis em dizer nomes, especialmente de um de seus vizinhos da vila. Steve queria dizer que *não foi uma arma que matou Leslie, de qualquer forma.*

“Ah, sim, Kristiakis”. O inspetor pareceu pensativo por um momento e bateu seu lápis no caderno que estava em seu colo. Ele lançou a seu colega um pequeno aceno de concordância. “Nós o conhecemos bem de um infeliz incidente anterior”.

Steve e Di não conseguiram não se entreolhar. Diana ergueu as sobrancelhas com interesse e arregalou seus olhos como se dissesse, *qual incidente anterior?*

Eles conheciam os contos das passadas conexões de Kristiakis com a EOKA, mas tinham sido de quando ele era adolescente. Certamente o inspetor não estava se referindo àquela época?

O inspetor percebeu seu interesse e sorriu afetado ao contar para eles. “Ele colocou uma bomba em uma casa local. Jogou uma – como vocês chamam – bomba caseira pela porta da frente. Ele era um patética guerrilheiro da paz, só fez muita fumaça, barulho e trabalho para nós. Pior de tudo, ele pegou a casa errada. Era uma casa holandesa e ele achou que era britânica!”, ele zombou com um olhar de desprezo às suas testemunhas britânicas.

Steve poderia tê-lo socado. A hostilidade aberta do inspetor era aparente demais. Ele ouviu Di engolir um sibilo e agarrou sua mão para impedi-la de cair na armadilha.

Sargento Loukiades mexeu os pés como se estivesse constrangido pela grosseria descarada de seu chefe. Ele pigarreou e então perguntou ao Inspetor algo em grego. Depois de uma curta troca de palavras ásperas entre eles, o Inspetor voltou-se para falar com Steve e Di.

Finalmente, o convencido policial teve que admitir com má vontade que além do corte na garganta de Leslie, havia algo mais para ser investigado. Steve e Di estavam certos.

“O senhor Leslie foi forçadamente detido. Suas mãos foram amarradas juntas e colocaram algo em sua boca para impedi-lo de gritar. Eu não posso dizer mais nada até que tenhamos questionado todos os moradores da vila e encontrado um possível suspeito. Eu tenho algumas ideia, é claro, mas não o que eu posso divulgar até que eu tenha certeza. Com o legista, podemos dizer por quanto tempo ele ficou lá”.

De seu forte sotaque grego, Steve e Di foram capazes de entender as palavras em latim *livor mortis* e o acúmulo de sangue no corpo.

O inspetor continuou. “Ele morreu por volta da hora do almoço”.

Felizmente, Steve e Di não eram os suspeitos, já que eles estavam almoçando na taverna local e lá permaneceram até as três da tarde, pelo menos. Eles poderiam apoiar sua história com álibis à prova d'água e ambos respiraram aliviados. Ainda que inocentes, uma pequena mancha de culpa sempre conseguia aparecer naqueles mais próximos.

O policial continuou com as perguntas, respondendo seu celular e latindo ordens para seu paciente sargento de tempos em tempos. “Podem ajudar mais? Quem mais podem lembrar que estava na tarvena na mesma hora que vocês? Quem pode ser eliminado dentre os outros moradores?”

O inspetor olhou para seu relógio, uma imitação *Breitling*, enquanto esperava pela resposta.

Steve e Diana se entreolharam rapidamente antes de responder. Eles concordavam. Ele era realmente repulsivo e, por mais que quisessem que o assassino fosse pego, sua personalidade nada fazia para encantá-los. Eles tinham um dever moral, entretanto, e pensaram novamente no almoço do dia anterior. Eles aproveitaram as longas horas de descanso na taverna. A comida e o lugar eram famosos e, como era domingo, o lugar estava lotado tanto de locais quanto de turistas.

Steve falou pelos dois. “Dos locais, nos lembramos da Ann e do Peter Heywood da casa ao lado; o filho mais velho de Mukhtar e sua esposa; o próprio Mukhtar e sua esposa com alguns de seus netos. E, então, nossos amigos, Bernard e Jenny Simons e quem mais? Ah, Tony. Tony Black. A irmã de Diana, Elaine Shearer estava em Limassol. E, é claro, Karl Waterford”.

Engraçado, Karl chegou quando eles estavam sentando-se em sua mesa usual. Apesar de ser regularmente convidado para o almoço de domingo na taverna, ele não se importava em aceitar. Dessa vez, quando seu nome não tinha sido adicionado a lista, ele apareceu. Ele tinha uma expressão vaga enquanto seus olhos percorriam o restaurante até encontrar o grupo que já estava sentado. Lentamente, ele

fez o caminho até a longa mesa de cavalete e ocupou um lugar vazio em uma das pontas. É claro, todos o fizeram se sentir bem vindo enquanto ele se servia de um copo de vinho tinto e esperava a garçonete que vinha apressada com um prato limpo e talheres. Mas ao longo da refeição, ele deu a impressão de não estar completamente nela. Karl parecia um pouco aturdido e distraído. Quando Ann perguntou se ele tinha achado um lugar para estacionar facilmente, já que obviamente ele tinha dirigido até lá, ele levou alguns minutos para se lembrar exatamente onde tinha deixado seu carro. Ann sacudiu a cabeça exasperada por seu esquecimento e rolou seu olhos quando encontrou os de Diana. Mais tarde, ela sussurrou algo indecente sobre Karl e 'demência senil' e como Alicia estava certa em não ter dado a Karl um papel maior em Shakespeare.

Durante o curso da refeição, tornou-se aparente que Karl não tinha memória alguma do porquê nem de como ele tinha chegado à taverna no fim das contas. Diana e Steve discutiram o fato mais tarde em sua caminhada e expressaram simpatia pelo homem que estava sentado à poucos centímetros deles. Eles não o conheciam por tanto tempo quanto os outros em volta da mesa, mas apesar de sua reputação de ser arrogante, ele sempre foi gentil e amigável com eles. Como eles tinham secretamente observado o homem hesitante e confuso, eles só poderiam sentir pena dele. Envelhecer poderia ser tão cruel e destrutivo.

Steve agora incluía relutantemente o nome de Karl naqueles que eles já tinham dado para a polícia. O sargento anotou todos os nomes em seu cadernos.

O inspetor então perguntou. “Alguém saiu mais cedo ou chegou atrasado? Alguém que deveria estar lá estava faltando?”

Steve pensou antes de dar sua resposta. “Houve dois pequenos incidentes. Bernard Simmons voltou para sua casa já que tinha esquecido a carteira e Tony Black chegou um pouco atrasado para a reserva de uma hora”.

Di e Steve concordaram que Bernard ficou fora por uns vinte e cinco minutos. “Não podemos ser mais precisos, já que na hora que ele saiu já tínhamos bebido uma boa quantidade de vinho”.

O inspetor perguntou por quê o senhor Black tinha chegado atrasado. Steve disse que não tinha notado, porque eles estava falando com a esposa de Yiannis na cozinha.

Di disse que ela presumia que Tony tinha chegado tarde porque havia cortado seu dedo e precisava cuidar disso. Um gotas de sangue manchavam sua camisa. Ela acrescentou que ele havia chegado com aparência desgredada, empoeirada e quente.

“Eu acho que na hora que chegou ele já tinha perdido umas quatro ou cinco entradas, mas eu não tenho certeza absoluta. Todos nós degustamos uma bebida antes do almoço. Talvez, ele tenha chegado uns trinta e cinco minutos atrasado”. Ela fez uma pausa e então acrescentou que apesar de Karl ter aparecido sem ser convidado, ele chegou somente alguns minutos depois do resto.

O inspetor os questionou um pouco mais, mas eles concordaram que não reconheceram mais ninguém que esteve na taverna.

“Nós somos relativamente novos na vila”, Di disse.

O inspetor deu um suspiro mal escondido e declarou que os outros seriam mais prestativos.

~~

Steve retornou para a sala de estar deles depois de levar os policiais para a porta da frente e juntou-se a Di, “Graças à Deus que isso acabou. Eu sei que somos inocentes, mas ser interrogado pela polícia me fez me sentir desconfortável e quase sujo”. Ele afundou-se em uma poltrona e sorriu encabulado.

“Eu realmente não gosto daquele homem. Ele estava tão pomposo ontem e rápido em desmerecer o que contamos a ele. E sobre o Kristiakis, hein? Eu adoraria tirar aquele sorriso afetado do seu rosto. É xenofobia ou o que? Por que ele não pode ser mais parecido com o seu sargento? Ele é muito mais legal e comunicável. De qualquer forma, estou quase envergonhado de dizer que estávamos certo. Leslie foi

assassinado e talvez torturado antes. Eu sabia!”

“Que extraordinário quando pensa sobre isso”, ela respondeu. “Fascinante, não acha? Quem teria um motivo para matar um homem velho como ele? A não ser, é claro, que tenha sido um louco passando por ali”.

Steve considerou o que ela disse antes de responder imediatamente. “Bom, todos temos esqueletos no armário e Leslie viveu em muitos lugares diferentes; conheceu muitas pessoas. Quem sabe do seu passado? Nós só o conhecíamos superficialmente, na verdade. Ele não era um amigo próximo ou algo do tipo. Nós nunca nem fomos convidados para sua casa para beber algo. Na verdade, a única vez que ele foi simpático foi quando falou de suas pinturas”.

“Ele era uma mistura estranha. Ele podia ser carismático e amigável em um minuto. No outro, ele estava criticando quase todos que ele conhecia com gosto. Eu sei que ele foi um ex-militar do exército há muitos anos, mas e daí? Isso te dá desculpa pra ser ignorante? Karl também foi militar há alguns anos, mas apesar de sua própria arrogância quando está atuando, ele é uma pessoa muito mais legal como um todo. Leslie tinha uma hábito horrível de menosprezar qualquer um que não correspondesse aos seus altos padrões imaginários. Honestamente, ele era um homenzinho ridículo e asqueroso quando ele queria ser. E, para os locais, ele não tinha tempo algum para eles. Ele não conseguia entender como ninguém era amigável com ele. Bom, talvez se ele tirasse um tempo para ser civilizado e aceitar seus costumes, então eles retribuiriam. Eu sei que foi horrível o que aconteceu, mas a não ser que tenhamos um louco pela área matando pelos seus próprios propósitos, então temos que perguntar, por que e quem? Por que matar o Leslie? O que ele fez? É uma grande pergunta que devemos fazer a nós mesmos”. Ela pareceu pensativa por um momento antes de continuar com voz mais baixa.

“Você deve concordar, entretanto, que de um jeito estranho é quase assombrosamente excitante! Imagine, nós vivendo em uma pequena vila e um de nossos vizinhos assassinado! Quais as chances de isso acontecer?”

Steve franziu o cenho sombriamente para ela. Ela estava certa, mas ele ainda não gostava disso, e ele não iria concordar inteiramente com ela. Em vez disso, ignorando sua pergunta, ele respondeu com sua própria opinião sobre Leslie.

“Ele se preocupava com outras coisas, animais, por exemplo. É só ver a quantidade de vezes que ele pegou cachorros de rua e os levou para um dos abrigos. De vez em quando, os gatos e cachorros que ele encontrava estavam em condições de dar pena. Você podia dar algum crédito a ele por isso. Ele não era tão ruim, então não pense assim”.

Diana teve a elegância de parecer um pouco culpado com as suas considerações e aceno lentamente em concordância. Um momento depois, ela sentou-se na ponta da cadeira, um sorriso excitado em seu rosto.

“Talvez eu esteja exagerando e tenha ouvido muito da velha fofoca da vila. Mas ao mesmo tempo, é muito confuso e um grande mistério. Eu preciso escrever tudo isso. Colocar todos os suspeitos em uma lista com os possíveis motivos. Eu posso facilmente compará-los e conduzir minha própria pesquisa. Eu posso fazer minha própria investigação. Meu novo romance já está saindo. E se eu incorporasse a morte do Leslie nele? Não iria deixar tudo mais eletrizante? O que há de melhor do que usar a informação que está nas pontas dos seus dedos?”

Steve começou a perguntar algo, mas depois da primeira sentença, ele parou e suspirou internamente e rolou os olhos. Tarde demais, ele conhecia os sinais no seu rosto. Ela já o havia deixado, já havia ido para aquele seu outro mundo, um de faz de conta.

Capítulo 13. Segunda-feira

Todo o oceano do grande Netuno poderia limpar este sangue das minhas mãos?

Macbeth. Ato II, Cena II

Dessa vez, o café que ela pegou para si era um expresso duplo. Por Deus, ela precisava disso! Ela deveria estar empacotando a casa. Caixa meio cheias de talheres enchiam o chão da sala de estar, da cozinha e dos quartos.

Caixotes cheios selados com fita adesiva forravam as paredes da sala de estar. Tudo estava completo e pura confusão, uma bagunça, sua casa, sua vida, Leslie. Era tão o jeito dele. Sem nem ao menos pensar nela. Sem dar a ela uma ajuda na mudança. Como sempre, ela teria que fazer tudo sozinha.

"Procure na ilha de novo por uma residência aceitável". Suas instruções e suas exigências. As ordens de Leslie tinham sido simples: estilosa e antiga, mas modernizada; ele odiava e era completamente incapaz de qualquer 'faça você mesmo'; ele não conseguia nem colocar de volta um fio na tomada. Ele queria mudar-se para uma vila sem conexões com Agios Mamas, ele odiava os locais, tanto cipriotas quanto estrangeiros.

Sonja tinha corrido para numerosas visitas ao banco, advogado e as várias autoridades locais para garantir que a compra da nova propriedade e a venda de sua velha casa estavam corretas e prontas no tempo certo.

E por cima de toda essa correria, ela tinha visitas diárias à nova casa para checar se o trabalho de renovação dos pedreiros. Um completo pesadelo! Pedreiros pareciam ser os mesmos no mundo todo. Quando ela tinha tempo para respirar, ela tinha sua rotina de levar os cachorros para passear, molhar centenas de plantas, tarefas de casa e tudo mais que vinha no pacote. Seu pequeno negócio de confeitaria estava sofrendo com falta de dedicação, mas onde ela acharia tempo para cozinhar? Era tudo demais, demais. Ela tinha desistido de ser membro do grupo de teatro por causa disso. Com razão ela parecia magra e desalinhada. Ela não tinha tempo para si mesma.

Sonja bebericou seu café, sua pulsação aumentando conforme o café forte fazia efeito. Ela podia sentir as unfamiliar palpitações conforme a cafeína corria pelo seu corpo.

Sonja sabia que ela deveria estar de luto. Era o que era esperado dela. Mas tudo que ela parecia sentir que dizia respeito a Leslie era entorpecimento e vazio depois de toda a frustração e irritação que ele a causou durante seu tempo juntos. Maldito seja ele!

Sonja ainda recusava-se a chorar. Todas as lágrimas que ela gastou com seu marido foram há muito tempo. Leslie a causou anos de coração partido, solidão e, a princípio, desespero. Eventualmente, ela aprendeu a lidar com tudo isso, até sua última e derradeira - o que foi mesmo? - traição. Juntar completamente tudo deixou uma dor amarga e oco dentro dela. E agora que ele finalmente saiu de sua vida, ela poderia continuar. Fazer as coisas do seu jeito, para variar. 'Se feito fosse quanto fosse feito, seria bom fazermos-lo de pronto'. Ela fungou quando lembrou da frase de Shakespeare. Está feito, de fato.

Sonja soprou seu café quente. Graças a Deus ela tinha insistido em viver no campo. Ela odiaria viver em uma cidade grande como Limassol ou Nicosia. Ah, sim, ele havia sugerido isso. Mas ela havia evitado. Ela poderia jogar o jogo dele. Sonja se lembrou de seus argumentos. "Certamente seria mais conveniente por causa das melhores lojas para vender minhas pinturas? Pouparíamos uma fortuna com

combustível e aquecimento na costa mais quente". Sonja tinha percebido suas intenções. Ah, sim. A única pessoa que se beneficiaria com qualquer conveniência seria ele. A mudança o daria acesso conveniente a qualquer calcinha de puta que ele estivesse obcecado em poder entrar. Sonja já tinha aguentado o suficiente os casos de Leslie. Ela sabia que todos em volta já sabiam deles. Ele tinha pouca *finesse* no que dizia respeito a ser discreto. Ultimamente, sempre que ela falava do assunto protestando, ele começava a descrever sua última façanha com detalhes. Deus! Ele achava que isso a excitava? Ele até ressuscitava seu caso com Alicia de vez em quando para atormentá-la. Ela precisava pensar em um jeito de impedi-lo. Ela sabia que ela teria que concordar em se mudar. Assim que ela encontrou uma casa a venda - a casa certa na qual ela seria feliz; ela correu para aceitar os termos dos pedreiros e encorajou Leslie a fazer um depósito.

Como sempre ele hesitou, apesar de sua própria necessidade de se mudar, e ela teve que pressioná-lo para depositar o dinheiro. Era necessária uma gentil persuasão, ela não chamaria de chantagem, e ele relutantemente aceitou. Ela achava complicado lidar com Leslie e seu dinheiro; não que houvesse muito além da casa, das pensões e algumas ações. Felizmente, ela tinha lidado com tudo isso antes de ele pensar em alterar seu testamento. Leslie desdenhava de advogados e ela tinha quase cem por cento de certeza que ele nunca se incomodou de fazer um testamento cipriota. Por causa disso, a casa pertenceria a ela caso ele falecesse.

Brevemente, passou por sua cabeça como ela iria lidar com os outros; a curiosidade e o intrometimento da comunidade expatriada. Os cipriotas eram um pouco melhores, apesar de muitos nem terem tempo para Leslie. Eles só eram naturalmente curiosos e Sonja não tinha razão alguma para não gostar deles. Ela percebeu que as pessoas que moravam perto não davam muita atenção à Leslie depois de ele tê-las perturbado ao longo dos anos. Leslie havia sido petulante, superior, desonesto, e algumas vezes puramente mau, mas todos a estariam oferecendo ajuda e conselhos indesejados.

Ela suspirou profundamente. Ela teve vontade de deitar sua cabeça no tampo frio da mesa da cozinha e gritar. Ela queria estar de luto. Mas não por causa dele. Ela queria estar de luto por si mesma.

Sonja sentou-se ereta. Malditos vizinhos! Ah! Se eles pelo menos a deixassem em paz, então ela não iria se deixar aberta para erros. Sacudindo-se mentalmente, ela decidiu ser ela mesma como sempre e ignorar a todos como ela fazia.

Desse jeito eles nunca saberiam a verdade. Eles nunca descobririam.

Capítulo 14. Segunda-feira

E dizem que ouviram lamentos pelo ar, estranhos gritos de morte, vozes que profetizavam em terríveis acentos.

Macbeth. Ato II, Cena III

Um barulho estridente reverberou pela casa, quebrando rudemente o feliz silêncio.

"Ah, droga! Quem diabos é agora? Estou ficando cansado de tudo isso".

Steve bateu sua caneca de café fortemente contra o tampo de vidro grosso da mesa, encolhendo-se ao se lembrar de quanto aquilo havia lhe custado. Ele saiu batendo os pés para responder à campanha. Uma folga de cinco minutos, era tudo o que ele queria. Cinco minutos de trégua depois de podar um arbusto de oleandro muito empolgado; tempo que seria gasto sentado na sombra da varanda de trás. Ele ainda estava achando difícil relaxar depois de ontem. A casa inteira estava girando.

Sua cunhada, Elaine, não conseguia se ajeitar para terminar sua paisagem. O lugar onde ela estava trabalhando era uma área remota, ela reclamou. Era um pouco distante dos limites da vila. Sua antiga tranquilidade e isolamento agora estavam estragadas; o incrível pensamento de estar lá sozinha a dava um frio na espinha. Ela tinha mesmo imaginado, da última vez que esteve lá, que alguém a estava espionando? Ela confessou para Steve e Diana que ela estava com medo de ir lá sozinha e passar o tempo pintando, quando talvez um assassino estivesse somente há alguns metros de distância. E se ele atacasse de novo? Seu nervosismo estava aparente no jeito como ela vagara pela casa inquieta pela maior parte da manhã. Finalmente, em desespero, Steve a convenceu de ir até a Galeria de Artistas na vila ao lado e ver o que ela conseguiria fazer lá. Os donos da galeria estavam sempre procurando por maneiras baratas de aumentar as exposições de arte locais para os visitantes. Elaine tinha prometido semanas atrás pensar nisso e Steve decidiu que agora era o momento perfeito enquanto a levava até a porta da frente.

Quando ela dirigia para longe, ele soltou um grande suspiro. Agora ele poderia ter alguma paz, finalmente, e, apesar do calor intenso, uma hora calma no jardim parecia convidativa. A oleandro precisava de uma boa poda e, depois de terminado, ele poderia colocar um dos grandes vasos de cerâmica no lugar. Diana, ele podia vê-la pela grande sacada, ela havia dito mais cedo que planejava trabalhar em seu livro e gostaria que ele a deixasse para se concentrar até, pelo menos, a hora do almoço.

"Eu tive uma ideia brilhante e preciso colocá-la no papel. Estou fazendo um bom progresso com o meu livro. Dê-me uma hora ou duas", ela havia dito.

A campanha tocou uma segunda vez enquanto ele ia com pés calçados com sandálias pelo chão de madeira envernizado até a porta. Ele a abriu e cruzou o quintal fechado até os portões pintados de azul bebê. O cheiro forte e enjoativo de um jasmim branco preso à parede e à treliça o atingiu quando ele colocou sua cabeça para fora.

"Olá, vocês dois, como estão? Eu suponho que tenham ouvido? Entrem".

Ele deu um passo para o lado para deixar que Bernard e Jenny entrassem. Ele *sabia (itálico)* que eles seriam os primeiros a fazer uma visita.

"Espero que não seja um inconveniente, mas acabamos de saber do Leslie. Negócio terrível, não é?", Jenny parecia abalada e alarmada. Seu rosto normalmente vivaz estava pálido quando continuou. "O que vocês, por Deus, fizeram quando o encontraram?"

Com um sentimento de horror, Steve sabia que não iria se livrar deles facilmente, não sem uma explicação, pelo menos. Bernard e Jenny - especialmente Jenny eram os piores fofoqueiros de Agios Mamas. Tomando uma decisão rápida, ele decidiu que Di poderia maravilhosamente bem ser sociável e ajudá-lo com os visitantes. Deixe o trabalho de lado, pelo menos uma vez; além disso, como ele sempre dizia, ela precisava de um descanso.

"Di! Temos companhia", ele gritou para o andar de cima.

~~~

"Bom, como todos já dissemos antes, eles certamente era um homem estranho. Não tenho certeza do quanto sentirão falta dele, já que ele incomodou uma boa quantidade de pessoas", Jenny disse enquanto pegava para si mais um canudinho de queijo. "Isso está muito bom. Você os fez, Di?"

"Não, Steve os fez, na verdade, e, sim, são muito bons. Quem você disse que ele incomodou?", ela perguntou com ar de inocente.

Jenny não percebeu quando mais uma vez retomou a conversa. "Bom, eu não gosto de fofocas e disse-me-disse... mas tem algumas, como eu disse. Considere que eu não tenho certeza de ele ter incomodado alguém tanto assim...", ela parou quando ela viu os olhares alarmados que Steve e Di não conseguiram deixar de trocar. Houve uma pausa notável conforme ela ficou branca e então ruborizada antes de arfar com a voz mais aguda.

"Meu Deus! Eu não acredito! Vocês acham que ele foi assassinado!", ela mal pode sussurrar a última palavra de tão grande que era sua horrível excitação. De olhos arregalados pela antecipação, ela primeiro olhou para Di e depois para Steve. "Vocês acham, não acham? Oooh! O que sabem? Como ele foi morto?"

Mais uma vez, Steve e Di trocaram olhares. Dessa vez, demoraram-se um pouco mais, já que sabiam que tinham dado sua palavra. Ninguém mais sabia o quão brutal havia sido o ataque a Leslie. Os detalhes macabros deveriam ser mantidos em segredo por enquanto. Jenny continuou arfando e gaguejando suas exclamações.

"Ssh! Pelo amor de Deus, mantenha a voz baixa. O inspetor de polícia disse que não devemos falar nada para ninguém ainda".

"Oh! O policial Slack! Ele é realmente patético, não é? Ele é só garganta, como minha mãe costumava dizer. Vamos, Di, não somos idiotas. Não se tem um inspetor de polícia e um sargento por aí entrevistando as pessoas se não suspeitam de algo sujo, tem?", Jenny interrompeu Diana.

"Er, talvez tenha mais do que saibamos", Di disse lentamente, pensando rápido.

"O que vocês (itálico) sabem?", ela perguntou mais uma vez.

"Jenny! Comporte-se. Você está deixando Steve e Di constrangidos. Honestamente, sua língua vai colocá-la em problemas", Bernard interveio com a voz firme.

"Não, ela está certa. É que a polícia não quer que conversemos com outros possíveis suspeitos sobre isso. Não até que eles tenham terminado por aqui. Eles enfatizaram isso, sabe", Steve respondeu.

"É claro que entendemos. Não é, Jen? Bom, eu posso confirmar por nós dois. Ontem a tarde estávamos na taverna com vocês. Aqui está, um álibi perfeito", Bernard parecia complacente quando olhou para sua esposa.

Steve e Di nada disseram. Sim, Bernard e Jen estavam na taverna.

Di tinha um pensamento persistente no fundo de sua cabeça que ela ainda não conseguia entender. Ela tentou reunir e separar pedaços de conversas e anedotas que ela havia ouvido nos últimos meses.

Algo conectava, algo que tinha a ver com, o que era-? Droga. Talvez ela lembrasse mais tarde.

“Eles provavelmente tem quilos de pistas que só eles sabem. Eles devem ter que ficar calados se tiverem”. Jenny parecia satisfeita consigo mesmo ao fazer sua contribuição. “Bom, ok, é melhor que não nos digam mais nada, afinal não queremos colocá-los em problemas. Matenha em mente que já está por toda a vila e todos estão dando opinião”.

“É isso o que está nos preocupando”, disse Steve tristemente.

Um som vindo do quintal fez todos pularem de susto. Segurando a respiração, os quatro lançaram olhares de pânico uns para os outros até que Steve se levantou para ver o que era. Passos foram ouvidos e Elaine apareceu no corredor, uma tinta em suas mãos. Ela parecia cansada e pálida por baixo de seu bronzeado. Ela olhou para cada um de uma vez enquanto todos soltavam o ar em um suspiro de alívio combinado.

“O que?”, ela perguntou.

“Ah, é só você!”, Di respondeu aliviada.

“Bom, obrigada por nada”, respondeu sua irmã bruscamente.

Steve interrompeu antes que Di pudesse responder; a última coisa que ele queria era as duas irmãs dando ataques de raiva perto dele. As coisas estavam terríveis o suficiente do jeito que estavam.

“Elaine, o que Di quis dizer realmente é que nós quatro estávamos falando sobre a tragédia de ontem e você meio que nos assustou”.

“Eu não estou nem um pouco surpresa de ter um assassino vivendo entre nós!”

“Elaine! Lembra-se do que combinamos ontem a noite?”

“Ah, aquilo! Bom, vocês não precisam se preocupar. Agora é oficial. Está em todo lugar da vila. Aquele pobre homem foi mesmo assassinado! A única coisa que não nos contaram foi como. Não que eu tenha certeza se quero realmente saber”.

Houve um momento de silêncio atordoado. Di lançou a Steve um olhar chocado antes que todos começassem a falar ao mesmo tempo. Foi uma confusão instantânea.

“Por que?”

“Me pergunto quem foi”.

“Devem tê-lo seguido”.

“Ou esperado, me parece”.

“Calem-se! Calem-se todos vocês!”

Todos pararam de falar no mesmo instante e viraram-se para encarar Elaine perplexos com a explosão inesperada.

“O que foi?”, Steve perguntou gentilmente. Ela parecia extremamente perturbada com algo.

“Olhem”, ela respondeu segurando no alto sua pintura para que pudessem ver. Todos ficaram boquiabertos e desorientados e Diana sentiu o sangue fugir-lhe do rosto.

Era a mesma pintura que Elaine havia mostrado antes. A cena rural, as árvores frutíferas e a pequena casa de pedra com o burro olhando ao seu redor. Exceto que agora ela era tão perturbadora quanto quando a *primeira* vez que Diana a tinha visto. O céu claro não era mais tranquilo e azul. Era carmesim escuro. O céu inteiro parecia escuro e pegajoso como se estivesse preenchido com sangue congelado grosso, enquanto o primeiro plano brilhava com um brilho infernal. A pintura parecia ser um de Hieronymus Bosch. O artista quatrocentista havia se especializado em representações distorcidas do inferno.

Em algum lugar uma persiana de madeira solta batia incisivamente contra a parede de pedra de sua casa. Um vento frio arrastou-se pela varanda fazendo com que Di se arrepiasse incontrolavelmente. Ela tremia dos pés à cabeça quando colocou as mãos sobre os ouvidos para afogar os tristes lamentos de um bebê chorando.

Até onde ela sabia, não havia recém-nascidos na vila e nem havia tido por muitos anos.

## Capítulo 15. Segunda-feira, mais tarde

*Arrombou o sacrílego assassínio o templo ungido do Senhor, e a vida roubou do próprio altar  
Macbeth. Ato II, Cena III*

“Bateram nele até virar uma pasta!”

Essas haviam sido suas palavras. Diana estremeceu. Certamente não, não o Bernard? Ele era um cavalheiro, gentil e amigável; todos gostavam dele. Ele simplesmente não o faria, não poderia ter matado Leslie. Poderia?

Ela rascunhou com seu lápis nas margens do seu cadernos. Bom, uma coisa era certa, Leslie não havia sido espancado até virar uma pasta e Di não conseguia ver Bernard fazendo qualquer coisa brutal na sua idade, de qualquer forma. Ela olhou para as duas figuras de palito que ela havia acabado de desenhar no topo de um precipício.

Ainda assim, havia assassinos mais velhos. E outra coisa, Leslie havia caído de uma precipício. Ou ele teria sido empurrado? Ela desenhou um homem caído e uma figura que parecia um fantasma sem rosto na base do penhasco. Ele foi jogado como um aviso – somente para causar uma lesão e então algo tinha dado terrivelmente errado? Ou ele foi empurrado de propósito? A intenção era de matá-lo e, quando ele não morreu, cortaram sua garganta? Então, e os seus punhos amarrados? Ele não havia sido torturado, só detido – isso era bom.

Era algum ritual sexual macabro que tinha dado errado, talvez? Di havia lido alguns livros muito estranhos ao longo dos anos. Algumas seitas secretas praticavam uma variedade de coisas bizarras, se de fato os relatos estivessem corretos.

Uma corda com nós e algemas juntaram-se ao esboço de Di. Será que todo o plano de execução foi orientado por um *homem*? Era tudo muito perturbador. E o tempo? Bernard *tinha tido* tempo para fazer tudo aquilo naquele dia? Diana pensou novamente naquele almoço. Estava realmente muito quente e abafado e eles haviam muito vinho branco super gelado na taverna em pouco tempo.

Provavelmente um pouco demais, já que ao dar uma leve puxada em seu short ela notou que ele estava um pouco desconfortavelmente apertado para sentar na cadeira. Pela primeira vez desde que ela e Steve se casaram, ela sabia que iria aumentar suas roupas em um número. Era irritante e ela não gostava do fato de ter quarenta anos e ser gorda.

Pense de novo no almoço de ontem. Ela tamborilou os dedos no tampo da mesa enquanto se concentrava. Sim! Como ela pode esquecer tão rápido? Bernard saiu do restaurante por um tempo. Ele havia dito que precisava sair para pegar sua carteira. Ela lembrava-se de Jenny ter ficado irritada com ele por tê-la esquecido. Por quanto tempo ele havia ficado fora? Por uns vinte e cinco minutos, eles disseram para o inspetor de polícia. Não era tempo suficiente para andar até a cena do crime e voltar. Ela sentiu um momento de alívio seguido por culpa; ela não queria suspeitar de um bom amigo. O que ela estava pensando?

Terminando outro capítulo de seu livro, Diana suspirou. Até agora, ela estava se saindo bem com a trama. Em alguns dias, as palavras haviam fluído e coberto as páginas. Ela nunca relia o que escrevia até sentar-se novamente para escrever, assim dando um tempo para um novo olhar. Geralmente, o que ela havia escrito guardada algumas surpresas. Algumas vezes era bom, outras ela ficava se perguntando para

onde ela tinha viajado. Ocasionalmente, era uma completa pilha de bosta!

Hoje, ela teve um dia imprevisível. Ela percebeu que não conseguia se concentrar tão bem quanto deveria e a última linha que ela havia escrito não fazia o mínimo de sentido. As palavras recusavam-se a organizar-se logicamente em sua cabeça.

Pensando em lógica, por que a pintura de Elaine havia sido tão horrivelmente arruinada? Quem pode ter feito isso? Os outros tinham se reunido para olhar melhor e expressaram sua indignação por alguém ter tido a audácia de mutilar um cenário tão bonito de tal forma.

Elaine disse, “Eu o deixei para secar ao ar livre, já que a tinta a óleo ainda estava muito pegajosa. O quintal esteve destrancado o dia todo. Qualquer um poderia ter vindo e feito isso. Mas por quê?”, ela parecia perfeitamente triste ao contemplar sua tela destruída.

Conforme Di olhava para a tela horrorizada, o cenário sangrento parecia pulsar e mudar diante de seus olhos, até que ela ficasse confusa e sentindo-se enjoada. Sua mente exagerada estava pregando peças nela de novo; *havia somente um céu sangrento, somente a viscosidade da tinta ainda molhada acompanhada de um corte bem no meio da tela*. Ela fechou seus olhos momentaneamente, cerrado os punhos para impedi-los de tremer, respirado fundo e olhado de novo. Qual era o problema com ela? Ela não ousou mencionar isso para Steve. Mais um episódio estranho e ele a mandaria parar.

Talvez ela devesse fazer o que ele sugeriu e tirar uns dias de folga. Afinal de contas, seu trabalho não estava indo tão bem quanto poderia.

Mexendo-se agitada em sua cadeira, ela voltou seus pensamentos para seu próprio mistério de assassinato.

Seu principal suspeito não poderia tê-lo feito, já que ele não andava rápido o suficiente. Não havia tido muito tempo, de qualquer forma. *Assim como Bernard*. Ela pausou, lápis na mão, olhos com aquela leve aparência familiar de vidrados conforme ela se afundava na história.

É claro! Ele poderia ter dirigido até lá; ele não precisaria ter corrido. Ela fez uma nota para si mesma em seu livro de planejamentos, talvez funcionasse... dirigido até lá, atropelamento! Sua memória deu um solavanco. *Foi isso* que Jenny havia comentado há tempo. Algo sobre como no inverno passado, Bernard quase atropelou Leslie quando estava escuro. Aparentemente, eles haviam tido uma briga terrível por causa disso. Leslie o acusou de todo tipo de coisa, eles quase chegaram a briga física.

Di imaginou todos homens adultos, mais velhos, encontrando-se em uma ruela mal iluminada a noite. Não haveria calçada, já que o caminho era muito estreito. O motorista teria consciência repentinamente de alguém começando a cruzar a rua, um momento de hesitação e, então, o guincho dos freios. E o medo tornando-se revolta, a batida na porta do carro, acusações e – ela sorriu com este pensamento – esses dois homens mais velhos se enfrentando na ruela escura, suas silhuetas nas luzes gêmeas dos faróis do carro. Ninguém mais por perto e era uma noite fria e escura e, ainda que não fosse muito tarde, a maioria dos moradores da vila já haviam desaparecido para dentro de suas casas para sentar em frente ao fogo. Ambos os homens, o pedestre e o motorista, estavam sozinhos. E se? E se Bernard *quisesse* assustar Leslie? De acordo com o que Bernard os havia dito recentemente na praia, Leslie os havia sacaneado em algum momento durante o último verão.

Conforme o ano foi passando e tornou-se aparente que eles haviam perdido para sempre seu dinheiro, Bernard teria tido tempo e motivação suficientes para pensar e cozinhar uma ideia. Ele teria ficado cada vez mais perturbado e ressentido com o que Leslie havia feito.

O que melhor do que planejar um 'quase acidente' para assustar Leslie? Ou seria só isso mesmo? De novo, e se fosse só suposição? Ele havia planejado atropelá-lo de fato? Uma noite escura: um carro velho com faróis defeituosos e um motoristas cujas reações não eram mais tão rápidas quanto costumavam ser. Ele poderia ter argumentado como se tivesse sido um acidente, se tivesse acontecido de fato. E se tudo isso fosse verdade e ele tivesse falhado? E se domingo tivesse sido uma nova tentativa?

Um calafrio correu por ela ao olhar para seu trabalho. Oh, Bernard, você seria capaz? Você teria a

frieza de um assassino e atropelar alguém que conhecia há muito tempo? Será que ele teve tempo suficiente para dirigir até a trilha e voltar no domingo a tarde?

Diana começou uma página nova em seu caderno e escreveu por um momento. Ela parou. Seu próximo pensamento foi particularmente sóbrio. Bernard havia estado em sua casa recentemente e estava bem ciente do envolvimento involuntário de Di e Steve. Apesar de sua cortesia antiquada e seu jeito atrapalhado, sua mente era afiada como navalha. Ele sabia como Leslie havia *realmente* morrido?

## Capítulo 16. Segunda-feira

*Fingir uma dor que não sente é um fácil ofício para um homem falso.*

*Macbeth. Ato II, Cena III*

Kristiakis bateu a portar atrás de si. Ele deu um empurrão tão forte que a velha tinta que já estava em escamas caiu em tufos. Ele sentia-se completamente irritado; ele não parou para pensar quem havia notado sua saída barulhenta da casa de Yanoulla esta manhã. Por quase dezoito meses eles estavam curtindo um relacionamento que tanto beneficiava quanto estimulava os dois. Que sua amante, Yanoulla, fosse pelo menos dez anos mais velha que ele não o incomodou no início. Já havia um tempo que ele não estava em um relacionamento puramente sexual, sem pensar em criar laços. Suas ex-namoradas eram mulheres mais novas, geralmente com sua própria propriedade, como era o costume cipriota. Frequentemente, elas eram filhas de amigas da sua mãe e todas estavam procurando por uma coisa: um marido.

Um marido dava à mulher estabilidade, um lugar na comunidade, filhos e um homem para trabalhar duro por você. Uma vez que os bebês chegassem, as mulheres tinham uma desculpa legítima para parar de trabalhar no tedioso negócio da família, geralmente administrada por um patriarca. Ela poderiam comandar sua própria casa ou, se elas desejassem continuar trabalhando, elas simplesmente entregavam os bebês para as avós cuidarem deles. Sua nova posição as tornava muito mandonas e Kristiakis não queria nada daquilo. É claro, algum dia ele ia querer filhos, mas como muitos homens arrogantes do leste, ele pensava que viveria para sempre e que *sua* semente era especial – afinal de contas, homens mais velhos ainda conseguiam fazer sexo e produzir bebês.

Se ele ficou supreso quando Yanoulla deu em cima dele pela primeira vez, ele não deixou transparecer. Em vez disso, ele ficou feliz em continuar seu fingimento de querer que ele fizesse alguns trabalhos em sua casa, quando, na verdade, ela queria que um homem mais novo e bonito fizesse algo *nela*. Uma vez que a rotina foi estabelecida, ela fez tentativas pacientes de atenuar algumas de suas atitudes provincianas e egoístas. A princípio, ele era extremamente desconfiado. Yanoulla havia morado na Inglaterra enquanto esteve casada e sua subsequente viuvez fez com que as línguas das matriarcas da vila correrem soltas. Elas rapidamente apelidaram Yanoulla de 'Inglesa', apesar de ter nascido na vila, e nunca a aceitaram em seu grupo restrito.

Apesar disso tudo, Yanoulla disse a ele que aceita estoicamente suas indelicadezas. Ela havia tentado ignorar suas ignorâncias que a magoavam e canalizado sua energia em redescobrir o passado atribulado de Kristiakis. Gradualmente, ele admitiu e contou algumas de suas façanhas durante sua atividade no EOKA; como ele havia perdido dois dedos em uma explosão, como havia ajudado com bombardeios e arrecadação de fundos e armamento para seus camaradas. Yanoulla não o criticou ou julgou, apenas escutou.

Até agora, suas vidas haviam se dado bem juntas. Yanoulla era uma mulher mais emancipada que muitas com quem ele havia estado e Kristiakis gostava da novidade. Sua liberdade sexual e objetividade estimulavam suas vontades e necessidades; surpreendentemente, eles se davam muito bem juntos.

Mas há sempre um outro lado de um relacionamento e as velhas tias de Kristiakis haviam colocado um esquema próprio em prática. Ambas mulheres tagarelas das montanhas não confiavam, não gostavam e

menosprezavam a viúva *estrangeira*. Mulheres solteiras, especialmente estrangeiras, geralmente eram toleradas, mas tratadas com desdém.

Em sua casa, as mulheres juntavam-se e criavam tensões para Kristiakis. Juntas, elas criaram um caso hipotético. *Kristiakis, você não está ficando mais jovem. Você precisa de, pelo menos, um filho e logo. Yanoulla já passou há muito da idade para ter filhos.*

Agora, havia sido revelado uma nova filha apresentável de uma velha amiga da escola. Essa filha, é claro, era bonita e da idade certa para o casamento. Marina era jovem e saudável, não era educada em demasia (não serviria ter uma mulher muito melhor educada que seu marido), só um pouco mais moderna que a maioria e com isso Kristiakis conseguiria lidar com uma quantidade módica de carinho.

Mais importante, ela era uma mulher com propriedade considerável. Marina era dona de uma casa em Nicosia e uma outra mais local com muitas oliveiras. Na costa próxima a Pissouri, ela também tinha um pedaço de terra que era próprio para desenvolvimento. Cipriotas adoravam propriedades e, talvez mais do que isso, dinheiro. Kristiakis foi informado de que ela havia retornado recentemente de um trabalho em Atenas de cinco anos e que estava ansiosa para formar família.

Tanto a mãe da garota e as tias começaram a falar com Kristiakis. Ele nunca teve chance. Além disso, quando ele conheceu a elegante e confiante Marina com seu cabelo negro brilhante e maravilhoso e seu corpo magro e gracioso, ele ficou perdido. Talvez tenha sido porque ela o olhou com olhos calmos e sinceros o apreciando quando ele ficou a sua frente e teve a temeridade de ignorar ou rir de sua desorientação. O que quer que tenha sido, Kristiakis havia decidido que ele tornaria Marina sua.

Inevitavelmente, Yanoulla ouviu sobre essa nova beleza no local – através de uma fofoqueira, é claro. Kristiakis estava incomodado. A princípio, Yanoulla pareceu ignorar os pequenos pedaços de fofoca, até que ficou aparente que havia um pouco de verdade nos sussurros. Kristiakis já havia inventado uma desculpa semana passada durante a reunião do elenco sobre *ter que* encontrar-se com Marina em Limassol. Ela o confrontou sobre dois relacionamentos ao mesmo tempo.

Por má sorte, seu cronômetro estava todo errado. Kristiakis ainda não havia conseguido seduzir Marina para ir para a cama com ele e, apesar da sua noite com Yanoulla, ele queria desesperadamente satisfazer sua luxúria com a garota maravilhosa. Yanoulla cometeu o erro capital de questioná-lo. “Por que quer voltar para casa esta manhã? Há alguma verdade no que tenho ouvido sobre Marina? Que você tem saído com ela?”

Seus lábios haviam se encrespado com escárnio e desagrado quando ela disse o nome de sua rival.

O orgulhoso Kristiakis não gostava e ressentia ter sua vida pessoal investigada; era só um relacionamento casual arranjado entre duas famílias e assim o declarou.

“Qual é o seu problema? Eu nunca disse que te faria minha esposa. Você é velha demais para isso!”, ele declarou maldosamente.

Uma briga inflamou-se entre eles e com grande teatralidade ele se retirou; a porta sacudindo atrás de si e reboco caiu em pedaços no chão.

Yanoulla tocou os lábios para impedi-los de tremerem quando ela ficou sozinha. Sua discussão e a partida de Kristiakis haviam a abalado visivelmente. Ela se preocupava com ele mais do que ela imaginava. Sempre foi assim. Se *pelo menos* ela tivesse ficado quieta sobre esse assunto da Marina. Mas no fundo ela sabia que não havia aprendido sua lição. Mesmo depois de toda dor que sei ex-marido havia lhe causado. Ela cuspiu em sua memória sombria. Graças a Deus, pelo menos *ele* não poderia mais causar-lhe mais nenhum sofrimento. Ela reprimiu um tremor ao lembrar-se da última vez que o viu.

Ela parou suas mãos trêmulas colocando os copos da noite anterior na pia para serem lavados. Que Deus amaldiçoe mães e tias bisbilhoteiras! Foi a sua intromissão que havia magoado o relacionamento deles. Por outro lado, Kristiakis nunca tinha precisado de qualquer encorajamento quando o assunto envolvia mulheres. Ela precisava pensar no que iria fazer.

Ela tinha muito poucos amigos e provavelmente não poderia confiar em nenhum deles. Ela se dava

razoavelmente bem com Alicia, mas ela era confiável? Quase certo que não. Ela dava em cima de Kristiakis quando pensava que Yanoulla não estava olhando. A mulher era louca por sexo.

Não, isso era problema dela. Ela iria ter que resolvê-lo de um jeito ou de outro. E rápido. Yanoulla havia deixado Kristiakis escapar por entre seus dedos há muito tempo. Dessa vez ele era dela e se ela não pudesse tê-lo, ninguém mais teria.

~~

Ainda irritado, Kristiakis fez a curva para longe da casa de Yanoulla. “Droga!”, ele disse baixinho ao ver Bernard e Jenny se aproximando. A última coisa que ele queria fazer era ficar de conversa mole discutindo os acontecimentos de ontem quando ele tinha outras preocupações na cabeça. Seu inglês estava longe de ser perfeito, mas ele sabia bem pelos outros moradores que os dois adoravam uma boa fofoca.

Depois de um minuto, Kristiakis conseguiu escapar dentro do que ele considerou ser um bom tempo. Ele não queria ser hipócrita no que dizia respeito ao leslie. Ele nunca esqueceu ou perdoou o que ele havia feito no passado ruim. Só de ver Leslie pela vila agora sempre fazia seu sangue ferver de raiva. A menor das coisas que ele fez foi intimidar todos que viviam na vila e, então, ele teve a audácia de retornar e viver aqui! Como o homem pode ter a coragem, o atrevimento, de pensar que os mais velhos não iriam reconhecê-lo ou se lembrar dele? Insultante!

Ainda de mau humor, ele andou pelo caminho mal cuidado tirando de seu caminho dois gatinhos e sua mãe. Ele não queria voltar para a sua casa onde ele morava com suas velhas tias. Kristiakis sabia que as mulheres e uma ou duas amigas estariam esperando seu retorno com olhares sinistros de desaprovação. Elas sabiam onde ele havia passado a noite. Kristiakis não estava pronto para tudo aquilo, especialmente depois de sua briga com Yanoulla. Talvez tenha sido melhor assim. Com ela fora do caminho, ele poderia ir atrás de Marina sem nenhum problema. Seria bom ter só um objetivo... e quando ele a tivesse. Aaah!

Kristiakis olhou seu relógio. Ele não estava afim nem de ir ao Kafeneo beber algum café nem de jogar *tavli* com os homens mais velhos. Ele decidiu andar pelos limites da vila e procurar por sua irmã Antígona. Kristiakis caminhou rua abaixo mantendo-se do lado sombreado, já que o calor já estava aumentando com o novo dia.

Kristiakis tinha um relacionamento estranho e complicado com sua irmã. Antígona era sete anos mais nova que ele. Agora aos quarenta anos, ela levava uma vida estranha e solitária. Ela era dona de uma casa pequena com um pedaço de terra adjacente e ela vivia sozinha, exceto por um bando de galinhas, bodes e dois burros como companhia. Kristiakis não tinha ideia se ela era feliz e ele também não ligava muito.

Na maioria das vezes que ele foi visitá-la, ela o ignorava. Ela continuaria a fazer suas tarefas, somente deixando claro que ela estava ciente de sua presença quando relutantemente oferecia uma caneca de leite quente de cabra para beber. Antígona nunca demonstrava sentimento algum durante suas visitas pouco frequentes. Kristiakis era muito casca grossa para se preocupar com isso. Desde que ele a visitasse de vez em quando e ela estivesse em boa saúde estava tudo bem.

Antígona perambulava pela vila como um ratinho discreto visitando as lojas locais para comprar seus itens essenciais. Antígona nunca falava com os homens da região e, quando aparecia um estranho, ela preferia voltar para sua casa e fechar a porta para o mundo lá fora. Mas, apesar de sua desconfiança com as pessoas, Antígona passava mais tempo andando pela vila do que qualquer outro. E, por causa disso, nada passava por ela. Ela guardava todos os segredos da vila.

Kristiakis não sabia o porquê de ela não gostar de estranhos e especialmente homens. Mas como ela não causava problemas para ninguém – especialmente para ele – ele não iria sair da sua rotina para

buscar por razões e respostas.

Aproximando-se de seu portão pelo caminho cheios de buracos e plantas, ele gritou um cumprimento para não causar alarme com sua presença. Antígona estava na pia de pedras do lado de fora, desenformando sua última remessa de queijo de cabra caseiro em pequenos pratos de terracota. O ar a sua volta tinha um cheiro acre, forte e azedo do queijo branco na cuba. Antes ela foi bonita, com um cabelo longo e liso de cor negra que envolvia a delicada estrutura óssea de seu rosto. Sua figura era alta e esguia com punhos e tornozelos finos. Seus olhos, o mesmo azul claro e profundo que os de seu irmão. Agora eles eram opacos e sem expressão enquanto ela fazia seu trabalho.

“Antígona. Oi, como está?”, ele a cumprimentou. Pela primeira vez, ela olhou para cima e registrou seu irmão quando ele estava entrando pelo quintal desalinhado. Pedacos de lenha e de vasos quebrados estavam jogados ao lado de baldes de plásticos e latas de alumínio. Ela franziu os lábios e acenou brevemente, mas continuou com seus potes de queijo.

Kristiakis olhou em volta. “Ah, fazendo queijo. Sempre fazendo queijo. É bom que todos nós admiremos seu *halloumi*. Eles são os melhores, sabe”.

Pegando uma faca de queijo que estava em cima da mesa, ele pegou uma fatia de um pedaço de queijo curado. Ele sorriu fracamente para ela. Ela o surpreendeu mais ainda ao acenar bruscamente reconhecendo seu elogio enquanto enchia os pratos. Ela deixou correr água limpa da torneira para tirar os vestígios do queijo.

Estudando sua face cuidadosamente enquanto falava, Kristiakis perguntou. “Antígona, você se lembra do inglês? Aquele que chamavam de senhor Leslie? Você entende? Você se lembra dele?”

Ele ficou espantado quando ela parou o que estava fazendo, a cuba de madeira ainda em suas mãos. Ela manteve seus olhos baixos e ficou bem parada quando ele acrescentou. “Ele foi encontrado morto ontem. Assassinado, estão dizendo”.

Antígona colocou seus utensílios de volta na pia e virou-se para olhar verdadeiramente para Kristiakis. Seu rosto parecia diferente. Pela primeira vez em anos, ele viu algo lá. Uma oscilação em seus olhos, reconhecimento talvez. Não era nada drástico como excitação, mas ele poderia dizer que ela estava ouvindo e havia entendido o que ele disse. Houve uma pausa.

“Eu sei”, ela respondeu finalmente com a voz suave e rouca de quem não estava acostumada a falar.

Kristiakis ficou surpreso e maravilhado. Não era o fato de ela já saber, mas o de ela ter se voluntariado para responder.

“Eu sei”, ela repetiu.

“Nós não gostávamos dele!”, Kristiakis gritou com veemência. “Ele era estrangeiro e você, você tem medo de homens de fora. Mas ele é menos um agora”, sua voz vacilou quando sua irmã virou-se para longe dele com um sibilo raivoso nos lábios. Ele não teve chance de ver a expressão afetada em seu rosto.

Em vez disso, com seu corpo de costas para o dele, ela sussurrou. “Você não entende. Nunca entendeu”.

Foi dito tão suavemente que ele não sabia se ele havia imaginado ou não. Antígona nunca falava voluntariamente com ninguém.

Kristiakis fez uma pausa; ele ouviu a torneira pingando na pia de pedra. Um pássaro cantou acima deles. Ele contemplou as costas rígidas que Antígona o ofereceu ao voltar sua atenção para o queijo. Intrigado pelo seu comportamento, ele moveu-se em volta dela para ser capaz de ver sua expressão facial mais claramente. Quando Kristiakis fez isso, ele percebeu que o olhar familiar estava de volta em seu rosto. O vazio havia voltado; ela estava longe, em algum outro lugar em seu próprio mundinho.

## Capítulo 17. Segunda-feira

*Quem sábio pode ser e estupefacto, moderado e furioso, leal e neutro na mesma hora?*

*Macbeth. Ato II, Cena III*

O pequeno carro fez seu caminho regularmente pela estrada da montanha na costa próxima à Pissouri, até que chegou no sopé do Troodos. Sua placa traseira com número vermelho sinalizava que era um carro de aluguel. A estrada ondulava entre as colinas e os vales suaves. O ar parecia pesado com a fragrância das ervas que cresceram nos campos ao longo do caminho.

Thomas não viu alma alguma ao continuar seu caminho colina acima. Apesar do calor intenso que o atingiu como um martelo assim que desembarcou do avião no aeroporto de Paphos, a claridade e a luminescência da luz do dia era deslumbrante. Não é surpresa que seu pai, Leslie, gostasse tanto de sua vida aqui. Pintar nessas circunstâncias só podia ser encantador.

Thomas sentia-se inseguro e desconfiado sobre esse encontro em Agios Mamas. Em primeiro lugar, ele não estava em território conhecido e isso, ele pensou, o colocava em total desvantagem. Ele nunca conheceu a ilha e seus costumes e jeito peculiares e só de estar em uma terra 'estrangeira' podia deixar alguém desorientado.

Thomas só o havia visitado uma vez antes. E, à época, ele e a irmã haviam ficado em um hotel na costa. Eles não tinham sido convidados para ficar na casa, nem com seus companheiros e famílias nem somente os dois sozinhos. Não era *conveniente* ou não havia *espaço suficiente* para todos eles. Tudo desculpas. Na verdade, ninguém sentia-se confortável com Thomas e Victoria na casa. Tinha sido muito melhor vê-los somente uma ou duas vezes durante as férias de verão inteiras; talvez só uma refeição juntos e então dizer tchau. Era mais fácil, mais simples e sem constrangimentos.

Claramente, Thomas sabia da razão real para tudo isso. *Ela*. Sempre foi ela. Não que seu pai tenha sido mais puro que a pureza. Um caso sempre precisa de duas pessoas, não precisa? Todos podiam chegar a essa conclusão. Mas deixando tudo isso de lado, *Leslie* era seu pai e, apesar de sua esposa atual e tudo mais, Thomas e Victoria eram *seus* filhos. E, depois de ter conhecido Sonja somente aquela vez, eles provavelmente seriam seus *únicos* filhos.

Em poucos minutos depois de seu primeiro encontro, ele logo perceberam que Sonja os odiava. Ela os odiou quando os conheceu jovens e ela os odiou quando eles escreveram uma carta e anexaram uma foto da família que todos tiraram juntos em um Natal. Sonja não queria ter nada a ver com eles e ela fez o que pode para garantir que, uma vez seguramente casada com seu pai, então ele também não teria mais nada com eles também.

Até onde Thomas e Victoria sabiam, ela continuava sendo fria, cruel, desleal e completamente injusta com seu comportamento.

Então, era estranho que Thomas estivesse no Chipre. Seu pai já estava com uns setenta anos agora e, apesar de viver sua vida ao máximo e com muita energia, Thomas presumiu que seu pai já estivesse sentindo sua idade. Leslie havia escrito para Thomas, como ele era o mais velho de seus filhos, e pediu que se encontrassem. Ele – e isso não tinha nada ver com ele – sugeriu pagar pela passagem aérea. Não que Thomas iria aceitar essa caridade inesperada. Ele ganhava um salário muito generoso na Inglaterra, muito obrigado.

Em sua carta, seu pai havia dito: *'ele teve um encontro recentemente com seu advogado cipriota e propôs fazer algumas alterações em seu testamento'*. Leslie havia dado uma dica de que Thomas e Victoria *'receberiam uma porção muito mais generosa dos seus bens quando ele morresse do que era esperado previamente'*.

A irmã de Thomas foi bastante mordaz e sarcástica com seus comentários quando Thomas explicou tudo devidamente para ela.

“Nós nunca esperamos nada, de qualquer forma. Tudo vai para *ela*. Nós agora devemos nos ajoelhar em profunda gratidão para essa inesperada e magnânima generosidade?”

Ela sempre foi a mais mordaz dos dois.

Thomas tinha tentado amenizar a irritação de sua irmãzinha combativa com uma risada. Ele respondeu, "Se nós aceitarmos, não seria incrível aceitarmos pelos nossos filhos? Por que deixá-los sofrendo quando uma herança poderia ser usada? Quem sabe quando eles precisarão de uma quantia considerável? Ainda que eles sejam novos, não vai demorar muito até que comecem a pensar na universidade ou um carro e depois um empréstimo para a primeira casa".

Victoria permaneceu quieta enquanto refletia sobre isso. Finalmente, ela pensou em um pedido. "E a nossa mãe?"

Beth ficou devastada quando foi deixada por uma mulher quase vinte anos mais nova. Ela descobriu ser uma luta constante conseguir lidar com tudo isso e sofreu um esgotamento nervoso. Isso a deixou irremediavelmente inadequada para lidar apropriadamente com sua vida.

"Essa oportunidade", Victoria declarou, "seria a recompensa ideal para tudo de ruim que aconteceu com ela".

Ao encostar o carro na estrada para checar o caminho para a casa do seu pai e da pavorosa bruxa que era a madrasta deles, Thomas desejou que tivesse insistido para que sua irmã mais nova e mais corajosa o tivesse acompanhado.

Thomas colocou a primeira marcha no carrinho e o fez subir pela ladeira íngreme até o estacionamento da vila. Estacionado em segurança, Thomas olhou seu cabelo claro (o da sua mãe) no espelho retrovisor pela força do hábito e desligou o motor. Agora ele teria que encarar o seu pai.

As andorinhas estavam voando baixo pelos beirais das casas próximas conforme ele seguia as instruções de seu pai. Ele encontrou a casa facilmente e tirou um momento para assimilar a redondeza. Ele ficou surpreso com o tamanho da propriedade, pelo menos com como lhe parecia pelo lado de fora. Thomas percebeu que estava olhando para uma extensa velha casa de pedra com diferentes patamares até seu teto de terracota. Os dois quintais, dos quais ele só tinha um pequeno vislumbre por trás do muro, estavam abarrotados de plantas. Grandes amendoeiras, figueiras e ameixeiras lançavam sua sombra sobre a passagem. Era charmosa e agradável e completamente nada do que ele esperava. Se as circunstâncias fossem mais felizes, ele sabia que ficaria feliz em ficar aqui.

Com certa apreensão, ele ouviu passos em resposta a campainha. O pesado portão de madeira se abriu e ele se viu encarando Sonja.

“Sim? No que posso ajudar?”. Claramente, ela não o reconhecia pelas raras fotografias.

Sem perceber o que fazia, ele respirou profundamente para acalmar seus nervos ridiculamente alterados. “Sou eu, Thomas”.

Sonja deu um passo para trás surpresa. “Você foi rápido. Como descobriu tão rápido?”, ela perguntou desconfiada, seus olhos meio fechado quando o escrutinou de cima a baixo.

Um pouco confuso, Thomas respondeu. “Meu pai me ligou há umas duas semanas e me pediu para vir até aqui”.

Ele olhou por cima do ombro dela em direção ao quintal. “Ele está? Ele está me esperando. Nós combinamos por volta das onze horas”. Ele olhou para seu relógio de pulso.

Thomas não havia percebido o impacto que suas palavras tiveram em Sonja.

Ele observou seu rosto conforme ela fez uma tentativa de respondê-lo.

“Você não sabe? Como poderia? Eu ainda não fiz contato com ninguém.”

Um pensamento sombrio veio a mente de Thomas. *Do que ela está falando?*

Sonja recuperou-se rapidamente e deu um passo para o lado arrependida.

“É melhor você entrar. Receio ter más notícias para você”.

## Capítulo 18. Segunda-feira

*Há adagas nos sorrisos dos homens.*

*Macbeth. Ato II, Cena III*

A nadadora nadou com vontade em direção à bóia laranja. Firmemente ancorada na areia à cem metros da costa, fazia do lugar um ótimo ponto para nadar. A brisa desta tarde soprava à uns cinco nós, o que causava poucas ondas. Consequentemente, o mar calmo e liso significava um nado fácil. Ao alcançar a bóia, Tilly fez uma pausa para recuperar o fôlego. Ela observou as pessoas na praia. Era um hábito do qual ela ainda não tinha se livrado. Ela rolou para ficar com o estômago para baixo e voltou a nadar em direção a praia.

A temperatura continuava quente com o mar retendo o calor do longo e lânguido verão. Logo, o resto das famílias que estavam de férias voltariam para suas casas na Europa. As praias ficariam vazias dos gritos excitados das crianças; elas estariam de volta as salas de aulas e seus pais voltariam ao trabalho que os possibilitava um vislumbre de liberdade por duas semanas no verão.

Tilly alcançou a parte rasa e rolou para boiar de costas, seus dedos dos pés apontando para o horizonte ao longe. Ela fechou os olhos e se forçou a relaxar; esquecer a semana passada e esquecer os acontecimentos dos últimos meses. Tilly sentia-se culpada e, ao mesmo tempo, agradecida; imensamente aliviada que estava tudo acabado. Agora ela poderia esquecer tudo que havia acontecido no passado. Por semanas ela ficou com medo de sair de casa. Ela não conseguia esquecer o sentimento de estar sendo seguida. Perseguida, a polícia havia dito. Que palavra sinistra. O pior era a noite em sua casa. Tilly odiava o sol poente que anunciava a noite vindoura. Logo antes de ficar tudo escuro, ela corria pela casa em pânico puxando as cortinas e trancando as portas e janelas. Então, ela colocava o ar condicionado no máximo porque ficava suando dentro de sua caixa hermeticamente fechada. Tilly ressentia-se de ficar assim fechada. Mas ressentimento era um pequeno preço a pagar se isso significava ficar a salvo quando o luz suave da manhã passasse pela sua palmeira em seu pequeno jardim no dia seguinte.

Para seu desgosto, lágrimas encheram seus olhos e apertaram-se por baixo de seus cílios. Tilly engoliu a sensação repentina de engasgo. Quando eles a ligaram mais cedo com suas 'notícias alarmantes', Tilly não ousou falar uma palavra com medo de se entregar. Ela falou de seu choque e sua surpresa, mas não conseguiu confiar em si mesma para falar mais. Claramente, ela sabia que Bernard, Jenny, Pette e Ann iriam apoiá-la dentro das circunstâncias, eles sabiam da história, ainda que não soubessem de *todos* os detalhes sórdidos. Mas Tilly ainda mantinha esse sentimento de culpa por baixo do alívio inebriante. Seja forte, ela disse a si mesma. Está tudo acabado agora. *“My hands are of your colour; but I shame to wear a heart so white.”*

Tilly sentiu seu corpo mover-se conforme uma pequena onda passou por baixo dela. Nadando para a costa, ela deu algumas braçadas até que a água estivesse na altura de seus joelhos. A sensação era de quente e suave como a de um banho morno. Ela levantou-se limpando as lágrimas do rosto, prendeu o cabelo marrom acobreado e o torceu para tirar um pouco da água salgada. Com um novo propósito, ela logo foi caminhando para a costa; alta, magra, uma bela mulher próxima aos cinquenta anos. Tilly alcançou o lugar onde ela havia deixado sua toalha de praia e suas chaves do carro e deu uma pequena risada. Pela primeira vez, ela não iria se incomodar em tomar um banho gelado e tirar a água salgada

antes de dirigir para casa. Com sua recém-descoberta liberdade, Tilly estava ansiosa pelo luxo de tomar banho em seu próprio banheiro. Pela primeira vez em tempos, ela iria tirar suas roupas em *sua* casa, quando e onde ela quisesse. Ela estaria livre para andar pela casa completamente nua, se ela quisesse. Ela poderia ficar no box do banheiro com a água caindo como cascata e brincar livremente com seu cabelo, seus seios, suas pernas e seu corpo. Levando todo o tempo que ela quisesse. Pela primeira vez, não teria aquela terrível sensação de calafrio de estar sendo vigiada.

“Finalmente, estou livre”, ela sussurrou.

## Capítulo 19. Ontem – Domingo

*Devo pedir emprestadas à noite uma ou duas de suas horas sombrias.*

*Macbeth. Ato III, Cena I*

---

Alicia olhou rapidamente para seu relógio. Ele não poderia estar longe; ela não ficou tanto tempo ouvindo a história patética de Sonja, certamente?

Sonja! Por que ela não conseguiu ver por si mesma? Ela *deveria* saber. Mas não, como sempre, Sonja se enganava dizendo que nada estava acontecendo. Ela era uma tola e não merecia nada melhor.

Alicia decidiu ir pelo caminho um pouco mais longo que dava a volta no vinhedo. Pegando esse caminho, ela sabia que poderia alcançar Leslie antes que ele pudesse começar a subida de volta para casa. Ela tinha mais uma chance de confrontá-lo e de pegá-lo. Alicia apertou o passo. Apesar do calor escaldante que fazia, ela raramente o sentia. Ela era naturalmente friorenta e sempre era a última a tirar seu casaco no inverno, muito depois de todos já estarem usando short e camiseta.

O caminho poeirento alongava-se pela descida da colina. Ela sabia que era o favorito de Sonja e Leslie; o caminho de quase uma hora era um bom exercício para os cachorros. O caminho completo levava até o rio e a uma antiga casa em ruínas, mas o seu caminho comum tinha uns dois atalhos que o encurtava para uns vinte e cinco minutos, mais ou menos. Alicia acreditava que Leslie não iria se incomodar em pegar o caminho mais longo, mais cansativo, apenas para ver o leito do rio seco. Ela considerou o que tinha que dizer a ele. Em face de sua ameaça recente, ela não tinha tempo a perder. Ela *tinha* que impedi-lo de espalhar sua cruel calúnia.

Determinada, Alicia andou mais rápido. Com a cabeça baixa, sua bolsa de couro pesada em seu ombro. Alheia ao que estava à sua volta, ela não viu ninguém enquanto passava pelo vinhedo. Ao fazer uma curva, ela literalmente trombou na pessoa que pensava. Agitada, ela afastou-se de Leslie, mão sobre a boca constrangida.

Apoiando-se em uma pedra branca, Leslie cruzou uma perna a frente da outra; seu rosto estava coberto pela sombra de um pinheiro. Recuperando sua postura, Alicia ficou parada. Apesar de seu propósito para ir atrás dele, ela ficou surpresa de encontrá-lo esperando por ela. Ele sempre esse estranho dom de saber das coisas.

“Procurando por alguém? Por mim, por exemplo? Esse não é seu lugar de colher ervas”, ele disse. Leslie tinha um ar de arrogância divertida em sua face ainda bonita. Alicia notou seu sorriso convencido; ele nunca mudava.

Ela fez uma pausa enquanto Leslie se endireitava e esticava as pernas. Ela estava irritada; para seu desgosto, ele ainda tinha um efeito sobre ela. Ele podia fazer sua pulsação ficar mais rápida só de sorrir para ela. Maldito seja ele! Uma determinação fria a inundou; ela *não* o deixaria vencer dessa vez.

“Eu quero saber -”, ela começou.

“O que? Sonja te contou alguns contos? Ela realmente não deveria. Além disso, nada é assunto seu, é, querida Alicia?”

Leslie sorriu de novo, só que dessa vez era um sorriso cruel; sua voz, uma fala arrastada, lacônica e educada.

Os olhos de Alicia encontraram-se com os de Leslie. Ela hesitou por alguns segundos antes de continuar, seu coração acelerado em seu peito. Lentamente, ela sacudiu a cabeça para ele.

“Não, não é isso. Eu sei tudo sobre a Tilly. Você nunca foi discreto”, ela mordeu seu lábio. “Não, eu quero saber o que está planejando. Sobre seu –”, Alicia fez uma pausa. “Seu livro negro e o que pensa que sabe sobre mim”.

A luz do sol sarapintada dançava em seu rosto pálido e ansioso sob a árvore. O tempo parecia ter congelado enquanto Alicia esperava por sua resposta. A sua volta ela podia sentir o cheiro de ervas selvagens. Um bando de abelharucos com cores brilhantes cantaram ao passar voando por cima deles. Tudo tinha uma sensação estranha; dura e simples.

Leslie quebrou o feitiço ao dar um risada baixa e rouca. “Ah, isso!”, ele deu um uma risada sarcástica de divertimento. “Eu me perguntava quanto tempo demoraria até você começar a fazer perguntas. Não se preocupe, Alicia, querida, você quase não está enel. Pelo menos, não ainda, mas eu ainda não terminei de escrevê-lo”, ele fez uma pausa como se estivesse considerando o que dizer em seguida.

“Mas, é claro, tudo depende de você. O quão importante são seus dois pequenos segredos e como os abandonou? E provavelmente foi quando eles mais precisavam de você. Você não é muito maternal, não é, Alicia, querida? Como você *explicaria* para todos aqui? Uma filha morta e outra grávida de seu último amante? Ou ele seria seu *pai*? Você nunca admitiu esse último pedacinho delicioso para mim”.

Chocada com suas acusações, Alicia não conseguiu evitar um momento de hesitação. Ela mordeu seu lábio inferior para impedi-la de dizer algo que se arrependeria depois. Bastardo! Se ela nunca tivesse contado para ele. Ela devia ter sido mais esperta e não contar os segredos da seita. Como ela iria explicar para os outros, sua filha ter morrido de um problema congênito no coração – como o seu? Ou que sua outra filha tinha insistido em permanecer dentro da seita onde ela tinha nascido e onde se sentia segura. Leslie nunca saberia o quanto doeu em Alicia quando ela deixou seus iguais.

Oh, Leslie! O que tinham algumas pessoas? Havia aquelas que realmente possuíam um poder de revelar seus segredos mais escuros e sempre ter você sob controle? O que ela poderia dizer? Ela não poderia implorar; só iria deixá-lo mais determinado em contar toda a sujeira que sabia sobre ela.

“Por favor –”

“Por favor o quê?”, ele perguntou, seu sorriso mais frio. “Por favor, me foda mais uma vez? Pelos velhos tempos?”

Ela sentiu o sangue correr para seu rosto enquanto ruborizava. Leslie viu sua cor mudar e deu uma gargalhada. Tarde demais, Alicia percebeu que ele sabia como ela se sentia.

Indignada, Alicia levantou a mão esquerda, mas Leslie moveu-se mais rápido e pegou seu punho com um aperto violento. Ela sentiu-se ser girada e pressionada fortemente contra a pedra quente e lisa. Seu anel de escaravelho de ouro com lápis-lazúli brilhou sob o sol quando ele trouxe sua mão para seu rosto. Ele pegou seu queixo e o beliscou.

“Então, piranha? É isso que você quer?”, seu hálito quente em sua orelha. Sua mão correu para seu seio e o aperto com força. “Vamos, me diga que estou certo”.

Contrária a toda sua determinação, ela arfou quando a velha sensação familiar de estremecimento corria por ela. Suas mãos foram selvagens ao encontrar seus mamilos duros e excitados. Com um movimento ele abriu a sua blusa, botões espalharam-se pela terra a sua frente. Seus seios expostos pareciam cremosos como marfim. Ela arfou ao sentir seu anel arranhar a pele macia de seu pescoço sabendo que iria sangrar.

Fraca, ela inclinou-se contra ele, sem sentir o desconforto. As pernas de Alicia tremiam quando a mão dele correu por entre elas, pelo tecido da sua roupa. Os dedos de Leslie eram gananciosos e

insistentes ao encontrar sua calcinha. Sem vergonha alguma, ela percebeu que estava molhada e que ofegava com luxúria quando seus dedos a penetraram. Foi uma violação atendida avidamente.

Quase sem saber o que estava fazendo, Alicia abriu o zíper e pegou em sua ereção. A idade parece nunca ter feito diferença alguma para o apetite sexual de Leslie. Ele a penetrou e ela gemeu com um estremecimento traiçoeiro. Ela envolveu uma perna em sua coxa conforme ele se empurrava para dentro dela com força e rápido, sua respiração grunhindo em uníssono como cada investida forte e egoísta.

Correspondendo seu ímpeto e sentindo-se tonta, ela perdeu o controle; uma dor em peito e cada inspiração era mais difícil que a última. Tudo acabou rápido demais. Um filete quente corria por sua perna quando Alicia chegou ao clímax, ondas quentes passando por seu corpo. Alicia agarrou-se a Leslie ofegando e tremendo, seu orgasmo tão profundo que quase doía.

Leslie a soltou e deu um passo para trás, um olhar presunçoso emplastrado em seu rosto. Ele deu uma risada curta de divertimento.

“Você nunca muda, não é, Alicia? Eu aposto que você era a putinha da sua cidade natal. Onde era? Em algum lugar na fronteira de Irlanda do norte, creio eu?”

Ele terminou de se vestir, colocando sua camisa de volta em sua calça, rindo para si mesmo.

“Sempre fácil, quase não vale a pena. Você é sempre uma foda disponível”.

“Seu bastardo!”, ela sussurrou. Sua face era uma máscara de horror ao encarar seu algoz. Ela não conseguia acreditar no quão estúpida ela tinha sido.

“Bom, você não poderia me chamar de mais nada, não é, querida?”

Ele moveu-se para longe dela. Os olhos de Alicia o seguiram com raiva renovada. Uma vez, há muito tempo, ela tinha achado que estava apaixonada por ele. Como ela pode pensar isso? “Você é um homem horrível e odioso!”

Foi então que ela o viu. Seu pequeno livro negro estava saindo do bolso de sua calça. Apesar do que ele havia dito mais cedo, ela *sabia* que o que ele tinha escrito ali não faria nada bem para sua reputação. Ele era vingativo o suficiente para deixar que os outros soubessem. Ela precisa tê-lo a qualquer custo.

Alicia moveu-se em sua direção, suas mãos punhos. Ela queria aquele livro.

“Bom, você não é o primeiro a me cumprimentar desse jeito e eu duvido muito que será o última”, ele disse dando de ombros, aparentando não ter sido perturbado pelo comentário. Ele moveu-se para fora da sombra da árvore. A luz do sol ao atingir seu cabelo acinzentado, quase o deu uma aparência germânica. Seus olhos azuis pálidos brilhavam com divertimento frio.

“Eu te odeio!”, Alicia disse por entre dentes cerrados.

Dessa vez, ele rugiu com a risada. “O sentimento é completamente mútuo, eu te garanto. Correndo o risco de ser repetitivo, você só é boa para uma coisa. E eu provavelmente já tive uma overdose”.

Alicia percebeu o quão alheio ele era a tudo. Ela observou enquanto Leslie andava despreocupadamente para longe, limpando a sujeira de sua calça e camisa enquanto ria de sua piada ruim.

Alicia ficou furiosa. Em um momento ela o observava com ultraje e ódio. No outro, ela estava voando para cima dele. Mãos e unhas em riste, prontas para abrir seu rosto, os pés chutando com toda a vontade possível.

Eles colidiram, Alicia gritou com raiva. Leslie levantou as mãos para tentar se proteger de seu ataque desenfreado. Ela não conseguia parar, batendo e arranhando seus olhos. Leslie recuperou-se de sua surpresa, empurrando-a e jogando-a para longe. Ela era tão leve que foi como afastar um inseto incômodo.

Sua zombaria a deu uma força selvagem. Ela agarrou-se a sua blusa com as duas mãos quando ele a girou. Alicia continuou com o giro até quase completar um círculo completo... então, ela o largou e... o empurrou.

Depois do ocorrido, Alicia lembrou-se da situação quase como tendo a assistido em câmera lenta. Leslie deu um passo involuntário para trás. Ele oscilou. A borda do penhasco cedeu sob seus pés, arbustos arranharam suas pernas. A boca de Leslie abriu-se em surpresa e então em alarme. Ele tentou recuperar o equilíbrio; seus braços moveram-se freneticamente conforme ele, lentamente, tombou para trás. Ele deu um curto grito de pavor. “NÃO!”

Depois que a terra solta e as pedras pararam de cair, houve silêncio.

Dando um passo hesitante para frente, Alicia olhou para a base do penhasco. Leslie estava com as pernas abertas e deitado de costas, quase escondido pelos arbustos grossos de acácias. Ela ouviu um baixo gemido de dor. Ele *estava* vivo, então.

“Alicia, Eu – eu não consigo me mexer. Minha perna –”

Ela sabia que se ela quisesse o livro – e ela o queria, então ela teria que descer para pegá-lo.

“Aguente aí! Eu vou descer”.

Encontrar uma maneira segura para descer não foi fácil. A terra mole em volta da margem cedia com o mais leve toque de seus pés. O coração palpitando, Alicia sabia que poderia acabar caindo se não tivesse cuidado.

Eventualmente, Alicia encontrou um caminho estreito que a levava para onde Leslie estava. Colocando sua bolsa a tiracolo, ela desceu, meio andando, meio deslizando.

Alcançando a base do penhasco, Alicia olhou em volta. Há muito tempo, este pedaço estaria nivelado e cultivado; este pedaço foi deixando de lado por muitos anos e ela fez seu caminho pelas plantas altas. Arbustos espinhentos atacavam suas roupas e sua pele com seus selvagens espinhos.

Aproximando-se da moita que o escondia, ela o chamou. Não houve resposta. Obstinadamente, ela aproximou-se dele sem saber o que encontraria. Seus olhos correram de um lado para o outro procurando o livro.

“Leslie? Leslie, você está bem?”

Ele nem respondeu nem se mexeu.

“Acorde!”

Trépida, ela chegou mais perto e estudou seu rosto ensanguentado. Ele estava arranhado; provavelmente por causa das pedras e dos arbustos espinhentos a sua volta. Sua perna estava dobrado em um ângulo impossível. Seus olhos estavam fechados, inconsciente ou – ?

Um tremor delicioso passou por seu corpo com tal pensamento. Talvez ele já *estivesse* morto.

Isso deixaria tudo mais fácil.

## Capítulo 20. O mesmo domingo

*Cada um poderá ser dono de seu tempo.*

*Mabeth. Ato III, Cena I*

Sozinho em sua sacada, Tony estava intrigado. Ver Leslie sair para um de seus passeios o fez ficar curioso; não era a hora que Leslie geralmente saía. Quase dez minutos depois, uma Alicia confusa, mas determinada havia saído pelo mesmo caminho. Rindo-se, Tony pensou que ela não iria colher ervas pelos passos furiosos que dava.

Aha! Parecia que Alicia estava correndo para alcançar Leslie. Agora, por que ela fazia isso? Eles estariam revivendo a luxúria carnal entre eles? Ou eles nunca pararam de se encontrar e como o velho bode conseguia? Que método especial ele tinha? Ele quase nunca estava sem algum tipo de amante. Que cara sortudo e despudorado, Tony estava cheio de inveja. Já tinha algum tempo desde que ele se encontrou com uma mulher.

De qualquer forma, seria bom descobrir o que estavam tramando. Ele poderia descobrir algo que pudesse usar. Além de ser fascinante assistir. Ele riu com o pensamento de ver Leslie e Alicia transando, ver sexo ilícito nunca falhou em deixá-lo excitado. Deixando de lado seus pensamentos de mais cedo de seus DVDs especiais, ele desceu as escadas. Parando somente para pegar um chapéu de palha e colocá-lo na cabeça, ele abriu a porta da frente e saiu pelo mesmo caminho.

Depois do relativo frescor da casa, o calor do dia o atingiu como uma parede de tijolos. Era quase tangível e ele sentia como se toda gota de umidade estivesse sendo lentamente sugada de seu corpo. Com sua preguiça usual, ele quase decidiu voltar e esquecer Leslie e Alicia. Mas algo o fez segui-la; e não era só o pensamento de sexo.

Tony continuou pelo caminho com a intenção de continuar seguindo Alicia. Ela estava andando bem rápido e, xingando em voz alta, ele sabia que deveria andar rápido para alcançá-la. Logo, depois de ter feito algumas curvas no caminho, ele estava escondido dos olhos de qualquer morador da parte alta de Agios Mamas.

Sem preparo físico, em alguns minutos, ele já estava suando acima dos lábios e na testa; ele já sentia um filete de suor correr pelas suas costas. Ele limpou o pouco que caiu em seus olhos. *Talvez essa não tenha sido uma ideia tão boa assim no fim das contas. Vai valer a pena?* Ele olhou para seu relógio de pulso; ele não poderia esquecer do almoço na taverna da vila. Hoje prometia ser um bom dia com os de sempre. Ele estava com um tempo bom. Deus, mas como ela era rápida, ela conseguia manter o ritmo. Ela deve estar ansiosa. Quem diria? Ela parecia mais o tipo que toca órgão na igreja.

Dez minutos depois de deixar a vila e ele não estava se sentindo bem. *É melhor que valha a pena, se ele pelo menos os pegasse no ato. Ah, sim!* Eu realmente teria munição para atirar de volta em Leslie. E em Alicia também. Ultimamente, ela parecia ficar muito feliz em fazê-lo sentir-se como uma minhoca inútil ao rejeitar suas peças, uma atrás da outra. Bruxa velha, calculista e maliciosa!

Parando para um rápido descanso e para recuperar o fôlego. O caminho estava começando a ficar desnivelado. Ela não poderia estar muito mais a frente agora. Suor estava brotando dele e seu coração estava batendo feito louco. Tony podia jurar que sentiu uma ou duas palpitações estranhas. Talvez ele devesse voltar, ele estava se sentindo tão mal e com a cabeça leve e estúpido! O que diabos o fez decidir

segui-la? Decidido a descansar apropriadamente antes de voltar para a vila, Tony cambaleou em direção a uma árvore frondosa a sua frente. Ele deu os últimos passos vacilantes até ela e então parou. Grunhidos, barulhos e um estranho som que pareciam miados vieram de uma grande pedra a sua frente. *Que diabos?*

Ele entendeu o que ouvia. *Bom Deus! Eles já estavam juntos!* Quase rindo, ele andou nas pontas dos pés para frente. Seu desconforto de mais cedo esquecido e lambendo os lábios lascivamente, Tony aproximou-se da protuberância de arenito.

Voyeurismo sempre foi seu passatempo favorito, de qualquer jeito. De DVDs enviados para ele da Alemanha até visitas a clubes de sexo na Tailândia, Leste Europeu, Brasil e África. Ele nunca achou que *machucou* alguém com esse passatempo em particular, apesar de seu patronato. A única vez que ele experimentou uma leve encostada na lei foi quando ele foi pego com uma garota ucraniana menor de idade. Inexplicavelmente, Leslie descobriu e usou isso como vantagem monetária. Tony o odiava por causa disso.

Agora, com alguma sorte, Tony iria ter sua vingança. O que poderia ser mais esquálido e satisfatório do que espiar seu pior inimigo transando com a bruxa local à céu aberto? Era quase risível. Recuperando o fôlego e mantendo-o sob controle, Tony encostou-se a rocha.

Fazendo grande esforço para ficar quieto, ele posicionou-se atrás da pedra e agachou usando um arbusto para se esconder. Ele deu uma espiada. Fascinado, ele seguiu os movimentos da bunda de Leslie conforme ele se movia entre as coxas de Alicia. *Ele ainda era velho bode sem pudores então.*

Logo o show gratuito de Tony tinha acabado. Sentindo-se satisfeito, mas desconfortável em seu esconderijo, ele agora queria esticar as pernas. Ele não ousou voltar a trilha, já que eles também seriam por ela. Por ora, Tony estava encurralado. Tony se perguntava por quanto tempo mais precisaria ficar escondido quando sua atenção foi pega pela conversa que entreouvuiu.

Mergulhado na situação, apesar de suas pernas dormentes, Tony continuou onde estava, ouvindo todas as palavras amargas de Alicia e a zombaria maldosa de Leslie. Boquiaberto, ele viu Alicia voar no rosto de Leslie com unhas e dentes e os empurrões à beira do penhasco. Com uma adrenalina chocante que quase o fez gritar, Tony testemunhou Alicia dar um violento empurrão em Leslie e seu subsequente tomo ladeira abaixo. Com um solavanco, Tony percebeu o que ela tinha feito.

*Ela estava completamente louca? Foi um acidente? Não. Foi deliberado. Ela sabia da posição perigoso à beira do penhasco e se aproveitou disso. Alicia o empurrou.*

Suas coxas tremendo de estar agachado, Tony percebeu que não conseguia se mexer. Uma parte do seu cérebro o dizia para ficar onde estava e para segurar a língua. Melhor não deixá-la saber que ele estava lá e que testemunhou tudo. Tony tinha que pensar, e rápido. Sentindo-se um pouco enjoado – ela parecia meio louca; ele não conseguia acreditar que ela tinha força suficiente para empurrar Leslie para longe dela daquele jeito. Mas, não era senso comum que os loucos tinham força a mais quando eles precisavam, geralmente? *O que ela faria com ele se descobrisse que ele estava ali?* Tony estremeceu; seu esfíncter renal deu um espasmo violento. Ele era naturalmente um covarde e se assustava facilmente. Permanecendo onde estava e mal ousando respirar, ele ouviu atentamente a breve troca de palavras entre eles. Leslie não estava morto, então. Ele conseguia ouvir sua voz queixosa; *algo sobre a sua perna*, ele pensou.

Tony entendeu Alicia claramente quando ela disse a Leslie que estava descendo. Tony esperou, ouvindo os passos dela se afastarem na terra. Arriscando um olhar clandestino, ele viu Alicia procurando por um tipo de caminho para chegar a Leslie. Eventualmente, ela desapareceu de sua vista e ele ficou aliviado, Tony rastejou para fora do arbusto e para longe da pedra. Suas mãos e pernas estavam tremendo quando ele se endireitou e decidiu olhar pela beira do penhasco. Cautelosamente, ele olhou para a cena abaixo. Leslie mal era discernível e Alicia estava um pouco longe. Ela parecia estar caçando algo nos arbustos.

*Agora é minha chance de dar o fora daqui*, Tony disse para si mesmo, meio aliviado, meio em

pânico. *Se eu me mandar agora, ela nunca vai precisar saber que eu estive aqui. Melhor ainda, ela pode dar um jeito nesse velho Leslie. Foi trabalho dela, sujeira dela. Além disso, eu nunca conseguiria descer por aquele caminho, é muito perigoso para um homem do meu tamanho.*

Olhando mais uma vez para o seu relógio, ele percebeu que logo seria hora do almoço e que ele estaria atrasado. O pensamento deu uma velocidade a mais a suas pernas. Apesar de tudo que ele testemunhou, Tony estava ansioso por uma boa entrada cipriota com uma garrafa ou duas de cerveja gelada seguidas de um vinho branco. Sem esperar para limpar a sujeira dos joelhos, Tony virou-se para dar uma última olhada no penhasco. Ele não podia mais ouvir a voz do Leslie. *O que ela estava procurando?*

Ele parou indeciso. Deveria ir até lá embaixo para dar uma olhada apropriada no velho bastardo?

## Capítulo 21. Meio-dia de domingo

*A ambição insensata que devora assim seus próprios meios de vida.*

*Macbeth. Ato II, Cena IV*

Colocando a arma sobre o ombro, Kristiakis chamou de volta seu cachorro com um assovio. Foi uma perda de tempo sair para atirar hoje. Estava quente demais e nada se mexia no calor denso e nauseante do vale. A única lebre que ele conseguiu acertar, ele nunca encontrou. Seu mais novo cão de caça não estava cumprindo com o a proposta inicial. O cachorro correu para ele com o rabo abanando e a língua pendurada. De mau humor, Kristiakis deu um chute bem mirado com sua bota nas costelas magras do cachorro. Ele gritou de dor e esquivou-se para o lado quando outro chute tentou acertá-lo. Kristiakis fingiu não estar ouvindo seus lamentos. Talvez já fosse hora de honrar o costume da família de levar o cachorro para o campo em sua pick up e largá-lo. Deixá-lo procurar sua própria comida; ele não iria desperdiçar seu dinheiro alimentando-o. Se vivesse, que viva. Pelo menos, ele deu a ele uma chance em vez de matá-lo logo.

Decidido, Kristiakis parou para acender um outro cigarro. Ele deveria tomar cuidado com a bituca; os arbustos já estavam secos como lenha. Já houve incêndios demais esse ano. Algumas pessoas não eram cuidadosas o suficiente. Ele lembrou-se das histórias fazendo a ronda no Kafenio. Um cipriota da cidade levou uma churrasqueira acesa na caçamba de sua pick up para as Montanhas Troodos. Dirigindo despreocupadamente estrada acima, cinzas e centelhas voando de seu carro, ele colocou fogo em quase todos os arbustos mais próximos pelo seu caminho. E não foi sua culpa, ele argumentou! Foi o vento que veio serpenteando pelo vale fazendo com que as centelhas se acendessem nos galhos secos. Os bombeiros tiveram um dia frustrante tentando apagar todo o fogo que ele causou. Completa imprudência.

Virando-se, Kristiakis refez seus passos para a trilha um pouco acima de onde estava. Seu corpo era sarado e alto, bem acostumado a andar pelas colinas e ele escalava com facilidade. Ao andar, sua mente voltou-se para outros problemas.

Yanoulla tinha virado um problema. Sexo com ela era bom; bom, mais do que isso, se ele fosse honesto. Ela tinha aprendido algumas coisas interessantes quando mais nova. E esse era o problema. Ela não estava ficando mais jovem.

Mas a Marina. Ela era uma mulher deslumbrante. Orgulhosa, um corpo fabuloso, seios maravilhosos e um rosto bonito para combinar; e com sua mente rápida, ela estava mostrando que daria trabalho. Mas Kristiakis sabia que uma vez que ele a amaciasse, a controlasse e a mostrasse que o homem cipriota é o *chefe*, então, basta dizer que ele teria menos noites insones e dias pensando nela. Ele suspirou; ele teria que ser paciente. Eventualmente, Marina iria ceder e se ser dele por todas as doces noites. Ela o fazia ficar quente só de pensar.

Um movimento na trilha acima dele chamou sua atenção. Cerrando os olhos por causa do brilho do sol, ele pensou que parecia com aquele bastardo, o Leslie, e não tinha como errar sobre o cabelo vermelho vivo daquela mulher irlandesa, Alicia. Ha! Então o caso tinha voltado? Mas por que eles tinham fazer isso aqui à céu aberto? Eles não tinham noção do que era apropriado? Se ele podia ver, então quem mais poderia?

Kristiakis se perguntou, o que Leslie via naquela bruxa? Alicia tinha dado em cima dele algumas

vezes, mas Kristiakis nunca a levou a sério. Depois da primeira vez que Kristiakis a ajudou a tirar um velho armário pesado do lugar, Alicia foi mais direta. Sexo com ela tinha sido diferente. Apesar da aparências de Alicia e de seu estranho senso de moda, ela agia como uma depravada no calor da cama. Kristiakis visitou sua casa irregularmente ao longo dos anos. Apesar de ficar feliz com uma rapidinha na cama no andar de cima, ela não fazia seu tipo e ele ria de qualquer compromisso mais sério. Ela era mais uma estrangeira fácil.

Ele balançou sua cabeça escura perplexo; ele nunca entendeu os britânicos. Não que ele quisesse. Sua cabeça era fechada e não era compartilhada por todos os cipriotas. Kristiakis queria que eles e os outros estrangeiros fizessem as malas e voltassem para casa. Chipre não precisava do investimento deles. Se os políticos pudessem concordar em persuadir a Grécia a juntar-se a ele. Ah! Que nação magnífica seria!

Suas divagações pararam quando o casal acima dele começou a gritar. Ele podia ouvir facilmente a estridência da voz de Alicia conforme ela gritava com Leslie e como sua voz mais grossa ria de sua explosão.

Kristiakis observou com certo divertimento enquanto os dois se cercavam gritando suas acusações. Ele não entendia metade do que diziam, mas a postura dos dois era inconfundível. No meio de sua briga, Alicia repentinamente jogou-se em direção a Leslie. Kristiakis ficou atordoado. Ele observou boquiaberto Leslie balançar os braços e tombar penhasco abaixo. Ele piscou com a velocidade na qual tudo tinha ocorrido. Não! Seus olhos não o tinham enganado.

Alicia empurrou Leslie. Chocado, Kristiakis percebeu o que tinha testemunhado. Ela teve a intenção de empurrá-lo? Ele tinha certeza que ela teve.

Passando a língua por seus lábios secos, pensamentos excitados corriam por sua cabeça. Leslie estava bem? Ele poderia estar machucado; estendido amarrotado no meio das rochas e dos arbustos cheios de espinhos. Ou talvez ele estivesse morto. Uma queda daquelas poderia matar qualquer um. Kristiakis teve um súbito pensamento nefasto. Ele lembrou-se de sua história passada com Leslie, há muito tempo. “Te cai bem!”, ele queria gritar. Sua voz interior disse. “Você não tem bom senso?”. “Não”, ele respondeu.

Ele estava dividido. Ele *deveria* ir e ver? Talvez ajudar, chamar ajuda. Era assunto seu ou só uma discussão entre os dois ingleses?

Hesitando, ele questionava-se sobre o que fazer. Um movimento no topo da colina chamou sua atenção. Uma figura escondida saiu de trás da pedra. Tony gordo! Ora! Ora! Hoje está cheio de drama e surpresas. E o que ele estava fazendo aqui? Até onde Kristiakis se lembrava, Tony nunca andava para lugar nenhum.

Kristiakis presumiu que Tony não estava envolvido na briga e viu um jeito de dar o fora. Tony estar lá, o tirava da linha. Outro britânico para ajudar a mulher magrela. Kristiakis poderia sair dali sem sujar as mãos. Ele chamou baixinho o cachorro e juntos eles começaram a descer a colina novamente. Então ele parou. Primeiro, ele queria dar uma boa olhada em Leslie, verificar se ele ainda estava vivo. *Então, ele poderia decidir o que fazer.*

~~

Rolando para o lado, Antígona levantou-se. Sua saia áspera estava empoeirada por causa do lugar onde estava deitada, mas, como sempre, ela não notou. Em vez disso, ela pegou sua bolsa e ponderou sobre o que deveria fazer depois. Antígona tinha visto tudo de onde estava, na encosta mais alta. Com seu desprendimento da sociedade, ela era furtiva como um gato. Além disso, esse ponto quase sempre a fazia parecer invisível, quando, na verdade, ela não perdia nada.

Antígona observou com um estranho interesse. Especialmente Leslie, esperando depois de uma

curva depois de perceber Alicia se aproximando dele. Ela testemunhou o quase violento encontro sexual com um coração frio. Quando eles brigaram e Alicia empurrou Leslie, ela sabia que ele estava destinado a *nunca* mais andar pela trilha de novo.

Revolvendo tudo em sua cabeça lentamente, ela estava surpresa, mas não chocada, com as reações de Tony e Alicia.

Quando eles finalmente deixaram a cena, ela seguiu cada passo de seu irmão mais velho com uma expressão fria nos olhos.

## Capítulo 22. Terça-feira, 31 de Agosto

*Horrorosas devastações, confusos acidentes, ninhada destes tempos ominosos.*

*Macbeth. Ato II, Cena III*

A vida na vila adquiriu quase que uma sensação surreal. Reunidos em cafés, os homens da vila não falavam de nada mais enquanto bebericavam seus pequenos copos de café amargo. Os tabuleiros de tavli ficaram em suas caixas e cachorros que não eram mais levados para passear ficavam deitados do lado dos pés de seus donos na sombra.

As mulheres vestidas habitualmente de preto ficavam paradas em grupos fofocando, contando a história seguidas vezes. Sem dúvida, estavam chocados; nada do tipo acontece em vilas, nas cidades talvez, mas nunca aqui. O que Deus estava pensando? Por que isso aconteceu? Eles rapidamente faziam o sinal da cruz e olhavam por cima dos ombros desconfiadas. Eles cacarejavam e depois voltavam para suas casas e telefones espalhando a notícia quase que de forma sobrenatural.

É claro, todos eram especialistas com alguma resposta.

A comunidade estrangeira foi igualmente jogada em um estado de choque sinistro e eles continuavam repetindo entre eles, por quê Leslie? Era verdade que ele tinha poucos amigos de verdade, tendo em vista que ele perturbou quase todos, mas era motivo suficiente para *assassiná-lo*?

Como acontece com toda grande calamidade, cave mais fundo e mais sujeira aparece.

Talvez pelo fato de Di e Steve terem encontrado o corpo de Leslie, eles sentiam isso mais fortemente. É claro que estavam pensando nisso.

“Quem pode ter feito isso?”, eles se perguntaram mais de uma vez. Suas conclusões os faziam se sentir desconfortáveis. “É mais provável que tenha sido um de nós, um dos estrangeiros”.

Seu raciocínio simples era lógico. A maioria dos cipriotas locais estavam na igreja naquele dia. Raramente os cipriotas perdiam seu tiquete para o Paraíso ignorando um dia santo na igreja. Religião era vital para o modo de vida aqui. Não era assim para a maioria dos estrangeiros. Nenhum deles era greco-ortodoxo e igreja anglicana mais próxima ficava em Limassol, uma viagem de vinte e cinco minutos de carro. A maioria da comunidade estrangeira ia a igreja com intervalos irregulares; Natal, Páscoa, casamentos e enterros, claro. Aquele domingo não tinha sido importante para eles no que dizia respeito a igreja. A temperatura alta também sufocava qualquer inclinação para ir pegar o carro para uma viagem com muito suor. Era mais simples e mais fácil ficar nas colinas mais frescas e ansiar pelo almoço na taverna da vila.

De pouco em pouco, as informações foram espalhadas pela comunidade, a maioria delas por Bernard e, especialmente, Jenny. Jenny, que não tinha hobbie algum para ocupar sua cabeça de passarinho, era uma verdadeira contadora de contos e Diana era especialista em tirar os melhores pedaços dela, sendo sobre o chocante evento recente ou qualquer outro.

Por alguma razão, Diana sentiu que era seu dever resolver esse crime. Apesar de não ser uma amiga de Leslie ou de Sonja, algo interior a estava forçando a cavar mais fundo essa tragédia.

Sentada em sua mesa mordendo a ponta de seu lápis favorito, ela pensou sobre os eventos que aconteceram recentemente. Havia um outro copo de café esquecido esfriando perto de seu caderno de anotações. Usando as histórias que Bernard e Jenny e materiais relacionados a ele nos últimos meses, ela

fez uma tabela que deu em uma lista de possíveis suspeitos. Ela escreveu ao lado de cada nome suspeito se era possível que eles tivessem cometido um crime naquela manhã de domingo nefasta. Se tivesse um 'sim' perto do nome, ela então incluía uma razão possível para o motivo. Ela tinha feito uma lista e tanto e estava se sentindo um pouco confusa; ela estava olhando para nomes demais.

Apesar da ligação de Steve avisando, a polícia parecia um pouco abalada ao examinar o corpo. Quase cinco horas haviam passado depois de visitar Leslie em sua casa e dar a ele seu primeiro aviso.

Mais cedo, Di sondou sobre a Tilly. Apesar de terem jurado segredo sobre o caso de Tilly com Leslie, Jen e Ann foram incapazes de mantê-lo. Juntas, com alguns copos de café e um delicioso bolo de chocolate na casa de Ann, elas quase sussurraram a fofoca sobre Leslie e o recente tratamento asqueroso que dispensou a Tilly. Agora, enquanto Di juntava todos os pedaços, ela não podia ignorar completamente o fato de que Tilly e Leslie estiveram envolvidos. Será que Tilly tinha ficado tão indignada com Leslie e seu jeito diabólico que ela mesma cometeria um crime? Forte e atlética, teria sido fácil para ela dar um empurrão violento penhasco abaixo. Mas a pergunta sobre o ataque com a faca era um provável não.

Além disso, de acordo com Bernard, Tilly estava completamente chocada com a novidade. Apesar de Leslie ter sido um completo idiota com o assédio, depois de Tilly ter feito queixa na polícia, ela sentiu um enorme alívio. A polícia calmamente a garantiu que em quase todos os casos como esse, o assédio acabava depois que eles interviam.

Agora ele não iria incomodar mais ninguém. Diana escreveu mais uma nota na margem; Tilly aparentemente também tinha um alibi. Tilly tinha dito a polícia que ela foi a academia domingo por volta de meio-dia. Ainda que não fosse seu horário comum para se exercitar, ela tinha ficado pelo menos uma hora por lá. Ela gostava de exercitar. Di presumiu que a polícia tinha verificado seu depoimento. Di percebeu que eles nunca teriam interrogado Tilly se não fosse pelo seu envolvimento com Leslie. Di lembrou-se de Bernard dizendo, *“Eu apostaria minha vida que Tilly é completamente inocente. Ela é bem legal e não dá problema algum”*.

Ouvindo passos leves atrás de si, Diana olhou em volta alarmada com a intrusão, seu coração pulando. Todos estavam com os nervos à flor da pele.

Suspirando aliviada quando Elaine entrou na sala, Diana estudou sua irmã. Obviamente vestida para sair, ela parecia magra e bela em seu vestido soltinho azul com sapatos e bolsa combinando. Seu cabelo recém-lavado brilhava e ela o havia secado com umas ondas um pouco soltas que combinavam com seu rosto expressivo. Com um pouco de maquiagem nos olhos e batom, um pouco de seu perfume caro chegou a Diana.

“Oi! Estou saindo, então. Estarei em casa hoje a noite. Não se preocupe com jantar para mim, vou comer fora”. Ela sorriu excitada para sua irmã.

“De novo não”, Di brincou. Sua irmã mais nova parecia pronta para comer a si mesma.

Rindo, Elaine soprou um beijo para ela antes de sair saltitando feliz da sala e descer as escadas. Di riu para si mesma; era bom vê-la feliz. Rostos sorridentes eram raros ultimamente por aqui.

Ela olhou para sua lista. O nome de Elaine estava lá, tão chamativo quanto todos os outros. Ela disse que esteve em Limassol no último domingo em mais uma reunião do conselho de arte. Não em um domingo, certamente? Di tinha arriscado perguntar. Ela lembrou-se de Elaine saindo da vila em seu carro antes de ela e Steve saírem para a taverna.

~~

Mais cedo naquela manhã, durante os questionamentos de Diana, Elaine tinha parecido constrangida e relutante em explicar onde ela esteve. Depois de uns poucos comentários bem feitos pela sua irmã mais velha, ela finalmente cedeu e contou tudo, mas não antes de reclamar que Diana era mestre da persuasão

delicada.

“Certo, eu te conto”, ela disse com um grande suspiro. “Você não vai me deixar em paz enquanto eu não contar. Eu fui encontrar alguém para o almoço”. Ela lançou a irmã um olhar que significava um desafio. “Eu fiquei um pouco envergonhada de te contar no início. Um casamento desastroso e, bom, você sabe do resto. Eu quase tinha desistido de encontrar alguém de novo. Sergei apareceu há um mês”.

Diana não estava muito surpresa. Elaine sempre foi uma pessoa reservada.

“Você se lembra da exibição que eu fiz em Limassol? Aquela que eu fiz para testar o mercado para diferentes estilos de arte local. Bom, Sergei é um conhecedor de arte e nós nos conhecemos lá. Ele até sabia das minhas” pinturas sobre as paisagens inglesas e da vida selvagem. Eu me senti extremamente lisonjeada. Nós ficamos conversando e ele me convidou para almoçar em seu super iate ancorado na marina. Imagine!”

Os olhos de Diana se arregalaram com a revelação.

“Logo nós estávamos nos encontrando regularmente e Sergei acabou de sugerir velejar por uns dias até a Síria. Seu iate é grande o suficiente para ter uma tripulação de dois, então minhas mínimas habilidades de navegação não serão necessárias! Parece tão empolgante. Uma semana em um iate de luxo e eu não terei que mover um dedo! Quão diferente isso é da minha vida antiga?”, ela parecia exatamente como uma adolescente excitada mais uma vez.

Conforme Elaine contou tudo para Di, ela ficou sentada lá boquiaberta escutando a explicação tortuosa de sua irmã. Então! Era isso! Agora Elaine tinha um namorado; um russo e, de acordo com Elaine, repugnantemente rico.

“Ora! Você finalmente deu sorte, para variar. Por que diabos não me contou isso antes?”, Diana perguntou quando Elaine havia terminado.

“Porque você sabe muito bem que iria dar uma de irmã mais velha mandona. Você iria querer vetá-lo e eu não iria deixar você fazer isso”, ela respondeu com um tom defensivo na voz, enrolando uma mecha de cabelo ondulado no dedo.

“Bom, sim, provavelmente faria isso. E o que exatamente você sabe sobre ele?”

“Viu! Aí está, bem como eu disse que iria fazer!”, ela a encarou. “Ah, por Deus! Tudo que importa no momento é que ele é gentil e generoso, faz com que eu me sinta bem e estamos sempre rindo das mesmas coisas estúpidas. E isso é algo que nunca tinha acontecido antes. Você entende agora?”

Pulando da cadeira, ela preparou-se para sair da cozinha onde ambas tomavam o café da manhã juntas. Um pedaço de torrada com manteiga esquecida no prato.

Di parecia pensativa. Sua irmã parecia bem, radiante, na verdade. Agora com seu segredo revelado, sem mais desonestidade, Elaine parecia mais relaxada e feliz. Diana levantou-se e foi até ela para lhe dar um rápido abraço. “Estou feliz por você. Estou de verdade. Tenho certeza de que ele é ótimo e eu mal posso esperar para conhecê-lo. Ah, no seu tempo, é claro”.

Ela levantou a mão suplicando de brincadeira.

Elaine sorriu de volta para ela. “Tudo a seu tempo”, ela disse.

“Vamos, termine seu café e conte-me mais sobre ele. Ele tem um sotaque sexy e vocês – ?”, ambas explodiram em risadinhas. Elas pareciam irmãs mais jovens trocando segredos de novo.

~~

Olhando para sua página, Diana cortou o nome de Elaine da lista.

Os próximos nomes eram Tony, Bernard e Jenny. Jen estava no almoço na taverna durante aquela hora pavorosa. Com isso sobravam Tony e Bernard. Tony chegou atrasado para a refeição e Bernard saiu logo no início. Di já tinha contado esses fatos para a polícia.

Ela não sabia sobre Sonja ou Alicia. Os vizinhos Pete e Ann já estavam lá quando ela e Steve

chegaram. Eles permaneceram na mesa durante a refeição. Steve, é claro, sentou-se ao seu lado e, além disso, ele não tinha motivo, ele mal conhecia Leslie.

Franzindo o cenho para si mesma, Diana pensou novamente naquela tarde.

E os cipriotas? Yanoulla era religiosa e parecia nunca ter perdido uma missa. Nem todos os cipriotas iam à igreja; Kristiakis e sua irmã Antígona, por exemplo. Kristiakis geralmente estava fora atirando, especialmente quando o líder da vila estava na igreja e ele não podia ser pego no flagra. Ela e Steve tinham ouvido alguns tiros distantes naquela tarde. A polícia já conhecia seu temperamento de outros tempos – eles disseram isso.

E mais, de acordo com o guru Bernard, a animosidade entre Kristiakis e Leslie vinha desde quando o pelotão de Leslie estava alocado na vila nos anos setenta. Aparentemente, eles se odiavam.

E Antígona? Ela geralmente era uma mulher estranha, desgrenhada que ficava mais na sua. Nunca se juntando aos eventos locais, ela geralmente só murmurava algumas poucas palavras, na maioria das vezes eram coisas sem sentido e ininteligíveis quando se aproximavam dela. Diana sempre sorria e dizia oi quando passava por ela na vila. As únicas palavras que de fato elas trocaram foram em uma manhã muito quente há mais ou menos um mês.

Terminando sua caminhada matinal, Diana tinha ficado um pouco tonta e se sentido um pouco quando ela fez a caminhada de volta para a vila. Ela descansou na sombra do lado de fora da casa de Antígona até que a sensação passasse. Antígona abriu o portão do quintal para jogar um pouco de água suja na trilha. Ela parou quando viu uma Diana pálida sentada no seu caminho. Estranhamente, ela não correu imediatamente para o interior da casa. Em vez disso, ela olhou para Diana e falou timidamente com ela. Diana percebeu com assombro que ela mulher grosseira e suja estava falando com ela em inglês e estava perguntando se ela estava se sentindo bem.

Diana tinha esquecido disso até agora. Desde então ela sempre falou com Antígona, somente algumas palavras no caminho. Diana não tinha ideia se Antígona ia a igreja, mas apostou que não. E, do jeito que parecia, ela não nada a ver com ninguém, Antígona não tinha razões para cometer um assassinato, certamente?

Seu irmão, bom, ele era um personagem completamente diferente, se as histórias que Di ouvia eram, pelo menos, meio verdadeiras.

Rascunhando em seu caderno, Diana olhou para os nomes que ela havia escrito mais cedo. Havia ainda alguns inexplicados ou por alguma parte ou pelo tempo todo de domingo. Diana havia escrito: Tony, Bernard, Sonja e Alicia. Ela agora acrescentou Kristiakis e pensou que deveria acrescentar sua irmã Antígona e Yanoulla.

Tony era gordo e lento, ele *conseguia* andar até tão longe? E qual seria sua motivação? Poderia ser algo a ver com o que Ann e Jen haviam insinuado? Tony aparentemente gostava de pornô leve de qualquer forma.

Bernard: ele era muito mais velho que Tony e sofreu recentemente com uma lesão nas costas, então ele não podia se mexer muito rápido. Di pensou sobre seu machucado nas costas. Quando exatamente aconteceu? Foi antes da morte de Leslie ou mais ou menos ao mesmo tempo? Pense! Não tinha como ele andar tão para dentro da trilha. Era verdade que ele possuía um motivo, mas era forte o suficiente? Mas, espere um minuto. *Seu romance* e o caminho que a trama estava tomando. E o seu pensamento de mais cedo sobre ele dirigir até lá? Sacudindo levemente a cabeça, Diana dispensou a ideia como muito improvável. Bernard já *tinha* estado na taverna e voltou para casa somente para pegar sua carteira. Mal tinha tempo suficiente para ele ir e voltar. Além disso, como ele saberia que Leslie estava lá? Mas não era impossível em uma comunidade pequena como essa. Todos conheciam os assuntos dos outros. Diana mexeu-se em sua cadeira enquanto explorava cada possibilidade.

E as mulheres? Primeiro, tinha a Sonja, absolutamente de saco cheio das infidelidades de Leslie ao longo dos anos. Agora, ela poderia fazer o que quisesse com qualquer dinheiro que tivessem. Ela agiu de

maneira muito estranha quando soube da morte de seu marido. Diana comentou com Steve sobre sua reação.

“Eu não sei você, mas eu acho a Sonja muito peculiar, não concorda? Ela quase não mostrou pesar quando estávamos juntos na cena do crime; na cena da morte de *seu marido*. Ela parecia muito mais preocupada com o fato de ele ter perdido seu anel!”

E então tinha Alicia. Diana lembrou-se de Leslie menosprezando-a na última leitura da peça e de forma bem cruel. Aparentemente, de acordo com Jen, “Alicia foi uma velha amante de Leslie. Sabia disso, Diana?”

Alicia ainda gostava dele? Será que Alicia estava com ciúmes de Tilly, seu caso mais recente? Ela sabia sobre Tilly? Quase certo, Jen disse “Eu tenho certeza que você sabe tudo sobre Leslie, Diana. Ele nunca foi particularmente bom em manter seus casos em segredo”.

Ela voltou seus pensamentos para Yanoulla. Di sabia muito pouco sobre sua vida pessoal e ninguém a ligava a Leslie. Mas ela era mulher, solteira e, obviamente, tinha uma vida sexual saudável, se seu envolvimento com Kristiakis quisesse dizer alguma coisa. Seria possível que ela tivesse um caso com Leslie também?

Tendo passado parte da sua vida na Inglaterra, Yanoulla era considerada diferente da maioria das mulheres cipriotas da vila. As mulheres locais a viam como certa suspeita. Diana sabia que Yanoulla e Alicia eram amigas; elas até diviam o carro para ir para a cidade fazer compras. Depois de viver em Londres por algum tempo, Yanoulla tinha retido um pouco da inglesa que descobriu em si. Amigável e simpática, mas Diana só a conhecia superficialmente.

Finalmente, as reflexões de Diana retornaram a Kristiakis. Ele talvez fosse quem mais odiava Leslie. Será que algo do passado deles foi reacendido por alguma ação entre Kristiakis e Leslie? Os cipriotas mantinham suas memórias mais antigas e mesmo agora alguém ouvia sobre vinganças quase bíblicas do tipo 'olho por olho'. Era provável? Será que a vila estava revivendo seu antigo nome? *A vila dos assassinos*; que título arrepiante para ser dado a um lugar.

Colocando seu caderno na gaveta, Diana decidiu que ela definitivamente precisava de mais pesquisa antes de poder pensar que ela tinha uma pista certa. Ao fazer uma pausa, um pensamento veio a sua mente. Foi Jen ou Ann que mencionou um pequeno livro preto de memórias de Leslie? E se tudo isso tivesse a ver com o livro? Que segredos obscuros Leslie sabia e, Diana estremeceu um pouco, quem sabia ou tentou adivinhar o que tinha em seu livro e, talvez e mais importante, quem está nele?

## Capítulo 23. Segunda-feira

*Tão exausto de desastres.*

*Macbeth. Ato III, Cena I*

Thomas ficou em pé perto da janela enquanto Sonja fazia o café na cozinha. Ele, na verdade, não o queria – um whisky duplo estaria mais perto da sua vontade – mas ele a deixou fazê-lo mesmo assim. Ia dar a ele algo para fazer com as mãos. Ele não conseguia fazê-las parar de tremer. Fechando seus olhos momentaneamente, Thomas respirou fundo e então os abriu, exalando o ar lentamente para acalmar seus nervos. Seu olhar deslizou para o quintal a sua frente. Era uma confusão de variados tons de verde. Plantas envasadas, palmeiras frondosas e cactos com espinhos que pareciam diabólicos colocados no meio do caminho. Deveria ser tranquilizador e harmonioso, de fato, em qualquer outro momento seria. Mas, agora, a cobertura verdejante não tinha o mínimo efeito em Thomas. Ele afastou-se da janela, sentando em uma cadeira de madeira próxima a ele.

Sonja parecia um fantasma quando ela o levou para a sala de estar e jogou sua bomba nele. Uma vez contada, ela rapidamente saiu da sala, como se ela também precisasse de uma desculpa para fazer algo com suas mãos.

Ainda não tinha caído a ficha. Como poderia? Ele acabara de passar quatro tediosas horas em um voo para visitar seu pai, que, ele tinha acabado de ser informado, estava morto e sob terríveis circunstâncias. Nunca, em toda sua vida, ele experimentou um choque tão entorpecente. Se ele pelo menos tivesse vindo alguns dias antes. Chegar no dia depois de sua morte, seu assassinato! Que pesadelo sombrio. Só que não era um sonho macabro do qual ele acordaria; era verdade. Isso estava acontecendo de verdade.

Ele ainda não tinha ligado para sua mulher ou sua irmã. Sua irmã, oh, Deus! Apesar de tudo que Victoria dizia sobre Leslie, ele era seu pai e ela gostava dele, especialmente quando ela era pequena. Cobrindo o rosto com as mãos, Thomas gemeu levemente. Era chocantemente brutal e, ainda assim, ele não sabia como se sentia. Seu cérebro parecia entorpecido. Ele achou que fosse um mecanismo de defesa natural de seu organismo, uma vez que tivesse acabado, como ele se sentiria? Thomas nunca foi próximo de seu pai. Leslie nunca permitiu. Quando sua mãe, ele e Victoria tinham retornado para a Inglaterra, Leslie passou muito pouco tempo com eles.

Sonja retornou para a sala carregando duas canecas de café. Thomas lembrou-se que ela nunca se importou com a *finesse* da vida, açúcar e creme, muita pompa e pretensão.

“Você que não toma com açúcar?”, ela perguntou entregando-lhe a caneca. Ele toava, mas não se importou em contradizê-la. Era trivial demais nas atuais circunstâncias.

“Eu ia te ligar hoje mais tarde”, ela continuou. “Quando, bom, quando eu tivesse um momento”.

Ela olhou para longe, como se ela não conseguisse se fazer olhar para ele. O relógio no canto parecia sobrenaturalmente alto no silêncio deles. Ambos os estranhos estavam perdidos em pensamento.

Thomas bebeu cautelosamente seu café quente. Tinha um gosto amargo. Um pouco como ele se sentia por dentro, ele disse para si mesmo. Olhando novamente para sua madrasta, Thomas decidiu que ela parecia mais extenuada e velha do que ele se lembrava. Sua camisa estava amarrotada sem o botão de cima e seu cabelo estava bagunçado e parecia que precisava de uma boa escovada.

Se seu pai fosse mais alcançável e amável, humando. Corta-se da família quando ele começou a viver com a Sonja foi cruel. É claro, ele pagou pensão para sua mãe para sustentá-la enquanto ela teve que criar duas crianças que eram exigentes, mas esta mal cobria suas necessidades.

Pensando no passado, Thomas percebeu que eles viveram logo acima da linha de pobreza com quase nenhum dinheiro sobrando depois que ela pagava as suas necessidades básicas.

Thomas lembrou-se de ir para os escoteiros e, frequentemente, os outros meninos riam dele. Em uma ocasião, eles iam fazer um circuito pela mata de bicicleta. Chegando no ponto de partido bem adiantado, Thomas estava animado para andar de bicicleta por um longo tempo com meninos que ele considerava seus amigos. O policial da vila tinha checado os equipamentos de todos os meninos, para ter certeza de não haver problemas notórios, como pneus carecas, freios defeituosos ou campainhas quebradas. A velha Raleigh de Thomas estava funcionando bem; o problema era Thomas. Suas pernas tinham crescido muito, seus joelhos batiam no guidão quando ele pedalava.

O policial e o mestre dos escoteiros foram gentis, mas firmes. “Você vai se machucar, filho, e não será capaz de pedalar rápido o suficiente para manter o ritmo com os outros. Você consegue encontrar outra bicicleta para pedir emprestada?”

Thomas sentiu-se envergonhado. A bicicleta já tinha sido dada a sua irmã mais nova. Até agora, ele tinha conseguido usá-la para fazer algumas tarefas para sua mãe na lojinha da esquina. Ele sabia que não podia pedir para sua mãe o dinheiro para uma nova e ele mal tinha dinheiro guardado no seu porquinho.

Todos os seus amigos tinham a própria bicicleta. Ninguém em seu círculo de amigos possuía uma extra que pudesse emprestar. O mestre dos escoteiros e o policial se entreolharam entendendo o problema. “Talvez”, eles disseram, “você ajudar dando água para os outros durante o caminho? Ou avisar para os pedestres sobre a passagem do grupo nos parques”.

Thomas abaixou a cabeça triste. Não era bom. Qual era a importância disso? Ele queria desesperadamente fazer parte do time, parte da ação. Distribuir água e ficar dando avisos era para adultos. Chato e para maricas e provavelmente ririam dele de novo. Já estavam rindo muito dele ultimamente; crianças podiam ser bastante cruéis. Ele crescido para seus shorts e sofria com joelhos cortados e azuis no inverno. Sua mãe não podia pagar por calças no momento, no ano que vem, talvez, se ele pudesse esperar.

Ele odiava ter que levantar a mão todo início de período letivo para pedir os lanches gratuitos do colégio. Ele sabia que sua mãe vasculhava a caixa com os uniformes de segunda mão procurando por um blazer que ainda tivesse os cotovelos intactos. Ele mantinha-se longe de poças d'água mais fundas porque sua galocha tinha um rasgo logo acima do calcanhar. No ano que vem, ele iria precisar de um par maior. A vida era tão injusta algumas vezes.

Mas ele sabia que, apesar de todas as dificuldades e tristezas de seus dias mais jovem, ele e Victoria tiveram tanto amor e carinho de sua mãe quanto poderiam querer. Como amava sua irmãzinha, Thomas cuidava e a protegia de todo jeito que um irmão mais velho poderia fazer. A pequena família de três era próxima, cuidando um do outro e, provavelmente, porque eles não tinham dinheiro para coisas materiais, eles nunca *precisaram* realmente delas. É só que *algumas coisas* eles desejavam...

Conforme os anos passaram e Thomas cresceu, ele percebeu que sua raiva não era por si mesmo, mas por Victoria e, especialmente, sua mãe. Ela não merecia parecer velha e desgastada, muito mais velha que sua idade. As mães de seus amigos da escola pareciam muito mais novas, coloridas e cheias de divertimento e vitalidade. Ele escrutinava suas roupas *fashion* e cortes de cabelos bem feitos, invejando seus carros quando elas pegavam seus filhos no portão da escola. Com um sentimento de culpa afundando no estômago, ele pensava que sua mãe podia ser confundida com sua avó. Ao ficar próxima das outras mães, ela tinha a aparência cinza. Ela era cinza, magra e quieta; especialmente depois de seu colapso. No momento que aconteceu, as duas crianças não sabiam o que estava acontecendo. Foi somente dois anos depois, quando Thomas estava pensando mais nelas do que nele mesmo, que ele perguntou-se sobre as

pílulas e as dores de cabeça e as tardes que ela esquecia de pegá-los na escola. Conforme ele foi crescendo, as fichas começaram a cair.

Ele sabia que eram necessários dois para começar ou terminar um relacionamento, mas Thomas percebia que Leslie nunca tinha feito sua parte. Durante seu casamento destinado ao fracasso e, certamente depois do divórcio, Leslie não tinha se importado o suficiente em prover para sua família que foi colocada de lado. Um cartão no Natal ou em aniversários geralmente acompanhados de uma nota de dez libras ou uma visita quando Leslie fazia uma ocasional visita de volta para o Reino Unido. Era basicamente isso.

Leslie tinha uma nova vida para levar. Uma esposa mais jovem, fresca (ainda que tivesse uma grande diferença na aparência no momento), Thomas notou. Leslie tinha um novo país onde viver, uma casa exótica e, talvez mais importante, um grande ego para mimar.

Oh, Deus! Ele estava se sentindo enjoado. Era tudo patético. Por que ele tinha vindo? Ele deveria ter prestado atenção no que sua irmã havia dito. Era só uma promessa de um novo testamento e o bônus de uma herança para seus filhos.

“Vai permiti-los ter um bom começo de vida. Eles são os netos do papai, no fim das contas”. Não que ele tivesse sido um verdadeiro avô para elas.

Com um sobressalto, Thomas estava tão perdido em seus pensamentos que ele não tinha percebido que Sonja falava.

Ela estava sentada em uma cadeira estofada do lado oposto de onde ele estava sentado. Na parede branca atrás dela, havia uma mostra eclética da arte de Leslie. Enormes telas sem moldura adornavam a parede, suas cores brilhantes competindo umas com as outras. Era tanto surpreendente quanto atraente.

“Eu não sei quando eles vão liberar o corpo para o enterro. Quando estiverem satisfeitos, eu suponho. Eu terei que ver com o vigário anglicano em Limassol. Tomar as providências. Ele terá que ser enterrado, eles não cremam aqui”. A voz de Sonja não tinha tom algum.

Funeral! É claro, Sonja teria que fazer tudo aqui. Não tinha motivo para fazer seu pai voar para casa na Inglaterra. Correção, Thomas pensou, aqui é – *era* – sua casa.

“Se quiser alguma ajuda, por favor, peça”, ele se ouviu dizer. “Meu voo de volta é em dois dias, mas eu posso estender, se quiser”.

“Não há necessidade, obrigada. O enterro será simples. Sem alvoroço, sem flores e, certamente, sem recepção depois. Eu não quero todos esses fofoqueiros vindo aqui. Você não precisa ficar se não quiser”, Sonja respondeu sucintamente, braços cruzados em frente ao seu peito como se quisesse criar uma barreira permanente entre eles. Thomas sentiu um lampejo de irritação, apesar de sua antipatia por seu pai. Ela era tão sem sentimentos, como Leslie poderia tê-la amado em vez de sua mãe?

“Eu provavelmente ficarei, de qualquer forma. Eu não sei”. Thomas passou a mão por seu cabelo. “Eu ainda não tive tempo de pensar nisso e, de qualquer forma, tem minha irmã, ela tem que ser avisada. Ela provavelmente irá querer vir para o funeral”.

Houve uma longa pausa enquanto a esposa e o filho contemplavam o enterro do corpo de Leslie. Quebrando os pensamentos de Thomas, Sonja voltou a conversa ialeatoriamente.

“Seu testamento é simples. Ele deixou tudo para mim, incluindo sua pensão que, é claro, será dividida pela metade agora. Receio que a porção de sua mãe irá acabar. Ela não deve esperar que eu a pague uma gratificação com meu próprio dinheiro”.

Piscando, Thomas olhou para a mulher de face amarga a sua frente. Sonja era a mulher que ele nunca conheceu, a despeito da longevidade de seu casamento com seu pai. Sonja sempre odiou a primeira mulher de Leslie por alguma razão. Já Thomas e sua irmã, eles eram apenas um borrão na vida passada de seu pai. Thomas estava certo de que Sonja os via como um lembrete irritante e totalmente alheio, no que dizia respeito a ela. Eles não valiam e nunca valeram a preocupação

Thomas sentiu o entorpecimento desvanecer. O sentimento anterior de uma bandagem de gelo em seu

coração derreteu quando uma raiva feito fogo espalhou-se por seu corpo. Como ela ousa! Ao insultar sua mãe em qualquer oportunidade, Sonja garantia que eles também fossem deixados de lado. Thomas sabia que ela persuadiu Leslie a visitá-los somente em raras ocasiões. E *agora*, ela falava de dinheiro! Bom, ela ia ter um grande choque e Thomas se sentiria muito bem em falar isso para ela.

Ele encarou a estranha que estava a sua frente. Apesar da diferença de idade, havia similaridades entre Sonja e sua mãe. Ambas pareciam mais velhas que sua idade e compartilhavam corpos cinza e magros. Sua mãe tinha permanentes linhas de expressão em seus antes belos olhos cor de avelã, a despeito de Thomas regularmente enviar-lhe generosas quantias para pagar por luxos que ela normalmente não poderia pagar. Ele tentava ser um bom filho para ela; levando-a para sair nos finais de semana, supervisionando obras na sua casa vitoriana e ligando para ela duas vezes por semana. Não obstante, ela preocupava-se com dinheiro e com qualquer outra coisinha em sua vida.

Olhando para Sonja, ela fez Thomas se lembrar de sua mãe e de sua vida dura. Apesar de si mesmo, Thomas, na verdade, sentia pena de sua madrastra. Aqui estava mais uma mulher que sofreu nas mãos de seu pai. Ele deveria contar para ela ou pegar o caminho dos covardes e esperar que o advogado lidasse com isso? Se ele fosse uma pessoa legal, contaria para ela gentilmente.

~~

Dirigindo de volta para seu hotel na costa, Thomas mal estava ciente da vista magnífica ao seu redor. Pensamentos emaranhados estavam dando voltas em sua cabeça; ele nunca esqueceria aquele último olhar no rosto de Sonja.

“O que você quer dizer? Eu não acredito em você! Nenhuma palavra! Leslie nunca faria isso comigo. Nunca!”, ela ofegou.

“Eu sinto muito, mas é tudo verdade”.

“Não! Você está inventando, só para ser maldoso. Você realmente tem um senso de humor macabro e distorcido”, Sonja cuspiu. Seu rosto estava ficando um vermelho furioso.

Thomas levou um momento antes de responder. Recusando-se a elevar a voz para sua discussão, ele manteve sua voz calma e controlada.

“Não. Não estou. É tudo verdade. É por isso que estou aqui. Meu pai alterou seu testamento deixando tudo para mim e para Victoria. A única coisa que terá é a casa nova”.

Inacreditavelmente, o rosto pálido de Sonja empalideceu ainda mais quando as implicações do que ele disse fizeram sentido. “Eu não acredito em você”, ela sussurrou. Thomas suspirou. Ele odiava estar aqui e ainda não conseguia acreditar que estava tendo essa conversa.

“Olhe, eu sinto muito se isso é chocante para você. Mas, acredite em mim, eu estou te dizendo a verdade. Tanto Victoria quanto eu ficamos surpresos com a mudança de planos. Nós certamente não esperávamos por nada desse tipo”.

Thomas não ia dizer mais nada, mas então mudou de ideia.

“A princípio, não tínhamos nada para fazer com o dinheiro. Você não poderia esperar outra coisa, se pensar sobre isso. Nós nunca tivemos muita comunicação com meu pai desde que você apareceu. Então, nós pensamos, por que não? Não é para nós, mas para nossos filhos, *seu netos*. Ele devia isso a ele por todo descaso ao longo dos anos”.

“Descaso! Oh, por favor!”

“Sim, descaso”, Thomas respondeu com raiva lançando um olhar duro para Sonja.

“O dinheiro que sobrar da venda da casa e de suas ações irá todo para eles. É o que Victoria e eu queremos”.

Os olhos de Sonja brilharam com raiva com suas palavras. “E do que eu vou viver?”

“Eu imagino que você deve ter pensado nisso ao longo dos anos e que deve ter feito sua reserva

para quando ele morresse”.

Quando Sonja deu a ele um olhar que era puro veneno, repentinamente, Thomas não mais se importava. Ele tinha se feito entender por essa mulher fria e cruel.

Sentindo um peso sair de suas costas, Thomas cuidadosamente tirou seu carro do estacionamento para começar sua jornada de volta para a cidade. Ele sabia que Sonja culparia ele e Victoria pela reviravolta das coisas. Mas isso era problema dela, não deles.

Trocando seus pensamentos pela sua mãe, ele tentou imaginar o que ela diria quando ele contasse a ela. Ele sabia que ela ficaria triste com o assassinato de Leslie, mas, pelo lado positivo, as causas de sua depressão e coração partido não iriam mais assombrá-la. E, apesar do Sonja tinha dito, a pensão de Leslie iria continuar. Pelo menos, eles poderiam ficar gratos por não ter mais nenhum transtorno na vida de sua mãe.

Thomas parou o carro em um acostamento conveniente. Não havia melhor hora que agora para telefonar para sua esposa e irmã. Ele sabia que elas ficariam chocadas, mas não tão chocadas como ele havia ficado uma hora atrás. Suprimindo um suspiro, Thomas sentiu a enormidade de tudo atingi-lo. Não estava acabado ainda. Ele ainda tinha que ir a polícia para descobrir todos os fatos. Sentindo-se deprimido, cansado e enjoado, Thomas se fez uma pergunta. O que a polícia iria contar a ele?

## Capítulo 24. Terça-feira

*Tudo é perdido, quando o desejo fica repartido.*

*Macbeth. Act 3 Scene 2*

A polícia fez um movimento positivo e terminou de interrogar todos os moradores da vila. As interrogações pareciam continuar para sempre; todos na vila amavam falar suas próprias teorias. A polícia peneirou meticulosamente entre todos; pistas falsas, especulações inúteis e detetives amadores. Uma pessoa admitiu ter visto algo que pertencia ao crime daquela terrível tarde.

Tony finalmente percebeu que era de seu próprio interesse deixar tudo as claras e declarar o que ele tinha testemunhado naquele fatídico domingo. A princípio, ele preocupou-se de ser implicado de algum jeito. Ele não era inteiramente estúpido. Ele poderia ter saída de situação dramática de Leslie se ele só tivesse se machucado, mas como ele estava morto, Tony era uma testemunha chave.

Depois de uma noite sem descanso e com bastante suor, ele tinha planejado tudo em sua cabeça. Ele repetiu para si exatamente o que ele pretendia dizer. Ele deixara a cena dos amantes e ido direto para a taverna. Ele chegou com calor, empoeirado e sem fôlego. Em segundos, ele havia bebido uma garrafa inteira de um litro de água. Sua sede satisfeita, ele então, sem dizer uma palavra para os outros sobre o que tinha visto e onde esteve, começou a comer o almoço que estava posto a sua frente.

Quando a polícia o abordou mais tarde, ele conseguiu dar a eles uma boa razão para não ter mencionado nada algum de seus amigos durante o almoço. Ele *tinha* revirado tudo em sua cabeça conforme passava pela comida como um glutão. Somente quando a polícia o pressionou que ele *lembrou* de Alicia e Leslie brigando. Ele não disse nada sobre planejar usar originalmente a informação em proveito próprio. Não mencionou que pretendia chantagear Leslie por ter feito sexo com Alicia. Ele sabia que Leslie não gostaria que isso chegasse até Sonja. Seria o jeito ideal de impedir a chantagem do próprio Leslie de colocar o nome de Tony em seu pequeno livro de memórias obscuras. Mas agora Leslie estava morto, Tony podia relaxar, não podia?

Depois de admitir que parecia que Alicia havia empurrado Leslie de propósito, ficou aparente para Tony que a polícia ficou feliz em acreditar que haviam encontrado o culpado.

“Eu estava confuso, por isso que demorei tanto para falar”, ele reclamou. “Eu não estava completamente certo no início de que ela quis empurrá-lo, mas pensando nisso, foi uma grande discussão e ela estava muito nervosa. Furiosa até. Na verdade, ela parecia a ponto de cometer um assassinato”. Ele falou para o inspetor de polícia. “Uma queda como aquelas poderia te matar?”. Ele colocou suas mãos suadas juntas para fazê-las parar de tremer de nervoso. Ele sabia como fazer com que soasse bom; como colocar definitivamente a culpa em Alicia.

A polícia ignorou a pergunta de Tony simplesmente seguindo a agenda com suas próprias perguntas.

*Meu Deus*, ele pensou enquanto lutava para parar as mãos que tremiam. *Esqueça sobre o livro negro do Leslie e a chantagem. Quando Alicia o empurrou, ela realmente quis fazê-lo. Ela o queria morto. E isso queria dizer que ela havia cometido um assassinato!* Tony estremeceu lembrando-se de domingo. Tony tomou consciência de que se ele os viu naquele dia, quem mais pode ter testemunhado? Ele contou a polícia o que ele sabia antes de qualquer fazê-lo.

Era compreensível que estivessem indignados; Tony tinha deixado passar quase três dias antes de

vir contar sua história. Três dias basicamente desperdiçados e as pistas provavelmente esfriando.

Tony a princípio estava arrogante e confiante como de costume, até que foi restringido pelo inspetor. Ele afundou-se na cadeira quando o fizeram falar de novo de novo e de novo, pedacinho por pedacinho o que ele viu e ouviu.

*“Não, ele não desceu o penhasco para ver por si mesmo como Leslie estava. Alicia estava lidando com isso. Além disso, ele não achou que poderia descer o caminho todo, de qualquer forma. Não, ele só viu Alicia lá naquela tarde, ninguém mais, e ele não ficou por lá para ver o que ela fez quando desceu onde Leslie estava... Não era da sua conta. Ela era capaz de ajudar Leslie sozinha”.*

Os dois policiais olharam para Tony em silêncio e completa incredulidade. Ele era uma espécie da humanidade que não pensava em seus outros iguais.

Fechando a papelada com uma assinatura, eles dispensaram Tony da sua companhia com um contentamento mal disfarçado. A falta de sentimentos de remorso ou altruísmo do homem os chocaram; os fez sentirem-se sujos. E estes eram homens que lidavam com extremos no seu trabalho quase todo dia.

Lamentando e, ainda assim, aliviado, Tony afastou-se do escritório improvisado da polícia no conselho da vila em direção à sua casa. Mantendo sua cabeça abaixada, sem querer encontrar com ninguém, ele não notou Diana até ele estar no mesmo nível que o portão de seu quintal. Segurando um regador que parecia bastante pesado próximo ao peito, ela o viu se aproximar. Tony sobressaltou-se quando ela falou com ele.

“Tony, você parece chateado. O que houve, além do que aconteceu por aqui recentemente?”, Diana abaixou o regador até a planta envasada perto de seu pé e a regou.

Tony observou a água sair do bico e chegar até o solo seco. Um cheiro fraco de folha e terra molhadas chegou ao seu nariz. “Foi Alicia!”, ele desabafou aliviado.

“O que foi? Tony, o que está dizendo?”, ela exclamou franzindo o cenho para ele.

“Quero dizer, foi Alicia quem fez! Foi ela quem matou Leslie. Eu os vi”.

“Você os viu? O que quer dizer? Você viu tudo?”, ela gaguejou ofegou com suas palavras.

“Naquele dia – domingo. Eles, hm – você sabe – estavam transando!”

Diana emitiu um som exasperado, mas seus olhos estavam arregalados quando o encorajou. “Continue”.

“Bom, depois que terminaram o negócio deles, eles brigaram feio. Foi quando Alicia ficou louca. Ela deu um empurrão em Leslie e ele caiu penhasco abaixo. Ela desceu e eu a ouvi falar com ele”.

“Ele estava vivo então?”, Di disse lentamente, como se estivesse medindo cada uma de suas palavras.

“Sim, mas eu não fiquei por perto muito tempo. Eu não queria que ela me visse. Não depois do que ela tinha acabado de fazer! Além disso, eu precisava voltar a tempo para o almoço e a hora já era avançada”.

Os lábios de Diana curvaram-se para baixo enquanto ela encarava o homem gordo e porcalhão a sua frente.

“Tony, você realmente é um serzinho asqueroso e revoltante de vez em quando. Não só os viu fazendo sexo, mas aparentemente não fez nada para ajudar Alicia ou, mais importante, ver se você poderia ajudar Leslie. Você estava mais interessado em sua própria pele, em não ser visto e então ir almoçar. Você é um porco! E por que estava lá, em primeiro lugar?”

Constrangido, Tony hesitou antes de responder. Diana viu a ponta de suas orelhas ficarem rosa. Ainda mais parecido com um porco!

“Eu saí para uma caminhada”.

Diana ergueu as sobrancelhas como se a ideia de Tony sair para uma caminhada fosse realmente inacreditável. Tony quase se encolheu sob seu escrutínio.

“Ah, olhe, o que importa?”, ele fez uma pausa e olhou em volta antes de murmurar. “Se quiser saber,

eu estava curioso. Eu vi os dois saírem e me perguntei se estavam planejando se encontrar. Eu os vi da minha sacada. Eu fiquei preso em uma cena da peça que estou trabalhando e eu estava fazendo uma pausa para o cigarro. Primeiro Leslie e depois Alicia, descendo pela colina. Você sabe, eles foram e voltaram ao longo dos anos”.

Apesar de si mesma, Diana parecia intrigada. “Realmente, eu tinha ouvido rumores, é claro, mas eu não tinha certeza”.

“Bom, você não teria, sendo nova aqui. De qualquer forma, ela o empurrou e então o deixou para morrer. Ela deve ter deixado, já que ela não tentou chamar ajuda, tentou? Eu suponho que deixar um homem velho e machucado para morrer pode ser considerado assassinato, não é?”

Diana franziu o cenho enquanto digerida tudo que ele havia dito. “E onde, então, Kristiakis se encaixa em tudo isso?”, ela soava e tinha uma aparência perplexa.

“O quê? Kristiakis? O que ele tem a ver com Alicia? Não estou entendendo”.

“Aparentemente, Kristiakis estava por lá caçando ilegalmente no vale abaixo de onde Leslie foi encontrado. Mas ninguém sabe onde ele está. Ele não foi visto desde que a polícia falou com ele”.

Foi a vez de Tony parecer confuso.

“Mas ele não pode ser um suspeito! Alicia brigou com Leslie. A polícia vai falar com ela depois”, ele argumentou.

“Sim, mas você não sabe o que aconteceu *depois*, sabe? Ela pode tê-lo deixado para morrer e então Kristiakis –”, ela parou. Tony não tinha ideia de que ela quase se entregou. Ela jurou não comentar o ataque com a faca com ninguém. Intrigada, Diana achou que não poderia ter sido Alicia, já que suas roupas estariam cobertas de sangue. Alguém não a teria visto voltando se ela tivesse feito de fato?

Diana sentiu enjoada com apreensão. “Deus, isso é tão sinistro”.

~~

Steve voltou para a sala de estar depois de falar ao telefone no corredor. Ele tinha círculos negros embaixos dos olhos e, como todo mundo da vila, ele não estava dormindo bem. Todos estavam sentindo o efeito.

Seu olhar caiu sobre sua esposa sentada aos pés do sofá. Ele sorriu fracamente.

“Era Bernard. Aparentemente, tanto Alicia quanto Kristiakis foram liberados da custódia. A polícia não podia mais segurá-los. Eles não tinham evidência suficiente, ou evidência divergentes ou algo do tipo – eu não sei, tudo está ficando um pouco demais”. Ele fez uma pausa, passando uma mão pelo cabelo e o deixando bagunçado nas pontas. “Eles precisam ficar aqui por enquanto, de qualquer dorma. Eu não sei você, mas eu preciso de outra bebida antes de irmos dormir”.

“Eu realmente não deveria, mas um gin e tônica seria bom. Devo pegá-los, querido?”

“Não, você fica onde está, você parece um pouco fraco. Não vou demorar”.

Di enconstou-se nas almofadas. Ela estava se sentindo cansada e estafada. Talvez quando tudo estivesse acabado, eles poderiam tirar umas pequenas férias. Algum lugar onde eles não conheciam ninguém e poderiam relaxar completamente. Ela gostaria de um safari na África ou ficar em uma casa na árvore em Borneo. Ambos pareciam perfeitos quanto mais ela pensava neles.

Voltando com dois copos cheios, Steve entregou um para Di.

“Obrigada, saúde”.

Ambos tomaram um gole; o gelo do copo frio contra a pele era refrescantes.

“Estava me perguntando, qual dos dois foi? Certamente, tem que ter sido um dos dois, não tem?”. Nenhum dos dois conseguia deixar o assunto de lado por muito tempo.

“Mmm. Eu acho que apostaria em Kristiakis”, Steve respondeu, tomando um gole maior de seu gin e tônica. O gelo rachou e tilintou no copo.

“Por que?”

Steve considerou antes de responder. Di o olhou com uma nova perspectiva. Ele possuía mais do que obstinação. Havia genialidade por trás daqueles olhos azuis e uma riqueza de bom senso. Como se sentisse seu escrutínio, ele a olhou.

“Bom, primeiro porque fomos levados a acreditar pelos outros que vivem aqui por muito mais tempo que nós que Kristiakis odeia Leslie há anos. Nós sabemos que já tem muito tempo; nós descobrimos isso outro dia. Ele é um típico orgulhoso local. Seus malditos rancores se arrastam, especialmente nessas vilas de montanhas. Nós dizemos que eles ainda vivem nos anos sessenta. Na verdade, eu acho que estamos mais perto dos cinquenta!”

Diana deu um pequeno sorriso enquanto ouvia. “Ok, eu aceito tudo isso, mas por que agora? Quero dizer, se é uma briga antiga, por que matá-lo agora?”

“Não sei. Por que uma pessoa aparentemente normal mata um outro ser humano? Agora, por Kristiakis, talvez tenha sido uma oportunidade que se apresentou. Um homem machucado seria um alvo fácil para qualquer um. Talvez algo finalmente tenha pressionado Kristiakis. Ele deve ter pensando em amarrá-lo e amordaçá-lo para impedi-lo de gritar. Desse jeito ele poderia facilmente fazer seu negócio aterrador”, ele tremeu. “Bernard disse que Kristiakis pode ser um cara asqueroso”.

“Bom, ele realmente se aproveitou de uma chance – se foi ele realmente. Qualquer um poderia ter aparecido lá!”, Di protestou.

“Ora, vamos! Era um dia extremamente quente. Os locais não andam para lugar algum por escolha própria. Só idiotas como eu e você que saem e isso já foi bem mais tarde”.

“Tony e Alicia e agora Kristiakis, que belo cortejo, se me perguntar”.

Steve terminou sua bebida. “Eu preciso de mais uma. Eu sei que vai me cansar com seus argumentos”. Ele pegou seus copos vazios e Di assentiu um 'sim, por favor' quando ele indicou que iria pegar mais um pouco. Ele voltou em alguns minutos retomando sua conversa.

“Ok. Então pela primeira vez havia algumas pessoas fora no calor do dia. Bom, aparentemente nós sabemos porquê dois deles estavam lá: sexo e voyeurismo!”

Diana reprimiu um calafrio ao pensar no sujo do Tony e o que ele havia dito a ela mais cedo. Diana contou a Steve sobre ter encontrado Tony no portão de casa. Ela disse que não mencionou nada sobre o ataque com a faca em Leslie. Eles concluíram que Tony não poderia ter como saber disso.

“Algumas pessoas são muito estranhas. A natureza humana nunca deixa de me surpreender”.

“Ha, eu que sei. De qualquer forma, me pergunto o que a polícia irá concluir”. Sentindo-se inquieto, Steve levantou-se e andou até uma janela aberta. Havia uma leve brisa que bagunçou ainda mais seu já desordenado cabelo. Ele sentia-se como se estivesse parado em frente a um forno.

“O inspetor conhece Kristiakis de longa data. Eu aposto com você que vão colocar tudo em cima dele. Outra coisa, Alicia é um pouco estranha de vez em quando, mas eu realmente não consigo vê-la como assassina. Não com uma faca e certamente não sendo capaz de cortar sua garganta tão violentamente. Você consegue? Além disso, o assassino teria que estar coberto com o sangue de Leslie”.

Diana acenou com a cabeça para concordar com Steve. Ela deu um salto quando ouviu a campainha tocar; seu som parecia ter passado direto por ela. Ela certamente estava com os nervos à flor da pele nos últimos dias.

“Droga! O que foi agora a essa hora? Eu já estou quase pronto para ir para a cama. Não. Fique aqui, eu vou ver”.

Steve rapidamente deixou a sala. Diana ouviu seus passos pesados sobre o piso. Sentindo-se confusa, ela colocou os pés no chão novamente. Virando a cabeça, a sala inclinou-se e tudo perdeu o foco. Estranho, o gin não estava tão forte. Talvez tivesse sido um pequeno terremoto; essa parte do mundo era nova para eles.

Vozes elevadas alcançaram seus ouvidos conforme ela saía da névoa e descobriu-se encarando

quase estupidamente os vizinhos Peter e Ann pálidos. Esforçando-se para voltar ao normal, ela levantou-se e falou com os vizinhos. Steve seguia logo atrás de seus calcanhares; ele parecia espantado.

“Oi, Pete, Ann. O que houve? Vieram para uma festa do pijama?”

Ela parou ao registrar a expressão em seus rostos. Peter logo disse a ela.

“Ah, minha querida, houve outra morte. Só que dessa vez parece ter sido suicídio. Kristiakis finalmente foi encontrado. Aparentemente ele se enforcou”.

“Se enforcou? Oh, meu Deus, onde?”

Colocando uma mão sobre a boca aberta, ela sentiu arrepios por subindo e descendo por seu braço.

“Ele está naquela grande casa vazia, na velha padaria. Ele foi encontrado balançando pendurado em uma das vigas. Ele ainda está lá. Antígona, sua irmã, o achou e o colocou para baixo. Ele tem uma laceração terrível no pescoço onde a corda o queimou, eu nunca pensei que poderia ter tanto sangue em um enforcamento. Você pode ir vê-lo, se tiver estômago para isso. A polícia ainda não chegou. Cristo! Outra morte! O que tem essa vila? Tem alguma maldição ou algo do tipo?”.

Ele de alguma forma conseguiu parecer desesperado e esperançoso no momento em que viu os copos de gin e tônica em cima da mesa com tampo de vidro.

Steve e Diana se entreolharam. Então, sem nenhuma palavra, Steve pegou a mão de Diana e andou até a porta.

# Intervalo

## **Ato II**

## Capítulo 25. Inverno nos anos 1970

*Muito melhor nos fora estar com o morto que, para nossa própria paz, mandamos para o seio da paz, do que vivermos no banco de tormento de nossa alma, numa angústia sem fim.*

*Macbeth. Act 3 Scene 2*

Um vento frio e fraco de inverno passou pelas ruas de Agios Mamas envolvendo e quase paralisando a jovem mulher com corpo e mente entorpecidas. Escorregando e tropeçando nos últimos passos, ela fez seu solitário caminho para dentro do descanso sombrio da casa que não era mais usada.

A dor veio e ofegando a ferocidade dela, ela mordeu o lábio e respirou profundamente. Ondas de enjoo passavam por ela enquanto ela cambaleava para a cabeceira quebrada de metal no canto. Ela parou, sua mão contra a parede descascada como apoio, antes de deitar-se para descansar na cama quebrada.

Apesar do frio congelante, seu rosto estava pingando de suor. Ela esforçou-se para não gritar; a dor era agonizante. Um minuto passou e a tortura cedeu, deixando-a fraca, sem fôlego e estranhamente desorientada.

A despeito de sua tenra idade e não ter uma mãe viva, ela adivinhou o que estava acontecendo com seu corpo. Algum instinto profundamente entranhado em si forçou sua mente a registrar o que ela precisava fazer, se ela não quisesse morrer. Ela *queria* mesmo viver? Era difícil saber o que ela realmente queria, tão profundo era seu sofrimento. O entorpecimento de sua mente, apesar de bloquear seus sentidos, não fez nada para aliviar a tristeza.

Quando teve cabeça, ela sentou-se e arrastou-se para fora da cama. Havia um velho balde virado de cabeça para baixo no outro canto. Serviria bem a seu propósito. A sujeira e o limo acumulados ao longo dos anos iriam sair na água do rio do lado de fora. Limpando o suor de seus olhos com as costas de sua pequena mão, ela saiu pela abertura sem porta e passou pelo quintal com grama. As chuvas sazonais tinham sido boas esse ano. A água límpida do rio corria e fazia seu caminho para desaguar no mar.

Agachando-se na beira do rio, ela mergulhou o balde no fluxo, ofegando com o frio da água conforme ela passava por seus braços. Seu cabelo longo e escuro caiu sobre o ombro para dentro d'água parecendo uma corda molhada na corrente.

Com o seu balde cheio e querendo sair do vento frio, ela forçou-se a levantar e voltou para a casa. Novamente, ela foi sacudida por um espasmo de dor agonizante. Dessa vez, ela contorceu-se de dor e sentiu pânico ao perceber que essa tinha sido mais forte que a última. Ela gritou com terror antes que ela diminuísse, suas pernas moles com a força da dor. Um minuto mais tarde, a agonia havia passado, permitindo-a arrastar-se pela abertura e de volta para a cama ruim.

Ela havia trazido uma bolsa de couro consigo e agora ela virava seu conteúdo sobre a cama. Ela pegou as velhas toalhas que caíram colocando-as em pilha ao seu lado.

Seu desespero aumentando, ela sentiu outra pontada começar, a cólica que começava em seu estômago, capturando e apertando todo seu abdômen antes de correr para suas pernas e costas.

Arfando com o choque, a garota vacilava ao tentar deitar na cabeceira quando sentiu algo quente e molhado entre suas pernas. Ela olhou para baixo e viu um corrimento vermelho conforme seu sangue ia para além dos seus joelhos e calcanhares até o chão sujo. *Mama! Ah, Mama!* Ela gritou um patético lamento.

Aterrorizada, estava acontecendo rápido demais. Ela não estava preparada para nada assim. Soluçando, ela forçou-se a tirar a saia e sapatos arruinados, o instinto a fez deitar-se na cama antes de a dor ter tempo de recarregar de novo. Ela pegou uma alça de couro da sua bolsa e mordeu com força para

parar o urro de dor que a rasgou, a contração se espalhando parando somente quando ela ficou inconsciente por um momento.

Vinte minutos, quarenta, uma hora havia passado com as contrações tornando-se cada vez mais e mais frequentes, uma dor chata permanente entre suas pernas sujas. A cada vez ela sentia-se mais fraca e tinha que se arrastar para fora das profundezas quando a próxima cólica violenta começava.

Forçando seus olhos a se abrirem, ela se concentrou nas madeiras apodrecendo no teto acima. Um pombo voou para dentro para se abrigar do frio, empoleirando-se em uma das vigas. Seu olho redondo piscava funestamente estudando a figura abaixo dele. Ela permitiu sua mente viajar e imaginou o pombo levando sua dor nos ombros e voando para longe. Seus pensamentos espiralaram em volta de sua cabeça desmontando-se em pedaços incoerentes. Em algum lugar, uma persiana de madeira solta bateu contra a parede de pedra; um crescendo que se fez em lascas com brilhos prateados em sua cabeça.

Outra contração; agora não havia mais tempo, não havia mais alívio entre a última e a próxima. Mordendo seu lábio inferior, ela sentiu o salgado de seu próprio sangue. Ela sentiu uma vontade irresistível de fazer força para empurrar, ela não conseguia mais lutar contra; parecia ser a coisa certa a fazer. Cerrando os dentes, ela empurrou e grunhiu com o esforço, seu rosto manchado de sangue, suor e lágrimas. Ela fez uma pausa e ofegou, empurrou de novo. E então houve um alívio abençoado ao sentir algo molhado e polpudo escorregar por entre suas pernas abertas.

Fechando seus olhos com a libertação da dor, ela começou a deslizar para a inconsciência. Um minuto mais tarde, e com algo de um instinto primitivo, ela lutou para voltar a superfície e juntou o pouco de força que lhe restava quando, finalmente, havia expelido a última parte de sua vergonha.

## Capítulo 26. Um verão durante os anos 1970.

*Um ato de memória pavorosa.*

*Macbeth. Act 3 Scene 2*

Puxando para o lado as tiras grudentas com listras de arco-íris penduradas na entrada da casa da família, o brilho do sol atingiu Antígona depois da meia escuridão de dentro. Um cão de caça estava deitado na sombra de uma árvore de romã. Seus flancos subindo e descendo conforme ofegava no calor da manhã. Ele coçou uma orelha, vagorosamente cheirou seu pé e traseiro antes de grunhir e retomar seu cochilo do meio da manhã.

Ignorando o cachorro, Antígona pegou um bastão grosso do lado da porta, passou por baixo da árvore manchada de sol e foi para a rua mais além. Nesse dia, ela havia se vestido com preocupação. Não eram suas melhores roupas; estas eram reservadas para a igreja e festivais. Perdendo a maior parte de seu banho matinal, Antígona havia se dado o trabalho de escovar as saliências e os nós de seu cabelo escuro que chegava na cintura. Sua camisa e sua saia azul favorita estavam limpas e, ainda que remendadas, a costura tinha sido bem feita. Orgulhosa de seu trabalho com a agulha, ela sabia que seria a esposa perfeita para o homem certo. Quase se abraçando de tanta animação, Antígona contemplou o homem que escolheria, a maior parte de suas noites e duas eram gastos pensando nele. Ela carregou sua costureira bolsa de couro em um ombro e antes de atravessar a rua, olhou de um lado para o outro por baixo de seus belos cílios negros antes de estar satisfeita de que estava deserta. Antígona cruzou a rua para entrar na viela do lado oposto.

A vila estava ocupada; era metade dos anos setenta e os locais estavam ricos com as plantações de uva da última década, mais ou menos. Algumas das gerações mais novas já tinham deixado Agios Mamas para morar em apartamentos em Limassol ou Nicosia e pegar empregos inteligentes em escritórios ou hotéis. Seus pais estavam estupefatos com a razão pela qual gostariam de deixar a vila onde inúmeras gerações anteriores haviam crescido. Mas seus bolsos estavam cheios de dinheiro e eles estavam impacientes para gastar. A vida era mais excitante. Ele queriam ter coisas novas; centros de músicas, jeans, motocicletas ou o primeiro carro. Mesmo as garotas estavam acordando. Elas não mais queriam passar todos os seus dias lavando, cozinhando, limpando e tendo um monte de filhos. Os homens achavam que era másculo rir dos mais velhos reunidos nos *kafeneos* colocando regras no mundo com sua política insular. Havia futebol americano, carros velozes, música ocidental e garotas. Essa foi a primeira geração a ficar mimada com o dinheiro dos pais e eles queriam gastá-lo.

O pai de Antígona não tinha grandes pedaços de terra só algumas doações que permitiam alguma renda. Gostando de *Zivania*, a fina cachaça feita de casca de uva, a maior parte de suas tardes e noites eram gastas sob as garras do álcool. Sempre que ele estava sob sua influência, Antígona tinha certeza de que estaria bem longe de seus punhos pesados.

Antígona não tinha mãe. Infelizmente, ela havia falecido em um inverno tendo sucumbido a um dos espancamentos. Antígona agora arcava com a parte mais pesada de suas frustrações e comportamento doentio. É claro que ninguém na vila *sabia* com certeza que Alexandros batia em sua mulher até ficar inconsciente em algumas ocasiões, mas quando a encontraram aos pés de um lance de escadas, eles se benzeram e murmuraram orações por sua alma e, é claro, pelas deles. Ninguém interveio. O que

acontecera entre marido e mulher não era assunto deles, o homem era o chefe. Até a igreja fingiu-se de cega. O Papas também gostava de *Zivania*. Este era um padre forte e altruísta que intervinha na vida privada das famílias.

O irmão de Antígona, Kristiakis, era como seu pai. Gabando-se pela vila, Kristiakis era um belo *bully*, escolhendo dentre as garotas livres da vila por conta de sua beleza e eloquência. Para ele, Antígona era só sua irmã mais nova. Seu papel em sua vida era o de manter seu pai alimentado, a casa limpa e o quintal varrido.

Hoje, os pensamentos de Antígona estavam em qualquer lugar, menos nas tarefas de casa. Na última semana, ela tinha ficado encantada por um grupo de soldados britânicos alocado aqui. De acordo com o chefe da vila, o *mukhtar*, esse pequeno grupo estava instalando algum tipo de estação de rádio ali perto. Os moradores mais velhos não conseguiam compreender e, ainda que amigáveis e cordiais, eles observavam os soldados com olhares cobertos de desconfiança. Ele não precisavam de estranho em sua vila por muito tempo, especialmente soldados de uma terra estrangeira.

Antígona surpreendeu a todos na escola. Pela primeira vez em sua vida, ela era excelente em algo: aprender e falar inglês. Uma vez ela foi chamada ao escritório do chefe da vila onde ela timidamente traduziu o inglês falado por um dos oficiais responsáveis. O belo Capitão era tão impressionante; ele rapidamente a confiscou para ser intérprete extra-oficial quando seus homens estivessem doente.

Dando uma olhada no belo oficial com sua suave voz educada e com um sorriso mais suave ainda, o coração de uma Antígona de dezesseis anos bateu rápido em seu peito.

O inglês estava encantado por ela; ele achou que ela era uma excelente substituta para o cabo Bates. Tanto que ela o viu require-la para ajudá-lo de tempos em tempos. Lentamente, e sem que Antígona percebesse, o tempo que passavam juntos tinha se tornado menos oficial e mais pessoal. O oficial a questionava em sua voz de veludo sobre sua vida em Agios Mamas; o que ela gostava de fazer quando não estava cuidando de seu pai ou de sua irmã. Antígona não entendia. Historicamente, as mulheres cipriotas tinham pouquíssimo tempo para perseguir suas ideias individuais. O pouco de lazer que tinham era passado em grupo com o barulho das agulhas de tricô e de crochê junto com a cacofonia de vozes. Suas mãos nunca estavam paradas. Ela não conseguia compreender mãos à toa ou passar as horas lendo, escrevendo ou simplesmente sonhando acordada.

Lentamente, enchendo sua cabeça com sonhos, ele impressionou essa inocente e pouco sofisticada jovem.

Conforme Antígona imaginava uma vida diferente da dela, ela estava consciente das mulheres em suas antigas sarjas pretas mofadas observando e estalando suas línguas rapaces quando ela passava do limite, mesmo que só um pouco. Seus velhos amigos ficaram confusos com essa nova e confiante Antígona e não sabiam o que deduzir disso. Recolhidos em pequenos grupos nas esquinas, eles conversam e davam risadinhas por trás das mãos toda vez que seu nome era mencionado.

Antígona era imune aos olhares dissimulados e quando o oficial perguntava se ela gostaria de posar para que ele a desenhasse ou se ela gostaria que ele lesse ou a ensinasse algum de seus poemas ou clássicos favoritos, Antígona timidamente acenava que sim e sugeria um lugar calmo e pouco frequentado. Ele tinha um sorriso tão bonito.

Nunca antes ela havia ousado tanto. Ainda assim, sabendo que por mais inocente que fossem seus encontros, eles deveriam ser prudentes e totalmente sigilosos.

Nos dias seguintes, eles tiravam uma hora ou duas; mais que isso e sentiriam falta deles. Antígona olhava para ele sonhadora enquanto ele falava. Apesar de não entender metade do que ele dizia, ela o admirava acima de tudo. Nada de mais acontecia; um toque acidental ou outro, nada mais. Antígona sentia-se perfeitamente segura com ele, a despeito de seu coração batendo forte em seu peito.

Ela agora fazia o caminho para a velha casa no caminho perto do rio. Antígona estava temerosa de seu herói ficar impaciente com a espera e voltar para a vila. Eles sempre faziam caminhos diferentes em

horários diferentes; o inglês insistia que ninguém poderia vê-los.

Quase alcançando a casa de pedra, Antígona fez uma pausa embaixo da sombra de um pinheiro para recuperar o fôlego. Mesmo para aquela época do ano, estava impressionantemente quente. O lugar era completamente isolado, escondido aos pés do vale aninhado entre altos carvalhos se eucaliptos. Por causa disso, era sempre um lugar fresco e sombreado. As árvores ficavam à margem do rio e do jardim mal cuidado da casa. Nenhum som podia ser ouvido, exceto pelo ocasional pássaro ou cigarra no matagal. Era seu lugar especial. Sentindo-se renovada, ela ajeitou seu cabelo com os dedos e continuou andando com um ritmo mais feminino.

A casa de dois andares estavam quase completamente abandonada, tendo ficado vazia por anos. O mundo selvagem a volta estava reivindicando a terra. Ela erguia-se alta e silenciosa à sua frente. Pequenos tufo de flores cresciam nas rachaduras entre as pedras, uns dois lagartos verde brilhante correram por entre as folhas secas que serviam de tapete no chão.

Seu coração batendo em antecipação, ela passou para dentro dos limites da casa. Uma mão em seu ombro a fez ofegar; seus olhos se arregalaram com medo e então enrugaram-se quando ela sorriu e relaxou na companhia do homem a sua frente. “Sr. Leslie, você me assustou!”, ela o censurou.

Ele riu ao sair da frente da porta e a cumprimentou com um braço casualmente colocado em volta de sua fina cintura. Com seu toque, Antígona sentiu-se tanto satisfeita quanto surpresa. A despeito de sua inocência, ela reconheceu que sua mão a excitou quando um calor se espalhou por seu corpo.

“Eu sinto muito. Estava só brincando”. Seus olhos eram calorosos e sorridentes. Ela notou o início de umas rugas se acentuarem sob seu bronzeado cipriota.

“O que é –”, ela fez uma pausa saboreando a palavras. “Brincando, por favor?”

“Um jogo”.

“Ah”. Um pouco tímida e constrangida ela olhou para longe. A encarando, Leslie mais uma vez estava encantado com sua beleza e juventude. Ela era inocente de qualquer jeito. Ele admirava sua aparência charmosa; ela tinha o mais belo cabelo longo e escuro que emoldurava o rosto mais delicado. Seus olhos eram de um tom escuro pouco comum de azul e brilhavam com excitação. Seu corpo era magro, firme e imaculado.

Antígona o sentiu estudando-a e deu olhada rápida e tímida para seu rosto. Seus olhos demoraram-se em seu corpo e ela sentiu seu rosto ruborizar. Sem querer intimidá-la, ele virou-se e acenou para que ela o seguisse esticando a mão em sua direção.

“Venha – vamos sentar em algum lugar confortável. Eu pensei em sentar lá fora, talvez perto do rio?”

Pegando sua mão na dele, ele a levou para a parte de trás da construção. Ele abriu caminho através do mato alto e manteve os piores espinhos para longe dela. Quando Antígona saiu do mato mais alto, ela soltou uma exclamação com o que encontrou seus olhos. Sobre o chão, ele havia colocado um cobertor de lã xadrez e, em cima dele, uma cesta de picnic.

Leslie sorriu com sua surpresa.

“Eu pensei que poderíamos ficar confortáveis. Veja, eu trouxe vinho, pão, um pouco de queijo e frutas. Temos a água fresca do rio se precisarmos. Venha, sente-se aqui”.

Encantada por ele ter se dado o trabalho de mimá-la, Antígona ajoelhou feliz sobre o cobertor. Ela tirou os sapatos e sentou-se, suas pernas morenas embaixo de sua saia.

O lugar era perfeito, fresco e sombreado e completamente escondido de todos, a não ser que se dessem o trabalho de passar pelo matagal quase impenetrável cheio de espinhos. Ela podia ouvir o rio fazer seu caminho pelas suaves rochas arredondadas. Sua viagem ainda levaria uns trinta quilômetros até desaparecer no mar.

Tirando a rolha do vinho branco, Leslie passou um copo para Antígona. Ela bebeu um pequeno gole e descobriu que gostava do sabor. Mulheres cipriotas raramente bebiam álcool. Era reservado para

homens e as mulheres que o faziam geralmente não era bem aceitas. Um pequeno cacho de suculentas uvas roxas estava aninhado dentro de um guardanapo azul junto com o pão local e queijo. Eles conversaram enquanto bebiam e beliscavam a comida. Antígona perguntou o quê Leslie tinha planejado para hoje. Algumas vezes ele lia para ela algo de seus livros favoritos ou, de vez em quando, ele fazia alguns desenhos de uma Antígona encantada olhando suas mãos morenas enquanto elas deslizavam no papel. Hoje, ele havia tirado um volume pequeno e vermelho do bolso de trás de sua calça e folheou as páginas até encontrar o que queria.

"Hoje eu vou ler alguns dos sonetos de Shakespeare. Não o soneto dezoito, porque já é clichê. Eu acho que o número vinte e quatro será bom para hoje". Ele olhou para Antígona com um sorriso caloroso e começou a ler em voz alta.

*"Meus olhos brincaram de pintar-te, e lançaram  
A forma de tua beleza sobre a tela do meu coração;  
Meu corpo é a moldura onde está contida,  
E a perspectiva é a melhor arte do pintor;  
Pois através do artista debes constatar seu talento..."*

Relaxada pelo vento agradável e pelo vinho, Antígona ajeitou seu vestido modestamente sobre suas pernas e deitou-se; seu cabelo reluzente espalhando-se em volta dela quando ela colocou seu braço como travesseiro por baixo da cabeça. A voz de Leslie era suave e gentil, melodiosa conforme ele sussurrava o poema para ela. Ela não entendia mais que uma palavra entre três, mas sua voz se espalhava por ela, acalmando-a e envolvendo-a, finalmente deixando-a com um cálido desejo.

Estava tão quente. Ela não conseguia manter seus olhos abertos. Ela deixou sua mente flutuar à deriva para sonhar. Ela desejava que eles pudessem ficar juntos. Se ele pudesse convencer seu pai. Ela continuou sonhando, fantasiando uma vida juntos, uma vida com uma família dos deles. Seus olhos estavam fechados, pesados com sonolência. Seus longos cílios tocavam as maçãs de seu rosto, um raio de sol que passou pelo abrigo das árvores brincava em seu queixo.

Sua respiração estava leve enquanto Leslie via seu peito magro subir e descer e deixando seus olhos viajarem por seus seios, pela sua cintura fina até as suas coxas firmes onde sua saia fazia uma poça azul em cima do coberto grosso. Ela era exótica, extraordinária e intoxicante.

Leslie estava dominado. Sua garganta secou e sua respiração acelerou enquanto olhava para ela. Ele estava confiante em seu charme muitas vezes usado. Assim que ele a conheceu, ele ficou determinado em fazê-la notá-lo. Ele não conseguia acreditar no quão fácil foi seduzi-la com suas palavras e jeito atraentes. Colocando seu livro de lado, Leslie aproximou-se de seu corpo deitado. Inalar o cheiro sensual de seu corpo era indescritível para ele, era como nada que ele havia sentido antes. Seu hálito se tornou falho e quente contra sua orelha quando ele sussurrou seu nome.

Antígona estava flutuando em um mar de seda perfumada. Uma brisa suave brincava com as linhas de seu rosto e os raios de sol traçavam suas pálpebras. Em um sonho, ela imaginou que ela abria lentamente seus olhos. Era como se ela estivesse tentando ver através de uma teia de aranha ao se esforçar para focar-se em seu amor a sua frente. Meio dormindo, meio fascinada, ela continuou deitada lá enquanto ele a observava. Passando um dedo por seu nariz, ele gentilmente traçou seus lábios e então seu queixo e pescoço. Recuperando o fôlego, Antígona mal conseguia respirar e permanecer deitada e quieta conforme seu dedo continuava seu caminho.

Baixando sua cabeça em direção a dela, ele tocou lentamente seus lábios com os dele. Ele sentiu o gosto do sol e o traço de vinho em sua boca. Maravilhada, ela permaneceu deitada lá sem ousar se mexer. Ela nunca tinha sido beijada deste jeito antes. Ele escorregou sua língua por entre seus dentes levemente afastados e sentiu mais o seu gosto conforme ele explorava a garota tornando-se cada vez mais aventureiro já que ela não fez movimento algum para protestar. Suas necessidades tornando-se mais urgentes, ele a beijou com uma paixão cada vez mais crescente e ficou eufórico quando viu que ela

correspondia.

Sua mão estava em seu pescoço gentilmente acariciando sua pele aveludada, como alguém que acaricia um gatinho. Ele correu sua mão sem pressa para baixo até que um de seus seios perfeitos estivesse encaixado sob seus dedos. Os olhos dela se arregalaram com a surpresa e, então, ela deixou um gemido escapar sob seus lábios. Mas ela ainda não tinha tentado resistir a ele; ela fechou seus olhos de novo cedendo ao seu sonho favorito. Ela estava tonta e bêbada de amor e vinho.

Com lenta facilidade, ele encontrou os botões de sua camisa e começou a soltá-los com dedos bem treinados. Colocando o tecido de lado, Leslie colocou uma mão por dentro para encontrar seu mamilo enrijecido. Ele o rolou entre seus dedão e dedo médio e então moveu sua boca para cobrir seu pescoço e depois seu seio. Antígona ofegou de prazer enquanto ele mordiscava e gentilmente provocava, seu corpo tremendo com antecipação.

Ela sabia do básico sobre sexo por causa de seus amigos mais velhos da vila, mas Antígona só conseguia imaginar o que realmente acontecia entre um homem e uma mulher. Sem pressa, ele vagorosamente a acariciou e a beijou. Ele não queria assustá-la, especialmente agora que estava indo longe. Ele era seu modelo de amante, um príncipe entre homens. Ele não iria apressá-la e ela estava mais do que com desejo.

Sua mão passou para sua coxa e ele ficou extasiado de senti-la tremer contra ele quando ele levantou sua saia para expor suas pernas esguias e sedosas. Ele moveu sua mão mais para cima e acariciou a parte alta de suas coxas, o algodão de sua calcinha deslizando com a pressão em sua púbis. Quando ele grunhiu, Leslie deslizou seus dedos por baixo do elástico; sua era suave e fresca e com um estremecimento de satisfação, ele saboreou senti-la molhada. Como calma deliberada, ele abaixou sua calcinha até seus joelhos. Antígona gemeu contra seu pescoço e ele a beijou de novo para mantê-la doce e dócil. Conforme o beijo se alongava, ele sentiu sua própria excitação latejante aumentar e, com uma mão, desfez sua calça se livrando do tecido que o confinava. Pegando uma de suas mãos, ele a guiou para baixo até que o segurasse. Sussurrando palavras de encorajamento, ele a mostrou como poderia dar-lhe prazer até que ele gozou sobre o cobertor e a frente de sua saia.

Desconcertada e apreensiva, Antígona continuou deitada lá perguntando-se o que tinha feito de errado. Ela tentou puxar sua saia para baixa dos joelhos e refazer os botões de sua camisa. “Não”, ele disse, gentilmente empurrando-a de volta para o cobertor. “Ainda não terminamos. Relaxe. Deite-se, eu não vou machucar você”.

Com beijos e carícias, ele a persuadiu até que estivesse ereto e ávido de desejo novamente. Então, ficando de joelhos, ele passou uma perna de cada lado de seu corpo. Antígona começou a tremer. É claro que ela já tinha visto suas cabras e cães fazendo sexo, mas um medo terrível tomou conta dela. Leslie estava planejando montá-la também? Isso era errado! Ela adorava o homem a sua frente, mas ela não queria ir tão longe. Seria contra sua criação. Ela estava aterrorizada.

“Não”, ela o ecoou.

“O que?”

“Não”, ela repetiu colocando suas mãos em seu peito. “É errado. Eu não quero”.

Pegando seus punhos e empurrando-a de volta no cobertor, Leslie pressionou seus braços acima da sua cabeça.

“Querida, você não pode dizer *não*. Você não pode beijar feito uma puta em um minuto e depois agir como uma virgem no outro”.

Ele sorriu; só que dessa vez não havia nada bonito em seu rosto. Nenhum traço de gentileza, somente um traço de divertimento e um toque de crueldade.

Antígona não entendeu. Seu inglês não era tão refinado.

“Você chegou tão longe”, ele disse acariciando seu pescoço e então mordiscando seu peito.

Ela soltou um outro ofego sufocado, só que dessa vez não era de excitação. Antígona fez força e

Leslie aproveitou-se desse momento para abrir mais ainda suas pernas com os joelhos. Ele abaixou-se até que estivesse posicionado acima de sua virgindade. Aterrorizada, Antígona gritou.

“Mas, não, não! Ah!”, ela deu um grito sufocado quando ele colocou a mão sobre sua boca para aquietar seus gritos.

“Sssh. Sssh. Fique quieta. Está tudo bem. Eu prometo que não vou machucar você”.

Antígona estava chocada; suas mãos cravaram-se no cobertor até que suas unhas se quebrassem e sangrassem. Suas lágrimas pareciam escaldar seu rosto.

Com os olhos vazios, Antígona sentou-se ereta jogando sua calcinha rasgada e inútil fora no meio do mato crescido. Ela ajeitou sua saia sem notar as manchas na parte de trás e refez os botões de sua camisa. Ela sentia-se doída e triste, profundamente aturdida. O que *tinha* acontecido? Ela tinha gostava do início; seus beijos e infinita gentileza. Mas depois, ele certamente tinha ido longe demais. Ela estremeceu com desgosto enquanto entendia o que tinha acontecido. O que *eles tinham* feito? Se alguém descobrisse, ela estaria arruinada. Inútil para um casamento. Graças a Deus que estavam aqui, onde ninguém podia vê-los.

Ela percebeu que tinha sido usada e traída. Esse homem a sua frente não era o ídolo que ela pensou ser. Engolindo um soluço, uma lágrima fresca escapou e correu por seu nariz.

Leslie notou sua aparente tristeza e rolou para o lado para olhar para ela.

“Ah, vamos lá, Antígona. Não foi tão ruim, foi? Certamente, você gostou? Você sabia para onde estávamos indo nas últimas semanas. Vamos lá, eu entendo que possa estar se sentindo um pouco estranha, mas da próxima vez vai ser melhor, eu prometo. Você não vai estar tão nervosa e poderemos relaxar e curtir. Eu vou te ensinar tudo que precisa saber”. Ele deu um tapinha em sua coxa.

Ela olhou para ele horrorizada. *Próxima vez?*

“Não, não. Mas isso não! Não, eu não sabia! Eu não achava que você...”, ela não conseguiu terminar.

Exasperado, ele levantou-se e acendeu um cigarro. Ele inalou profundamente antes de continuar.

“Ah, besteira! Você estava me seduzindo há semanas. Claro, eu não sabia com certeza se era virgem, mas quando comecei, você gostou. Maldita, fica de frescura”, ele disse a última parte mais para si mesmo.

Colocando o cigarro na boca, Leslie levantou-se e refez o botão de sua calça sem aparente preocupação em limpar a grama e a sujeira de seu uniforme. Em algum lugar na árvore acima, um pássaro estava gritando um estridente pio de alarme.

“Mas o que eu vou fazer?”, ela perguntou com os olhos arregalados de preocupação e tristeza.

“Fazer? Nada mudou. Você ainda é a mesma. Pense nisso como uma excitante experiência de vida; crescimento. Quantos anos tem, quase dezoito?”

Ela olhou triste para o chão. “Dezesseis”.

Ele assoviou baixo quando ela revelou sua tenra idade.

“Dezesseis! Nossa, e que doce de dezesseis você é”.

Seu rosto estava com uma expressão convencida, a qual Antígona estava começando a odiar. Ela não conseguia acreditar ou entender. Por que ele mudou tanto? Para onde seu bem educado e elegante oficial inglês tinha ido? Sentindo-se confusa e completamente miserável, ela começou a sentir a agitação da raiva invadindo-a.

Levantando-se para encará-lo, ela tentou de novo. “O que vamos fazer?”, ela perguntou com um tom de súplica em sua voz.

“Querida, eu acabei de dizer. Não tem nada a fazer. Tudo foi maravilhoso. Agora, seja uma boa garota e me diga se pode me encontrar amanhã aqui de novo. Vai ter que ser um pouco mais cedo, já que estou um pouco ocupado ultimamente. Esse lugar é ótimo. Bom e secreto? Hmm?”

Leslie disse tudo aquilo sem um traço de remorso. “Como só me resta pouco tempo aqui, é melhor aproveitarmos o máximo, certo?”

Antígona deu um passo para trás como se tivesse acabado de ser esbofeteada. É claro que não

significava nada para ele! Ele era um oficial educado e ela era uma simples moradora de vila. Não muito educada e uma camponesa. Ele provavelmente tinha alguém em casa, ainda que nunca tivesse comentado nada. Ah, certamente que não? Ele poderia ser tão cruel?

Engolindo o choro, Antígona procurou por seus sapatos mantendo seu rosto contra ele enquanto tentava colocá-los. Seus dedos tremiam com falta de jeito, seu cabelo bagunçado caía em seus olhos. Obstinação, ela decidiu que ela nunca, nunca iria deixá-lo saber o que ele havia feito com ela. Não só o sexo, mas ter destruído todos os seus sonhos e aspirações. Sem olhar novamente para Leslie, ela disparou para dentro do matagal. Abrindo caminho, desatenta aos espinhos que a atacavam e deixavam arranhões e sangue em seus braços nus, pernas e face, ela correu.

Leslie continuou onde estava; o poeta e artista sem palavras pela primeira vez. Ela estava esperando uma proposta de casamento? Ele quase riu alto com o pensamento. O que sua mãe diria disso? Ela certamente não iria contar *tudo* para seus companheiros de *bridge* em casa.

Tudo era um pouco extremamente tedioso. Ela era para ser só mais uma na lista, embora uma que tenha sido muito mais doce do que o esperado, ainda por cima uma *virgem*. Totalmente inesperado! Ele estava ansioso para a próxima vez – ele sabia que poderia convencê-la. Da próxima vez ele iria terminar a tarefa maravilhosa que se propôs.

Seu cigarro acabado, ele amassou o que restou no chão, pegou o cobertor e a cesta e jogou o que restou do picnic pela grama. Olhando para seu relógio, ele ainda tinha tempo para um banho rápido antes de ir para o refeitório dos oficiais, se ele fosse rápido. Haveria um tipo de festa naquela noite. Um jantar e baile completos com a banda militar. Um evento como esse sempre atraía as enfermeiras do Hospital Militar Britânico; elas sempre eram jogo.

O silêncio sinistro estava a sua volta conforme Leslie fez caminho de volta pelo matagal. Os poucos pássaros haviam parado de cantar e as cigarras não mais cantavam roucas como antes. Um estranho sentimento tomou conta dele quando voltou para a trilha e deu uma olhada em volta de si.

Não havia nada lá, só uma trilha vazia estendendo-se a sua frente e desaparecendo na distância. Ele deu de ombros para sua imaginação; por um momento pareceu que algo o estava observando nas sombras.

Enquanto fazia o caminho de volta pela trilha, assoviando uma melodia feliz, ele voltou seus pensamentos para o baile daquela noite e perguntou-se preguiçoso o que sua esposa estaria vestindo.

## Capítulo 27. Antígona

*Vem, noite cega, tapa os olhos ternos do dia compassivo.*

*Macbeth. Ato III, Cena II*

Alcançando os limites da vila, Antígona forçou-se a diminuir o ritmo. Tropeçando pelo caminho em sua tristeza, inexperiente demais para analisar seus sentimentos, ela não se deu conta de que estava traumatizada pelo ataque cruel e brutal de Leslie. Em sua inocência, era suficiente que ele a havia usado puramente para sua própria satisfação. Todas as suas promessas e sugestões, boas maneiras e gentileza; certamente ela não poderia ter imaginado tudo isso? Com lágrimas grossas e vagarosas rolando em seu rosto, ela percebeu que era difícil afogar os soluços.

Agora ela deveria prestar atenção aos moradores da vila. Se alguém visse o seu cabelo e roupas bagunçados, ele iriam chegar a uma conclusão terrível. Sufocando seus soluços, ela secou as lágrimas em sua saia e então, olhando para baixo, ajeitou suas roupas e notou que faltava um botão na sua camisa. Tinha deixado um pequeno rasgo triangular de onde tinha sido arrancado quando ela correu. Seus braços e pernas estavam arranhados pelos arbustos e a parte interna de sua coxa estava doendo onde Leslie havia pressionado seus joelhos para força-la a abri-las. Ela ainda não tinha ouvido a palavra *violada*.

Tirando seu cabelo suado de seus olhos, ela passou seus dedos trêmulos pelas mechas removendo pedaços de folhas e galhos. Ela sabia que tinha que manter tudo para si. Ninguém iria acreditar nela ou ajudá-la. Tarde demais, ela lembrou-se que tinha esquecido a bolsa na velha casa. Nada a faria voltar para recuperá-la. Sua garganta doía de tão seca. Tudo que ela podia fazer era abster-se de pular do telhado do prédio mais próximo.

Fungando para impedir as lágrimas, Antígona mais uma vez esfregou o rosto sujo com sua saia. Ela alcançou a estreita entrada para o beco, no qual ela havia saltitado algumas horas antes com seu coração cantando e sua cabeça repleta de alegria. Agora, espiando pela esquina antes de entrar nele, Antígona colidiu com Yanoulla.

A mulher mais velha franziu o cenho notando seus arranhões e roupas. Seus olhos aguçados não deixaram nada escapar.

“O que diabos esteve fazendo, Antígona? Você parece mais bagunçada que o normal!”, ela falou rudemente olhando-a de cima a baixo. Sua boca estava virada para baixo em desdém, seus lábios pressionados como quem desaprova alguém. Seu nariz acentuado e adunco dava um toque a mais na aparência da bruxa que todos diziam que ela era. Ela jogou sua cabeça com um belo cabelo loiro para o lado enquanto Antígona rapidamente inventava uma desculpa.

“Eu estava resgatando uma criança presa que foi largada pela mãe. Eu – eu caí de algumas pedras soltas em cima de um arbusto de acácias”. Antígona ficou vermelho sob o escrutínio hostil da mulher enquanto contava sua mentira.

“Bom, deve ter sido um arbusto e tanto. Já é hora de você aprender e crescer um pouco. Ser mais arrumada e menos descuidada. Olha o estado das suas unhas. Ah!”

Olhando para suas mãos, Antígona percebeu que estava manchadas de terra e sangue seco e ela as escondeu atrás de suas costas.

“Por favor, não diga nada, Yanoulla. Eu estou sempre com problemas. Papa acha que eu sou inútil.

Se ele souber que eu não estava tomando conta direito das cabras, eu serei punida”.

Yanoulla olhou firmemente para a garota mais nova notando seu rosto sujo e vermelho e seus olhos brilhantes demais. Ela sabia que a garota não estava sendo verdadeira com ela e poderia jurar que ela estava chorando. Havia algo que não estava certo sobre sua história; muito boba. Talvez seu irmão conseguisse descobrir ao certo. Além disso, daria a ela uma boa desculpa para falar com o belo Kristiakis.

Sacudindo sua cabeça condenando-a, ela continuou. “Talvez você devesse ficar mais em casa”, ela sibilou. “Aprender a ser uma boa mulher cipriota, deixar as cabras para os homens. Já é hora de encontrarem um marido para mantê-la na linha. Mas não, não irei dizer nada para seu pai”.

Sorrindo em gratidão, Antígona agradeceu Yanoulla e fez seu caminho pelo beco. Todo seu auto controle foi necessário para não encolher-se com a dor nas costas; ela precisava manter as aparências.

Yanoulla observou Antígona, sua mente rapidamente analisando tudo que ela viu. O que a putinha dissimulada estava fazendo? Apesar do ela havia dito, ela definitivamente iria falar com seu irmão. Talvez já fosse hora de alguém pressioná-la e livrá-la de seus mentiras. Ela estava ficando independente demais. Isso foi desde quando ela resolveu ser uma ridícula intérprete.

Antígona estava agradecida por ter escapado dos olhos observadores de Yanoulla. Ela a conhecia como uma mulher má e amarga que era frustrada por causa de seu irmão, Kristiakis. Por anos ela havia gostado dele, só para vê-lo passar por todas as outras garotas da vila.

Ela virou a esquina para fora do beco, a casa da família a sua frente. Espiando o quintal, Antígona agradeceu a Deus em voz alta quando descobriu que não havia ninguém em casa. Kristiakis estaria trabalhando em seu projeto e papa, sem dúvida, estaria começando sua primeira bebida do dia. Ela andou pelo caminho louco até a porta e a abriu para a semi-escuridão da sala de estar. Estava tudo quieto e vazio, exceto pelo cachorro que levantou a cabeça preguiçosamente com sua entrada. Ele levantou-se para cumprimentá-la, o rabo abanando.

“O que está fazendo aqui dentro?”, ela sussurrou para ele esfregando seu nariz aveludado. “Papa te chutaria se soubesse onde passou a tarde”. Enquanto ele esfregava o focinho nela como forma de afeição, ela sentiu novas lágrimas ardendo. Ela tinha que começar a se mexer.

Com um tapinha final no cachorro, ela foi em direção ao quarto tirando suas roupas no caminho. Empilhando-as em sua cama, ela encontrou uma blusa e uma saia limpas. Uma vez vestida, ela fez uma pausa em frente ao seu espelho manchado e ficou horrorizada.

A garota que a encarava de volta tinha um olhar selvagem e abatido. Ela tinha arranhões pela sua bochecha esquerda e pescoço e seu longo cabelo precisava de uma escova. Colocando água em uma bacia, Antígona começou a se limpar da sujeira e do sangue. O sabão áspero a fazia estremecer quando encontrava-se com os cortes e arranhões. Uma vez terminada, ela olhou-se novamente. Ela ainda parecia estar com os olhos arregalados e miserável com o cabelo bagunçado, mas pelo menos estava limpa. Tocando gentilmente os arranhões com a ponta dos dedos, ela achou que curariam rapidamente. O tempo estava correndo. Seu pai e seu irmão poderiam entrar a qualquer momento. Eles estariam esperando uma janta quente colocada para eles.

Antígona organizou a sala e começou a preparar a refeição da noite, suas mãos ainda tremendo. Por dentro, ela sentia-se em carne viva, mas ela estava com mais medo do que seu pai e seu irmão diriam se eles suspeitassem que ela havia encontrado um homem em segredo e, pior ainda, um homem que era velho o suficiente para ser seu pai e um militar inglês.

Ela pensou em Yanoulla e esperou que tivesse se comportado inocente o suficiente para dissipar qualquer ideia que a mulher enxerida pudesse ter. Seu olhar percorreu a sala até onde a imagem da Virgem Maria estava pendurada na parede. O rosto geralmente sereno e benevolente da Santa parecia questionar Antígona com um olhar de sofrimento em seus olhos. Antígona olhou para longe fazendo o sinal da cruz apressadamente.

Com um grande suspiro, ela abriu o armário com tela de arame do armário de comida e removeu o coelho que Kristiakis havia matado no dia anterior. Ela tirou a pele do animal mais cedo naquele dia e agora o cortou em grandes pedaços. Ela pegou a panela com a base mais larga e esquentou um pouco de óleo de oliva no pequeno fogão a gás. Ela então jogou o coelho, cebolas e ervas além de um copo do vinho tinto local. Depois de adicionar um pouco de água, ela colocou a tampa e deixou o cozido de coelho, ou *kounelli stifado*, para cozinhar em fogo brando. O trabalho com as mãos tinha um efeito terapêutico. Seu coração ficou mais calmo e menos errático.

Ela pensou em Leslie. Ele estava certo? Ela sabia o tempo todo dos riscos de ficar sozinha com um homem?

Sua cabeça estava cheia de pensamentos românticos sobre o que ela pensava ser o belo e gentil estranho; tão diferente do bruto do seu irmão e de seu pai pior ainda. Como em outras vilas pelo mundo, violência doméstica era comum e muito pouco era feito sobre isso oficialmente. Ninguém interferia, especialmente com uma esposa ou filha difíceis de controlar.

É claro, Leslie nunca havia dito *de fato* que planejava tirá-la da vila. Mas ele *tinha* dado umas dicas. Ela sabia que ele a achava atraente. Era um elogio para uma jovem garota de ua vila, especialmente quando ela ignorada e separada dos outros.

Ela fungou, limpando seu nariz que escorria com o braço. Nunca, desde quando sua mãe faleceu, ela havia se sentido tão infeliz. De repente, ela congelou, um sentimento de pavor rastejou por ela. Passos familiares estavam se aproximando da casa.

## Capítulo 28.

*O mal reforça a ação mal começada.*

*Macbeth. Ato III, Cena II*

O cheiro do prato de coelho encheu o quintal com um aroma reconfortante. Recolocando a tampa na panela e com um sorriso trêmulo em sua face, Antígona virou-se em direção ao portão.

Kristiakis estava parado com um olhar ameaçador embaixo da copa da árvore. Seus lábios estavam brancos de raiva e seu olhos escuros brilhavam como balas negras.

Acovardando-se com apreensão, um tremor correu por Antígona enquanto esperava pelo ataque.

“Então, sua protituzinha, você nos traiu”, sua voz áspera contra ela.

Ela ergueu uma mão em frente a boca. “Não! Eu não entendo. Você está enganado”, sua voz estava rouca de medo.

“Enganado? Você é uma putinha mentirosa. Não minta para mim. Eu vi você. Vi você. Voltando para a estrada e então me perguntei porque o inglês estava somente pouco atrás”, ele cuspiu suas palavras sobre ela. “A princípio eu não acredito, minha irmã se encontrando com um estrangeiro. Mas o que eu poderia esperar? Nas últimas semanas você o tem seguido por aí como uma vagabunda, um cachorrinho apaixonado. Hipnotizada pelas suas palavras inteligentes, rastejando para ele sempre que chama, e para quê? Ah, eu não queria acreditar no que meus olhos me diziam. Mas então apareceu Yanoulla, aquela vagabunda enxerida. E ela me diz que viu você voltar para casa cheia de arranhões e com o vestido rasgado. Parecia que estava rolando estábulo o dia inteiro”, ele fez uma pausa para respirar antes de continuar. “Então, eu soube. Eu soube que mentiu para nós esse tempo todo. Você é uma putinha. Você se deitou com um estrangeiro, um inglês! Você abriu as pernas para ele! Por causa disso, vou te ensinar uma lição que nunca mais esquecerá. Aquele pedaço de merda não é um homem. Eu vou te mostrar do que um bom homem cipriota é feito”.

Seu rosto estava manchado de diferentes cores e saliva a atingiu enquanto ele cuspiu sua raiva e desgosto. Com um movimento rápido, ele removeu o grosso cinto de sua calça enrolando uma ponta em volta da mão. Levantando seu braço moreno, ele trouxe o couro para baixo nas costas de Antígona enquanto ele agarrava e rasgava sua blusa com a outra mão. Ele a olhou de cima, seus olhos brilhavam. Ela gritou...

...ele arrastou uma Antígona arrasada para dentro de seu pequeno quarto e a jogou em sua cama. A surra havia esquentado seu sangue. Ele colocou uma mão pesada e calejada sobre sua boca enquanto tirava o resto de suas roupas.

~~

Mais tarde, ele decidiu que o inglês iria pagar; pela sua arrogância, por envergonhar sua irmã.

Ele apontou um dedo para a porta do quarto de sua irmã e grunhiu. “Fique aqui. Lidaria com você de novo mais tarde”.

Kristiakis bateu a porta da rua deixando uma Antígona quebrada para trás. Ele sabia onde poderia encontrar Leslie aquela hora do dia. Ele teria terminado seu trabalho da semana. Sem dúvidas estaria

planejando seu final de semana no campo de Episkopi.

Aproximando-se do abrigo temporário de Leslie, Kristiakis sabia que no final da tarde a segurança era mais relaxada que o comum e ele entrou o prédio decrépito com facilidade. Sua boca tinha uma curvatura selvagem enquanto ele considerava o que faria quando finalmente confrontasse Leslie. Uma garota surrada não era substituta adequada quando ele podia surrar o verdadeiro culpado. Ele iria descontar sua raiva e sua frustração nesse intruso de *Kypros!* Talvez ele o matasse. Kristiakis não estava mais pensando claramente.

Assim que ele encontrou Leslie, tudo deu errado. Sem tentar silenciar seus passos pesados com as botas, ele caminhou pelo corredor de azulejos brancos. As salas ao longo deste pareciam estar todas vazias, ótimo. Mas o que ele tinha esquecido em sua raiva e pressa era que soldados carregavam armas. De sua janela, Leslie havia espiado o irmão de Antígona andando apressado em direção ao prédio. Voltando para o quarto, Leslie tinha pegado seu revólver Webley de seu coldre de couro e, então, calmamente sentou-se em sua mesa. Sua cadeira rangeu quando ele inclinou-se nela, guardando a porta aberta. Quando o corpo de Kristiakis apareceu na abertura, Leslie pegou o revólver e apontou diretamente para o seu peito. Ele riu com escárnio quando viu o olhar de surpresa no rosto de seu adversário.

Kristiakis parou, sua respiração vindo em curtos intervalos. Com seu inglês hesitante e errático, Kristiakis grunhiu sua reclamação. Seu corpo tremeu de raiva.

“A honra de sua irmã! Ah, faça-me o favor, camarada!”. Leslie inclinou-se para frente, seus olhos apertaram-se enquanto sibilava na direção de Kristiakis. “Não havia honra a ser perdida. Aquela puta estava implorando por mim. Ela está me seguindo há semanas”.

Ele inclinou-se de novo em sua cadeira e sorriu abertamente para ele. “Vou te dizer. Ela era a melhor. O pedacinho mais doce de saia que eu tive em muito tempo. Dê-lhe alguns meses e ela estará abrindo as pernas para qualquer um. Ela não conseguia ficar satisfeita”.

Ele abaixou a arma e, sendo deliberadamente cruel, ele levantou sua mão esquerda até o nariz, cheirou com vontade e então passou a língua por seu dedo médio.

Apesar de não saber muito inglês, Kristiakis soube exatamente o que o gesto vulgar de Leslie queria dizer e, gritando de raiva, lançou-se para frente. Leslie engatilhou o revólver e mirou calmamente.

“Nem pense nisso, velho camarada. Eu poderia te matar com um tiro. Não vale a pena por causa de uma puta. Agora, por que não vai para casa e beba algo? Melhor ainda, encontre uma garota. Eu já terminei por aqui, então você vai estar livre de mim depois de amanhã, de qualquer forma. Agora, saia daqui antes que eu atire em você”. Ele sacudiu a arma como se o dispensasse, como se estivesse se livrando de um inseto irritante.

Kristiakis olhou para Leslie sem saber o que fazer. Enquanto hesitava, ouviu o som de passos correndo no corredor e um soldado sem fôlego apareceu atrás dele. O soldado mais novo parecia chocado quando viu a cena a sua frente; a arma na mão do oficial e o trabalhador bruto cipriota com punhos tão grandes quanto peças de presunto. Seus olhos preocupados voltaram-se para seu oficial. “Senhor?”

“Está tudo bem, Jones, ele já está de saída. Seria uma boa ideia escoltá-lo para fora, entretanto. Aqui, pode precisar disso. Ah, e quando voltar, você pode terminar de fazer as malas. Eu decidi ir embora esta noite. Eu já fiz tudo que precisava fazer aqui”. O duplo sentido de sua frase não fez sentido para ambos os homens, mas Leslie obviamente achou engraçado e riu novamente.

~~

Terminando seu relatório, Leslie o assinou e o colocou em um grande envelope pronto para ser entregue a seu superior. Ele estava satisfeito com o que tinha conseguido aqui. Seu tempo foi bem gasto. Os

equipamentos de rádio altamente especializados e seus mastros altos estavam todos no lugar prontos para a conexão com o Quartel General em Cheltenham. Mais um 'aparelho' de audição para nos manter a salvo, ele pensou. Colocando os itens que restavam na gaveta de sua mesa dentro de sua nécessaire, Leslie ficou sentado por um momento perdido em pensamentos.

Ele mesmo tinha pouco que fazer na vila além de supervisionar a operação. Ele passou o tempo fazendo aquilo que mais gostava. Antígona era só uma simples camponesa. Ela obviamente apaixonada por ele e lisonjeada com sua atenção. Então, ele havia decidido deflorá-la. E daí? Metade das mulheres daqui ficavam grávidas antes de casar. Os homens precisavam saber que suas possíveis esposas poderiam ter filhos e que não eram estéreis. Na verdade, ele não achou que seu irmão iria fazer algo. Foi bom ele estar preparado para ele.

E, melhor ainda, ele havia terminado seu projeto aqui e podia virar as costas para uma situação que poderia ser constrangedora. Ah, que alegria, de volta à civilização!

## Capítulo 29. Leslie

*Minha cabeça está cheia de escorpiões, minha querida!*

*Macbeth. Ato III, Cena II*

---

Dizer que Leslie era egoísta talvez fosse um eufemismo. Ele foi criado filho único por uma mãe coruja que tolamente deixava seu belo filho passar por cima dela desde que deixou o berço. Conforme ficou mais velho e mais perceptivo, sua natureza desesperada por atenção e exigente foi substituída por algo muito mais perturbador. Quando ele queria algo, ele simplesmente saltitava até sua *Mama* na espreguiçadeira, onde ela passava a maior parte do seu dia, e contava a ela uma triste história de como estava em dívida com a escola de arte por causa de um terrível personagem que tinha tirado vantagem de sua natureza generosa e tinha fugido com todas as suas economias. Colocando para sua mãe mais uma de suas doses 'medicinais' da manhã, ela iria estalar a língua para sua má sorte, acreditar em tudo que saía de seus lábios doces e dar a ele um bolo de notas.

A vida boa de mimos de Leslie continuou, até que um dia ficou claro que sua '*queridíssima mama*' não poderia sustentá-lo para sempre. A bolsa matriarcal havia diminuído para quase nada. As doses medicinais e o apetite ávido de Leslie haviam garantido isso. Ele precisava encontrar algum meio de se alimentar.

Como quis o destino, o irmão mais velho da mama não era enganado por quem ele considerava seu 'sobrinho manipulador, mauricinho, metido a saber de arte e choraminguento' nem um pouco. O tio de Leslie, um coronel do Exército Britânico, fez o que, em circunstâncias normais, poderia ser descrito como pressa indecente. Ele fez com que seu sobrinho fosse entrevistado, alistado e já estivesse de uniforme antes que Leslie pudesse arrumar alguma desculpa. O tio William considerou ter feito o melhor para ajudar sua irmã. O exército faria o resto e colocaria alguma fibra moral em seu sobrinho parasita. Havia muitas pequenas guerras e conflitos pelo mundo para mantê-lo ocupado.

Apesar da disciplina da vida no exército, Leslie continuava tão egoísta e arrogante como quando sugava sua infeliz mãe. Ele tinha, entretanto, amadurecido de tal forma que ele conseguia disfarçar seu caráter com algumas histórias surpreendentes. Seu tio estava correto em sua percepção das habilidades manipuladores de seu sobrinho. Leslie havia sido um desperdício para o exército regular.

Agora, enquanto Leslie limpava os arquivos de sua mesa, seus pensamentos voltaram-se para o passado. Ele sempre gostou de uma companhia feminina; não pelo estímulo ao seu cérebro, mas pela adoração que algumas mulheres dispensavam a ele. A adulação delas enquanto ouviam fascinadas suas histórias, ele achava completamente irresistível. Ele simplesmente divertia-se com sua admiração.

Sua primeira esposa, Beth, não foi uma exceção. Eles se conheceram durante seu segundo ano na Escola de Arte. Ela era bem bonita, com belos olhos e pernas esculturais. Ela era extrovertida, não era muito brilhante e tentava muito agradá-lo. Se ela pelo menos não fosse tão *agradável*. Havia somente uma palavra para resumi-la. Chata. Chata e ela deixava-se preocupar com as coisas mais triviais. Depois de alguns encontros, ele finalmente a convenceu a dormirem juntos. Ele ficou satisfeito consigo mesmo ao

descobrir que era o primeiro e, de forma egoísta, nunca pensou em perguntá-la se ela estava tomando alguma precaução. Um mês ou dois depois, ela o abordou.

“Querido, eu receio que temos um problema”. Para seu crédito, ele rapidamente aceitou casar-se com ela. Sua carreira teria sofrido caso ignorasse essa indiscrição.

Leslie nunca deixou de ter amantes. Depois de dois meses em seu feliz, mas chato casamento na cidade natal dela, Worthing, ele viu uma soldado da Corporação de Mulheres do Exército atrevida e com seios generosos e ele logo depois já estava transando com ela no confinamento de seu carro. Essa menininha do Exército foi a primeiro das muitas fodas de seu casamento sem brilho com a chata, mas fiel, Beth.

Assim que seus dois filhos nasceram, Beth entusiasticamente transferiu toda sua atenção e amor para eles. Leslie achou que ela sabia que não iria a lugar nenhum em sua vida com ele. Sua saída de ser devota a seus filhos possivelmente aliviavam sua óbvia necessidade por amor e atenção. A princípio, Leslie não estava incomodado com isso. Tudo estava sendo fácil e Beth nunca parecia notar suas indas e vindas, suas frequentes viagens para fora. Ele adorava deitar-se nos braços de numerosas mulheres lindas.

Infelizmente, seu apetite era insaciável. Conforme as crianças cresciam, elas percebiam a ausência do pai e também começaram a sentir que não estava tudo bem na casa da família.

Então, um dia, quando Leslie estava no Oriente Médio em um pequeno destacamento, ele conheceu alguém inteiramente diferente de todas as outras mulheres.

Sonja era uma solitária, embora estivesse junto com alguém do Consulado Britânico. Seu noivado já se arrastava há muito tempo e era motivo de piada em seu pequeno círculo de amigos. Eles brincavam sobre o tempo estar passando e ela nunca decidir uma data. Apesar de preferir sua própria companhia, ela ia as festas nos locais reservados para os oficiais, mas uma vez lá, ficava nos limites da multidão. Ela parecia muito mais feliz em ver o que acontecia com aqueles ao seu redor e considerar se deveria se dar o trabalho de participar.

Quando Leslie viu pela primeira vez e avaliou a alta garota escocesa com uma massa de cabelo longo, escuro e grosso e sobrancelhas igualmente escuras, ele encontrou uma recepção fria em seus olhos pálidos. Seu colegas oficiais riram quando ele não conseguiu penetrar sua armadura. Leslie tinha irritado muitos de seus colegas para que eles deixassem a chance escapar. Até onde dizia respeito a eles, ele estava tendo o que merecia e muitos estavam apostando no quão boas eram suas chances. Ele tentou todos os seus truques para fazer com que Sonja se interessasse por ele; conversa galante e total atenção. Nada ganhava Sonja e ele estava ficando cada vez mais frustrado.

Não era uma beleza clássica, mas Sonja tinha *algo*, definitivamente. E Leslie não estava chegando perto desse algo. Quanto mais ela resistia, mais determinado ele se tornava. A senhorita Sonja, com seu olhar de desdém e corpo inabalável, era o maior desafio de Leslie até aquela data.

Uma noite, justo quando um Leslie sem esperança estava resolvendo dormir cedo, as coisas tomaram um rumo inesperado.

Todos da gangue de sempre jantaram aquela noite em um novo restaurante na cidade. O pessoal todo tinha bebido além da conta enquanto viam as artimanhas de um encantador de serpentes e de duas dançarinas do ventre no palco. O whisky local desceu fácil pelas gargantas secas durante a noite abafada e quente e Leslie se viu ao lado de uma Sonja extremamente tonta.

Ele nunca a tinha visto naquele estado antes. Seu cabelo, que mais cedo tinha estado preso em um coque cuidadosamente feito, tinha perdido a maior parte de seus grampos e estava ameaçando cair feito cascata em suas costas. Estava aparente que Sonja não estava em condições de ser deixada sozinha para ir para casa. A maioria dos festeiros barulhentos estavam indo para seu bar favorito com música ao vivo e dança. A companhia feminina de Sonja da noite tinha encontrado uns velhos amigos inesperadamente e tinha desaparecido. Sonja estava prestes e sair, dizendo que era perfeitamente capaz de chegar em casa de táxi. Ela ficou de pé desequilibrada ao lado da cadeira enquanto pegava sua bolsa e casaco.

“Noite para todos. Vejo vocês durante a semana”. Ela fez um caminho tortuoso em seu salto alto por entre as mesas.

A espoa de Leslie estava em casa na Inglaterra com as crianças, já que a expedição para o Oriente Médio era desacompanhada. Como sempre, ele estava desesperada por uma companhia feminina. Depois de semanas correndo atrás de Sonja, ele viu, finalmente, um último brilho de uma chance.

Falando com a língua enrolada boa noite para os que continuavam lá, Sonja cambaleou para fora em busca de um táxi. Murmurando uma despedida, Leslie a seguiu planejando dividir o táxi.

Sonja teria dado de cara no chão quando ela calculou errado a altura do meio-fio, se Leslie não estivesse do seu lado. Depois disso foi fácil enfiá-la dentro do primeiro táxi disponível e levar a mulher quase em coma de volta para seu pequeno bangalô. Ele iria colocá-la em sua própria cama.

Não tinha como ela tomar conta de si mesma. Pela primeira vez, Leslie pensou na pessoa ao seu lado. Teria sido perigoso deixá-la voltar para sua própria casa ou arriscar pegar um táxi sozinha pelas ruas escuras do Cairo.

Quando chegaram a sua casa, ele jogou algumas notas pequenas para o motorista que riu feliz com sua sorte. Pegando Sonja por baixo de suas axilas, Leslie a arrastou para fora do carro. Em algum momento durante o caminho um de seus sapatos havia saído e este ele pegou e o colocou no bolso de sua jaqueta. Com um grunhido, ele a colocou por cima de seu ombro como um saco de cebolas e a carregou para a porta da frente. Eventualmente, depois de procurar um pouco, ele encontrou suas chaves e entrou.

Apesar de seu corpo esguio, ela parecia um peso morto com seu ombro. Ele atravessou até seu quarto e gentilmente colocou-a sobre sua cama. Leslie observou a mulher dormir por um momento enquanto decidia o que deveria fazer. Ele a ouvia ressonar quando a rolou para tirar seu sapato e seu vestido. Não havia como ela ir a lugar nenhum, pelo menos por algumas horas. E ela também não saberia dele ou de qualquer outra coisa. Ele colocou um lençol de algodão por cima dela, uma garrafa d'água e um copo ao seu lado e a deixou para dormir.

Voltando para sua sala de estar, Leslie olhou para o pequeno sofá com desdém. Suspirando, ele removeu suas próprias roupas da noite e deitou lá observando as sombras nas paredes. As coisas não tinham acontecido do jeito que ele tinha imaginado. Ele demorou um pouco para dormir enquanto ouvia os sons vindo do quarto. Ela teria uma dor de cabeça terrível no dia seguinte, com certeza. Ela também ficaria furiosa. Ele deu uma risada, virou-se em seu desconfortável sofá e dormiu.

~~

Com um sobressalto, Leslie acordou algumas horas mais tarde com um estranho ruído vindo da cozinha. O sol já havia raiado e entrava quente e brilhante pela fenda nas cortinas baratas que não ficavam direito no lugar. Ele lançou um olhar de exaustão pela sala e perguntou-se onde tinha colocado sua calça na noite anterior. Sua boca estava seca e ele sentia o início inconfundível de uma dor de cabeça na têmpora.

Maldito seja o álcool barato, ele pensou. Enquanto se sentava, os eventos da noite anterior vieram feito enchente para cima dele e ele se perguntou como Sonja estava se sentindo. Como ela já estava acordada e se mexendo, ela obviamente estava melhor do que ele imaginou. Ele foi recompensado com a visão dela saindo da cozinha com duas canecas quentes em suas mãos. Apesar de tudo que ela havia bebido na noite anterior, ela parecia relativamente acordada e bem.

“Bom dia. Chá está bom para você?”

“Maravilhoso”. Leslie esforçou-se para sentar-se em uma posição melhor quando ela lhe entregou sua caneca. Ele pensou sobre seu sorriso divertido enquanto ela sentava-se na cadeira oposta à ele, suas pernas cruzadas embaixo dela. Seu cabelo estava completamente solto e cobrindo seus ombros.

“Eu não coloquei açúcar, já que eu não sabia como preferia”, ela disse bebericando enquanto mantinha seu olhar por sobre a borda do copo.

“Está perfeito”, ele respondeu tentando não encará-la. Ela parecia muito mais nova com seu cabelo bagunçado na frente do seu rosto. Ela até parecia abordável. Depois de todas essas semanas tentando, ela estava ali, em sua casa, vestindo seu velho roupão de algodão marrom! O material mole agarrava-se ao seu corpo, moldando-se em volta de suas curvas nos seios, quadris e coxas. Ela deixava a mostra panturrilhas e calcanhares sexy e torneados. Ele mudou seu peso de lugar se perguntando se ela tinha percebido que fora ele quem removeu seu vestido antes de colocá-la na cama. Sua dor de cabeça completamente esquecida, mas sua boca continuava seca.

“Que esperto da sua parte”, ela murmurou. Havia um traço de risada em sua voz, seu copo a sua frente.

“O que foi?”

“Eu disse, que esperto da sua parte me trazer para cá”.

“Eu não sei o que quer dizer”, ele mentiu.

“Leslie, você viu uma oportunidade e a aproveitou. Você está atrás de mim há semanas”.

“Ah. Isso”.

Ele deu uma risada ao se lembrar dela ressonando.

“O que é tão engraçado?”

“Nada. É só que, você está aqui e eu estou aqui e ainda assim”.

“Ah, quer dizer que *nada* aconteceu? Está desapontado?”, ela deu uma risada brincalhona em resposta a seu desconforto. Ela sabia de sua reputação. Como ele deve estar se sentindo desapontado e ridículo.

“Bom, sim. Quer dizer, não –. Ah, claro que não! Você estava completa e irremediavelmente bêbada a noite passada!”

Houve uma pausa durante a qual ela encontrou seus olhos com franqueza. Ela virou sua cabeça um pouco para o lado e colocou seu copo na mesinha da sala. Desfazendo o laço em sua cintura, Sonja deixou o roupão de algodão descer por seu corpo e fazer uma poça no chão a seus pés. Ela era magra, magra como uma vara. Seus quadris eram um pouco masculinos e angulares e ela tinha seios pequenos com mamilos rosa. Talvez o mais incrível de tudo, eram os pelos densos e negros na sua púbis. Sem mais palavra, ela virou-se em seus calcanhares e andou lentamente, seus quadris balançando-se em direção ao quarto.

Boquiaberto e sem acreditar, Leslie deixou seu copo e a seguiu.

~~

Depois de virarem amantes, Sonja terminou seu longo noivado com o cara do Consulado e começou a passar algumas de suas noites com Leslie. Eles tinham que ser cuidadosos, já que Leslie era casado e casos não eram bem vistos. Sonja tinha somente uma condição. Como teve um longo noivado, ela queria a promessa de um casamento, agora.

“Eu quero sua promessa de que irá se casar comigo assim que puder. Eu não quero esperar outros cinco anos como antes”, ela disse calmamente.

Pela primeira vez em sua vida Leslie estava apaixonado. Talvez tenha sido porque ela o deixou esperando por muito tempo. Ele descobriu que queria Sonja como nunca ninguém mais e foi deixado sem opção. Seus hormônios controlavam sua cabeça.

Dentro de meses, Beth pediu o divórcio. Houve rios de lágrimas, ameaças de seu pai e, no meio de tudo isso, duas crianças assustadas. Leslie e Sonja ficaram noivos e, eventualmente, houve um amargo divórcio na Inglaterra. Leslie proclamou que não possuía meios suficientes para sustentar sua ex-esposa e seus filhos. A corte olhou para o casal amargo e ordenou sobre o pagamento de Leslie do exército. Eles decidiram de forma honesta e justa.

E então, Leslie e Sonja estavam casados. Dizem que as listras de um tigre nunca mudam. Apesar da mão pesada de Sonja, seus olhos luxuriosos e lascivos já estavam procurando. Anos mais tarde, sua devoção ao sexo seria chamada de doença, um vício.

Os anos se passaram.

## Capítulo 30.

*Ah, traição! Foge... foge, foge, foge!*

*Macbeth. Ato III, Cena III*

O último caminhão do Exército roncou para fora de Agios Mamas. Quando ele trocou de marcha para subir uma ladeira íngreme, Antígona observou meio escondida atrás da parede de pedra. Inclinando-se contra a parede, ela fechou os olhos. Ela sentia-se meio entorpecida por dentro desde entrou em pânico e fugiu de Leslie.

Depois do ataque selvagem de seu irmão, ela havia se trancado em seu quarto. Enrolando-se para obter conforto, seu corpo doía dos cortes e machucados. Ela ficou deitada na penumbra agarrada à cobertura que sua mãe tinha feito para ela quando ela era criança. Ela acariciou o macio algodão e sentiu o toque frio das mãos de sua mãe em sua testa suada dizendo-lhe para esquecer este episódio e continuar com sua vida.

Mais tarde, ela rezou para a figura acima de sua cama. Nenhum dos homens voltou para casa depois que os soldados tinha finalmente deixado a vila; pai e filho estavam provavelmente comemorando em um bar.

Ela sabia *agora* que Leslie a tinha feito de idiota, nunca tinha se importado com ela. Ele era pior que os moradores da vila, com suas aproximações sem jeito. Pelo menos eles eram honestos. Eles não cobriam seu desejo com pseudo galanteio.

A noite escurecia a sua volta, a escuridão caindo com um casulo. Sua tremedeira tinha diminuído.

Tirando a figura da parede, Antígona a segurou respeitosamente em suas mãos. Ela fez uma promessa de nunca mais ser enganada de novo. Não por um inglês de língua afiada ou um irmão que era mais besta que homem. Na verdade, ela não seria enganada por homem *nenhum*. Ela nunca iria se casar. Só de pensar em deitar-se ao lado de um homem toda noite até morrer fez sua pele se arrepiar e lhe deu ânsia de vômito. Mesmo pensar em seu próprio pai e seu irmão a enchia de repugnância. O que ela poderia fazer?

Enquanto ela deitava-se no escuro ouvindo os sons da noite, uma solução se apresentou. Sua mãe havia deixado para ela uma pequena casa nos limites da vila. Consistia em somente um quarto para viver e dormir, mas tinha um quintal ideal para cozinhar no fogão à gás ou no forno à lenha. A parte de fora tinha sua própria fossa e ela poderia ter animais, algumas cabras, galinhas e seu burro no abrigo ao lado. Não havia eletricidade, mas ela conseguiria se virar com lâmpadas de parafina.

Ela iria viver lá sozinha. Ah, que maravilha seria não estar sob o jugo de seu pai e seu irmão. Ela sabia que eles iriam reclamar e tentar impedi-la de ir, afinal, quem iria cozinhar e limpar para eles? Bom, ela poderia fazer o mínimo, uma refeição a noite e talvez lavar algo. Havia muitas outras mulheres pela vila.

Antígona se alimentaria fazendo e vendendo queijo. Seus pensamentos estavam em um rotação excitante. Ela poderia criar galinhas para ovos e carne; nos meses mais quentes, ela poderia plantar alguns vegetais. Pelo tempo que passou com as cabras enquanto elas comiam, ela tinha adquirido um conhecimento valioso sobre ervas selvagens e verdes que cresciam em profusão. Ela não iria morrer de fome.

Para esquecer da sua tristeza, ela fez planos para seu futuro independente. Ela poderia ver as brigas na família. Mulheres cipriotas faziam o que mandavam que fizessem nos anos setenta. Gradualmente, ela iria se afastar da vida em sociedade para uma vida solitária.

Ela envolveu seus braços em si, encolhendo-se de novo quando sentiu seu corpo machucado e maltratado. Finalmente, quando uma luz cinza começava a aparecer no topo das colinas, Antígona caiu em um sono exausto.

## Capítulo 31. O verão se torna outono e inverno

*Agora estou fechado, engaiolado, confinado em tremores e dúvidas insolentes.*

*Macbeth. Ato III, Cena IV*

O calor implacável do verão daquele ano cobrou caro do povo de Chipre. Com as temperaturas alcançando recordes, o chão cozinhava até pedra. As folhas dos vinhedos enfraqueceram e caíram antes do outono. Os moradores da vila colheram suas plantações mais cedo, caso contrário as uvas enrugariam no sol incessante.

A construção de reservatórios havia começado na ilha no início dos anos 1900, mas, apesar destes, a falta de chuvas do inverno fez com que estivessem quase secos agora. Os rios das montanhas foram reduzidos à filetes, deixando os fundos de rochedos lisos a mostra orgulhosos. A brisa sazonal de fim de verão não tinha aparecido, o que deixava o ar ainda parado e pesado.

No fim de outubro, as temperaturas começaram a cair. Grandes nuvens brancas reuniam-se acima do Monte Olimpo envolvendo e cobrindo a montanha. O ar parecia ainda mais pesado. Uma brisa passou pelo cume da montanha. Ela bagunçou os cedros e os pinheiros, fazendo os menores tremem. Uma brisa nauseante se seguiu, varrendo desde a colina até os vales. Nuvens cor de terra substituíram as nuvens branquinhas e se colocaram próximas a algumas derivações de cinza escuro. Um lampejo recortado de luz rasgou o céu seguido de um poderoso trovão que ecoou pelos picos.

Gotas grandes caíram na poeira deixando marcas tão grandes quanto as antigas moedas inglesas. Com o vento refrescante, a chuva caiu como grandes cascatas. Ela fazia um barulho ensurdecedor ao bater nos tetos de alumínio que cobriam as casas mais simples. Em alguns minutos, água corria pelas ruas trazendo consigo sete meses de poeira acumulada, lixo e sujeira. Pequenos rios apareceram entre os paralelepípedos. Eles cresceram até virarem torrentes que jorravam água suja, cheia de folhas e galhos e todos o lixo coletivo depositado ao longo dos secos meses de verão.

Os moradores da vila correram para fora, gritando de felicidade com a vinda da chuva sazonal. Ela vinha acabava vindo. Alguns anos era mais molhados que outros, mas sempre havia o suficiente para aqueles que viviam em Agios Mamas. As colinas em volta tinham muitos aquíferos cheios de água potável. As orações diárias do *Papas* da vila tinha feito tiveram efeito. Atrasada, mas apesar disso estava aqui agora.

Antígona correu para garantir que seus animais estavam seguramente presos para passar a noite. Raios de luz iluminavam sua casa simples. As latas de alumínio com gerânios e manjeriço logo estavam transbordando, o excesso se juntando a torrente monumental do rio ao lado da colina abaixo. Rindo, ela voltou correndo para dentro de casa, completamente molhada.

Depois de secar seu rosto em uma toalha, ela passou pela cortina para o pequeno nicho que servia de quarto para ela. Ela procurou em uma caixa embaixo da cama por roupas secas.

Os últimos meses tinham sido difíceis. O pai de Antígona e seu irmão estavam estranhos com o fato de ela se mudar. Com raiva e descrença a perguntaram “Por que?”, qual possível razão era poderia ter para viver em uma casa minúscula e apertada? “O que?”, eles perguntaram. “O que ela faria o dia todo sem homens para cuidar?”

Antígona segurou a língua. Como ela poderia dizer a eles que não *queria* ter que cuidar deles? Não

havia amor ou companheirismo. Ela era uma escrava glorificada.

Depois de outras suas exclamações, ela explicou. “Eu quero começar um pequeno negócio vendendo queijo”. Kristiakis e seu pai entreolharam-se confusos.

“Você não está sendo uma boa filha!”, ele pai trovejou batendo com o punho na mesa da cozinha.

“Mama entenderia eu querer ter minha própria casa. Talvez seja um pouco cedo, mas eu me sinto pronta para a mudança”, ela gaguejou.

Seu pai declarou que era uma vontade de criança. “Você logo vai voltar correndo. Eu não me importo, contanto que venha todo dia fazer a janta”. Depois de uns momentos de pausa, ele acrescentou. “Ah, e as roupas não vão se lavar sozinhas também”. Com um péssimo humor, ele saiu da casa batendo a porta atrás de si.

Kristiakis estava inclinado na cadeira, braços cruzados, as pernas abertas a sua frente, ele pensou um momento antes de falar. Olhando para Antígona, ele a estudou com profunda intensidade.

“Eu suponho que tudo isso tenha a ver com o inglês”, ele disse cuspidando a última palavra com desprezo.

“Não”.

“Besteira! Você ainda mente!”, ele sibilou para ela incrédulo. “Você não aprendeu nada? Você quer mais um pouco disso?”. Ele se sentou direito e colocou uma de suas mãos em cima do cinto de couro.

Antígona estremeceu. Ele não tinha coração, era um bully cruel e ela o odiava. Mas ela sabia de seus limites.

“Por favor, não tem nada a ver com ele. Eu quero tentar isso. Eu faço bons queijos. Você já disse isso muitas vezes. Eu não posso fazê-los aqui, não há espaço. Além disso, na minha própria casa estarei bem perto das cabras. Por favor, deixe-me tentar, mesmo que por pouco tempo. Se eu falhar, posso voltar”, ela implorou.

“Ele não vai voltar! Você pode esquecer entretê-lo por lá”, seus lábios curvaram-se com desdém.

“Eu sei. Eu não o quero”, ela sussurrou, sua face branca feito giz.

“Você sabia que ele é casado?”, ele zombou.

Antígona ficou quieta enquanto ouvia suas provocações. Algo torceu-se em seu coração. Ela não sabia. Ele tinha filhos também? Um tremor correu seu corpo. Ela se sacudiu. Maldito seja ele até o inferno!

Recompondo-se, ela olhou para ele nos olhos. “Não importa agora. Foi tudo um terrível erro que eu quero esquecer. Eu era uma garota boba e tola. Agora eu mudei, você vai ver. É por essa razão que quero minha independência. Eu quero provar para você que eu cresci”.

Ele bufou sem acreditar e levantou-se cansado daquilo tudo. “Como papai escolheu a saída mais fácil, eu terei que aceitar. Mas, lembre-se. Um único erro e você pagará”. Ele cruzou a sala até a porta indo na direção que seu pai tinha ido quando algo o fez parar.

Ele virou-se para a jovem garota que estava parada orgulhosa diante de si e viu algo de sua mãe em seu rosto. Poderia ser uma Eleni mais jovem parada em frente ao seu pai implorando par que ele não batesse mais nela. Ele sentiu uma sensação de formigamento quando o cabelo na sua nuca se arrepiou. Algo estalou em seu coração duro. Ele se ouviu dizer roucamente que ela poderia tentar um ou dois meses. Mas seu dever para com seu pai vinha em primeiro lugar.

Antígona queria pular de alegria. Liberdade! Assim que ele saiu da casa, ela fez uma dancinha pela sala. Ela podia fazer planos! Mas como diziam em *Kypros*:  *siga, siga, devagar, devagar.*

~~

Dezembro chegou correndo. A impiedosa chuva de inverno trouxe consigo dias frios e noites mais frias ainda. A cama estreita e Antígona com velhas cobertas de linho roubadas da casa de seu pai. Depois de

fechar as persianas e a porta para o mundo lá fora assim que ficou escuro, Antígona acendeu uma única lâmpada à óleo que jogou uma luz suave pela sala.

Pegando um fósforo, ela acendeu o fogo e a lenha acendeu crepitando e flamejando. A lenha crepitante gradualmente acabou com o frio na sala. No brilho róseo da lâmpada, um pouco da deterioração de seu lar ficava perdida nas sombras. O vento chacoalhava as persianas e entrava pela chaminé, enviando pequenas correntes de fumaça que se ondulavam para fora da lareira e para dentro da casa. Apesar de seu tamanho e de sua simplicidade, ela servia para Antígona. Inclinando-se em sua cadeira, ela tirou suas botas; seus dedos dos pés congelados balançando-se em direção ao fogo receptivo.

Seu negócio de fazer queijos tinha começado bem. A loja da vila queria sua produção e os moradores tornaram-se seus clientes regulares. Era um trabalho pesado, cuidar dos animais e ajudar seu pai e seu irmão. Ela passava tão pouco tempo quanto possível em sua antiga casa e nenhum dos dois notava o pedaço acúmulo de poeira nos cantos ou que suas roupas não eram lavadas com tanta frequência. Seu pai, Alexandros, era particularmente desleixado e Kristiakis só se cuidava quando queria impressionar uma mulher.

Ela afundou-se na cadeira sentindo-se aquecida e relaxada. Um toco de lenha moveu-se na lareira e levantou um lufada de centelhas chaminé acima. Cantarolando para si mesma, ela pegou a peça de crochê na qual estava trabalhando. Era uma pequena roupinha. Ajeitando-a em seu colo e manejando a macia lã branca, ela a colocou gentilmente em cima de seu estômago; em cima do pequena elevação que lá havia e a acariciou amavelmente.

Ela não precisava de mais ninguém agora. Ela agora tinha seu *próprio* ser precioso crescendo dentro dela. Ela iria fingir que a criança que lá crescia era o resultado de um caso apaixonante. Que seu amante tinha ficado preso em algum outro lugar contra sua vontade e ela teria que seguir com sua vida sem ele.

## Capítulo 32.

*Tu és o melhor dos degoladores.*

*Macbeth. Ato III, Cena IV*

Um dia perfeito amanheceu. Uma pitada de geada durante a noite deixou o ar fresco e limpo. O inverno tinha sido excepcionalmente duro para as vilas nas colinas do Chipre, por isso uma manhã que vinha com sol e com calor era muito bem vinda. Abril anunciaria a mudança para a primavera, os ventos perderiam sua ferocidade e o aumento da temperatura seria imediatamente tangível. Uma terra mais quente trazia uma mancha de cores de uma profusão de orquídeas selvagens, anêmonas, frutas nascendo e verde primavera. O céu ficaria mais vivo com a passagem dos pássaros migratórios em seu caminho para o norte depois de passar o inverno na África.

Por ora, os moradores davam boas vindas a esse gentil dia de inverno. As mulheres abriram as janelas e varreram suas casas, sacadas e quintais da infundável poeira.

Antígona tinha passado uma noite inquieta com dor nas costas e azia. Não importava em como ela se deitava na cama, ela não conseguia se livrar da dor incômoda na parte de baixo das suas costas. No geral, ela tinha engordado muito pouco durante o primeiro e o segundo trimestres. Ela, então, foi capaz de esconder sua gravidez. Quando ela visitava a casa de seu pai, ela confiava em algum casaco largo. A roupa cobria seu estômago e ela era cuidadosa para não removê-lo em sua companhia, dizendo que estava com frio e com dores nas articulações.

Ela sabia que logo ela teria que ter um plano. Ela vinha escondendo seu problema convencida de que algo apareceria e a ajudaria a resolvê-lo.

Hoje, ela saiu de casa assim que o sol surgiu no topo da colina atirando seu raios dourados e calorosos em sua parede. Ela pegou seu bastão de pastor e empacotou um pouco de pão e queijo em uma bolsa de couro. Depois de prender seu longo cabelo negro dentro de um chapéu de lã, Antígona vestiu seu casaco disforme e completou seus trajes com uma grande bota preta.

Seu pequeno bando de cabras andava à esmo pelo caminho espalhados pelo estábulo adjunto e procurando novos arbustos por aí. Com o cachorro como companhia, ela os seguiu juntando-os em um grupo controlável enquanto eles andavam para longe dos confins da vila em direção ao campo. Depois de mais ou menos um quilômetro, ela chegou a sua pedra favorita. Era uma pedra grande e arredondada de um lado protegendo-a do vento dominante, enquanto que o topo da pedra fazia uma plataforma plana o suficiente para deitar. Checando as cabras pela última vez, ela se deitou agradecida por descansar suas costas doloridas.

Antígona olhou para a terra que se estendia a sua frente. Apesar de seu desconforto, ela sentia um brilho de prazer enquanto pensava sobre seu segredo. Ela sabia que sua família ficaria furiosa quando finalmente descobrisse. Eles gritariam e fariam uma tempestade e diriam que ela estaria arruinada, sem chance alguma de se casar com alguém de uma família de respeito.

Com o otimismo da juventude, Antígona pensou que poderia se virar. Ela não se preocupava em se casar, de qualquer forma. Já tendo provado que conseguia se sustentar, um pequeno bebê teria apenas pouca despesa extra. O que ela poderia querer com um marido que a perturbasse?

Trocando o peso de lado na pedra, ela moveu-se para uma posição mais confortável. Depois de um

tempo, ela inclinou-se e abriu a bolsa removendo uma garrafa d'água e um pequeno pacote de comida. Com pão, pepino e algumas azeitonas, ela quebrou o jejum. Sua barriga cheia e o brilho do sol a fez se sentir sonolenta. Não havia alma alguma por perto. Sua pedra era escondida e longe da trilha. Não faria mal tirar seu casaco e usá-lo como travesseiro enquanto tirava uma pequena soneca. Uma abelha de vez em quando zumbia perto das cheirosas ervas próximas e, em algum lugar, um pássaro cantava no matagal. Aquele pássaro gordinho daria um bom cozido, ela pensou com sono. Ela sonhou que estava descendo o rio, o cheiro forte de tomilho sendo amassado sob seus pés. Ela pensou ouvir um pássaro fazer um rápido 'cack-cack-cack' em alarme e ela ainda sonhava com pedras caindo e uma sombra passando na frente do sol.

~~

Antígona acordou dura e gelada. O sol tinha desaparecido atrás de um grupo de nuvens que vinham do nordeste. As abelhas e o pássaro estavam calados. Ela deu uma olhada em volta estremeando involuntariamente. Não havia ninguém a vista, ainda assim, ela sentia-se desconfortável sentindo como se alguém a estivesse espiando. Esforçando-se para se levantar, ela sacudiu bem seu casaco e o vestiu. O calor do casaco a envolveu e ela estremeceu novamente. O cachorro não estava em lugar algum, até que ela assoviou e em segundos ele apareceu vindo do vale abaixo. As cabras empurravam-se e corriam a sua frente, seus pequenos sininhos badalando um som alegre. Era hora de voltar para casa.

~~

As raízes retorcidas e deformadas das vinhas espalhadas pelo vinhedo inutilizado serviriam bem como lenha. Melhor parte, era de graça. Yanoulla cantarolava enquanto procurava pelo chão os melhores pedaços de madeira morta. Eles queimariam bem na pequena lareira e iriam manter a casa aconchegante. Sua bolsa quase cheia, ela pensou que já seria hora de voltar para casa. Ela fez uma pausa ao notar um monte de nuvens escuras juntando-se à distância e posicionadas acima das Montanhas Troodos. Elas logo iriam tapar o sol e a temperatura iria despencar.

Tinha sido um belo dia e ela ficou parada observando a paisagem a sua frente. Ela amava a vila, mas, de vez em quando, ela se sentia sufocada. Ela se perguntava como seria a vida em outro lugar. Talvez ela devesse aceitar a oferta de casamento de Alexis e ir para a Inglaterra com ele. Ela poderia viver um pouco; ter alguma aventura. Ela não iria a lugar nenhum com Kristiakis. Ele achava que ela era velha demais para ele e zombava abertamente suas tentativas de dar em cima com um quê de ridículo mal disfarçado. Já era hora de ela se casar e ter seus filhos. Ela sabia que não era a mais bela, mas sabia também que tinha boas qualidades.

Ela continuou, fazendo seu caminho cuidadosamente pelos arbustos com pequenos espinhos. Ao longe, ela conseguia ouvir o barulho dos sinos conforme cabras se moviam pelo mato. Perto dela, um pássaro estava cantando no meio do mato. Uma pena que Kristiakis não estivesse ali, ele era um ótimo atirador e o pássaro teria sido perfeito para colocar na panela.

Yanoulla tinha uma bagagem considerável de folclore vinda de sua avó que ela carregava na cabeça. Nunca havia sido escrita, mas tinha sido passada fidedignamente pelas mulheres de sua família. Abaixando-se, Yanoulla pegou as ervas crescidas de sálvia, esteva e camomila, reconhecidos por seus poderes de cura, cuidadosamente levando um ramo ou dois e guardando tudo em sua bolsa. Quando a primavera chegasse, a horta, a montanha rica em verde, estaria cheia e seus novos brotos iriam alimentar as famílias com adições deliciosas em suas dietas suaves.

Ela viu um pequeno bando de cabras no fim do caminho a sua esquerda. O som de seus sinos era carregado pelo ar áspero. Seguindo um pequeno caminho desgastado pelas centenas de fazendeiros ao

longo dos anos, Yanoulla começou a leve subida até a trilha principal.

Uma linha de pedregulhos brancos estavam a frente perto de um ou dois cedros. Ela sabia que se estivesse com sorte encontraria algumas ervas frescas crescendo no lugar protegido pelo sol.

Um pássaro voou a sua frente piando alarmado. O pássaro se assustou e voou desenfreadamente batendo as asas e fazendo barulho em seu caminho pela colina. Yanoulla se sobressaltou. Ela observou seu voo errático a distância. Algo deve tê-lo assustado de sua pedra quente. Curiosa, ela decidiu dar a volta na pedra e ver por si mesma. O terreno se inclinava um pouco para cima ao ponto de se sentir cansada enquanto subia. Próxima ao topo, ela parou para recuperar o fôlego, Yanoulla observou a vista a sua frente. Ela ficou congelada de tão maravilhada.

Deitada de costas estava Antígona. Ela obviamente tinha tirado seu casaco grosso de inverno para deitar nele. O que chamou a atenção de Yanoulla foi o estado físico da garota. Sua saia estava tão apertada quanto possível e a linha da cintura estava bem abaixo de seu umbigo. Yanoulla sentiu seu rosto esquentar e ela sibilou para si mesma com raiva. O significado estava aparente. Não havia dúvida alguma. Antígona estava grávida.

Uma enchente de emoções inundou Yanoulla. Ela se sentia com raiva; com raiva pela vergonha que Antígona traria para sua família e para ela mesma. Ela se sentiu vingativa porque ela tinha munição para machucar a garota, que a incomodava intensamente. Mas, mais que tudo, ela sentiu uma onda de inveja. O homem que Yanoulla amava nunca olharia para ela e ela só teve uma única proposta de casamento de um homem muito mais velho que ela. Ela se ressentiu e odiou a garota deitada a sua frente. E, agora, ela tinha descoberto que ela estava grávida, a puta.

*Esse era o motivo que a idiotinha queria viver sozinha. Assim ela poderia carregar e ter o bebê antes que alguém percebesse. Kristiakis precisava saber, e rápido, se ele quisesse descobrir quem é o pai e o que ele poderia fazer sobre isso. Ele iria arrancar o segredo dela. Com alguma sorte, um casamento poderia acontecer antes que ela mostrasse sua barriga inchada para todos. Essa seria a melhor solução para todos os envolvidos. Antígona teria um marido e um pai para seu filho e a família não seria tão envergonhada. Ela deu de ombros. Acontecia.*

Silenciosamente, Yanoulla refez seus passos. Um pequeno sorriso de satisfação lampejou em seu rosto. Kristiakis ficaria satisfeito quando descobrisse o segredo de Antígona. Ele talvez a notasse depois disso. Ela correu para casa, seus pensamentos confusos. De novo ela seria a portadora de más notícias.

## Capítulo 33. Inverno

*Uma das quais já foi suficiente.*

*Macbeth. Ato III, Cena IV*

Antígona sentia-se mortalmente cansada. A dor persistente nas suas costas era incessante fazendo com que seu dia de trabalho parecesse tediosamente longo enquanto ela lidava com a dor. Ela estava, na verdade, achando muito difícil lidar com isso. Ela aguentaria quando o bebê nascesse?

Não tendo amigos, ela havia afastado os que tinham sua idade ciente dos comentários velados que faziam sempre que ela passava. Ela sabia que na escuridão das casas, mulheres vestidas de negro olhavam para ela passando antes de virarem-se umas para as outros e falar em rápidas torrentes sobre sua curiosidade. Ela sempre foi a diferente.

Dando de ombros, elas voltariam seus pensamentos para outras coisas, um casamento que se aproximava ou o funeral da velha Maria que faleceu por causa do câncer. Que Deus a tenha. Roupas de luto seriam retiradas de seus armários, algumas batidas seriam dadas para sacudir o mofo e as filhas de Maria iriam se juntar as outras mulheres e vestir permanentemente, para sempre, preto.

~~

O dia ensolarado havia desaparecido e tinha sido substituído por um fraco sol de inverno escondendo-se atrás das colinas a oeste. As sombras invasoras eram de um cinza escuro e marrom nas fendas dos vales; a noite logo cairia.

Antígona estremeceu ao jogar um novo toco de lenha no fogo. O pedaço frágil de madeira seca pegou fogo quase imediatamente e uma nova chama jogou sombras douradas para dançarem nas paredes de pedra do casebre. A pequena casa parecia fria e úmida. Quando Antígona retornou à casa para terminar suas tarefas, ela sentiu lassidão tomar conta dela. Os animais já estavam todos seguros para passar a noite. As galinhas também estavam em segurança atrás do arame e longe das garras das raposas ladras.

Casanda, Antígona precisaria de um bom sono longo para restaurar sua energia. Sua tarefa costumeira da noite teria que esperar até o dia seguinte, depois que ela tivesse descansado. Suas lâmpadas não eram claras o suficiente para os pequenos pontos que estava trabalhando, de qualquer forma.

Seu cozido a noite estava muito gostoso. Lavando seu prato e talheres, Antígona os guardou na prateleira antes de separar a lenha para o fogo. Só dessa vez, ela a deixaria acesa a noite toda. Seria bom acordar no dia seguinte sem uma sensação de calafrio como ela tem notado acontecer ultimamente.

Um ruído do lado de fora da casa a assustou e ela virou-se na direção do barulho. Abrindo a porta, ela surpreendeu-se com seu pai e seu irmão simplesmente parados dentro do quintal. Enquanto ela viu seu pai balançar-se incomodado, ela percebeu com desgosto que ele estava muito bêbado. Um calafrio passou por sua espinha; ela sabia que sua visita prenunciava algo ruim.

“Papa, Kristiakis? O que vocês querem a essa hora? Eu estava prestes a ir para a cama”, ela disse, esforçando-se para não gaguejar ao notar seu olhares sombrios. O que ela fez de errado agora?

“Essa não é uma vistia à toa”, Kristiakis grunhiu por entre dentes cerrados.

“Não, não é. É sobre outra coisa. Você diga a ela, Kristiakis”. Seu pai covarde concordou com seu filho depois de arrotar algo e de se apoiar na parede da casa.

Antígona adivinhou o que estava para vir. Ela sentiu uma onda de náusea varrê-la e seu estômago deu uma cambalhota involuntária. Ela fez um esforço para não desmaiar de medo. Ela esperava conseguir manter sua condição um segredo por mais um mês ou dois. Ela achou que, uma vez que ela ficasse enorme e não pudesse mais esconder, eles estariam a salvo.

Incapaz de dizer uma palavra, Antígona começou a tremer com apreensão. Foi Kristiakis quem falou o que descobriu naquele dia.

Yanoulla! Aquela enxerida e frustrada puta velha! Por que ela não podia tomar conta de sua própria vida pelo menos uma vez?

“É verdade?”, sua voz era baixa.

Ela não teve escolha. Ela suspirou. “Sim”.

“E quem, exatamente, é o pai? De qual bastardo é a criança? É aquele boa lábia do Yiannis?”, Antígona recolheu-se com o olhar em seu rosto.

“Sim”. Seu pai vacilou perto da porta. “De quem é? Eu preciso saber, então a gente pode fazê-lo colocar um anel no seu dedo. A família dele pode ajudar a pagar pelos seus atos sujos. Vai haver um casamento para prepararmos, a igreja, os convidados, comida e bebida. Não pense que você terá um vestido caro, garota.”

Antígona ofegou espantada com aquela bomba. É claro que eles esperariam que houvesse um casamento! Se não houvesse um casamento, haveria vingança – eles iriam acreditar em si mesmos, iriam inventar alguma história que servisse para eles. Eles seriam capazes de escolher uma vítima desafortunada para ser o pai. Pobre belo Yiannis! Ele nunca seria capaz de aguentar o bullying deles. A não ser que ela dissesse a verdade, haveria sangue. A última coisa que ela queria era ter uma família inocente envolvida nisso. Ela sentiu como se estivesse em um vácuo. Suas vozes e rostos haviam sumido. Por alguns segundos, ela não ouviu nada.

O que ela *poderia* dizer a seu pai?

Seu silêncio a entregava. Ela ficou parada lá, sua mente vacilando. Kristiakis a virou bruta para encará-lo. Ele machucou seu ombro com sua mão pesada e a sacudiu tão violentamente que sua cabeça voltou para o lugar.

“Então?” Ele cuspiu em seu rosto e o escarro acertou sua bochecha. Seu hálito era quente e tinha cheiro de cebola crua, diferente do de seu pai, o qual ela tinha certeza que estaria azedo e letal com o álcool que ele havia consumido naquele dia.

“De quem é? É melhor nos dizer. Com quantos meses está?”. Ambos os homens se posicionaram um de cada lado dela. Aterrorizada, Antígona sentia-se encurralada por duas bestas. Ela olhou para seu irmão.

Os olhos de Kristiakis estavam arregalados de choque quando ele repentinamente entendeu e percebeu quem era o pai daquele bastardo. A rápida troca de olhares que houve entre eles determinou que eles nunca poderiam dizer a verdade. O olhar horrorizado logo foi substituído por um de astúcia. “Aquele britânico bastardo, eu deveria ter adivinhado!”

Seu pai parecia incrédulo. “O que? Não é Yiannis? De quem você está falando?”. Segurando a manga da blusa de seu filho, ele o sacudiu. “Me diz”, ele demandou.

Kristiakis, ignorando a mão em seu jaqueta, não conseguia tirar os olhos de sua irmã.

“Aquele maldito oficial inglês do exército! O idiota que ficou mandando em nós durante o último verão, é ele”.

Antígona ficou parada em choque. Seu pai nunca soube de Leslie. Kristiakis nunca tinha contado para ele.

“Sua puta estúpida, sua puta! Você é tão ruim quanto sua mãe foi”. Alexandros tentou dar um golpe que o desequilibrou e o mandou vacilando para dentro da casa. Depois de se recuperar, ele se ajeitou e virou-se para tentar de novo. “Vamos te ensinar uma lição que nunca mais esquecerá”.

Antígona tentou esquivar-se deles, mas Kristiakis era rápido demais para ela. Pegando-a pelo pulso, ela a jogou contra a parede de pedra. Sem fôlego, Antígona ofegou em busca de ar enquanto os dois homens se aproximavam dela, cintos já em suas mãos.

Quando o couro a atingiu, ela finalmente encontrou sua voz e gritou. Quando o cinto de Kristiakis a atingiu mais embaixo, ea sentiu um lampejo de terror passar por ela. Ela tentou se proteger, mas caiu a seus pés com as pancadas chovendo em cima dela.

Dentro de si, ela sentiu os primeiros sinais de vida de seu filho.

# Intervalo

## **Ato III**

## Capítulo 34. Dias atuais

*Qual de vós fizestes isto?*

*Macbeth. Ato III, Cena IV*

Se a vila já estava agitada antes, agora com essa notícia recente do suicídio de Kristiakis, todos estavam balançados. Todos se perguntavam as mesmas perguntas. *Um assassinato e agora uma segunda morte na vila. Tinha sido Kristiakis quem matou Leslie, no fim das contas? Teria ele se sentido tão culpado que ele se matou por remorso depois?* As línguas dos moradores agitavam-se e as cafeterias locais estavam lucrando. Seus donos esfregavam as mãos de satisfação enquanto colocavam 'lenha na fogueira'.

~~

Se fosse isso, então o inspetor de polícia responsável pelo caso teria um problema. Com uma dor de cabeça que o deixava decisivamente de mau humor, ele pensou sobre o novo dilema. Ele agora teria que provar o caso sem o primeiro suspeito. Ou ele poderia simplesmente tomar o suicídio de Kristiakis como uma confissão e concluir que a 'justiça' foi feita. Até agora, não havia evidências de uma carta de suicídio, mas todos os moradores estavam apontando o dedo para ele. (Quase todos tinham um sobrinho na polícia e havia muita conversa fiada).

A polícia tinha um longo registro sobre Kristiakis de suas conexões desde a EOKA até os dias atuais. Ele sempre foi esquentado. Durante os últimos dias, o inspetor havia feito bons progressos com suas interrogações. Primeiramente, ele havia descoberto vindo de Bernard, “Kriakiakis ameaçou Leslie por conta de algum incidente que aconteceu anos atrás”.

Isso talvez explicasse sua certa animosidade com relação aos não-nacionais. Mais recentemente, “Kriakiakis havia descarregado seu rifle de caça desconfortavelmente próximo de mim e de Leslie quando saímos juntos”, Sonja tinha dito.

Ela tinha dado ênfase no fato de ter sido Kristiakis, mas quando foi perguntada, ela não tinha ideia de seus motivos. Todas as pistas se somavam e culminaram na prisão de Kristiakis mais cedo.

A polícia não podia *provar* que Kristiakis havia amarrado Leslie; ele só poderiam presumir que teria acontecido. A ciência forense de cipriota ainda era básica, mas tudo apontava para sua culpa e os detalhes se encaixavam bem.

O inspetor ouvia enquanto os moradores se exaltavam falando disso nas cafeterias. Como sempre, eles eram os experts. Eles sabiam todas as respostas.

O inspetor passou suas notas novamente desejando que todos se calassem. Sua cabeça estava latejando e ele se afastou da briga que acontecia ao seu redor. Agora ele poderia pensar.

Kriakiakis estava caçando e testemunhou a briga entre Leslie e Alicia. Como um caçador, ele estaria carregando uma afiada faca de caça e, provavelmente, uma corda ou duas para amarrar qualquer ave ou coelho que ele pegasse. Assim que Alicia saiu, Kristiakis avançou para cima do imóvel Leslie. Leslie ainda estava vivo naquele momento, de acordo com Alicia, e, é claro, o policial não havia esquecido das declarações de Tony.

Alicia havia negado veementemente ter amarrado Leslie. O inspetor tinha tudo anotado de seu depoimento.

Ela havia discutido com ele. “Eu não iria atrás de Leslie com más intenções, iria? Além disso, onde eu teria conseguido algo para amarrá-lo?”. Ela concordou relutantemente, entretanto, quando o inspetor a

perguntou se ela havia deixado Leslie lá com dor.

“Eu esperava que alguém iria aparecer para ajudá-lo”, ela disse.

O inspetor de polícia replicou. “Abandonar um homem ferido é, por si só, um crime! E mesmo que não tenha dado o golpe final, você foi quem começou esse caso”.

Com raiva, ele queria ter certeza de que poderia acusá-la de algo.

~~

Teria sido fácil para Kristiakis olhar para Leslie e alegrar-se com seus machucados. O inspetor pessoalmente pensava que não importava muito se ele tinha amarrado Leslie ou não. Agora ele próprio estava morto e, julgando pelo cheiro forte de álcool que permanecia nele, ele estava insanamente bêbado quando pulou do banquinho no estábulo da velha caasa.

Pessoalmente e de forma não profissional, o inspetor decidiu que com os dois mortos, ele poderia dar adeus a muitos problemas.

Ele concluiu que aqueles que viviam nas montanhas eram bem estranhos. A irmã de Kristiakis certamente era estranha; ele não conseguia saber se ela era meio retardada ou não.

Ela eventualmente o contou. “Eu o encontrei pendurado na viga. Ele estava morto. Eu tentou trazê-lo para baixo. Eu cortei a corda”.

O inspetor achou que era quase impossível tirar a história inteira dela. Ela não o olhava nos olhos, falava quase que em monossílabos ou em sentenças curtas e desconexas.

Até onde ele podia determinar, Antígona havia esbarrado em Kristiakis mais tarde naquela noite e ele estava morto quando ela entrou na padaria. Ela agia de forma confusa e o policial não conseguia saber se ela entendia tudo que tinha acontecido.

Quando a perguntou. “Eu não sei de mais nada”, ela disse.

O inspetor notou sangue seco em suas mãos e saia vindo da lesão no pescoço de seu irmão. Ela certamente teve contato com o corpo e, julgando pelo seu porte pequeno, não tinha como ela tê-lo trazido para baixo sem cortar a corda. Só que não era exatamente uma corda, mas era algum tipo de fio. Ele tinha quase certeza de que era similar àqueles que os fazendeiros usavam para prender seu feno.

Seus pensamentos retornaram para as reações da irmã de Kristiakis. Ela estava certamente em choque. Ela deve ter se sentido terrível ao achar seu irmão e então ter que procurar uma faca afiada para cortar a linha. Ele sacudiu sua cabeça com o pensamento rezando para que nada como aquilo acontecesse com ele. Pobre mulher, ela ficaria em um estado terrível quando a ficha finalmente caísse e ela percebesse o que tinha acontecido.

Não havia dúvidas; tudo parecia perfeitamente lógico quando se pensava sobre. Kristiakis tinha sido o assassino de Leslie. Ele teria que escrever um bom relatório, mas ele não conseguia ver oposição ao seu resumo.

Ele achou que deveria fazer com que a mulher britânica soubesse que ela não era mais uma das principais suspeitas. Mas ela era culpada em um aspecto. Deixar Leslie ferido lá. A lei cipriota seguia a lei britânica e o inspetor sabia o parágrafo sobre homicídio de cor: “*a destruição ilegal da vida de um ser humano por outro ser humano com malícia previamente pensada... tanto expressa quanto implícita*”. No caso dela, no mínimo, ela foi imprudente. Poderia ser parte do processo provar *mens era* – o estado de mente culpado.

Dando um pequeno sorriso convencido de contentamento, o Inspetor Detetive Andreas Christopodoulou havia solucionado um outro crime – e praticamente por conta própria. Ele quase podia sentir o gosto e o cheiro de uma promoção.

## Capítulo 35. Diana

*A adaga aérea.*

*Macbeth. Ato III, Cena IV*

Diana estava se sentindo indiferente e deprimida. Infelizmente, ela sabia que isso afetava o progresso de seu romance. Depois de reler alguns dos últimos capítulos, a história tinha se tornado improvável demais. As pessoas realmente pensavam e agiam do jeito que ela tinha escrito ou era tudo forçado demais?

Steve tinha os pés no chão sobre a história toda. Quando ele entrou no seu espaço de trabalho, ela havia jogado o lápis frustrada e estava sentada com a cabeça apoiada nas mãos. A princípio, ele não disse palavra. Foi somente quando ela gemeu que estava 'desistindo do resto do dia antes mesmo de ter começado' que ele deu sua opinião.

“Querida, todos nós temos nossos dias ruins. Se você só se sentasse aí e escrevesse sem os soluços ocasionais, certamente você não teria aqueles momentos de inspiração. Fazer pausas, seja de minutos ou de dias, vai refrescar sua imaginação. Claro que isso dá uma outra intenção à história, não? Nem tudo *precisa* estar escrito e terminado em cinco minutos, precisa? Geralmente, você tem pilhas e pilhas de paciências. Qual é a pressa?”. Parado atrás de sua cadeira, Steve esfregou sua nuca e suas costas carinhosamente. Seu corpo parecia tenso e rígido.

“Eu acho que sim. Você está certo, eu acho”.

Ela grunhiu mais uma vez alongando os braços por cima da cabeça antes de se virar para encará-lo.

“Eu geralmente estou certo”, ele sorriu presunçoso. “Aliás, o que tem para o almoço? Estou faminto”.

“Ha! Então, você só estava tentando uma desculpa boa o suficiente para eu largar a caneta e colocar meu avental de esposa, é?”. Levantando-se, ela se esticou novamente e fez uma careta com sua rigidez. Ela tinha ficado sentado por muito tempo.

Steve riu com vontade. “A imagem de você sendo *só uma dona de casa* não é muito convincente. Você fica entediada depois de passar duas horas arrumando a casa. Mas, de qualquer forma, usar *somente* um avental tem seu apelo”.

Ele a segurou quando ela fez uma tentativa de lhe dar um leve tapa e afundou seu nariz no pescoço dela. “Você está cheirando bem. Que tal se nós –?”

“Não força”, ela riu enquanto seus braços se apertavam em volta dela. “Mas, você está certo. Não tem pressa para acabar a história, é só que...”, ela fez uma pausa e olhou para ele. “De vez em quando, eu sinto como se houvesse uma data limite da própria história. Ah, eu não sei explicar muito bem. Mas eu sinto como se houvesse um momento no qual tudo já tenha que estar escrito no papel. Quase como se o tempo estivesse acabando. É estranho. Algumas vezes tem algo, alguma força, talvez, que está guiando minha mão, me dizendo o que escrever. Então, nas outras vezes, não há nada. Eu tenho uma sensação de vazio”. Seu belo rosto parecia agitado e cansado. Ela franziu o cenho levemente enquanto tentava explicar como se sentia.

Enquanto ele ouvia, um olhar de preocupação passou pelo rosto de Steve. “Você geralmente fica perdida e presa no que quer que esteja escrevendo. Mas, eu concordo, dessa vez você parece estar mais

envolvida em sua história do que nunca. E você não tem se sentido bem também”.

Para esconder sua preocupação, ele fez uma sugestão. “Que tal se sairmos para almoçar? Nos poupar de fazer algo para o almoço. E eu acho que uma mudança de paisagem da vila e de todo esse trauma nos faria bem”.

Di pensou por um momento e acenou negativamente.

“Não, obrigada. Comer aqui está bom. Além disso, nós temos muita salada que precisa ser comida antes que estrague nesse calor”.

Ele grunhiu. “Por favor, sem mais salada! O que eu daria por um hambúrguer com grossas e gordurosas batatas como nos velhos tempos. É muito legal tentar viver de forma saudável, mas só porque você acha que está ficando gordinha de ficar sentada o dia todo, eu não tenho que sofrer comendo um monte de verde. Não é justo!”

“Lembra-se de quando trabalhava em Londres? Aqueles almoços cheios de álcool nos anos oitenta e início dos noventa. Todos aqueles pratos ricos em massas, curry e bolos de carne para ajudar e secar o álcool. Eu sei que pareciam tempos fantasticamente bons, mas as coisas mudaram. Trabalhar na cidade era muito pesado para você e seus colegas. Vamos lá, admita. Você viria morar aqui antes, trabalhar metade do tempo quando quisesse do que perder horas sentado no trem em direção ao centro”.

Ele visitavam a Inglaterra três ou quatro vezes por anos e consideravam que tinham o melhor dos dois mundos. O custo de vida em Chipre era menor, no geral, e eles tinham mais amigos aqui do que quando viviam lá, muitas coisas para fazer e tem para fazê-las. A melhor parte de tudo era que o clima era trilhões de vezes melhor.

É claro que não era um mar de rosas o tempo e, algumas vezes, eles tinham vontade de torcer o pescoço de alguns locais. Mas, como eles sempre se lembravam, aqui era o Chipre, próximo ao Oriente, e as coisas funcionavam de forma diferente. Os cipriotas não eram europeus; suas maneiras e visão de vida eram completamente diferentes.

Ele deu um pequeno suspiro como se quisesse dizer, 'está certa. Salada para o almoço e eu serei grato por isso'.

~~

“Eu pensei em ir ver Alicia mais tarde”, Di disse ao terminar seu último pedaço de abacate com iogurte. “Mmm, o salmão estava delicioso. Você gostaria de mais salada?”

“Não, obrigada. Eu estou quase cheio. Por que vai vê-la?”

Ele estava curioso. Eles geralmente só viam Alicia nos ensaios, o resto do tempo ela ficava mais na sua e seu enorme bando de gatos malcheirosos. Ela permanecia um certo enigma para a maior parte das pessoas, somente socializando com Yanoulla e Sonja. Tony sempre falava de sua estranha seita religiosa, mas como não os afetava, Steve o ignorava. Alicia tinha o direito de viver sua vida privada do jeito que quisesse.

“Bom, caso você tenha esquecido, supostamente temos um ensaio mais para o final da semana. Karl me ligou mais cedo perguntando se ainda aconteceria. Ele não estava querendo ligar para Alicia diretamente porque pensou que ela poderia não estar bem depois de ter sido levada para ser interrogada. Qualquer um não estaria, mas você sabe como ela é”.

Steve sabia. Mas ao mesmo tempo, por alguma razão inexplicável, ele não a *conhecia*. Ele conseguia imaginar bem ela estar muito chateada com o que aconteceu. E, ainda assim, em outros momentos ela tinha essa calma interna, um afastamento e falta de envolvimento com as pessoas que a faziam parecer completamente inabalada com nada. Ela era um mistério e, em algumas ocasiões, fazia com que Steve se sentisse desconfortável. Outros chamariam de 'assustador'. Ele preferia que Di não fosse encontrá-la de forma alguma. Alguém logo iria dizer o que estava acontecendo com relação à peça.

Mas ele tinha uma suspeita de que Di tinha outro motivo. Ele suspeitava que ela iria lá somente para ser enxerida.

“Vá, se quiser, mas não se envolva. Karl tem sorte de não morar na vila. Pelo menos ele foi poupado de tudo isso. E eu não o culpo por não entrar em contato com Alicia”.

Diana olhou séria para ele. Ele soava e parecia irritado. “O que?”

Ela não respondeu.

“Bom”, depois de uma pequena pausa. “Nós não a conhecemos de verdade, conhecemos? Você tem que admitir que ela é um pouco estranha”. Steve pegou mais um pedaço de salmão.

“Sim. Mas tenho certeza de que ela é inofensiva. Ela não tem nada contra ela, tem? Eu não sei porque está fazendo tanto alarde”.

“Nós não a *conhecemos!*”, ele enfatizou. Ele então assumiu um tom mais suave. “Olha, a policial a interrogou. Qual foi seu envolvimento? Leslie supostamente sofreu um acidente depois de sua discussão, mas Alicia não chamou ajuda. Ela o deixou lá e, mais tarde, alguém terminou o trabalho com uma faca de açougueiro. *Ela disse isso*. O que quer que ela tenha feito, não é muito legal, não é? No mínimo, ela deixou um senhor ferido no sol escaldante e não fez absolutamente nada. Certamente, isso já é um crime antes mesmo de considerar o cara com a faca”.

“Mas Kristiakis fez isso –”

“Nós não *sabemos* ao certo, e agora *ele* está morto e vai levar muito mais tempo para provar quem matou Leslie. A história toda é estranha além de ser muito macabra, se quer minha opinião. Eu sei como você é. Você só vai sem pensar em nada. Eu não quero que se envolva. Não até que tudo tenha se resolvido. Você entende?”, a voz de Steve alcançou um outro nível e ele parecia sério.

“Sim e é claro que não vou me envolver, bobinho. Eu só quero saber do ensaio. Eu prometi a Karl que perguntaria. Ele não se dá muito bem com Alicia nos dias bons e agora ele está se sentindo um pouco constrangido e confuso. Pelo que sabemos, a peça pode ser adiada indefinidamente. Falando com Alicia, eu pelo menos poderei falar para Karl e os outros o que está acontecendo”.

Steve deu a ela um olhar de desconfiança balançando a cabeça. Ela faria exatamente o que ela queria, independente do que ele dissesse. Nesse momento, ele ficaria muito mais feliz se sua esposa ficasse a salvo do seu lado do que andando por aí com um assassino possivelmente à solta. Ele continuou pensando alto.

“Tem algo que continuar me incomodando sobre a morte do Leslie. Eu sei que é terrível ficar pensando nisso, mas eu não consigo tirá-la da minha cabeça. Eu fico deitado acordado pensando nisso. Quando nós o encontramos com sua garganta cortada, supomos que tenha sido com uma faca pela mão de um homem. Você sabe, porque homens são mais fortes e etcetera.”

“Sim, continue”. Steve tinha sua completa atenção.

“Bom, a pessoa tinha que ter sido incrivelmente forte para ter praticamente arrancado a cabeça dele com uma faca e a faca teria que estar afiada como uma navalha e provavelmente teria que ser muito grande. Até agora, nós não sabemos se a polícia encontrou a arma do crime”.

“Não, não sabemos. O que quer dizer, Steve?”

“Eu acho que, ainda acho difícil de acreditar que alguém tenha tanto ódio em si para mutilar Leslie daquele jeito”. Steve parecia confuso e triste.

Di levantou-se e foi até ele. Ela colocou um braço em volta de sua cintura e inclinou-se para frente, sua cabeça descansando no pescoço dele.

“Você é um homem muito gentil. Eu sei que acha difícil aceitar tudo isso, eu também acho”.

~~

Di observou o conteúdo da sala onde tinha entrado. Ela nunca esteve dentro da casa de Alicia antes

daquele dia e não tinha ideia do que iria encontrar. Consequentemente, ela não estava muito preparada para a cena caótica na sua frente.

Tapetes multicoloridos, tapeçarias com fios de seda e almofadas de todas as cores e tamanhos estavam espalhados pela sala. Mesas escuras de madeira e baús com gavetas estavam repletos de sinos e castiçais de latão, incensos e grossas velas brancas. Em uma parede, um grande armário estava quase que completamente coberto de ervas secas penduradas e uma prateleira de pequenas jarras etiquetadas que, ao olhar mais de perto, continham remédios, bálsamos e unguentos à base de plantas. Pelas paredes, estavam pendurados uma cornucópia de artefatos. Cintos de couro, chicotes tipo borla e prato de latão, todos brigando por espaço. Havia um cheiro quase esmagador de incenso e a pungência da sálvia que Alicia estava em processo de engarrafar. Diana continuou olhando, pasma e sem palavras.

Inexplicavelmente, Alicia parecia estar esperando por ela e observou em silêncio enquanto a outra absorvia as cores e os objetos a sua volta que estavam espalhados de um jeito agradavelmente caótico. A maioria dos itens Diana reconhecia como sendo da loja local de móveis indianos. Mas havia algumas coisas que eram decididamente bizarras.

Alicia se deu o trabalho de explicar as peças mais incomuns, as quais possivelmente não seriam encontradas nas lojas da cidade. Bacias de teca talhadas, caixas de madeira de sândalo com compartimentos secretos, relicários pintados e um castiçal muito feio. Em um nicho, uma placa de teca reciclada tinha se transformado em um painel com ganchos para casacos que seguravam tudo, exceto casacos. Diana olhou para o *kharal*, um pequeno pilão de madeira que era usado para ópio, blocos de prensa de madeira, ornamentos envernizados, adornos de parede de terracota e *dokra* – esculturas de latão. Que Alicia tinha viajado e vivido na Índia por algum tempo, estava aparente.

“Isso tudo é incrível. Eu não tinha ideia. Uau! Algumas dessas coisas são fabulosas”, Di exclamou. “O que é isso?”. Ela apontou para um pedaço estranho de equipamento que estava meio escondido atrás de uma figura feminina horripilante de quatro braços. O objeto tinha um punho de madeira de quase vinte centímetros de comprimento e quase cinco centímetro de diâmetro. A madeira parecia mogno. Sua superfície era octogonal e havia muitas ranhuras profundas talhadas nele para facilitar a aderência ao punho. Uma corda trançada estava presa na ponta.

Os olhos de Alicia seguiram na direção para onde Diana apontava. “Esta é Kali, a Deusa-mãe hindu. Ela é a imagem completa do Poder Universal. Ela representa Mãe, a Benigna e Mãe, a Terrível. Ela cria e alimenta; ela mata e destrói. Ela é boa e ruim, mas, na verdade, ela não é nenhuma das duas. Deus não é bom nem mal, mas ambos. Deus vai além do par de opostos que constitui essa existência”, ela disse em voz baixa, seus olhos levemente fechadas como se ela estivesse recitando suavemente um mantra. Era levemente hipnótico e soporífico.

“Ah”. Por um momento, Diana ficou perplexa. Ela sacudiu sua cabeça levemente para sacudir sua lassidão repentina. Ela certamente não tinha esperado que Alicia entrasse em um semi-transe. Que mulher estranha, ela pensou.

“Isso é muito interessante, mas o que eu queria saber era sobre aquele cabo de mandeira atrás da estátua”.

Houve uma breve hesitação antes de Alicia responder. “Aquilo? Ah, é um Punjab Lasso”.

“Punjab Lasso? Acho que já ouvi falar disso, mas eu não sei onde e nem o porquê. Parece um pouco sinistro, quase como um chicote. Para quê é usado?”

“Ah, não são mais usados. Agora, o que acha disso?”, passando um broche envernizado para ela, Alicia perguntou. “Não acha que é bonito?”

Diana passou a mão pelo comprimento do broche. O desenho e o brilho eram bonitos e o deixava bastante extraordinário.

“Você gostaria de um pouco de chá? Eu receio que não tenho café, mas eu tenho chás de frutas refrescantes ou de camomila”.

“Bom, se não for trabalho. Seria muito bom um chá de fruta, por favor”.

Alicia acenou brevemente e saiu da sala.

Diana podia ouvir os movimentos de Alicia na sala anexa enquanto ela fazia chá. Andando em volta da sala, Diana saboreiou o estrangerismo de tudo aquilo. Alicia possuía muitas coisas adoráveis, mesmo que uma ou duas fossem estranhas. Ela pegou um porta-retrato prata pesado. Ele continha uma foto de duas jovens. Seus rostos eram magros e morenos. Seus sorrisos pareciam hesitantes e, quando Diana olhou mais de perto, ela viu uma semelhança com Alicia. Quem eram elas, suas irmãs mais novas talvez?

Recolocando-o no lugar, ela andou nas pontas dos pés para examinar novamente o Punjab Lasso. A corda parecia ser feita de categute ou de crina de cavalo. Era um objeto de aparência estranha e ela estava incomodada de não conseguir lembrar onde tinha ouvido falar disso. Ela decidiu procurar na internet quando voltasse para casa.

O ar estava pesado e espesso com o poder avassalador do incenso e Diana sentia que não seria muito esforço de sua parte deitar-se em um dos divãs cheios de almofadas e cair em um sono profundo. Também estava incrivelmente quente na casa de Alicia.

“Por favor, sente-se”. O som de sua voz fez com que Alicia se sobressaltasse. Ela não a ouviu retornar. Alicia estava parada atrás dela e segurava suas canecas de cerâmica nas mãos. Ela indicou para Di pegar uma.

Inalando a fragância da caneca esfumaçada, Di bebericou um pouco. O gosto era incomum, mas não era ruim. Ele deixava um gostinho frutado para trás e um formigamento na língua. Bebendo mais um pouco, Di pensou que sua boca parecia levemente adormecida. Ela pensou em Steve. Ele teria odiado! Um expresso duplo tinha mais a ver com ele.

“Hmm. Diferente, bem interessante. O que exatamente é isso?”, ela perguntou.

“Ah, é uma mistura que eu mesma faço”. Alicia sentou-se do lado oposto de Di em uma cadeira com o encosto alto. Ela segurou a caneca com as duas mãos. Apesar do calor, ela usava um xale leve em volta dos ombros. Di pensou que ela não parecia bem com aquela palidez meio doente. Ela sempre foi magra esquelética, mas agora seus olhos pareciam grandes e como se estivessem machucando seu rosto branco. Suas sardas chamavam mais atenção e seu cabelo vermelho estava preso em um coque na base de seu pescoço. Quando Alicia levou sua caneca aos seus lábios, Di notou um tremor em suas mãos.

“Como você nunca havia me visitado antes, eu só posso supor que está aqui para descobrir o que a polícia disse e o porquê de terem me deixado voltar para casa”.

Di sentiu o princípio da vermelhidão alcançando seu rosto pela objetividade de Alicia.

“Hm, bom, não, não exatamente. Nós teríamos um ensaio essa semana. Estávamos nos perguntando se, bom, se você ainda irá fazê-lo? Ou, talvez, adia-lo para depois? Eu pensei em telefonar para todos saberem o que decidir. Karl está particularmente interessado em saber”. Ela sentiu-se constrangida com o quão estúpida parecia sua desculpa, mesmo para seus próprios ouvidos. Sua voz sumiu enquanto amaldiçoava sua vermelhidão denunciadora.

Alicia a estudou por um momento, seus olhos bastante frios. Diana sabia que Alicia conseguia ver através de sua história. Alicia já teria adivinhado que todos na vila estariam ansiosos por novas notícias sobre o crime.

“Eu acho que é melhor cancelarmos e fazê-lo depois. Se o fizemos, ninguém seria capaz de se concentrar, de qualquer forma. Não concorda?”. Sua voz soava rouca e quebrada, como se estivesse triste.

“Sim. Você está bem, Alicia? É claro que todos estão preocupados. Estamos todos preocupados com você e com a Sonja e com tudo que aconteceu”.

Alicia ergueu olhos feridos para encontrar os de Diana. Quando ela falou, havia um tom distinto em sua voz.

“Sonja! Nós deveríamos ser amigas, mas ela não fala comigo agora! Eu não falei com ela desde que

fui interrogada pela polícia. Ela obviamente não queria aceitar que eu fui solta da custódia e que eu não queria matá-lo, como se eu pudesse!”

Diana foi pega de surpresa por suas palavras. Alicia tinha tido um *caso* com o marido de Sonja e o deixou ferido. Ela não conseguia ver que Sonja estaria magoada e muito irritada? Acima de tudo, ela suspeitaria de Alicia. Di foi cuidadosa ao perguntar.

“Bom, ela sabia que você foi encontrá-lo naquele dia?”

“Sim, sim. Ela sabia tudo sobre seus casos ao longo dos anos. Eu acho que ele costumava contar para ela. Talvez ele achasse que isso a excitava, eu não sei ao certo. Ela sabia que ele usava as mulheres pelo sexo, já que ele sempre voltava para ela. Contanto que ela o deixasse ter sua liberdade, ele ficaria feliz em voltar para a casa a noite”. Ela deu uma risada que soou cheia de amargura.

Di estava surpresa com o que ela admitiu. Foi também uma fala bastante pessoal para Alicia e Di havia descoberto muito mais sobre os três e seu confuso triângulo amoroso. A cor no rosto de Alicia ficou mais vermelha quando ela continuou.

“Ela sabe que nos encontramos e discutimos e que eu o agredi por frustração. Foi só um pouco por raiva. Ele deu um passo para trás e caiu. Ele estava furioso, me chamou de tudo de ruim que conseguiu pensar. Eu estava tão chocada e disse que ele poderia muito bem cozinhar ali até que se acalmasse. De qualquer forma, eu pensei que ele estivesse fingindo. Eu sabia que alguém eventualmente iria encontrá-lo. Eu ouvi Kristiakis atirando mais cedo, mais para dentro do vale e eu sabia que ele teria que voltar para aquele pedaço da trilha se quisesse ir para qualquer lugar”. Ela fez uma pausa quase sem fôlego por causa de seu surto.

Sim, Di pensou, mas e sua perna quebrada? Fingindo? Ela e Steve haviam notado quase imediatamente. Alicia supostamente era um tipo de curandeira, não era? Ela certamente havia negligenciado Leslie. Sentindo excitada, Di decidiu segurar sua língua. *Que tinha uma sensação decididamente de dormência agora.* Talvez se ela continuasse quieta, Alicia iria contar mais. Ela estava pegando mais informação de primeira mão do que havia conseguido antes. Até agora, ninguém mais tinha falado com Alicia.

“Ele estava um pouco arranhado e machucado por causa da queda. Abalado, mas só isso. Eu não sabia sobre o que o inspetor havia dito”, ela deu um soluço seco. “Eu não fiz aquilo. Eu não poderia”. Ela começou a chorar abertamente, lágrimas gordas e lentas rolando pelo seu rosto. Diana viu quando uma lágrima correu de seu queixo para seu pescoço. Onde o xale de Alicia foi aberto por causa de sua agitação, Di notou um arranhão feio em sua garganta.

Di levantou-se nervosa sem saber o que fazer, exceto que ela estava começando a desejar que não tivesse vindo. Steve estava certo, no fim das contas. Ela pegou a caneca de Alicia de suas mãos e a colocou em uma mesa baixa do seu lado. Ela não queria que a outra ficasse triste; ela provavelmente precisava de alguns conselhos. Mas Di havia prometido a Steve que não se envolveria. Ela sentia-se confusa. Depois de ouvir o que Alicia havia acabado de dizer, e pelo que ela e Steve haviam descoberto, nada fazia sentido. *Um pouco arranhado,* Alicia tinha acabado de dizer. Que besteira!

Di sentiu-se enjoada ao se lembrar do último encontro com Leslie e de sua cabeça que pendia. Ela lembrou-se do lenço vermelho e brilhante de assassinato em volta de seu pescoço e o zumbido das moscas atraídas pelo cheiro de morte. Ou Alicia estava mentindo ou outra pessoa havia aparecido para terminar com ele com uma faca extremamente grande. Quem quer que tenha feito isso, deve ter ficado coberto em muito sangue. Ela olhou em volta meio esperando ver uma pilha de roupas manchadas de sangue em um canto, uma faca saindo pelas dobras do tecido. Seus pensamentos começaram a fugir quando outros possíveis cenários apareciam em sua cabeça.

Di sentiu um pânico crescente em sua garganta. Ela tinha que sair dali e ir para longe de Alicia e suas ideias estranhas. Sem razão, histórias inundaram sua cabeça. Alicia pertencia a uma seita secreta controlada por *algum tipo* de guru. Essa estranha havia estipulado que todas as mulheres deveriam fazer

sexo *pelo menos seis vezes ao dia*, já que era bom para a alma. Deve ter sido para o próprio bem dele enquanto ela estudava *sob* ele.

E então tinha seu envolvimento com remédios de ervas. Remédios? Qual era aquela velha piada que frequentemente rolava pela vila? Ano passado, ela havia quase envenenado Leslie quando deu a ele um remédio homeopático caseiro para a artrite no seu calcanhar? Não tinha falado que ela usou uma antiga erva chamada acônito? Acônito não era uma erva que estimulava a paralisia dos nervos de dor e toque? Uma velha anesteria. O que Alicia estava pensando? Sua boca parecia seca e adormecida. Adormecida! O que Alicia havia colocado no chá que ela acabara de beber?

Com um sobressalto, Di lembrou-se do Punjab Lasso. Ela e Steve haviam assistido ao musical *O Fantasma da Ópera* na última vez que estiveram na Inglaterra. No musical, foi mencionado um garrote ou um lasso. As palavras assombradas voltaram a ela, '*mantenha as mãos acima do nível dos olhos*'. Intrigada em saber mais da história, Di procurou pela internet e achou o romance original de Gaston Leroux que mencionava que o fantasma Eric havia passado algum tempo na *Índia*. Como Alicia. Lá, Eric aprendeu a usar o lasso. Era mais conhecido como o cabo de estrangulamento dos Thugs. A corda fina seria colocado em volta da cabeça da vítima e, quando estivesse em volta do pescoço, ela seria violentamente puxada para trás, reforçada talvez por um joelho na coluna. O assassino ou o 'silencioso assassino thuggee' da Índia iria ver sua vítima lutando enquanto o oxigênio lhe era negado. A pesquisa dizia que essa prática bárbara foi supostamente exterminada no século dezenove na Índia. Enquanto Di lançava um olhar rápido na direção da arma, ela se perguntou se esse era realmente o caso. O que Alicia faria com um instrumento tão infame se ela era supostamente uma curandeira? Uma ideia aterrorizando passou por sua cabeça. Não precisaria de muita força para alguém enforcar a outra até a morte. Era possível – e ela quase desmaiou com o pensamento –, se a corda fosse fina o suficiente, cortar a pele profundo o suficiente para quase arrancar a cabeça de alguém fora? Ela olhou involuntariamente de novo quase o lasso e deu um ofego estrangulado quando Alicia viu para onde seu olhar estava direcionado.

Diana recolheu-se face à figura que se elevou à sua frente. Ela sentiu sua própria garganta se apertar deixando ofegante. A atmosfera espessa era nauseante e perturbava seus sentidos. Seu estômago embrulhou-se aterrorizado. Ela tinha que sair de lá, rápido.

## Capítulo 36. Steve

*Podem estas coisas acontecer e passar por nossas cabeças como nuvens de verão,  
sm que o espanto mais alto nos causasse?*

*Macbeth. Ato III, Cena IV*

“Eu te disse! O que eu disse? Não se envolva”, ele gritou assim que ela correu para casa e ele deu um olhada em seu rosto pálido. Steve estava obviamente furioso com ela. “Olhe para seu estado. Você está pálida, parece doente e sem dúvidas está enjoada. Isso não está te fazendo bem algum”.

Diana estava encolhida em sofá na sala de estar tentando acalmar seus nervos bebendo lentamente um copo d'água. Ela também estava tentando desesperadamente não chorar por causa da explosão dele. Steve raramente perdia a calma.

“Olha”, sua voz ficou mais suave. “Eu não quero que se estresse. Você está perto de mais disso tudo pro meu gosto. Por favor, Di. Recue. Deixe a polícia fazer seu trabalho. É o que eles fazem, por Deus”.

Diana tomou um gole antes de responder com sua voz arrependida.

“Eu sinto muito. Sei que está certo. Eu acho que exagerei um pouco lá. Eu ficava pensando sobre o passado estranho de Alicia e as histórias que ouvimos e então eu vi algumas coisas estranhas na sua casa, especialmente o Punjab Lasso. Quem e por que alguém teria isso?”

“As pessoas colecionam coisas estranhas. Olhe o grande número de coleções sobre Hitler e os nazistas no mundo. Porões de castelos cheios de instrumentos de tortura acumulados para que visitantes os vejam. Uma vez eu conheci um cara que colecionava bestas. Essa sim é uma arma terrível e letal”.

Ela esfregou seus olhos molhados com suas mãos. “De qualquer forma, você está perdendo o sentido de tudo. Ela poderia estar mentindo. A única coisa que eu não entendo é a falta de sangue em suas roupas”.

Steve franziu o cenho. “Você poderia me dizer do que está falando? Porque agora eu estou completamente perdido”.

Movendo-se para uma posição mais confortável, Di o entregou o copo vazio, o qual ele colocou na mesa ao lado. Ela já se sentia muito melhor agora que estava em casa e segura. Sua cor havia retornado ao normal e ela havia parado de tremer.

“Ok. Ok, vamos pensar nisso direito. Vamos dizer que, no primeiro cenário, Alicia o deixou ferido, mas vivo. A polícia confirmou que ele foi assassinado com o corte de sua carótida. Nós imediatamente pensamos que foi uma faca muito grande e afiada. Se Alicia tivesse feito isso, ela deveria estar coberta de sangue. Nos livros de mistérios com assassinatos que eu já li, as pessoas cujas gargantas são cortadas esguicham sangue para todos os lados invariavelmente, é muita sujeira. Ela estava usando as *mesmas* roupas naquela noite que ela usou o dia todo. Ela nunca foi dessas de se arrumar muito. Sempre usa as mesmas coisas. Sonja e Tony concordaram que ela estava usando a mesma coisa que usou de manhã”.

Parecendo confuso, Steve perguntou. “Como você sabe disso tudo?”

“Porque eu pergunto por aí, você sabe, é incrível o que as pessoas aqui sabem sobre todos os outros. Veja Pete e Ann ou Bernard e Jenny. Eles são exemplos primorosos”.

“Eu não como encontrou tempo”, ele resmungou. “Além disso, quando eles a viram?”

“Quando Sonja voltou naquela noite. Da hora em que Leslie foi descoberto. Alicia estava passando

perto da casa deles. Aparentemente, ela queria checar que tinham encontrado Leslie e que ele estava sob cuidados. Infelizmente para ela, ele já havia sido morto. Tony disse que ele só estava passando por lá”, ela fez um barulho de descrença. “Ele é estranho, se quer saber”.

“Tem certeza de que quer viver aqui?”

“Não concorda de que tem algo esquisito sobre essa vila? Eu nunca senti antes, mas desde domingo, eu tenho sentido uma atmosfera inquietante”, ela abaixou sua voz até ser só um sussurro e estremeceu. “Eu não consigo explicar. Além disso, depois de falar com os outros, todos tem uma história para contar. Eu não podia ignorar e não perguntar nada, podia? Eu sentia como se fosse um trabalho pessoal descobrir tanto quanto eu pudesse”.

“Eu não vejo o porquê e, não, eu não sinto uma atmosfera diferente na vila. Tem algo a ver com sua imaginação criativa demais. A maioria das pessoas aqui são extremamente legais. Nós temos alguns bons amigos e a maioria dos locais é agradável. Você mesma disse isso outro dia, o quão amigáveis e gentis eles podem ser”, ele parecia e soava como se estivesse extremamente exasperado com ela. No momento, ela corria o risco de ser se tornar intrometida problemática.

“Eu sei. Eles são legais. Talvez tenha algo a ver com o que estou escrevendo. Você sabe, sentimentos estranhos e tudo mais. E sobre eu fazer perguntas, bom, parece estar certo”.

“Você já disse isso”.

Ao notar o tom de descrença misturado com irritação na sua voz, Di sentiu que precisava explicar o que queria dizer.

“Por favor, escute. Muitas pessoas tinham motivos ou pensavam ter motivos para matá-lo. No mínimo, elas queriam que ele sofresse de alguma forma. Muitos deles pareciam estar conectados com o livro negro de memórias de Leslie”.

Steve abriu sua boca para falar e sussurrou somente uma palavra. “O que?”

Di levantou uma mão imperativamente dando a ele um olhar de aviso. Continuando, ela foi contando os pontos com seus dedos.

“Primeiro, temos Alicia. Velho, ou mesmo longo, caso entre os dois. Ela é louca de pedra, obcecada por sexo, como nos disseram, mas Leslie desdenhou dela no fim. Ela aparentemente está envolvida com alguma seita estranha sobre a qual ela se recusa a falar. Ela até já envenenou Leslie quando deveria estar curando ele.

Em segundo lugar, temos sua esposa Sonja. Talvez ela tenha se cansado de suas infidelidades, sua arrogância e sua crueldade com ela. Talvez ela quisesse estabilidade, você sabe, a casa e dinheiro suficiente para sua segurança. Talvez, ela pensasse que só teria isso com Leslie fora de seu caminho e se ele não desse nada para seus filhos na Inglaterra. Em terceiro, tem o Tony”.

Confuso, Steve teve que interromper. “Tony? Qual o seu motivo?”

“Tony aparentemente gosta de pornô, você sabe, com garotas mais novas. E ele foi pego com uma polonesa menor de idade ano passado. Leslie descobriu e o chantageou. Ann me fez pensar nele quando ela disse algo sobre ele na festa do elenco na outra semana”.

“Phew! Que dupla de bastardos imundos”. Steve parecia bastante chocado com as últimas revelações sobre seus vizinhos Leslie e Tony. “Ok. Então você conversou com as pessoas, mas isso não explica como nem porquê sabiam disso tudo”.

“Eu estou chegando lá”. Completamente restaurada ao seu normal resistente, ela lançou a ele um novo olhar irritado.

“Quarto, nós temos Bernard. Nós sabemos que ele perdeu dinheiro, centenas de libras em algum investimento falcatrua que Leslie orquestrou. Nós também sabemos que em uma ocasião, ele quase atropelou Leslie no escuro. Ele mesmo nos contou isso”.

“Sim, mas...”, ele passou uma mão por seu cabelo em frustração enquanto ela o ignorava.

“Quinto, por favor, não me interrompa ou vou perder minha linha de pensamento. Quinto, temos

Tilly. Tilly teve um caso com ele em um momento de fraqueza, mas terminou. A pior parte disso é que Leslie continuou a incomodando, recusando-se a aceitar que estava tudo acabado entre eles. E, ainda assim, foi um caso rápido. Bernard e Jen quase deixaram escapar quando estávamos na praia com eles no outro dia. De qualquer forma, aparentemente, Tilly foi até a polícia e eles questionaram e avisaram a Leslie. Foi isso que a polícia quis dizer quando falaram que já o tinham visto naquele dia”.

Steve acenou lentamente enquanto ela continuou.

“Tilly tem um álibi, assim como a maioria dessas pessoas. Nós não sabemos sobre os outros, exceto sobre o sexto suspeito, Kristiakis”.

“Ok, agora é minha vez. Voltando, você disse que Alicia estava passando por fora da casa de Sonja depois de ela ter identificado Leslie. Como ela estava lá e por que? Você disse que ela queria checar que Leslie estava bem. Mas e se ela quisesse checar que ele tinha sido encontrado morto? Ela poderia querer saber o que a polícia estava pensando sobre tudo aquilo. Você disse que suas roupas estavam limpas, sem sangue nela. Mas, e se ela já tivesse *trocado de roupa*? Ou, ainda mais provável, e se ela tivesse *roupas idênticas*? Ela se veste do mesmo jeito praticamente todos os dias”.

“Ah! É claro! Boa observação. Nós teremos que pensar sobre isso”.

Steve levantou uma sobrancelha ao ouvir o 'nós'. “Algo me diz que não tem jeito de te fazer sair sem fazer nada. Tudo isso para tomarmos conta de nossas vidas e deixarmos a polícia fazer tudo”.

“Voltando para Kristiakis”, Di continuou.

“Ele acabou de se enforcar”.

“Conveniente? Faz com que ele pareça culpado, joga a culpa nele e, talvez, esconde o real assassino. Qualquer que seja a verdade, ele tinha uma razão poderosa para matar Leslie, como já nos contaram os locais várias vezes”.

“Mas e daí? Por que agora? Por que esperar todos esses anos?”

“Chance, talvez? Kristiakis certamente se lembra de Leslie da sua juventude desviada quando ele odiava os britânicos. Leslie era um bully podre; ele tratava mal os moradores e desprezava todos eles. Muitos já morreram desde então, é claro. A propósito, se você acredita nela, Jen acha que Leslie flertava com a irmã mais nova de Kristiakis. Leslie sendo estrangeiro e não sendo bem vindo, Kristiakis teria odiado isso”.

“O que? Você não quer dizer Antígona?”

Di acenou.

“Mas ela é meio lenta e nada de mais”, ele argumentou.

“Não, na verdade, ela não é. Ela só é muito tímida, especialmente com homens e estrangeiros. Ela pode falar e entender bastante inglês. Você só precisa quebrar sua barreira. Além disso, embaixo de todas aquelas roupas fedidas e sujeira entranhada, ela tem um corpo bonito e olhos adoráveis”.

“Quando você falou com ela?”

“Bom, eu sempre aceno e digo oi quando nos encontramos. Em algum momento durante a última peça, ela começou a falar mais comigo. Não só o simples bom dia. É estranho agora que estou pensando nisso, mas com frequência, quando estou andando pela vila, parece que sempre esbarro nela. Talvez eu nunca tenha notado ela até que começamos a nos falar”.

“Estranho”. Steve parecia confuso, apesar da explicação de Di.

“Sim e, ainda mais estranho, é por que e como eu pareço saber mais do que todos nessa vila!”. Diana parecia muito satisfeita consigo mesma.

Steve olhou para ela, uma expressão divertida em seu rosto. Ele parecia ter esquecido o quão furioso ele estava mais cedo. Seus olhos se arregalaram em interesse. Se Diana não tivesse sua atenção completa antes, ela a teria agora.

“Antígona me deu o livro negro de memórias de Leslie!”, Diana disse sem esconder a expressão convencida em seu rosto.

“Ah!”. A princípio, Steve não sabia o que dizer e então, de repente, uma dúzia de perguntas surgiram na sua mente. “Eu me pergunto sobre o que disse antes. Ok. Que livro? Quando ela o deu para você? Onde ela o pegou e por que escolher você dentre todos?”

Di deu uma risada. “Espero. Primeiro, foi ontem. E, até onde eu entendi seu inglês, ela o encontrou enquanto estava levando seus burros para novos pastos. E por que eu? Eu não sei, só que ela disse enigmática que não poderia ser mais ninguém. Estranho, não acha?”

“Muito. Eu acho que é tudo um pouco macabro. E o que o livro do Leslie te disse?”

“Um pouco do que eu já te disse. Eu ainda não tive tempo de estudá-lo propriamente. Eu achei que você gostaria de dar uma olhada”.

“Mmm”, ele soava muito cauteloso, como se estivesse com medo de onde tudo isso poderia levar. “Você tem sido muito reservada recentemente, devo dizer”, ele pensou por um momento. “E o que o livro não te conta?”

“Bom, você vai ver quando folheá-lo. Há algumas partes que parecem ter sido escritas em um tipo de código ou cifra. Está espalhado pelo livro; alguns pedaços são fáceis de decifrar. Eu descobri de quem ele não gostava daqui e essas são a maior parte das pessoas no livro e suas razões para não gostar delas. Ele diz o que fez com Bernard e Tony e enfeita alguns de seus casos com várias mulheres. Você nunca vai acreditar em quantos casos ele teve ao longo dos anos, se puder acreditar em todos. E algumas das mulheres! Uau! É chocante. Ainda, nenhuma vez ele escreve ter se arrependido de algum deles. Nem seu tratamento horrível para com a Tilly, ou Bernard. Nem a chantagem do pobre e patético Tony ou o jeito como tratou suas esposas, crianças e, finalmente, Alicia. Seu caso durou mais tempo e ia e voltava ao longo dos anos. Sua crueldade parecia não importar nem um pouquinho para ele. Não houve consequência alguma”, ela estalou os dedos para enfatizar seu argumento.

“Ele foi arrogante até o fim”.

“Sim. Uma parte muito interessante é quando ele cita Kristiakis nos anos setenta. Evidentemente, Kristiakis o ameaçou com uma surra e Leslie puxou a arma para ele e riu na sua cara. Ele não diz o motivo de terem brigado; certamente ele não menciona Antígona, não em algum sentido romântico”.

“Talvez nada tenha acontecido de fato. Talvez tudo tenha estado na cabeça de Kristiakis. Antígona era muito nova, de qualquer forma, nada mais que uma garota”.

“Sim, talvez. Ainda assim, é uma leitura fascinante, se gostar desse tipo de coisa. Sinceramente, eu achei tudo um pouco doentio”.

“Eu darei uma olhada mais tarde. Venha aqui”. Diana escorregou para seu lado do sofá e ele a colocou em seu colo.

“Por favor, não se envolva mais nisso. Não sem me contar primeiro”, ele falou em seu pescoço, seu hálito quente contra sua pele. Diana encolheu-se nele enquanto ele acariava seu ombro.

“Mmm. Isso é tão bom”. Ela se permitiu uma pequena pausa antes de adicionar. “Só um problema, entretanto”.

“Qual é?”

“Eu não consigo tirar a ideia da inocência de Kristiakis da minha cabeça. Ele estava lá na vizinhança; a polícia já tem uma ficha, um motivo e tudo mais”.

“Continue”.

“Bom, como já dissemos, vai ser difícil provar agora que ele está morto”.

“Eu suponho que sim”.

“Mas e se ele não se enforcou? Ele estava bêbado, ou melhor, ele fedia a bebida. Eu não acho que polícia tenha checado o nível de álcool no seu sangue e, por que fariam isso? De qualquer forma, não seria fácil colocar uma corda no pescoço de alguém que estivesse bêbado feito gambá e então enforcá-lo? Até onde sabemos, ele não deixou nota de suicídio. Nos melhores livros de assassinato, a maioria dos suicidas tomam um certo cuidado quando se matam. Você sabe, como trancar portas para que

nenhuma criança os encontre. Ou mesmo arrumar coisas; pequenas coisas bobas que possam importar para elas. Kristiakis escolheu um velho prédio que não só estava destrancado, mas também que é aberto para todos, que não pode ser considerado reservado. Então, se esse foi o caso e ele foi assassinado também, restam duas questões. Quem fez e por que? Nós precisamos saber o que a polícia decidiu sobre isso antes de avançarmos”.

Steve não falou nada. Depois de uma pausa, Di sentou direito em seu colo e olhou de perto para ele.

“E aí? O que acha?”

Grunhindo sinceramente, Steve inclinou-se para trás no sofá e fechou os olhos. “Eu não consigo pensar em algum jeito de parar sua vontade de agir como detetive. E isso terá que me incluir, inegavelmente”.

## Capítulo 37. Yanoulla

*De tal modo estou mergulhado em sangue, que, se não for mais adiante, a volta será tão difícil quanto a travessia.*

*Macbeth. Ato III, Cena IV*

Não foi a primeira vez que Yanoulla teve que revisar sua vida passada. Ela nunca foi feliz por muito tempo e, nesse último mês mais ou menos, ela percebeu seu mundo espiralando para novas profundezas de tristeza. Olhando para trás agora, ela percebeu que os únicos momentos verdadeiramente felizes em sua vida podiam ser contados nos dedos de uma mão.

Por anos ela viu Kristiakis crescer, de um garoto magricelo e sem jeito para um jovem com olhos azuis penetrantes, um corpo divinamente musculoso e longas penas. Apesar de ser quase dez anos mais velha que ele, ela ansiava para que ele a notasse. Sua ânsia era rodeada por luxúria inegável. Ela estava ciente que não era muito bonita. Seu nariz era grande demais e dominava seu rosto. Mas ela considerava que possuía aspectos que valiam a pena e que funcionavam a seu favor. Ela sempre manteve seu corpo cuidado e seu cabelo longo era sedoso e brilhante. Mas, apesar de todas as suas tentativas, Kristiakis nunca teve olhos para ela.

Quando eles eram mais novos, ela havia sofrido bastante. Durante o Festival Anual de Verão, os homens mais novos levavam meninas magras e com belos quadris para a pista de dança assim que a banda começava com o *vkiolarides*, a música tradicional. As meninas empolgadas deixavam seus grupinhos e formavam um anel dentro dos grupos de meninos. Então, a dança folclórica, o *syrtos* começava simbolizando a harmonia entre os papéis do homem e da mulher na sociedade cipriota. Quando as batidas dos corações aumentavam e os rostos ficavam vermelhos, a banda aumentava o tempo para uma agitada *sousta* e os meninos e meninas faziam um largo círculo que representava o espírito da comunidade.

Durante a dança, alguns homens se separavam e dançavam sozinhos. Yanoulla observava o garoto Kristiakis, agora um homem, demonstrar a virtude de seu sexo que era apreciada e respeito por aqueles reunidos ali; nomeadamente, sua força.

O coração de Yanoulla batia forte quando ela lançava um largo sorriso para o maravilhosamente belo Kristiakis, enquanto ele batia seu pé com a bota e se abaixava até a altura da cintura antes de rodopiar com a música que encantava a todos. A música era rápida; a melodia produzida pelo violino acompanhado pelo alaúde e o ritmo constante da *tempoutsia*. Havia também um fundo de acordeão, o *bouzouki* e o violão para animar os dançarinos. Yanoulla ficava sem fôlego ao ver Kristiakis dançar a dança dos homens, chamada de *kartzilamas* acompanhados de amigos de longa data. Sua virilidade e agilidade ficaram aparentes demais em seus movimentos dinâmicos. De forma geral, era uma apresentação incrível, com energia até o finalzinho. As mulheres mais novas sabiam que a performance era para elas enquanto observavam em um canto da pista de dance. Yanoulla desejava com todo seu coração que Kristiakis dançasse somente para ela enquanto ele rodopiava e batia o pé antes do clímax do final.

Todos batiam palmas e comemoravam quando terminavam, a banda passava para seu próximo número, a mais lenta *antikristo*, durante a qual homens e mulheres dançavam graciosamente juntos como

casais ou em filas de frente um para o outro. Como cada homem escolhia uma parceira, Yanoulla esperava, desejando e rezando para que dessa vez, esse ano, ele iria escolhê-la. Conforme ele arrastava uma risonha e bela jovem voluptuosa para a pista, Yanoulla sabia que havia sido deixada para trás. Ela ficou nas sombras, observando; um gosto amargo de pura inveja em sua língua enquanto ele pegava a mão da garota e passava um braço possessivo confortavelmente em volta de sua cintura. Sensualmente, eles começaram a dança que expressa a alegria da vida e do amor.

Amargamente desapontada, Yanoulla virou-se e deixou o festival de verão. Como sempre, ela era a primeira a sair.

Ao longo dos anos, sempre que ela tinha a chance, Yanoulla se jogava na frente de Kristiakis querendo que ele a notasse. Quando ela descobriu os encontros ilícitos entre sua irmã Antígona e o oficial britânico, Yanoulla chamou sua atenção para eles, esperando com isso que seu ato de boa vizinhança a colocasse em bons lençóis. Infelizmente para ela, seu plano falhou. Finalmente percebendo que ela nunca o teria, nem em um milhão de anos, e sentindo-se rejeitada, ela virou-se para Alexis e aceitou sua proposta de casamento.

Alexis era mais velho que ela. Deixando a ilha durante os problemas entre os turcos e os greco-cipriotas nos anos sessenta, ele havia ido para Londres. Lá, ele começou um pequeno negócio de pão sírio. Havia refugiados cipriotas o suficiente na Inglaterra para garantir uma boa vida para ele e, dentro de dois anos, ele havia conseguido dinheiro suficiente para retornar para casa para sua família regularmente trazendo consigo fundos para aumentar a casa da família e prover para seus parentes mais velhos mais conforto e luxo do que poderiam sonhar. Alguns cipriotas, tendo feito nada de suas vidas, olhavam para ele com um pouco mais que inveja, mas Alexis não se importava com o que diziam. Quem eles eram para julgá-lo? Ele decidiu que era melhor fazer dinheiro, ainda que fora, do que continuar em uma vila cheia de cabeças fechadas com pensamentos sufocantes. Ah! O que eles sabiam? Eles só podiam sonhar com as riquezas que ele estava acumulando em Londres.

Durante uma de suas visitas para casa, ele notou Yanoulla. Anos atrás, ele havia gostado dela. Fazendo perguntas para ter certeza de que ela ainda estava solteira, o que, é claro, que estava, ele começou a investir nela imediatamente. Sabendo que ele já tinha passado da hora de casa, Yanoulla serviria bem para ele.

Alexis não era um homem bonito de jeito algum; baixo, quase gordo e com dentes precisando desesperadamente de cuidado médico. A princípio, Yanoulla tinha trabalho em manter suas mãos longe do caminho que seguiam seus olhos apertados. Depois de quase ter dado um tapa nele por tentar passar a mão nela enquanto ela estava parada esperando para ser servida na loja local, ela parou para considerar suas opções.

Aqui estava ela, não mais jovem e fresca e se aproximando dos trinta – mas ainda uma virgem. O objeto de seu amor a ignorava ou, pior ainda, ridicularizava suas tentativas. E ultimamente, Yanoulla achava que a vida na vila estava sufocante, já que todos sabiam dos negócios de todos, algumas vezes até antes dos próprios interessados saberem. Era difícil aguentar.

Aqui estava Alexis oferecendo-a uma saída, uma oportunidade para escapar. Ela não o amava nem remotamente e nem mesmo se importava com ele. Era difícil se imaginar beijando sua boca com seus dentes para fora e mal formados, mais difícil ainda era imaginar seu corpo pesado pulando para cima e para baixo nela na cama do casal. Ela estremeceu com o pensamento.

Mas, ele tinha dinheiro. Mais ainda, ele era *rico* e a levaria para longe deste lugar e de sua tristeza de longos anos. Ela viveria em Londres em uma bela casa, três quartos e um *banheiro interno completo*. Haveria aquecimento central – isso não era conhecido no Chipre, apesar do inverno gelado das montanhas. Eles visitariam os pontos turísticos da cidade e, talvez, o resto da Inglaterra. Ela tinha alguns amigos em Londres – todos os cipriotas conheciam alguém lá – então ela não ficaria sozinha. E, o melhor de tudo, ela poderia ficar longe da indiferença de Kristiakis. Seria uma aventura e ela seria invejada por

todos aqueles deixados para trás quando ela retornasse para visitar; como ela faria, mesmo que só para desfilas suas roupas da moda e, sem dúvida, suas jóias. O único lado contra era se casar com Alexis, mas ela tinha certeza de que conseguiria moldá-lo. Ela deveria deixar de lado seus pensamentos ruins e pensar nas coisas maravilhosas que receberia.

Então, logo depois das comemorações de Páscoa daquele ano, eles estavam casados. A família de Alexis apareceu para dar o dinheiro obrigatório para o vestido branco da noiva e a festa virou um caso barulhento como só os casamentos cipriotas conseguem ser. Parecia que havia centenas de parentes, de tias e tios de segundo grau à primos de terceiro grau de todas as idades, todos conversando e comendo ao mesmo tempo. A banda tocou noite adentro e a maioria dos homens ficou extremamente bêbada. A festa inteira foi uma cacofonia sons que fez a cabeça de Yanoulla vibrar. Ela não ficou muito tempo se perguntando o porquê de ele ainda não ser casado; talvez, teria sido melhor se ela tivesse.

Agora, sentada em seu quarto e se lembrando as coisas boas que aconteceram com ela durante seu casamento, ela abriu a mão e contou até cinco em seus dedos. Houve o nascimento de suas duas filhas preciosas e a morte de Alexis. Depressivamente, era só isso.

Alexis acabou não sendo tão agradável. Ele tinha o pavio curto e amava as coisas do seu jeito em tudo. Talvez Yanoulla devesse ter levado mais em consideração a sua idade. As pessoas mais velhas estavam acostumadas com as coisas do seu jeito e a fazer o que queriam. Mais que frequentemente, Yanoulla se viu cedendo aos seus caprichos pelo bem da paz e de sua calma, suas pequenas garotas olhando com medo e perplexidade para o comportamento dos pais. Pelo bem das crianças, Yanoulla continuou o máximo que pode aguentando as rápidas mudanças de humor de Alexis e os ocasionais tapas com as costas de sua mão. Alexis ficava particularmente chato quando ele saía com seus colegas bebendo ou depois da corrida de cachorros. Ela descobriu que toda sua aparência esperta e leve de um homem moderno para amigos e família, escondia que, na vida privada, ele ainda tinha aquela crença antiga de que o homem era o principal ganha-pão da casa, chefe da família e, por isso, sua palavra era lei.

Os anos se passaram, as garotas cresceram com Yanoulla ainda nutrindo sentimentos por Kristiakis. Rapidamente percebendo que Alexis não estava ficando mais suave com a idade, Yanoulla agora o considerava um completo e tremendo porco. Verdade, ela tinha uma casa moderna e confortável com todo o encanamento que poderia desejar. Ela era muito orgulhosa de sua máquina de lavar e aspirador de pó. Alexis lhe dava uma mesada para roupas adequadas e adorava trazer para ela sua roupa de baixo 'sexy' de nylon de mal gosto que ele comprava no mercado do lado leste de Londres. As poucas jóias que ele comprava para ela eram de dar pena; ela nem tinha certeza se as pedras colocadas na prata eram reais. Seus hábitos de higiene pessoal eram suspeitos e seus dentes agora estavam tão podres que seu hálito era permanentemente ruim. Quando ele rolava para seu lado na cama deles, ela fechava os olhos e a boca e tentava não respirar fundo. O coito – ela não conseguia dizer que era fazer amor – era completamente revoltante para ela. Ela odiava as revistas que ele trazia para casa e esfregava embaixo de seu nariz; um dedo rechonchudo apontava para ela a posição que ela deveria ficar para ele naquela noite.

Com dentes cerrados e silenciosamente aguentado tudo, Yanoulla viu a chance que esperava. Os pescadores locais estavam vendendo ostras por metade do preço usual. Alexis as adorava e ela comprou uma dúzia. Ela escondeu nove embaixo de alguns vegetais na parte de baixo da geladeira e enterrou as outras três que sobraram no jardim por trinta e seis horas. Ela então desenterrou as três, as lavou, as preparou e, cuidadosamente, marcou suas conchas com um pequeno ponto preto e as juntou com as outras nove. Naquela noite eles teriam um ótimo jantar.

Alexis voltou para casa cansado e irritado depois de trabalhar um longo dia no escritório da fábrica. Seus olhos gulosos se acenderam ao ver sua meia dúzia de ostras. Ele comeu as suas com um grande copo de cerveja rapidamente, mal parando para perguntar a Yanoulla como foi seu dia. Yanoulla comeu sua parte das ostras lentamente; ela só havia comido duas quando Alexis começou a olhá-las especulando.

“Você vai comê-las ou só vai ficar olhando?”, ele perguntou.

“Eu não estou com muita fome. Pode ficar com elas”, ela respondeu com um sorriso.

Ela reclinou-se e observou enquanto ele sugava ruidosamente a ostra crua para dentro de sua boca cavernosa. Terminando sua cerveja, Alexis arrotou alto e então perguntou o que mais teriam para jantar naquela noite. Depois de comer um enorme prato de cordeiro feito no forno com batatas assadas, ele limpou sua boca engordurada com um guardanapo e disse que iria sair com seus colegas.

Yanoulla não sentiu arrependimento pelo que tinha feito. Em vez disso, em um estado quase que sonhador, ela calmamente tirou os pratos, os lavou com água e sabão e sentou-se para ver seu programa favorito: *Coronation Street*. As garotas estavam dormindo na casa de colegas da escola, então ela não tinha que se preocupar com elas. Quando Alexis retornou reclamando que não estava se sentindo bem, ela sabia que não teria que esperar muito.

Dentro de horas, Alexis tinha todos os sinais de intoxicação alimentar. Ele vomitava copiosamente, seguido de uma violenta diarreia e dores abdominais. Alexis rolou de um lado para o outro em sua cama de agonia; Yanoulla cuidou do que ele precisava tanto quanto ela pode antes de ter que ceder e ligar para pedir ajuda. Ofegando para respirar e grunhindo de dor, ele implorou que ela ligasse para o 999 por uma ambulância. Enrolando, ela relutantemente se vestiu e então saiu da casa para encontrar um telefone público. Em seu tempo, ela tirou o receptor e ligou para o número que iria mandar as sirenes da ambulância para sua rua.

Os médicos disseram que fizeram o seu melhor, mas a bactéria havia infectado a corrente sanguínea. A febre de Alexis aumentou acompanhada de calafrios. Sua pressão sanguínea caiu vertiginosamente devido ao choque séptico e sua pele ficou com lesões nauseantes. Yanoulla fez o papel de esposa devota ao pé da letra, ficou ao lado de sua cama quando lhe foi permitido e então alternou seu tempo com a cadeira dura de madeira no corredor. Ela bebericou uma xícara de chá nas primeiras horas do dia esperando pelos acontecimentos. Os ponteiros moviam-se lentamente pelo relógio na parede oposta de onde ela estava sentada.

Finalmente, ela recebeu o chamado que estava esperando. Yanoulla foi levada para o escritório da irmã responsável no centro médico e pediram que ela se sentasse. A jovem e bela enfermeira parecia lúgubre e triste enquanto se preparava para encarar Yanoulla. Com a voz calma, mas firme, ela informou a ela.

“Eu sinto muito. Nós fizemos tudo que podíamos. Seu marido faleceu...”

O *post mortem* mostrou que Alexis havia morrido por causa da bactéria presente nas ostras que havia comido.

Yanoulla disse, “Mas eu comi a mesma comida e não sofri nada”. Disseram a ela que, apesar de as bactérias estarem naturalmente presentes no mar, não alteravam a aparência, o gosto ou o cheiro das ostras. Por isso, infelizmente, não tinha como saber que estavam lá. Havia um bônus (Yanoulla pensou). Como Alexis sempre gostou muito de álcool, seu fígado estava mal, deste modo ele já estava predisposto a uma bactéria entrando em sua corrente sanguínea. Não havia nada que pudessem ter feito.

Yanoulla se afastou. Uma mulher livre mais uma vez e sentindo-se completamente livre de culpa. Na verdade, ela nunca esteve tão feliz.

~~

Quando suas duas filhas haviam crescido e já estavam se sustentando, Yanoulla decidiu que era hora de voltar para Chipre. Ela já tinha aguentado o suficiente o clima sombriamente molhado e frio da Inglaterra e ansiava pelos dias cheios de sol de sua terra natal. Ela agora era completamente independente. Os pais de Alexis já estavam ambos mortos e enterrados, livrando-a da obrigação de cuidar deles. Suas filhas já eram jovens que mandavam em suas próprias vidas. Tendo sido criadas em Londres, elas eram fortes e determinadas, que era exatamente como Yanoulla queria que fossem. Elas eram londrinas e estava felizes

por continuar na Inglaterra com seus amigos. Elas sabiam que sua mãe iria recebê-las de braços abertos sempre que quisessem visitá-la em Chipre. A ânsia de Yanoulla pela Ilha de Afrodite se tornou mais forte e, no início do novo século, ela fez todos os preparativos necessários para voltar. Com rostos manchados de lágrimas, suas filhas deram adeus no aeroporto de Heathrow e Yanoulla embarcou no voo da Cyprus Airways para Larnaca. Logo, em apenas quatro horas e meia, ela estaria de volta ao lugar que chamava de lar.

Agios Mamas havia mudado durante os anos que ela esteve fora. Ela notou mais ruínas, mais casas vazias e alguns rostos novos. Alguns destes recém-chegados eram cipriotas que reaproveitavam as velhas casas da família para usar como casa de fim de semana, enquanto os outros eram, em sua maioria, estrangeiros. Havia agora um mix de nacionalidades espalhados pela vila. Britânicos, escandinavos e holandeses, americanos e até um ou dois gregos.

A família de Yanoulla havia vendido sua própria casa há muito tempo para um proprietário cipriota, então ela começou a fazer perguntas por uma vazia. Ela encontrou exatamente o que estava procurando; uma casa de pedra modesta de pedra de dois quartos posicionada nos limites da vila. Ela tinha um pequeno quintal com um velho, mas funcional, forno para pães. Uma sacada sombreada ficava acima do quintal onde seria seu quarto. De um lado da casa, havia um pedaço de terra sombreado com duas amendoeiras e alguns arbustos desgrenhados que seriam perfeitos para plantar flores e alguns vegetais. Yanoulla estava encantada. Dentro de um mês depois de aceitar a proposta, ela estava novamente morando na vila onde nasceu.

Infelizmente, felicidade não era para Yanoulla. Se ela havia se sentido uma estrangeira na Inglaterra, então a vida no estreito enclave que era Agios Mamas não era muito melhor, em alguns sentidos. Yanoulla logo descobriu que quando os cipriotas se mudavam para fora para escapar do conflito ou simplesmente para tentar serem pessoas melhores, ao retornarem para casa, eles geralmente eram vistos com desconfiança e, algumas vezes, com puro ciúme. Eles, afinal, não haviam ficado e aguentado os tempos difíceis. Eles escaparam, fizeram fortunas e voltaram ostentando sua nova riqueza. Ou é assim que alguns cipriotas veem os que voltaram.

Ainda que Yanoulla só tivesse se casado com Alexia e não tenha adquirido nenhuma riqueza própria, os moradores mais velhos a olhavam de nariz em pé para essa 'charlie', essa anglo-cipriota, e eles não iriam aceitá-la inteiramente em seu meio.

Apesar de suas regulares visitas à igreja e de viver uma vida calma, ela se destacava por ser diferente. Primeiro porque ela não se vestia de preto, apesar de ser uma viúva. As mulheres mais velhas se vestiam como corvos, sibilavam e fofocavam juntas enquanto ficavam sentadas em cadeiras duras no sol de fim de tarde. Mas Yanoulla havia vivido muito tempo fora para se preocupar com o 'jeito antigo' e ela ostentava um pouco. Ela estava saboreando sua recém-descoberta liberdade e Alexis não estava mais por lá para incomodá-la.

Kristiakis achou que a nova Yanoulla era como um enigma e a sua emancipação era um pouco assustadora nesse mundo estreito. Ele preferiria observá-la a distância, mas, quase que pela primeira vez na sua vida, ele estava carente de uma companhia feminina. Todas as mulheres mais novas da vila estavam casadas e vivendo nas cidades. Ele não era proprietário de vastos pedaços de terra ou um negócio rentável que dava pilhas de dinheiro. Conforme foi ficando mais velho, ele perdeu um pouco de seu apelo juvenil que antes ele podia usar em proveito próprio.

Mas para ela, ele era perfeito. Yanoulla havia notado imediatamente que ele ainda era alto e moreno por causa das muitas horas que passava trabalhando sob o sol. Sorrateiramente olhando para seu rosto enquanto ela sentava modesta no fundo da igreja, ela ficou surpresa em perceber que seus olhos ainda eram aquelas piscinas de azul escuro nas quais ela já quis se afogar, suas pernas longas e firmes. Ela sonhava em envolvê-lo com suas próprias pernas enquanto ele a segurava em seus braços.

Sentado lá, Kristiakis sentiu seu olhar em cima dele. Ele não era tolo. Ele era solteiro e ainda com

tesão. Aqui estava uma mulher com um corpo que ainda mantinha muito de sua firmeza de quando era mais jovem. Ela provavelmente ainda estava disponível, se ele ainda conseguia ler bem seus sinais.

Dentro de alguns dias eles se tornaram amantes.

~~

Sacudindo-se mentalmente, Yanoulla saiu de seus devaneios de volta para o presente. Ela pensou que, comparada à maioria que tinha sua idade, ela tinha feito algo com sua vida, ainda que não tivesse sido uma vida muito feliz. A maioria das outras da vila nunca tinham ido mais longe que Limassol, que dirá sair da ilha. Seus dias na Inglaterra ao menos haviam aberto seus olhos para um novo mundo e, apesar de seu ódio por seu marido, ela poderia agradecê-lo por causa disso. Alexis! Morto e enterrado e nenhuma palavra foi suspirada para as autoridades suspeitarem de seu papel em sua morte. Ela se recusava a pensar naquilo como um assassinato. Ele havia sido um bastardo completo e mereceu exatamente o que teve.

Ao retornar para casa da Inglaterra, Yanoulla felizmente descobriu que Kristiakis estava livre e ela decidiu uma última tentativa com ele. Sabendo que tudo poderia dar errado, ela achou que valia a pena mais uma tentativa. Quase furtivamente, ela esperou e o observou a distância. Ela lembrava-se muito bem de toda humilhação durante aqueles terríveis festivais de verão há muito tempo. Dessa vez, ela iria manter seu orgulho. Um olhar aqui, um pequeno sorriso ali e um andar só um pouquinho mais gracioso. Finalmente, um dia, ela quase desmaiou de excitação quando ele deu o primeiro passo.

Seus dentes pareciam brilhantemente brancos contra a pele morena de seu rosto; naquela manhã, ele havia feito seu bigode pesado e antiquado que muitos homens cipriotas gostavam. Aproximando-se de Yanoulla, seu sorriso tinha sido quase o de um homem mais tímido e jovem.

As portas da sacada de Yanoulla precisavam de um ajuste; elas estavam arrastando no chão, dificultando que as fechasse a noite. Kristiakis, o faz-tudo da construção, era o homem certo para o trabalho. Houve uma conversa sobre o preço dos materiais e o tempo que seria necessário para fazer o trabalho. Houve uma negociação com relação ao preço – aqui era Ocidente, no fim das contas – e Kristiakis começou a trabalhar. Um pequeno trabalho levou a outro e, depois de alguns dias de esforços consolidados, ambos ficaram parados admirando seu trabalho. Ambos em pé no interior fresco do quarto de Yanoulla, uma coisa levou à outra na cama de lençóis brancos. Yanoulla nem esperava e nem recebeu um pedido de casamento. Além disso, ela pensou, já foi suficiente viver com um marido e, até onde sabia, Kristiakis gostava demais de sua vida de solteiro sem preocupações.

Infelizmente, o idílico arranjo dos dois foi abalado quando a tia decidiu que já era o suficiente.

“Yanoulla não é desejável como uma parceira de longo prazo para meu sobrinho”. O velho dragão que ele tinha como tia havia começado seu familiar lamento sobre bebês e casamento e a jovem, disponível para casamento, Marina.

Yanoulla mordeu os lábios ao pensar em sua última briga. Se pelo menos ele tivesse sido honesto em vez de negar tudo. Quando ele finalmente admitiu que ele estava atraído por Marina e que estava, na verdade, saindo com ela, Yanoulla ficou literalmente furiosa. O que era mais irritante, além do fato de tê-lo descoberto, era que ele continuaria a vê-la.

Eles discutiram ferozmente. “Eu sou um homem livre!”, Kristiakis repetiu.

O insulto final que ele lançou contra ela foi sua deixa para sair. “Você é velha demais para mim. Nosso caso é só um pouco de diversão e um passatempo. Nós dois gostamos um do outro pelo sexo, mas as coisas mudam. Eu tenho que seguir em frente. Eu tenho outros planos para fazer”.

Ora! Yanoulla veria isso. Velha demais e outros planos? Não se ela tivesse algo a ver com isso. Se pelo menos ele soubesse do que essa nova Yanoulla era capaz. Ela iria mostrar a ele e àquela tonta da Marina. Ela ficaria quite. Ela lembrou-se de sua citação favorita de Macbeth do ato I entre Macbeth e sua

Lady.

Macbeth havia perguntado, “*E se nós falharmos?*”

“*Falharemos? Bastará aparafusardes vossa coragem até o ponto máximo, para que não falhemos*”

Yanoulla sabia que ela tinha bastante coragem. Ela já havia assassinado e enterrado um homem com quem viveu.

~~

E agora Kristiakis também estava morto. Ele foi encontrado balançando na velha padaria. Seu pescoço estava todo ensanguentado por causa da fina corda em volta dele. Estranho como, olhando para seu corpo, desganhado e quebrado, ele não mais a fazia prisioneira.

## Capítulo 38. Amigos?

*Como vai a noite? Quase em luta com a manhã; não é noite, mas ainda não é dia.*

*Macbeth. Ato III, Cena IV*

O sol estava se pondo, mergulhando atrás das colinas secas, um xale dourado se espalhando como melaço derretido nas pontas. Uma brisa fresca vinda do sudoeste varreu da costa para os vales. Os habitantes das vilas das montanhas fecharam os olhos aliviados com a trégua do calor.

Alguns amigos estavam reunidos na cobertura da casa de Steve e Di para o pôr-do-sol. O stress e a tensão dos últimos dias estavam expostos em seus olhos e rostos. A princípio, a conversa deles era aleatória e tipicamente britânica.

“Eu realmente espero que tenhamos um pouco de chuva neste inverno, já que a ilha está precisando muito”, Jen disse, em pé assistindo aos raios de sol desaparecerem. “Ah! Obrigada, Steve”, ela virou-se para aceitar outro copo do spritzer de vinho branco com um sorriso. Como o resto deles, ela pensou que estava bebendo demais nos últimos dias e pediu um spritzer. “Um spritzer só conta como metade de álcool, certo?”, ela havia dito há uns dez minutos.

“Precisamos mesmo. As represas estão vazias e está custando para o governo, e por 'governo' quero dizer nós, uma fortuna para comprar água da Grécia”, Steve respondeu enquanto ele olhava em volta para a companhia reunida para saber se mais algum copo precisava ser renovado. “E nós todos sabemos o quão gananciosos podem ser”.

“Bom, o país tem grandes problemas financeiros. Eu não sei porque não podemos aceitar a oferta da Turquia. Eles tem galões d'água. Um simples cano saindo da ilha principal, está há um pulo de distância”, disse Bernard enquanto se servia de um punhado de castanhas de caju.

“Política, Bernard. Você sabe. Já falamos disso antes”, disse Ann se juntando à conversa.

“Maldita política. Faz perfeito sentido. Eles os tem, nós precisamos. É simples assim. E provavelmente faria nossas relações com eles melhores no longo prazo”, ele respondeu com um tom mordaz em sua voz. “Eu gosto dos turco-cipriotas e a comida deles é muito boa também”.

Todos riram ao apego de Bernard pela comida.

“Ah, não. Tem mais coisa além disso. Você se lembra da primeira vez que foi debatido. Os greco-cipriotas reclamaram que os turco-cipriotas do norte iriam conseguir mais água com o acordo do que os outros no sul. Como se fizesse diferença! Contanto que todos conseguissem água fresca, por que isso importa?”, ela respondeu franzindo o cenho para seu marido, que já estava aceitando sua quarta taça de vinho tinto.

“Ah, mas e os políticos, hein? Eles provavelmente tem uma teoria de que os turcos iriam envenenar as suas reservas. Nós todos sabemos o quanto são paranóicos com qualquer coisa turca!”. Steve riu. “De qualquer forma, chega disso. Eu não quero estragar nossa noite falando sobre malditos políticos”.

“Apoiado!”, Jenny tomou um gole e levantou seu copo. “Um brinde à isso”.

Todos se juntaram a ela.

Di olhou em volta para as pessoas que chamavam de amigos. Era bom aproveitar uma bebida ou duas. Era importante seguir em frente e juntar os pedaços de suas vidas cotidianas. Todos estavam desejando que a polícia finalmente juntasse todas as pistas e fatos. Apesar de se sentir mal com os dois

homens mortos e também por Sonja, que foi deixada sozinha, eles precisavam voltar a ter alguma normalidade. Eles haviam tentado seguir em frente, continuar com suas carreiras, ajudar com seu trabalho voluntário ou satisfazer seus passatempos. Mas tudo isso foi esporádico, ficou guardado para quando eles puderem parar de olhar por cima dos ombros e respirar aliviados.

“Eu acho que todos precisávamos disso. Uma reunião, quero dizer. Depois de tudo que aconteceu nos últimos dias. Eu sinto muito que Sonja não se sentiu a vontade para se juntar a nós essa noite. Eu fui até a casa dela, mas ela não queria vir. Eu sei que todos entendem como ela está se sentindo, mas poderia ter feito bem para ela saber que estamos pensando nela e que, de fato, nos importamos”.

Todos concordaram, um ou outro fizeram seus comentários. Eles também tentaram fazer contato com ela, mas ela foi relutante e inflexível, ela queria ficar sozinha. Ofertas de ajuda e para jantar foram todas recusadas. Ela precisava ficar sozinha para pensar o que iria fazer da sua vida.

“Alguém falou com Yanoulla? Ela deve estar se sentindo muito mal também. Kristiakis era o amor de sua vida”, questionou Ann enquanto em volta para o pessoal reunido.

Diana acenou. “Sim, eu falei. Eu falei com ela essa manhã no estacionamento. Ela não disse muita coisa e parecia lúgubre. Ela disse que iria ficar com um primo em Limassol por alguns dias. Eu dei o número do meu celular para ela, caso ela precise”. Ela parecia pensativa.

“Eu ouvi dizer que visitou Alicia. Como ela está?”, Pete perguntou, fazendo uma pausa em seu trabalho de passar uma bandeja cheia de saborosos canapés.

“Hmm. Um pouco mais magra que o normal e ela parece ter envelhecido, além de parecer fraca e cansada”. Diana de repente decidiu que não queria mais responder as perguntas. Ela mesma se sentia cansada e fraca. Ainda assim, ela sabia que a conversa iria tratar basicamente das duas mortes.

“Ela ainda diz que deixou Leslie vivo. Ela estava furiosa com ele e queria ensiná-lo uma lição”. Um pensamento ocorreu a Di enquanto ela deixava a conversa correr a sua volta. Por que Alicia *estava* tão furiosa com Leslie? O que ele havia feito? Tudo isso tinha a ver com seu livro negro?

“Humpf! Deixando ele com uma perna quebrada? Que lição”, disse Ann.

“Eu não tenho certeza de que a polícia não pode detê-la por causa disso”, Bernard refletiu.

“Foi exatamente o que eu disse a Di quando ela voltou para casa depois de vê-la. E com Kristiakis morto agora, parece que ele saiu de cena. Ou talvez o assassino queira que pensemos que Kristiakis cometeu o crime e depois se matou por culpa”.

Houve alguns oohs e aahs quando esse pedaço de informação fez sentido para todos. Ninguém havia pensado nisso. Tudo estava ficando muito enrolado.

“Voltando para Sonja, eu a vi hoje”, Ann disse. “Eu não acho que ela ficou particularmente feliz em me ver, mas eu tinha que fazer a minha parte e saber se ela estava bem. Você sabe, tendo que lidar com tudo. Uma coisa que eu aprendi foi que seu enteado Thomas a visitou e a deixou em um estado...”

“Ah, e por que isso?”, as orelhas de Diana se empertigaram com essa última notícia.

“Bom, surpreendentemente, quando ela começou a falar, não conseguiu mais parar. Foi como um trem deixando a fumaça sair. Ela disse que Leslie havia deixado tudo, exceto a casa nova, para seus dois filhos. Sonja terá a casa e mais nada. Leslie mudou seu testamento há um mês, mais ou menos”.

Houve um pequeno silêncio enquanto todos digeriam a informação.

Jen finalmente falou. “Mas ele quase nunca os via. Quero dizer, é bom que tenha feito isso, mas eu me pergunto o motivo para ter mudado”.

“Eu não sei, culpa, talvez? Tudo que Sonja disse é que ela os veria assim que ele tivesse uma morte natural. Ela diz que eles sempre a compreenderam mal. Ele a chamam de 'bruxa de Leslie', mas ela não os odeia. Ela simplesmente os ignorou porque não se sente a vontade com crianças de forma alguma. Ela nunca quis filhos e a questão nunca foi levantada. Leslie fez uma vasectomia assim que seus filhos nasceram”.

Algumas sobranceiras se ergueram com essa revelação. A maioria conhecia Sonja e Leslie há anos

e ela nunca havia mencionado que ela era mal compreendida antes ou que Leslie era estéril.

“Bom, não é da nossa conta quem fica com seu dinheiro”, Pete disse.

“Sorte para alguns que ele teve dinheiro para deixar para seus herdeiros”, Bernard respondeu com certa amargura como se estivesse se lembrando de seus negócios mal fadados com Leslie no passado. Todos os presentes sabiam do que aconteceu com Bernard e Jen e o negócio de Leslie e seu comentário obviamente fez com que um ou dois se mexessem desconfortáveis em seus assentos.

Diana decidiu que havia ouvido o suficiente. Apesar de suas descobertas de mais cedo, quase ninguém que conheceu Leslie tinha um álibi a prova d'água. Ela não queria revelar nada do que ela descobriu recentemente. Ela certamente não iria contar a ninguém que o livro de segredos de Leslie estava com ela. Nem o que ela e Steve suspeitavam sobre as roupas de Alicia ou sobre as terríveis lacerações tanto no pescoço de Leslie quanto no de Kristiakis.

Quando Kristiakis foi encontrado morto, ela e Steve haviam corrido para ver e um detalhe chamou atenção.

*Ninguém mais* além dela, Steve, a polícia e o assassino sabiam que *ambos* haviam morrido com o que parecia ser o corte cruel de uma faca. Apesar da corda em volta do pescoço de Kristiakis, não foi isso que o matou. À primeira vista, parecia que a corda havia cortado cruelmente sua pele durante a asfixia. Na verdade, o assassino havia encoberto a verdadeira causa da morte com o enforcamento *post mortem*.

Como Leslie, Kristiakis foi morto pelo corte em sua artéria carótida. Esse assassino era um degolador.

## Capítulo 39. Todos assassinos? De volta ao domingo, 29

*Pela picada de meus polegares, sinto que daqui um maldito se aproxima.*

*Macbeth. Ato IV, Cena I*

Quando ele foi violentamente empurrado em da ponta do penhasco por Alicia naquele fatídico domingo, Leslie tentou recuperar seu equilíbrio em vão. Sentindo a terra se desfazer sob seus pés conforme o limite do precipício começava a ceder, Leslie se esticou para segurá-la pelo braço. Mas Alicia deu um passo para trás e seus braços de balançaram em vão enquanto ele caía penhasco abaixo. Caindo, Leslie deu um grito de medo que se transformou em um grito de pânico quando ele bateu nos arbustos cujos espinhos rasgaram sua pele. Finalmente, ele havia chegado ao fundo.

Uma dor aguda saiu de sua perna até sua coluna. Um grunhido escapou de seus lábios cortado e, a princípio, ele não estava ciente do que havia acontecido. Conforme a névoa retrocedia, ele descobriu que estava deitado no chão. Ele fez um movimento e a terrível dor mais uma vez o cortou, o fazendo quase vomitar com a náusea. A parte de trás de sua cabeça estava com uma sensação de algo gosmento e ele descobriu sangue quente correndo até seu pescoço. Sua língua latejava onde ele havia mordido. Tentando mover-se e arriscado uma olhada, ele viu a posição estranha na qual sua perna esquerda estava quebrada. Ele não conseguia se mexer. Não sem ajuda. A dor agonizante o inundou e ele tremia com o choque. Ele sabia que para continuar vivo, ele tinha que continuar acordado de algum jeito. Ele virou sua cabeça e deixou seus olhos se focarem no que havia ao seu redor.

Ele ouviu um barulho; uma voz chamando seu nome. Vagamente ele se recordava de que estava com alguém, mas não conseguia se lembrar com quem ou mesmo onde estava. A voz chamou de novo. Uma mulher! Alicia! Fraco e debilitado, ele tentou responder para que ela soubesse que ainda estava vivo.

“Alicia. Eu – eu não consigo mexer minha perna”. Ele esperou por alguma respostas e quando não recebeu nenhuma, ele juntou mais energia para tentar de novo. “Alicia! Aqui!”

“Aguente aí, vou descer!”

Pelo que pareceram horas, ele esperou, até que um fraco farfalhar nos arbustos próximos o fez saber que ela finalmente havia chegado até ele. A onda de alívio dissipou-se conforme a escuridão o envolvia.

“Leslie! Olhe para mim! Você está acordado? Onde está o livro de memórias? Eu o quero antes de te ajudar. Acorde!”

~~

O Leslie inconsciente estava mortalmente quieto. Alicia começou a procurar desesperadamente pelo objeto que queria. Ainda pensando sobre o que ele disse, ela primeiro encontraria o livro e então decidiria o que fazer. De *jeito nenhum* ela iria ajudá-lo. Nunca. Suas palavras cruéis haviam selado seu destino.

~~

Tony havia testemunhado a cena inteira boquiaberto. Quando Leslie caiu do penhasco, Tony sentiu um tremor de excitação correr por ele e mal podia se conter enquanto seguia os movimentos de Alicia para

baixo do penhasco. Suas entranhas pareciam que iam ceder a qualquer minuto. Esperando, escondido no topo de uma saliência, ele não podia mais ouvir a voz fraca de Leslie. Tonto de excitação e ansioso, Tony hesitou pensando se deveria ou não descer e ver com seus próprios olhos. Ver se Leslie estava morto. Se estivesse, e ele rezava fervorosamente para que fosse verdade, então Alicia havia feito o trabalho por ele. Se esse fosse o caso, então era o melhor final que ele poderia esperar. Ele não teria que sujar suas próprias mãos.

~~

Kristiakis subiu pela parte baixo do vale e ziguezagueou colina acima até onde pensava que Leslie estava deitado. Ele demorou muito mais tempo para chegar ao lugar certo do que pensou no início. Os arbustos espinhentos de acácias o fizeram refazer seus passos mais de uma vez. Agora, aproximando-se de seu velho inimigo, ele não conseguiu impedir um sentimento de júbilo. Ele esperou por tanto tempo por esse momento! Era sua única chance de retribuir quando ele viu que Alicia o havia cedido os meios para dar cabo à última solução.

Exterminar o velho bastardo.

~~

Antígona afundou-se no chão tremendo. Ao longo dos anos, ela esperou que um momento como esse acontecesse. Agora, com a cena exposta abaixo dela, ela se perguntava se teria a força de vontade, a determinação para continuar com seu plano. Ela se doía para se vingar. Ela poderia fazer isso? Determinada, ela se levantou. Uma calma gelada desceu sobre ela, encheu suas veias, sua mente, seu coração. Pela primeira vez em anos, ela tinha a cabeça clara. Ela havia perdido toda a confusão e o familiar sentimento de isolamento enquanto, pegando sua bolsa e a passando pelo seu ombro, ela começou a descer.

## Capítulo 40. Um Segredo Sombrio

*Oh! Está muito bem! Apoio seu trabalho que receberá recompensa nos lucros.*

*Macbeth. Ato IV, Cena I*

Pela primeira vez em meses, o céu não estava com a cor usual de azul que todos esperavam. Nuvens finas vestiam o sol como um xale pérfido.

Diana estava se sentindo inquieta. Ela sofreu com uma noite perturbada. Estava quente e abafado em seu quarto e quando ela abriu a janela completamente para um pouco mais de ar, os mosquitos pareciam um drone invadindo seu quarto e quase a deixaram louca. Eventualmente, sabendo que o sono a evitaria, ela desceu as escadas, colocou um copo de água gelada da geladeira e foi para o terraço escuro.

Uma brisa passou seu seu refúgio iluminado pela lua. Ele fez o cabelo molhado em sua nuca se arrepiar. Aliviada, ela inclinou a cabeça em direção a brisa fresca. A brisa poderia indicar a vinda do outono e as boas vindas à doce chuva. Depois de cinco meses de calor escaldante, todos na ilha iriam dar as boas vindas à chuva. Quando o tempo esfriava, tudo mudava. Plantas adquiriam nova vida espalhando brotos e flores. Animais e humanos encontravam energia renovada.

Steve pensaria mais em seu negócio na Inglaterra e Diana finalmente iria continuar com seu novo livro. Ela teve dificuldades em estabelecer uma rotina nos últimos dias. Recusando-se a admitir que estava passando por um bloqueio criativo (ela não acreditava nisso), ela dizia que chegou em um hiatus nos últimos capítulos. Sua saúde também a estava preocupando. Com a promessa de um clima mais fresco, ela resolveu se dedicar ao trabalho e terminar o livro. Na verdade, ela poderia trabalhar um pouco nele agora. A hora era perfeita. Fresco, calmo e pacífico, sem interrupções.

~~

Diana trabalhou duramente até a manhã. Apesar de ter começado cedo, ela não se sentia nem um pouco cansada. Em vez disso, ela se sentindo repleta de energia não utilizada e sabia que precisava deixar seu lápis de lado agora e sair para pegar um pouco de ar fresco. Ela geralmente achava que uma caminhada até a vila era o melhor remédio. Espiar os jardins e quintais coloridos das pedras cor de mel era sempre relaxante. Olhando para seu relógio, ela descobriu que ainda tinha mais ou menos uma hora até precisar preparar o almoço.

Ela foi procurar seu marido e o encontrou na mesa da cozinha. Steve estava profundamente absorto em tentar decifrar o pequeno livro negro de Leslie que ele não quis acompanhá-la.

“Eu consegui!”, ele exclamou. “Eu quebrei o código. É um muito simples. De qualquer forma, olhe, você vai andando. Eu quero terminá-lo completamente hoje”, seu rosto estava vermelho de excitação.

“E as entradas que faltam? O que querem dizer?”, ela perguntou espiando por sobre seu ombro.

“Whoa! Deixe-me terminar antes de te contar. Eu prefiro ter todos os fatos”. Com um sorriso e um beijo ela a disse para sair, dar uma boa caminhada e eles o discutiriam no almoço. “Com sorte, terei a história completa para você quando voltar”.

~~

Passando pelo Kafeneio da vila, Di acenou para seu dono e falou um animado *kalimera*. Yiannis estava observando uma de suas filhas mais novas enquanto ela varria o chão da cafeteria. Normalmente, Di teria parado para perguntar como estavam ele e sua família, mas esta manhã ela estava interessada em fazer um exercício sem ser interrompida e para levar ar fresco para seus pulmões. Ela passou pelo café-bar favorito deles na vila, o *Magic Teapot*, dirigido por um casal de Guildford, Roy e Geraldine. Eles passaram as últimas semanas na Inglaterra celebrando o nascimento de seu último neto. Era bom vê-los de volta em Agios Mamas. Eles estavam com as janelas do bar completamente abertas para arejar o lugar e estava muito ocupados colocando as mesas e cadeiras para o happy hour daquela noite. Os terríveis eventos haviam passado despercebidos por eles enquanto estavam na Inglaterra e Diana os invejava. Ela queria estar longe para ter perdido as mortes aterradoras. Ela sabia que não demoraria até ter que contar os detalhes para eles. Mas não hoje e, sentindo-se um pouco covarde, ela silenciosamente refez seu caminho de volta para a rua que tinha vindo e pegou uma rota em volta dos limites mais desertos da vila. Ela estava gostando de sua própria companhia, sem ninguém para falar das duas mortes. Ela precisava desse tempo sozinha.

O caminho que ela seguiu era o usual de paralelepípedos. Era precário em alguns lugares e Di se perguntou como mais pessoas não sofriam com lesões. Profundamente concentrada, ela esbarrou em Antígona que estava saindo de seu quintal. A aparição repentina de Antígona assustou Diana e a tirou de seus devaneios. Enquanto Di se recuperava da surpresa, ela deu uma boa olhada na mulher que tinha acabado de perder seu irmão supostamente em um suicídio.

Antígona parecia diferente. A princípio, Di não conseguia ver, mas então ela percebeu. Não somente ela estava usando roupas, como também seu cabelo estava penteado e puxado para longe de seu rosto em um tipo de trança. Pela primeira vez desde que conheceu Antígona, ela também não cheirava tanto como cabras como era comum. Ela deve ter tomado um banho. Diana notou os belos olhos da mulher. Sem a sujeira entranhada, Di podia ver que ela devia ter sido muito bonita quando mais jovem.

É claro que um banho somente não removia anos de sujeira, mas era um começo e Di sentiu a agitação de um mistério. Por que ela se arrumou? Se muito, Di esperava que ela estivesse chocada e angustiada por ter perdido seu parente mais próximo.

A maioria das mulheres cipriotas se lamentariam, passariam horas em seus joelhos e vestiriam preto. Não a bela saia azul escura e a blusa branca que Antígona estava vestindo. Ela completou seu novo look com uma corrente dourada que estava quase escondida sob sua blusa.

Talvez Steve estivesse certo. Ela era completamente esquisita e não havia registrado o que tinha acontecido com seu irmão. Era plausível; ela não tinha ideia de que Kristiakis estava morto.

Diana sorriu para ela e a perguntou como estava. Ela ficou muito surpresa de ver Antígona sorrir de volta. Ela pegou seu braço e indicou para Di segui-la para dentro de seu quintal. A mulher cipriota agitou-se. Expulsando algumas galinhas de perto de seus pés, ela tirou uma cesta de amêndoas de cima de uma cadeira.

“Por favor. Sente-se. Você gostaria de café? Não?”, ela perguntou. Ela lançou a Di um olhar de quem sabe das coisas. “Talvez não queria café no momento? Talvez um pouco de leite ou água?”

Recentemente, Diana não estava bebendo muito café. Ela sempre o deixava ficar frio demais para beber e não conseguia saber o porquê. Entretanto, pensar em leite de cabra morno fez seu estômago dar uma pirueta involuntária.

“Água está ótimo, por favor”, ela disse em resposta, surpresa com o comentário intuitivo de Antígona.

Ela sentou-se na sombra da árvore de romã, suas folhas farfalhando na brisa. A árvore dominava o quintal. As suas frutas estavam penduradas como orbes dourados em seus galhos. Havia uma grande coleção de plantas agrupadas nas paredes. Velhas latas e vasilhas de plástico continham gerânios, cheirosas folhas de manjeriço, sala com folhas em caracóis e pequenos arbustos com um hibisco ou

dois. Uma buganvília vermelha escuro corria para cima pela parede da casa e subia pelo telhado. Era simples, sem muito arranjo e bem adorável.

Diana bocejou. A noite quebrada estava finalmente a alcançando. Ela se sentiu relaxada e sonolenta sob os raios de sol mornos que eram filtrados pelas variações de verde. Ela estava feliz com o progresso de seus livros. Ela havia decidido logo cedo quem seria o assassino. A princípio, Diana estava incomodada. Ela havia tentado dois personagens. Um era inescrupuloso e cruel. E então ficou óbvio para ela.

Logo quando ela estava correndo o risco de cochilar, Antígona reapareceu carregando uma bandeja de alumínio, dois copos para a água e um pequeno prato contendo uns pedaços bastante doces e melados de bolo. Diana sabia que não devia, mas ela pegou um de qualquer forma e achou que estava delicioso. Um segundo seria muito difícil de resistir. Elas mordiscaram seus bolos e beberam sua água, nenhuma das duas falava. Diana sentiu como se não precisasse. Ela estava completamente em paz.

Terminando sua água e bolo, Antígona a pediu para entrar.

“Eu tenho algo para você”, ela disse. Sem a menor hesitação, Di a seguiu.

Apesar do dia ensolarado, dentro da casa havia uma sensação de umidade e escuridão. Ela era composta por um único cômodo com duas pequenas janelas para luz. Colocadas embaixo da janela, havia uma mesa com duas cadeiras, enquanto que de um lado estava um armário meio raquítico de madeira. Pendurada pelo teto estava uma cesta contendo um pedaço de pão e algumas maçãs. Embaixo desta, havia um gaveteiro de metal coberto com uma rede para manter as moscas longe da comida. Um pequeno jarro de barro estava apoiado na parede. No canto oposto, havia um sofá-cama baixo, bem arrumado com lençóis velhos e bastante usados de linho. Um velho e maltratado baú estava ao pé da cama. Diana supôs que guardava as roupas de Antígona.

Diana observou a simplicidade do lugar. Era espartano e primitivo. Em uma mesa havia uma vasilha contendo uma mistura coalhada e em uma tábua um quadrado de um queijo endurecido, já seco e curado. O lugar inteiro cheirava a cabra e Diana não conseguiu deixar de se sentir dominada pelo cheiro forte.

Antígona viu o interesse de Diana e perguntou se ela gostaria de provar um pouco do queijo. Ela pegou uma faca grande e pesada de dentro de uma gaveta sob a mesa e começou a cortar o queijo.

“Parece difícil”, Di disse observando Antígona. Ela estava tendo muito trabalho com a faca

“Sim. A faca está muito cega; eu preciso afiá-la. Eu tenho algo melhor, fio para cortar queijo”.

Colocando a faca na mesa, Antígona andou até o armário na parede. Ela retornou com um fio fino com cabos de madeira presas em cada ponta. Ela colocou o fio sobre o queijo e o cortou com ele. Cortando um pequeno pedaço, ela fez um gesto para indicar que Di se servisse. Di pegou um pequeno pedaço e o achou delicioso. Firme, com sabor de nozes, não era muito diferente do Parmesão italiano.

“Isso é maravilhoso”.

Obviamente satisfeita, Antígona cortou um pedaço maior. “Eu te dou um pouco para sua casa”. Diana tentou negar sua oferta generosa, mas Antígona insistiu. “Sim, sim. Você precisa. É bom para você”.

Diana se sentiu envergonhada de levar o ganha-pão de Antígona. Ela sabia que se oferecesse pagar, Antígona ficaria ofendida. No fim, ela ficou com uma pequena porção que Antígona embrulhou em um pequeno quadrado de tecido que parecia musseline. Diana estava encantada. Algumas vezes os moradores eram tão gentis em suas ofertas.

“Muito obrigada, Antígona. Agora eu realmente preciso ir. Tenho que ir para casa fazer o almoço. Steve deve estar faminto”. Elas riram juntas. Antígona não entendia todas as palavras em inglês que Diana usava, mas o grego de Di era patético. Entretanto, com gestos e paciência, elas finalmente entenderam o que a outra queria dizer.

Antígona pareceu relutante em deixar Diana sair. “Eu ainda tenho algo para você”.

Pegando algo embaixo da cama, ela removeu uma pequena cesta de uma caixa de pinheiro. Eram

dois fechos que pareciam sapos. Desfazendo o fecho, Antígona levantou a tampa para revelar seu conteúdo. Diana estava fascinada.

Embaixo de uma camada de papel amarelo envelhecido, aninhadas no cesto estavam uma variedade de roupas de bebê.

“Antígona, de quem são essas?”, Di perguntou confusa. Até onde ela sabia, Antígona nunca havia se casado nem teve filhos. Além disso, elas pareciam novas e não usadas.

“Para você. São roupas de bebê”.

“Roupas de bebê, para *mim*? Por que eu iria querer roupas de bebê?”, Di gaguejou rindo constrangida. Antígona a confundia às vezes.

Abaixando a pequena roupa, Antígona virou-se para encará-la. Mais baixa que Diana em altura, ela olhou para a outra, um sorriso brincando em seus lábios. “Para você e bebê”.

“Mas eu não tenho um bebê”.

Antígona riu alto, uma risada profunda. Ela parecia satisfeita em ter surpreendido Diana.

“Logo, no início do próximo ano! Então compartilhamos”.

“O que?”. Diana parecia perplexa. A mulher estava completamente louca? Compartilhar o que? Diana não sabia o que dizer. Antígona, apesar de estar com aparência mais arrumada, estava claramente sofrendo com algum trauma por causa da morte de Kristiakis.

“Olha, Antígona, eu tenho certeza de que está chateada com a morte de Kristiakis...”, ela não chegou a terminar, já que Antígona lhe deu um olhar de aviso. Seus olhos brilharam e ela segurou Diana pelo pulso. Sua pegada era surpreendentemente forte para uma mulher e Diana estava um pouco desconcertada de se encontrar sendo presa em um aperto tão forte.

“Não, não. Não tem nada a ver com ele. Eu te dou as roupas do meu bebê”.

Ainda confusa com o enxoval e gentilmente tirando seus dedos de seu pulso, Diana mais uma vez perguntou das roupas.

“Antígona, por que você tem essas coisas de bebê? De quem são elas?”

“Minha bebê, ela não cresce mais. Ela agora é...”, ela esforçou-se para lembrar da palavra frustrada. “Ela agora é uma santa”.

Perplexidade foi substituída por um pensamento sombrio que se espalhou por Diana quando ela repetiu as palavras para si mesma. Ela realmente esperava e rezava para que tivesse entendido errado o que Antígona estava dizendo.

“*Minha bebê, ela não cresce mais. Ela é uma santa*”.

Ela quis dizer isso metaforicamente.

Sentindo o cabelo em sua nuca se arrepiar, Di congelou ao compreender.

## Capítulo 41. Vergonhas passadas

*Dedo de criança estrangulada ao nascer e jogada pela mãe em um fosso.*

*Macbeth. Ato IV, Cena I*

Steve estava abalado. Lendo o que ele havia decifrado naquela manhã, seus sentimentos passaram de raiva para desgosto. Ninguém havia conhecido Leslie verdadeiramente. Todas as insinuações e histórias meio sussurradas eram verdade e mais ainda. Alguém poderia ser tão asqueroso e viver em uma comunidade tão pequena? *E* conseguir se dar bem com tudo aquilo?

Com os lábios brancos de raiva, Steve passou os olhos por suas notas. Leslie tinha sido excessivamente esperto ao enganar Bernard e chantagear Tony. Se o que Steve descobriu fosse verdade, então Leslie tinha conseguido um bom dinheiro as custas deles. Lendo a entrada que era intitulada, *Tilly, a foda perfeita*, Leslie tinha descrito graficamente seu tempo juntos. Alicia era tratada com a linguagem mais ofensiva imaginável quando ele a acusou de *infaticídio*! Chocante! E mesmo sua esposa Sonja não havia escapado de sua terrível difamação. Ele acabou com alguns cipriotas da vila, entre eles Kristiakis e Yanoulla. Karl ele acusou de ser um covarde afeminado durante seu tempo no exército.

Steve deixou o livro na mesa. De cara, Leslie parecia o perfeito, com boa lábia cavalheiro inglês. Ele e Diana não o conheciam bem; eles não eram muito ligados em fofocas, preferindo tirar suas próprias conclusões. Como eles estavam errados. O homem era um absoluto bastardo! Não. Ele era muito mais que isso.

Passando o olho pela letra de Leslie, Steve descobriu que ele não somente fez a vida de todos da vila miserável, como também que sua maldade já vinha de anos e anos. Havia mais de trinta nomes escritos ali. Os primeiros eram do fim dos anos sessenta. Leslie tinha sido um completo bastardo pela maior parte de sua vida! Steve só conseguia sentar lá e se perguntar o porquê de ele não ter sido assassinado muito antes. Era quase como ler um romance de Agatha Christie. Qual era aquele no qual um punhado de pessoas se revezava para esfaquear a vítima? Era o *'Assassinato no Expresso Oriente'* ou o *'Morte no Nilo'*? Diana saberia.

Steve precisava compartilhar suas informações repugnantes com alguém. Sua esposa era a única em quem ele poderia realmente confiar. Ela esteve envolvida nisso desde o início e merecia saber de tudo. Ela estava certa em muitas pistas. E mais, por causa do que ele tinha acabado descobrir, ela *precisava* saber de tudo. Ele se perguntava se ela iria acreditar nele quando ele a contasse suas suspeitas. Ele precisava fazer com que Di chegasse em casa o mais cedo possível. Ele também precisava ligar para a polícia.

Olhando para seu relógio, ele viu que a hora estava se aproximando de meio-dia e meia. Diana tinha saído para um exercício para clarear a cabeça. Ela estava acordada desde as quatro da manhã escrevendo seus capítulos finais. Até agora ele não tinha lido nenhum deles.

Decidindo ligar para ela, ele pressionou a discagem rápida para seu número de telefone, esperou e sacudiu a cabeça irritado quando a voz gravada disse que o número não estava disponível. *Onde* ela estava? Havia boa conexão em quase todos os lugares da vila. Os únicos lugares onde o telefone não funcionava eram embaixo de vigas muito grossas e do lado de fora da vila, como no vale do rio. Certamente, ela não teria ido tão longe naquela manhã, teria?

Steve esperou um pouco e então ligou de volta. A voz gravada de novo. Agora já era quase uma hora. O que ela estava fazendo? Preocupado, ele olhou para fora da janela. O ar parecia opressivo. Acima das Montanhas Troodos, grandes nuvens negras estavam se juntando acesas pelo primeiro lampejo de um raio. Parecia que estavam se preparando para uma monstruosa tempestade. Com um olho em seu relógio e pegando duas jaquetas à prova d'água dos ganchos na parede, Steve decidiu ir atrás dela.

Steve fez uma pequena volta na vila, refazendo a rota favorita de Diana. Ele passou pelo *Magic Teapot* só parando para perguntar se tinham visto Diana naquela manhã. Geraldine respondeu que ela a viu à distância perto da velha casa de Antígona. Ocupada esvaziando o lava-louças e recolocando os copos limpos nas prateleiras, Geraldine parou quando pensou.

“Você não é o único procurando por ela. Alicia passou por aqui perguntando a mesma coisa. Ela parecia estar um pouco com pressa e não ficou para conversar. Ela não muda, não é? Parecendo sempre ter extrema discrição e sempre usando aquelas mesmas roupas estranhas e carregando aquela velha bolsa de couro. Me faz pensar o que tem dentro dela”. Ela parou para esfregar um copo com uma manchinha.

“Agora, mudando de assunto, não se esqueça de que hoje é uma noite muito especial aqui. George, nosso guitarrista favorito da Inglaterra, está aqui e vai dar um show grátis começando as oito e meia. Você vai precisar chegar cedo se quiser uma boa mesa. Vamos fazer kebabs de frango e salada por seis euros, se estiver com um pouco de fome! Vai ser uma boa noite”, ela disse dando um grande sorriso. “Venha mesmo. Roy e eu estamos morrendo de vontade de ouvir o que aconteceu enquanto estávamos na Inglaterra! E eu pensei que essa era uma vila tão *calma*”,

Steve acenou e concordou que estariam lá. Ele mal absorveu o que ela tinha dito. Ele começou a se sentir inquieto com os pensamentos que giravam em sua cabeça. Di deveria ter notado a mudança no tempo. Ela deveria ter voltado já. Por que Alicia estava procurando por ela? O que ela poderia ter a dizer para Diana? Ele pensou que ela já tinha dito o suficiente quando Di a visitou recentemente. Ela havia voltado para casa chateada. *A não ser que* tivesse a ver com a visita de Di. Steve empalideceu.

Ele aumentou o ritmo indo na direção da casa de Antígona. O portão estava entreaberto, mas a porta da casa estava fechada. Um raio cortou o céu acima das colinas. Ele hesitou apenas por um momento antes de entrar no quintal e bater na porta. Não houve resposta, mas sua batida havia movido a porta e ela se abriu rangendo. Ele colocou a cabeça para dentro e disse oi. Não houve resposta. Ele deu uma olhada em volta do cômodo e estremeceu com a escassez do lugar. Tinha um cheiro de mofo com ar de desalento em volta. Em cima da mesa estava um casaquinho de lã e um xale de tricô branco. Ele rapidamente deixou a casa vazia de lado e voltou para a rua. Ele tentaria de novo o telefone de Di, pensou. O telefone tocou e tocou. Ele estava prestes a desistir quando houve uma resposta fraca.

“Steve!”

“Di! Onde está?”

“Perto da velha casa, você sabe, perto do rio. Estamos quase lá”.

“*Estamos?* Quem está com você? Di, você pode voltar agora?”, um tom de pânico invadiu sua voz.

“Não, não estou com Alicia”.

Com um lampejo de alívio, Steve a interrompeu antes de ela poder dizer algo a mais. “Ótimo. Ela está procurando por você. Escute. Eu decifrei o que sobrava do livro”.

“Ótimo. Podemos falar disso quando eu voltar? Eu provavelmente não vou demorar, já que já estamos quase lá”.

“OUÇA!”, ele gritou. “Se Alicia aparecer, eu não a quero perto de você”.

“Por que?”, ela soava atenta.

“Por causa do que eu acabei de ler! Estou convencido de que ela asfixiou Leslie com seu Punjab Lasso. Leslie não foi morto com uma faca. Ele foi estrangulado e eu tenho certeza que ela fez isso. E mais, eu acho que fez o mesmo com Kristiakis. Depois ela encobriu fazendo parecer que ele se enforcou. O que nós lemosno outro dia naquele livro que estava usando para pesquisa? *Que um assassino pode*

*encobrir um estrangulamento com um enforcamento post mortem.* Ela é muito perigosa e ela sabe que *você sabe sobre o lasso.* Você disse que ela não quis falar dele. Leslie tem algumas coisas terríveis a dizer sobre sua vida de antes em seu livro. Por favor, volte para casa agora antes que ela te encontre. Você corre grande perigo”, ele implorou.

“Querido, eu estou bem, mesmo. Alicia não está nem perto daqui. Além disso, não estou sozinha. Antígona está aqui comigo”.

Isso estava ficando um pouco insano. O que sua esposa estava fazendo andando pelo campo com a pastora e queijeira meio retardada?

“Eu não me importo com quem está com você. Eu quero você de volta aqui. Eu vou atrás de você”, ele disse firmemente.

“Por favor, não é necessário. Eu estou bem. Olhe, não se preocupe. Eu não vou deixar Alicia chegar perto de mim. Eu tenho certeza de que Antígona volta comigo se eu pedir a ela”.

“Eu só quero você aqui comigo. Além disso, você ainda não sabe do resto. Você sabia que Antígona e...” O telefone chiou quando perdeu o sinal. Exclamando alto e xingando em desagrado, Steve tentou discar o número de novo, mas Di deve ter continuado a andar pela área perto da parte baixa do vale. Com alarme renovado, Steve começou a correr pelo caminho de pedras soltas.

~~

Fazendo uma curva na trilha, a casa se elevava ativa na frente de Diana e Antígona. Elas se aproximaram das paredes em ruínas do lado de fora no momento em que um grande raio cortou o céu seguido por um poderoso trovão. Diana sobressaltou-se de medo do barulho ensurdecido, mas Antígona parecia não estar preocupada com a tempestade iminente.

Houve um outro clarão e um enorme barulho de trovão. O ar parecia pesado e inchado com a promessa de aguaceiro.

Entrando na casa, Diana seguiu Antígona. Di experimentou uma sensação estranha repentina, quase como se ela estivesse entrando em um outro mundo. O ar ficou mais suave, fresco e quase tangível. A tempestade que se aproximava lá fora desvaneceu para um baixo rosnado que quase não era notável.

Diana olhou em volta do lugar cheio de sombras; não podia ser descrito como um cômodo, já que a maior parte do teto havia caído dentro dele. Sujeira e escombros estavam por todos os lados. Antígona pisou por cima dos escombros até um dos cantos. Agachando-se, ela começou a tirar algumas das pedras soltas e da terra do chão. Ela parou e acenou para que Diana se juntasse a ela. Conforme Diana se aproximava do lugar onde ela estava, ela viu algo que parecia ser a porta de um alçapão. Apesar do aviso de Steve sobre Alicia e de ter pedido para voltar para ele, Diana se sentiu puxada para aquele lugar. Ela estava intrigada e queria desesperadamente saber que segredo Antígona estava querendo revelar. Ela observou enquanto Antígona se ajoelhou e pegou um dos pequenos anéis enferrujados que estavam presos à porta e puxou.

Diana deu um passo hesitante para frente quando um novo clarão iluminou o céu.

Um cheiro seco de animal mofado chegou a seu nariz quando ela se inclinou para frente. Imediatamente, Diana pensou em ratos e camundongos. A abertura era pequena, mas grande o suficiente para uma pessoa entrar e a luz natural era suficiente para Diana enxergar um lance de quatro ou cinco degraus estreitos e brutos que levavam à pequena sala. Estava vazia, exceto por uma caixa de madeira oblonga de mais ou menos meio metro de comprimento. A caixa bruta parecia conter areia e um pequeno embrulho de panos velhos.

“*Ella.Venha*”, Antígona disse fazendo sinal para que a outra descesse as escadas e se juntasse a ela no espaço embaixo.

Diana sentiu seu coração acelerar.

Apesar de estar completamente curiosa, Diana havia assistido à filmes de terror e à série The X-Files suficientemente para saber que *ninguém* deve descer um lance de escadas para dentro de um porão, especialmente se não tiver luz elétrica. Permanecendo onde estar na parte de cima, ela viu Antígona descer mais ainda.

“Venha, venha”, ela repetiu com agitação e mexendo o braço.

“Não. *Endaxi*. Estou bem aqui. O que você quer me mostrar?”

Como resposta, Antígona pegou o embrulho de panos velhos de dentro da caixa e desembulhou um dos lados. Quando ela o fez, um grande clarão acendeu a sala e Diana reparou o olhar de completo arrebatamento em seu rosto. Um estrondoso trovão sacudiu as paredes, o som reverberando pela casa.

“Veja! Santa Maria”. Antígona orgulhosamente segurou o embrulho na direção de Diana para sua aprovação.

Olhando para baixo, Diana prendeu a respiração horrorizada. Aninhada enfaixada nos panos, ela viu um rostinho seco e enrugado, uma múmia; pele e carne atrofiadas, mas preservadas. Recolhendo-se com o choque, Diana deu um passo para trás e escorregou nos entulhos sob seus pés. Ela sentiu-se ficar quente e gelada, sua pele pegajosa e seu coração acelerado em seu peito. Encontrando dificuldade para respirar, ela esforçou-se para recuperar o controle e uma ânsia de vômito quente e amarga subiu pela sua garganta. Ela empalideceu e virou-se para o outro lado. A coisa toda era macabra.

Eu corpo gradualmente acalmou-se enquanto os pensamentos corriam por sua cabeça. Antígona tinha um *bebê* em seus braços, se você pudesse chamar recém-nascido mumificado de bebê. Dando uma outra espiada nele, Diana sentiu repulsa ao descobrir que os membros das crianças estavam reduzidas; pequenas demais para terem funcionado mesmo que tivesse amadurecido. Sua repulsa original foi substituída por uma tristeza infinita. Quando tudo isso ocorreu? Como ela conseguia mantê-lo naquela condição? Uma dúzia de perguntas estavam em sua cabeça enquanto ela se forçava a olhar para Antígona. Ela respirou profundamente e se levantou. Ela não entendia nada.

“Antígona, esse bebê – ele é seu?”

“Sim, é claro que ela é”.

“Mas quem é o pai? E por que ela ainda está aqui e não”, ela fez uma pausa sem ter certeza de como deveria fazer sua próxima pergunta. “E não enterrada?”

“Enterrada? Por que? Essa não é a prova de que ela é uma santa? Ela está *preservada* como todos os santos”.

Ah, bom Deus! Diana pensou. Antígona tinha a impressão de que como seu bebê tinha sido preservado de algum jeito e sua carne não tinha sido completamente corrompida, então ela era uma santa de verdade. Como todos os outros santos na Igreja Católica Ortodoxa. Até onde Antígona sabia, tudo era extremamente natural. Mas era aterrador!

Diana não conseguiu impedir que estremecesse ao pensar em tudo aquilo. Por quanto tempo ela havia mantido o recém-nascido lá embaixo? Diana sabia um pouco sobre mumificação depois de sua viagem ao Egito com Steve no ano anterior. O país era especialista no processo, mas geralmente era feito com o uso de agentes químicos, ainda que houvesse alguns processos naturais, como o enterro por muito tempo em poços de piche ou de gelo. Ela presumiu que, de alguma forma, Antígona havia enterrado sua recém-nascida na areia quando ela morreu e isso causava uma mumificação natural. A areia quente e seca teria absorvido os fluídos do bebê, resultando no retardamento da decomposição e em um corpo ressecado. Era tudo muito macabro.

Olhando para a mulher miserável a sua frente, Diana sentiu uma onda de pesar inundá-la ao imaginar o drama de Antígona ao dar à luz e, possivelmente, nessa mesma casa.

“Quando seu bebê vier, nós compartilhamos”, Antígona disse, abraçando o embrulho em seu peito.

Diana respondeu com gentileza em sua voz. “Não, Antígona. Eu não terei um bebê, então não teremos o que compartilhar”.

“Sim! Sim! Você vai. Ano que vem e compartilhamos. Você é a mãe do meu novo bebê. Você carrega ele para mim”, Antígona a colocou de volta no berço improvisado com infinita ternura.

Diana tentou mais uma vez explicar e o comportamento de Antígona mudou completamente enquanto ela encarava Diana de dentro do porão. Seus olhos se anuviaram com a repentina explosão de energia com a qual ela subiu as escadas em sua direção.

Diana sentiu raio de medo percorrer seu corpo da cabeça aos pés. Ela estava na presença de uma mulher louca. Era por isso que ela se comportava do jeito que fazia? Dar à luz um bebê deformado poderia causar uma dor enorme. Nos próximos segundos, todo tipo de emoção percorreu seu corpo. Antígona poderia feri-la em seu presente estado de espírito ou forçá-la para dentro da sala. Diana sabia que era bastante forte. Mantendo suas emoções e medo sob controle, ela decidiu que a melhor coisa a fazer era continuar fazendo-a falar. Ela tentaria escapar quando tivesse chance.

Diana fez uma pausa em seus pensamentos. Se Antígona realmente pensasse que Diana teria um bebê, um bebê que elas iriam *compartilhar*, então certamente ela não corria perigo algum. Diana forçou-se a pensar logicamente. Ela conhecia Antígona, ela não tinha acabado de dividir um bolo com a outra? E, ainda assim, como muitos outros, ela realmente a conhecia?

“Antígona, se essa é sua bebê Maria, então quem é o pai?”

O comportamento selvagem de Antígona mudou para um certa timidez enquanto ela permaneceu parada lá mexendo em sua saia. Ela obviamente estava preocupada em não deixar ninguém saber do segredo por completo. Diana não a pressionou. Quem quer que tenha sido o pai dessa criança incapacitada, não significava nada para ela.

Antígona falou; sua voz mal era um sussuro na penumbra escura. “Ele era um oficial do Exército, um inglês”.

Surpresa com essa revelação, Diana tentou manter a conversa. Ao mesmo tempo, ela sabia que precisava ficar longe da escada e afastar-se de Antígona.

“Ah! E quem ele era?”, ela perguntou com a voz calma.

“Ele tentou te beijar uma vez”, Antígona disse lentamente. “Ele nunca devia ter feito isso. Ele era meu”. Seu olhar era sombrio enquanto ela franziu o cenho com a lembrança.

Diana ofegou involuntariamente com o choque. Leslie! Ela lembrou-se da vez que ele foi para cima dela. Foi durante a festa depois da peça. Ela não pensou que alguém tivesse notado. Ela não disse nada à época porque Leslie tinha bebido demais. Como Antígona viu aquilo? Ele tentou beijá-la atrás da taverna.

“Senhor Leslie. Meu Sr. Leslie”. Um olhar estranho passou por seu rosto como se ela estivesse se lembrando de seu passado mais jovem. Antígona encarava algo distante.

“Ele teve que ir embora. Ele não podia ficar comigo, porque ele tinha um trabalho importante para fazer, um trabalho muito importante. Ele prometeu que voltaria e me levaria com ele. Eu deveria ficar e esperar que ele viesse, que ele estivesse pronto. Ele me queria, sua Antígona. Ele me chamava de sua bela garotinha de *Kypros*. Ele não queria me deixar. Ele foi obrigado!” Ela virou-se para encarar Diana; um olhar duro em seu rosto.

Diana sentia como se Antígona estivesse esperando que ela desafiasse suas palavras.

Diana estava chocada. *Quando tudo isso aconteceu?* O que Steve tinha tentado falar para ela no telefone? Era isso? Algo sobre – ele quis dizer um *caso* entre Leslie e Antígona?

“Eu não sabia, Antígona. Eu não achava que alguém sabia”.

Um olhar distante estava estampado em seu rosto e os olhos de Antígona estavam arregalados enquanto ela continuava sua história. Ela tinha mais ou menos dezesseis anos quando Sr. Leslie veio com seus homens para a vila.

“Mas isso foi há anos atrás”, Di murmurou, seus pensamentos espiralando em sua cabeça.

“Foi durante os anos setenta”.

Conforme a história de Antígona se desdobrava, Diana sentiu-se encher de compaixão. Essa pobre mulher havia sofrido e em silêncio. Estava claro como dia que a jovem Antígona havia se apaixonado perdidamente por seu oficial do Exército.

Di descobriu como Leslie havia lhe ensinado inglês e como a encontrava em segredo. Antígona disse que ele fez promessas para ela. Ele pretendia algo antes de deixá-la?

“Meu irmão descobriu os nossos encontros. Yanoulla contou-lhe”.

Di estava intrigada. Então Yanoulla vivia aqui naquela época.

“Eu acho que Leslie e Kristiakis brigaram. Algo deve ter acontecido, porque no dia seguinte Leslie havia deixado a vila. Ele deve ter sido forçado a ir embora sem mim”.

Ela parou e virou-se para encarar Diana antes de continuar sua história.

Os meses se passaram. Ela nunca teve a chance de falar para ele sobre o bebê. Antígona chorava lágrimas silenciosas enquanto ela se lembrava do tratamento repulsivo que ela aguentou nas mãos de seu irmão. Ela o detestava por tudo que ele havia feito com ela. Depois da última vez que ele bateu nela, o bebê nasceu mais cedo. A pequena Maria era pequena demais para sobreviver. Sua voz quebrou quando ela chegou na parte que ela desceu com esforço para essa casa e deu à luz ao bebê sozinha.

Chocada, Diana escutava em silêncio a história penosa e comovente de Antígona. Seu coração doía por ela. Ela não sabia quais palavras, se alguma pudesse, confortar essa mulher sofrida e abusada e Diana sentia-se totalmente insuficiente.

Como Leslie pode ter feito isso com uma garota que mal tinha dezesseis anos? Ao adicionar essa história às outras coisas que ela e Steve haviam descoberto sobre Leslie, ela realmente se perguntava como ele não foi morto há anos. O homem tinha sido completamente amoral. Ele havia arruinado tantas vidas. Bernard, Jenny, Tony, Tilly, suas próprias esposas e filhos, Antígona, possivelmente Alicia. E essas só as pessoas que ela *sabia*!

Alicia! As palavras de Steve voltaram rugindo para ela. Ela prometeu a Steve que ela voltaria direto para casa. Diana já havia quebrado sua promessa de ficar com Antígona. Alicia poderia chegar ali a qualquer momento. Steve disse que Alicia era bastante perigosa, convencido de que ela havia matado Leslie e Kristiakis. Diana tinha que se mexer e rápido. Mas como ela iria convencer uma chorosa Antígona?

“Antígona, olhe para mim. Eu sinto muito, mas temos que ir agora”.

Antígona sacudiu a cabeça miseravelmente. “Eu fico aqui”.

“Por favor, Antígona. Olha, eu tenho que ir. Steve me quer em casa”.

“Não”.

“Você não entende. Tem alguém vindo. Alguém que quer me machucar. Você conhece Alicia, a mulher magra de cabelo ruivo”. Di sentiu pânico ao pensar nela.

Antígona parou de chorar. “Ela é aquela má. Ela tentou roubar meu Sr. Leslie, muitas vezes. Ela não é boa. Eu a odeio. Fique longe dela”.

“Sim, eu sei, por isso tenho que ir agora”.

“Você vai. Se ela vier, eu posso mantê-la aqui, longe de você”, ela disse se virando.

Frustrada, Diana a pegou pelo braço.

“Por favor! Olhe para o céu, tem um grande tempestade vindo. Vai chover a qualquer momento. Você vai ficar encharcada”, Antígona tirou seu braço da mão de Diana. “Não, você pode ir. Você precisa chegar em casa”.

Enquanto tentava discutir com Antígona, ficou claro para Di que ela estava lutando uma batalha que nunca venceria. Antígona queria continuar onde estava e, ainda assim, não fez uma tentativa para manter Diana com ela. Ela havia deixado de lado seu comportamento ameaçador. Só restava a Diana uma escolha: deixá-la sozinha. Ela não iria se machucar se se protegesse da tempestade na velha casa. Ela provavelmente havia passado muitos dias aqui, envolta e absorta em seu velho sofrimento.

Quando Diana tomou a decisão de ir, ela olhou mais uma vez para a outra. Diana estava chocada. Enquanto olhava para o rosto de Antígona, ela pensou que olhar para os olhos negros vazios era como olhar pela janela para dentro de seu inferno pessoal.

Derrotada, Di disse adeus e apressou-se de volta para a trilha. O som do trovão e os clarões da tempestade eram arrebatadores. Ela achou estranho; a chuva prometida ainda não tinha começado a cair.

O vento fazia com que nuvens de poeira e folhas voassem pelo caminho com ela, machucando a parte de trás de suas pernas e braços. Subindo o caminho, o céu começou a escurecer até que lembrava o entardecer e não só um dia tenebroso. Quente e sem fôlego, ela correu. Ela estava assustada de ser pega no meio da tempestade e ansiava por estar em casa na segurança dos braços de Steve.

Não era muito longe agora; mais uns dez minutos pela trilha. O chão desnivelado abaixo de seus pés era traiçoeiro em alguns lugares – grandes buracos e pedaços que desmoronavam. Tão concentrada que estava em observar seus passos que ela não viu uma figura alta e escura até que deu de cara com ela. Confusa com medo e terror, ela gritou ao mesmo tempo em que a atacava.

~~

Di acordou e grunhiu. Ela não sabia onde estava. Ela respirou uma mistura de lençóis limpos com antisséptico e um vago cheiro de comida cozinhando. Seus olhos se abriram e tudo voltou de uma vez para sua cabeça.

Ela estava em um hospital; ela tinha se ferido e se queimado no fogo. Cautelosamente, ela levou uma mão até sua cabeça dolorida e encontrou o que pareciam ser bandagens. Ela tinha uma dor de cabeça maldita latejando em sua têmpora direita e ela sentia dor do pescoço para baixo. Ainda chocada, ela se lembrou dos eventos do dia anterior.

~~

Quando chocou-se com a figura na trilha escura, ela bateu primeiro e depois perguntou. Angustiada e agitada depois de ouvir a história trágica de Antígona e depois sair correndo para encontrar com Steve por causa da ameaça de Alicia, era de se esperar.

Tarde demais, quando o soco bem mirado atingiu a figuera na semi escuridão, ela percebeu quem era.

“Hey! Hey! Acalme-se. Sou eu. Está tudo bem. Você está bem agora”, Steve disse colocando-a em seus braços. Tremendo e soluçando de alívio, ela enterrou sua cabeça em seu ombro enquanto toda a história infeliz desabou de sua boca.

“Foi o que eu quis dizer quando a ligação caiu. Leslie teve um pequeno caso com Antígona. De acordo com o livro, ela estava absolutamente apaixonada por ele. Ela estava sempre por perto com uma desculpa ou outro. Mas ele nunca mencionou ter feito sexo realmente com ela e ele certamente nunca soube nada sobre um bebê. Eles realmente se encontravam e ele realmente a desenhava, e houve uma ocasião quando as coisas ficaram um pouco fora de controle, mas não havia absolutamente nada em seu livro sobre eles completando o ato”, ele disse enquanto ela fez uma pausa para respirar e se controlar. “Eu estava me perguntando...”

“O que? O que estava se perguntando?”, Diana ergueu a cabeça para olhar para ele.

“Eu me pergunto se tudo isso não foi inventado. Você sabe, uma garota jovem e impressionável com uma vívida imaginação. Ela pode ter inventado tudo”.

“Sim, talvez ela tenha feito isso. Mas não explica quem é o pai do bebê, explica?”

Naquele momento, houve um ressonante estrondo de trovão. O céu iluminou em volta deles e, na luz estranha, eles viram uma figura parada diante deles na estrada empoeirada. Ambos de sobressaltaram de

medo. Quando outro clarão se seguiu o primeiro, eles viram que a estrada, na verdade, estava bem vazia. Sem perceber o que o outro estava sentindo, eles deixaram escapar um suspiro de alívio.

“Esse soou perto. Perto demais. Deve ter atingido algo”, Steve disse.

Eles olharam para cima. Nuvens negras estavam correndo para lá e para cá pelo céu indigo. Não havia um padrão em seus movimentos. O vento soprou forte e violento em seus rostos virados para cima. Eles sentiram o ar e se entreolharam simultaneamente.

“Fogo!”

“Onde?”

“Logo abaixo de nós. Vamos voltar um pouco na trilha”.

Segurando sua mão, Steve levou Diana pelo caminho que ela tinha acabado de percorrer.

“A casa! Antígona!”, Diana gritou. “Temos que ver se ela está bem! Ela deve estar aterrorizada!”

Tirando a mão do aperto dele, ela correu colina abaixo ignorando os buracos no caminho.

Quando eles fizeram uma curva, se depararam com uma visão terrível. A velha casa estava nas garras de um fogo terrível. As vigas retorcidas que formavam o telhado já haviam sido completamente queimadas. Conforme caíam, uma atrás da outra sobre o chão, elas levantavam grande quantidade de faísca que caía como chuva depois. Os poucos itens remanescentes da mobília também estavam pegando fogo, assim como as portas e janelas. A casa extremamente seca tinha se acendido com as chamas quase imediatamente depois de ter sido atingida.

“Antígona!”, Di gritou angustiada. “Eu a deixei lá dentro! Temos que encontrá-la!”. Fora de si de tanto terror e sem esperar por Steve, Diana correu para a entrada que queimava no mesmo momento em que o portal caiu em cima dela. Tudo ficou escuro.

~~

Diana se espreguiçou e bocejou ante de notar uma figura ao seu lado.

“Hey, dorminhoca. Eu estava me perguntando quando iria se juntar a mim”.

Steve inclinou-se em sua direção e a beijou profundamente. Ele sorriu para seus olhos que pareciam serenos, em paz e cheios de felicidade.

“Oi, você”.

“Ainda feliz?”, ele brincou sabendo muito bem da resposta.

Diana deu um aceno vagaroso. O sorriso radiante em seu rosto era de completa euforia. Ela suspirou profundamente.

“Eu ainda não consigo acreditar nisso muito bem. Você consegue?”

Steve deu um grande abraço nela em resposta e um sorriso cheio de ternura. Um minuto se passou até que ele achou que era hora de contar para ela os eventos daquele dia. Ele queria colocar tudo para fora. Assim, eles poderiam voltar a viver suas vidas de uma vez.

“Querida, está pronta para ouvir o que tem acontecido?”, ele perguntou, um olhar de preocupação anuviando seu rosto.

Diana acenou segurando forte em sua mão.

“O inspetor acusou Alicia formalmente por dois assassinatos: Leslie e Kristiakis. Ele foi bastante gentil e amigável comigo, quando eu finalmente o fiz acreditar em tudo que estava dizendo para ele. Ele não tinha ideia do que era um Punjab Lasso e então o ignorou na primeira vez que fez uma busca na casa. Nós estávamos certo sobre ela usá-lo para asfixiar os dois homens. O inspetor disse que eles ficaram confusos quando Kristiakis foi encontrado. Aparentemente, quando alguém é enforcado, tem algo viscoso que sai pelo nariz. Kristiakis não tinha isso”. Ele suspirou profundamente. “Foi uma morte particularmente horrível. O inspetor disse que ela agia como um caso clássico daquelas que odeiam homens, apesar de ainda fazer sexo com eles. Alicia gritava como um de seus gatos quando eles a

levaram. Ela continuava dizendo que era tudo mentira, que ela era inocente e que alguém a havia culpado. Agora, eu só estou agradecido por tudo ter acabado”. Ele estremeceu lembrando-se da cena violenta do lado de fora da casa de Alicia. Era algo que ele nunca iria esquecer.

“Foi bom que Antígona tenha encontrado o livro de Leslie e que o tenha dado para mim. Se Alicia o tivesse alcançado primeiro, nós nunca saberíamos metade de tudo isso”, ela murmurou.

“Você está certo. Quando Leslie descobriu sobre a morte de um dos filhos de Alicia e depois que ela foi acusada de negligência com o remédio homeopático, ela deve ter entrado em pânico. Ser chamada de infanticida deve ser terrível, mesmo que não tenha sido provado. Imagina se ele tivesse disseminado essa história por aqui? Se ela não fosse culpada, a sujeira ainda assim ficaria nela. Não é surpresa que tenha matado ele”.

“Sim. Deve ter sido difícil deixar a seita com este estigma pendurado em sua cabeça. Ela deixou sua outra filha lá. Nunca saberemos se ela ficou por causa da mãe ou se era porque tinha que ficar”.

Diana estava prestes a dizer algo a mais quando a porta se abriu e o médico entrou em seu quarto no hospital. Ela parecia ridiculamente jovem – jovem demais para ser qualificada, certamente. Mas não havia dúvidas de ela foi eficiente e confiante quando se dirigiu a sua paciente com um grande sorriso.

“Então, Diana, se estiver se sentindo bem, você pode ir para casa. Eu sugiro que deixe os pés levantados por alguns dias, pelo menos. Deixe seu marido aqui fazer o trabalho em casa. Eu tenho certeza de que ele ficará feliz em deixar você descansar um pouco. Afinal, logo você terá que ficar de pé e sua vida nunca mais será a mesma”. Ela incluiu os dois em seu sorriso divertido.

## Capítulo 42. Um anel azul de escaravelho

*Nada em sua vida pode tanto louvá-lo quando a maneira de abandoná-la.*

*Macbeth. Ato I, Cena IV*

Sem ser vista, Diana entrou na casa de Antígona alguns dias depois de retornar do hospital. Pegando as roupas de bebê que ainda estavam sobre a mesa, Diana procurou na cesta pelo resto delas. Quando ela foi até o baú de pinheiro de Antígona, ela notou algo talhado na tampa. Ela olhou de perto, ela viu que se tratava do nome de Antígona e de seu dia onomástico. Abaixo, havia um outro, entalhado rudemente na madeira. *Maria. Bebê Maria.*

Enquanto Di segurava a lã macia contra seu rosto, ela não se sentiu culpada ao remover as pequenas roupas. Antígona tinha dito que eram para ela a seu bebê.

Diana não conseguia acreditar ainda. Ela *estava* grávida! Ela estava programada para dar à luz na primavera. Depois de todo esse tempo! Ela agora sabia a razão para ter engordado e de se sentir enjoada o tempo todo. Mas, como Antígona poderia saber? Ela era um tipo de bruxa, no fim das contas?

Diana pensou nas muitas coisas estranhas que aconteceram nos últimos meses. Barulhos estranhos: o rádio e o reproduzidor de MP3 mudando sozinho em momentos diferentes, um bebê chorando, as telas de sua irmã mudando e o script do Leslie que parecia estar coberto de sangue. Por último, teve seu encontro com o golfinho na praia. Será que significavam algo ou eram só coincidências? Quantos destes incidentes ela havia imaginado?

Saindo da casa de Antígona, em um impulso, Diana se viu descendo a trilha. Ela não tinha estado em lugar algum perto da velha casa desde que havia pegado fogo. Com a ameaça de Alicia fora do caminho, parecia maravilhoso andar por aquela área.

Conforme Diana se aproximava da casa queimada até que só restassem ruínas, ela pensou na pobre e pequena Antígona. Que vida miserável ela deve ter levado. Sem bebê ou marido. Um amante que a decepcionou depois de ter-lhe prometido tudo, se acreditasse na história que Antígona havia contado. Seu irmão e seu pai, que nada mais eram que brutos grosseirões, especialmente seu irmão, de quem Diana suspeitou de abuso por mais de uma vez. Então houve o incêndio.

Os bombeiros encontraram o corpo carbonizado de Antígona ainda nas cinzas mornas no dia seguinte. Fundido no corpo dela estava o de uma menina, os braços de Antígona a envolviam firmemente, como se a estivesse protegendo das cinzas que caíam.

Diana olhou para a desolação. A casa estava completamente destruída, somente os destroços permaneciam ali. Um cheiro fraco de fumaça ainda estava preso as paredes carbonizadas.

Com uma pontada de dor, Diana lembrou-se das últimas horas com Antígona. Ela parecia sã e controlada, quase feliz. Ela pensou sobre a última vez na pequena casa – *em casa comendo o bolo de antioja, sentada nos quentes raios de sol. Antígona cortando um pedaço do delicioso queijo com seu fio para queijos já que a faca estava cega. Seu orgulho quando ela mostrou a Di as pequenas roupas de bebê, ainda cuidadosamente enroladas no papel amarelado, preservadas dentro do baú.* Diana sentiu-se extremamente comovida quando comparou a vida infeliz de Antígona com a sua própria.

Com o coração pesado, Diana virou-se e, quando o fez, notou algo brilhando nas cinzas da porta do alçapão que descia até a sala que parecia uma cripta. Abaixando-se, ela o pegou e o limpou da sujeira.

Era uma corrente fina e dourada. Antígona estava usando uma por baixo de sua blusa, Di se lembrou. Ela lembrou-se de vê-la descansando contra sua pele cor de oliva. Ao ver mais de perto, ela descobriu que a corrente tinha um anel preso a ela. Um anel de ouro com um escaravelho azul preso a ele.

Uma brisa de vento frio passou. Ele soprou pela colina e entrou pelas ruínas; as árvores e arbustos próximos farfalharam cedendo ao seu poder.

Diana sentiu um aperto em seu peito. Parecia frio com um aperto firme. Tão rápido quanto apareceram, o vento frio e a sensação desapareceram. Ela olhou para o anel mais uma vez, era familiar de alguma forma. Ele parecia brilhar na palma de sua mão. Ela fechou a mão sobre ele e o jogou no bolso de sua calça jeans. Ela iria decidir o que fazer com ele mais tarde. Então, ela se lembrou.

Sonja havia perguntado onde estava o anel de Leslie naquele dia que encontraram seu corpo. Não estava em seu dedo quando o descobriram. Como ele poderia ter vindo parar ali? A não ser que alguém o tivesse levado...?

Diana sentiu um calafrio passar por ela.

“Agora eu sei como escrever a última página”.

**Desce a cortina**

## Epílogo

*A sombra colocou luvas e desfez o laço do recipiente. Leslie observou, gotas de suor deslizando por seu rosto. Recolhendo-se em horror, ele percebeu o que estava sendo colocado na sua frente. Virando sua cabeça para o lado, ele teve ânsia de vômito com a visão repulsiva, o patético embrulho. “Não! Não! Por favor! Oh, Deus, me ajude!”. Suas palavras difíceis de entender ficaram perdidas.*

*“Ela é toda sua!”. O rosto maníaco dela se iluminou.*

## **Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença**

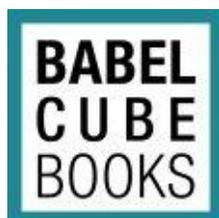
---

**Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.**

---

Seu apoio é muito importante!

**Procurando outras ótimas leituras?**



## Seus livros, seu idioma

---

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

---

[www.babelcubebooks.com](http://www.babelcubebooks.com)